

ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL DE COIMBRA

100
anos de história



Volume I

AUTORES

Francisco Pinheiro

Investigador auxiliar do CEIS20-Centro de Estudos Interdisciplinares da Universidade de Coimbra. Pós-doutoramento em História do Desporto. Doutoramento em História. Historiador especializado em desporto, futebol e media. Autor de obras de referência como *A Paixão do Povo – História do Futebol em Portugal e História da Imprensa Desportiva em Portugal*.

José Calado

Investigador e historiador, especializado em história das instituições e património cultural, com vasta obra publicada no campo dos estudos histórico-patrimoniais e com vários projetos desenvolvidos nas áreas do património e museologia.



**ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL
DE COIMBRA**

100
anos de história

Volume I

Abreviaturas

AF	Associação de Futebol
AF Coimbra	Associação de Futebol de Coimbra
AFC	Associação de Futebol de Coimbra
FPF	Federação Portuguesa de Futebol
FPFA	Federação Portuguesa de Football Association
UPF	União Portuguesa de Football
f.c.	Falta de comparência
a.p.	Após prolongamento

Título

Associação de Futebol de Coimbra | 100 anos de história – Volume I

Edição

Associação de Futebol de Coimbra

Autoria e Investigação

Prof. Dr. Francisco Pinheiro

Dr. José Calado

Capa

1923 Primeira Seleção de Futebol da AFC

Da esquerda para a direita: Ribeiro da Costa (Académica), Galante (Académica), Esquível (Académica), Francisco Correia (União Coimbra), Neto (Sport Conimbricense), Miguel (Académica), Augusto Pais (Académica), Juvenal (Académica), Augusto Matos (União Coimbra), “Charrua” (Académica) e “Nito” (União Coimbra)

Design e Paginação

Helder Oliveira

Agradecimentos

Arquivo Histórico do Ginásio Clube Figueirense (Sr. Sopas)

Dr. João Pinho (pesquisa fotográfica)

Carlos Ferrão

Depósito Legal

506436/22

ISBN

978-989-54246-5-8

Impressão e Acabamentos

Rainho & Neves, Lda / Santa Maria da Feira

geral@rainhoeneves.pt

Outubro de 2022

ÍNDICE

<i>Prefácio, Dr. Fernando Gomes</i>	7
<i>Abertura, Prof. Horácio André Antunes</i>	9
Preâmbulo	11
1. Origens do futebol português	12
2. Surgimento e popularização do futebol em Coimbra	26
3. Primórdios – 1922	72
4. Primeiros anos – 1922-1930	90
Época 1922-23	94
Época 1923-24	106
Época 1924-25	120
Época 1925-26	134
Época 1926-27	146
Época 1927-28	158
Época 1928-29	170
Época 1929-30	182

5.	Consolidação – 1931-1940	194
	Época 1930-31	198
	Época 1931-32	210
	Época 1932-33	222
	Época 1933-34	236
	Época 1934-35	248
	Época 1935-36	264
	Época 1936-37	276
	Época 1937-38	290
	Época 1938-39	302
	Época 1939-40	314
6.	Alargamento – 1941-1950	326
	Época 1940-41	330
	Época 1941-42	342
	Época 1942-43	354
	Época 1943-44	366
	Época 1944-45	376
	Época 1945-46	386
	Época 1946-47	398
	Época 1947-48	410
	Época 1948-49	424
	Época 1949-50	436
	Epílogo	449
	Bibliografia	451

A arte de elevar bem alto o nome de Coimbra

Como Presidente da Federação Portuguesa de Futebol é uma obrigação institucional, uma honra profissional e uma satisfação pessoal poder assinalar o centenário da fundação da Associação de Futebol de Coimbra.

Como costumo afirmar publicamente as associações distritais de futebol são, além de sócios da FPF, os seus parceiros mais próximos e importantes na persecução dos objetivos estatutários comuns de desenvolver e regulamentar a prática do futebol nas diferentes vertentes, idades e género. Comemorar os cem anos da AF Coimbra, é obrigatório assinalá-lo, é celebrar uma parte absolutamente indelével da própria história e caminho da FPF.

E se nesta atividade temos muitas vezes a tentação de apenas celebrar as grandes vitórias e os sucessos, o seu lado mais visível, não podemos deixar de sublinhar que o futebol é muito mais do que isso: é um caminho, com alegrias e tristezas, êxitos e derrotas. O caminho de sucesso da AF Coimbra é, assim, simultaneamente, o reflexo do percurso vitorioso dos seus clubes associados, dos seus atletas, treinadores, árbitros e dirigentes mas também de todos aqueles

que, de uma forma ou outra, anonimamente ou com maior protagonismo, contribuíram para a construção de uma instituição que a todos nos honra.

Aos artífices dessa caminhada gostaria, na pessoa do Presidente da AF Coimbra, Horácio Antunes, enviar uma mensagem reconhecimento pelo trabalho realizado em prol do futebol e desporto nacionais. A gratidão, como diz o aforismo, é a memória do coração e, no organismo vivo que é o futebol português, das nossas competições às seleções nacionais, pulsa muito do sangue da AF Coimbra.

Instituição de serviço público que, ao longo dos seus cem anos, criou uma relação de grande afinidade e identificação com o distrito que lhe dá o nome, nunca lhe faltou a arte de elevar bem alto o nome de Coimbra.

Com uma história honrada e generosa, um presente estável e maduro e um futuro ambicioso, estou certo, que a AF Coimbra continuará a ser um parceiro insubstituível na promoção do futebol distrital, nacional e internacional.

Parabéns e obrigado AF Coimbra!

O nosso Centenário, a nossa Paixão de sempre

Fenómeno social marcante da sociedade portuguesa, o futebol tem capacidade única na mobilização do público, de suscitar angústias, construindo uma pludimensionalidade de aspectos culturais, económicos, sociais e políticos com repercussão no território.

Numa palavra: Paixão! Paixão que esta Associação partilha desde 1922.

O contributo da AF Coimbra é referência na afirmação do movimento associativo e da modalidade, em Portugal, sendo por isso de elementar justiça o nosso profundo reconhecimento a todos aqueles que de forma abnegada construíram um percurso nos seus clubes que é também o percurso da AF Coimbra e que a todos deve orgulhar.

Altruísmo, boas práticas desportivas, ética, solidariedade e desportivismo são princípios que sempre defendemos e promovemos numa simbiose com os Clubes e que se revelou no alcançar de alguns dos grandes feitos do futebol português.

Estes pergaminhos de glória afiguram-se determinantes para a resiliência necessária e, até, obrigatória no atual quadro de enormes constrangimentos,

com consequências notórias para o associativismo, alavanca decisiva da atividade desportiva de crianças, jovens, adultos e população sénior.

A AF Coimbra está determinada em manter-se como força motriz da promoção da modalidade, contando com o apoio da Federação Portuguesa de Futebol, das entidades públicas e privadas e do decisivo impulso do Estado na definição de políticas de apoio expressivo que motivem autarquias e dirigentes de Clubes.

A defesa intransigente dos clubes nossos filiados é missão que assumimos desde a primeira hora e que iremos manter numa narrativa em que incluímos clubes, dirigentes, atletas, árbitros, treinadores, adeptos e todos aqueles, incluindo pais e encarregados de educação dos nossos jovens Atletas, que conosco partilham, e partilharam, esta paixão que nos move desde 1922 e que queremos continuar para que os nossos clubes, que ultimamente se foram arrastando para patamares inferiores do futebol nacional, possam revigorar e ganhar ânimo, motivação para empreender a nova caminhada da subida.

Necessário é, também, que o Tecido Industrial e Comercial desta região nos acompanhem apoiando os nossos clubes na promoção do futebol jovem para que possamos construir um futuro mais risonho para a modalidade.

Se é verdade que crescemos exponencialmente em número de atletas a praticar Futebol e Futsal, masculino e feminino e, agora, também no Futebol de Praia, passando de três mil para mais de oito mil, também é verdade que clubes antigos foram desaparecendo e que por vicissitudes várias, incluindo, económicas e financeiras, vimos os nossos clubes perder posições de relevo e perder a importância que sempre tiveram no panorama futebolístico nacional.

O Centenário é o ponto de partida para uma AF Coimbra cada vez mais forte, mais coesa, mais solidária, tendo por objetivo o posicionamento na vanguarda no Futebol, Futsal e Futebol de Praia Nacionais.

Encaramos com sublime confiança o futuro, que estamos a preparar com denodo, enfrentando os desafios do tempo presente, de que são exemplos a digitalização, capacitação dos recursos humanos, qualificação das infraestruturas, Certificação e Licen-

ciamento dos Clubes, no seguimento do trabalho notável que a FPF empreendeu e tem desenvolvido desde 2011, com o Presidente Fernando Gomes.

Queremos, também, comunicar melhor, reproduzir e utilizar as boas práticas nos domínios técnico e administrativo, partilhando, ao mesmo tempo, conhecimento e método, numa política de proximidade em que o único objetivo é apoiar melhor os Clubes nossos filiados. Numa palavra: servir!

O Futebol é um jogo, um entretenimento, uma das principais atividades de tempos livres em Portugal, que nos contextos nacional e internacional proporciona diálogo, atenua tensões sociais, distrai, une.

Enquadrado nas comemorações do Centenário da AF Coimbra, demos à estampa este primeiro volume com um rol de histórias que cruzam Coimbra e o Futebol entre a nossa origem (1922) e 1950 – primeiro período de vida da AF Coimbra. Um retrato emocionante que, no entanto, não “finta” a realidade nem a omite.

É antes um pedaço de história para memória futura; exemplo generoso e humilde que, desejamos, cativa todos os leitores.

PREÂMBULO

Esta é uma viagem pelo “planeta futebol”, através da sua história. Da história do futebol em Coimbra e da história de uma instituição, a Associação de Futebol de Coimbra. Mas não se pense que é uma viagem paisagística. É uma travessia atribulada e por vezes violenta, construtiva de um processo histórico de surgimento, consolidação e alargamento (numa palavra, popularização) de um fenómeno chamado futebol.

Uma viagem iniciada em 1888 em Cascais, através dos pioneiros da sua introdução em Portugal entre portugueses, mas ainda sob a influência das suas origens inglesas. Inicialmente uma viagem em primeira classe, entre a elite dos meios urbanos, passando depois para as outras carruagens do tempo, onde abraçou o povo, num elo transformacional, quase de dimensão religiosa (uma fé), transmutando o sétimo dia em “domingos de football”.

Poucos anos depois da sua chegada a Portugal, ainda no século XIX, o *football* chegou a quase todas as regiões, pela ação de diversos pioneiros, das elites locais ao modesto povo. Em Coimbra começaram os primeiros “ensaios” (treinos amigáveis) entre amigos, formando-se clubes e improvisando-se campos – num período que ficaria para a história como o tempo das “balizas às costas”. E fazia-se a transição gradual do ponto de vista social e emocional, entre uma elite para quem o desporto era um mero divertimento e o povo, para quem o futebol passou a ser um espaço de representatividade coletiva e de demonstração das identidades locais, regionais e até nacionais, quando chegou a Seleção Nacional.

O eixo interpretativo a partir do qual fazemos esta viagem histórica é a relação entre futebol e Coimbra (cidade e distrito), desde finais do século XIX até ao surgimento de um órgão associativo de supervisão da modalidade à escala regional: a AF Coimbra. E a partir daqui, de 1922, pensamos esta relação (futebol-Coimbra) até meados do século XX, década a década, até 1950. Uma extensa história, cheia de histórias, que vai ter como ponto central esta instituição, mas que irá ter uma visão de conjunto, enquadrando a realidade internacional e nacional, na sua relação com as questões regionais e locais. Do global para o local é a perspectiva a partir da qual construímos a narrativa histórica deste primeiro volume, a que se seguirá um segundo volume a partir de 1950 até 2022. Década a década, época a época, com um enquadramento geral de cariz histórico, seguindo-se uma cronologia-síntese e uma listagem de competições e respetivos campeões.

Mas não se trata de uma obra fechada. Abre novos campos de investigação e dá contributos (esperamos que úteis) para entender realidades geográficas do futebol português. Para compreender realidades sociais e rivalidades de classe. Para observar fenómenos como a violência e a indisciplina no futebol. Para entender os contextos do amadorismo e profissionalismo. Para pensar o conceito de futebol-espetáculo. Enfim, para analisar o processo de popularização de um fenómeno de verdadeira escala nacional, transformado pelo povo no “desporto-rei” do século XX. Em Coimbra como à escala global.

A história do futebol português começou a escrever-se em 1888 e em poucas décadas tornou-se num dos fenómenos mais populares da cultura portuguesa e mais marcantes da identidade nacional (e das identidades regionais e locais). De Cascais espalhou-se às áreas urbanas de Lisboa e Porto, ao Alentejo e ao Algarve, a todo o Norte e Ilhas. E claro, ao Centro de Portugal, assumindo-se Coimbra como o terceiro centro desportivo nacional. Esta é uma breve introdução às origens deste fenómeno no contexto português, desde o seu surgimento até à consolidação, permitindo a partir daqui enquadrar o futebol em Coimbra e a própria história institucional da AFC.

Ori ge ns do futebol português

Cascais, outubro de 1888.
Primeira exibição de *football* entre portugueses.



Foi no último quartel do século XIX que o *sport* estendeu a sua influência a Portugal, num processo iniciado na Europa do Norte e Central, em especial no Reino Unido e França. A sua chegada deveu-se à comunidade estrangeira radicada ou a trabalhar nos dois principais meios urbanos (Lisboa e Porto) e à elite portuguesa que tinha possibilidade de contactar com a prática desportiva a nível internacional, como sucedeu nos pátios dos colégios ingleses com o *football* e com outras modalidades.

No caso português não existe consenso sobre o ano em que terão chegado as primeiras bolas de futebol e o mesmo se pode dizer sobre a data e o local da sua estreia em terras lusas. Por isso mesmo, várias regiões e cidades (marítimas) reclamam a sua paternidade, como a Camacha, na Madeira, onde uma inscrição num monumento edificado (no Largo da Achada) reivindica que “Aqui se jogou futebol pela primeira vez em Portugal – 1875”. O que não refere é que terá sido (quase exclusivamente) entre ingleses, como sucedeu noutras regiões do País, em especial Cascais e Algarve, onde há registo de “peladinhas” entre marinheiros ingleses atracados nesses locais ou entre a comunidade inglesa residente.

No entanto, relatos jornalísticos e testemunhos orais (recolhidos anos mais tarde) indicam que uma bola, trazida de Inglaterra pelos irmãos Pinto Basto (família lisboeta abastada), rolou na Parada de Cascais numa tarde de um certo domingo de outubro de 1888 – momento imortalizado numa fotografia. O organizador da iniciativa, Guilherme Pinto Basto,

que ficaria para a história como o introdutor do futebol em Portugal, preferiu apelidar o jogo de “ensaio” – denominação utilizada na época para treino. Um “ensaio” entre amigos, sobretudo portugueses, com alguns convidados ingleses, todos pertencentes à nobreza e alta burguesia da época.

O futebol foi adotado, inicialmente, precisamente por essa elite aristocrata e burguesa (exclusivamente masculina). Era uma novidade mundana, parte integrante de uma nova mentalidade (do lazer), defensora das manifestações atléticas (masculinas) e dos valores do *sport* e *fair-play*, que nesta altura chegavam a um Portugal em crise. A dívida pública crescia, a carestia de vida acentuava-se, tal como o analfabetismo, agravando-se a conflitualidade social e política, que opunha os progressistas republicanos aos conservadores monárquicos.

A reação popular ao Ultimato Inglês, em 1890, e a fracassada revolta republicana de 31 de janeiro de 1891, no Porto, simbolizaram um descontentamento cada vez mais generalizado, numa teia de protestos que cresceu até à Implantação da República, em 1910. Em parte, devido a esta situação de turbulência social, assim como ao ódio popular a tudo o que soasse a inglês (resultado do famoso Ultimato), o futebol não conseguiu estabelecer-se como desporto popular e organizado nos seus primeiros anos, mantendo-se na zona de influência da elite que o adotou, continuando a ser encarado como um mero divertimento. Os clubes de futebol eram simples grupos de praticantes distintos e aristocráticos que se juntavam para exercitar o corpo através de um novo jogo.

Temos, assim, um primeiro momento do futebol português, entre 1888 e 1891, marcado por um entusiasmo inicial, mas extremamente limitado em termos geográficos e sociais. A prática regular do futebol estava limitada a Lisboa, com três grupos (Lisbonense, fundado pelos irmãos Pinto Bastos; Real Clube Ginásio Português, onde foi criada a primeira secção de futebol num clube português; e o Carcavellos Club, dos ingleses da Telegraph Company) a defrontarem-se entre si nos terrenos onde se iria erguer em 1892 a Praça de Touros do Campo Pequeno.

Seguiu-se um incremento assinalável da modalidade, não só em Lisboa, mas também no Porto e em outras regiões, chegando a Coimbra e Aveiro, por exemplo. Criaram-se inclusivamente as condições necessárias para a realização do primeiro encontro intercidades, um Porto-Lisboa, com a disputa da Cup d'El Rei (ou Taça D. Carlos I), em 2 de março de 1894, no campo dos ingleses do Oporto Cricket Club, no Campo Alegre, no Porto, com vitória dos lisboetas por 1-0.

Na segunda metade da década de 1890, a modalidade caiu numa etapa de inconstância, em que se desvaneceram os principais grupos que tinham estado na base do seu incremento. Em Lisboa assistiu-se a uma espécie de deslocação do futebol para a zona de Belém e as suas sementes são também lançadas nos pátios da Casa Pia de Lisboa, que acolheu o jogo como um meio de educação e preparação dos alunos. O futebol quase desaparece da vida social da época, em parte devido à forte turbulência polí-

tica e ao afastamento (por vários motivos) de diversos pioneiros do futebol português. Porém, neste período regista-se a primeira vitória de uma equipa totalmente formada por portugueses (alunos da Casa Pia) sobre os “mestres” ingleses do Carcavellos Club, gerando alguma alegria coletiva entre os praticantes lusos.

Organização e institucionalização

Nas primeiras décadas do século XX, o desporto teve um forte incremento em Portugal. Passou a ser encarado, designadamente na imprensa, como uma das vias para salvar a raça portuguesa que muitos consideravam adormecida, indolente e preguiçosa, muito por ação da educação clerical e da taberna (enquanto espaço de sociabilização). A ‘atrofia física do povo’ era lembrada constantemente nos jornais e indicador da decadência do Império Português, subjugado a interesses estrangeiros e a uma dívida pública crescente. O desporto (ainda usado na designação inglesa de *sport*) surgia como uma espécie de panaceia para os males do povo português. É neste contexto de grande agitação e transformação política e social – com destaque para o Regicídio (1908), a Implantação da República (1910) e a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) – que surge a primeira fase de verdadeira expansão do futebol português, passando de uma prática de lazer e de diversão da ‘alta-roda’ para um fenómeno tipicamente popular e socialmente transversal.

Primeira imagem sobre *football* publicada na imprensa portuguesa.
Ilustração de *A Comédia Portuguesa* de 26 de janeiro de 1889.



Equipa de Lisboa que em 1894 venceu a primeira taça do futebol português.
Foi instituída pelo rei D. Carlos.



Esta fase de expansão arrancou por volta de 1902, com o futebol a entrar num processo de crescente popularização, (proto)organização e institucionalização. Seria determinante o papel divulgador da imprensa, assim como a organização dos primeiros torneios e campeonatos, e a fundação daqueles que viriam a ser os clubes mais populares. Mas este cenário era muito circunscrito (quase exclusivamente) a Lisboa e Porto. No resto do País foi preciso esperar pela década seguinte para se ultrapassar a fase dos jogos ocasionais e dos grupos improvisados.

O período entre 1903 e 1906 seria charneira no futebol da Capital, com a fundação do Sport Lisboa (primeiro clube de origem popular, nascido em Belém e que estaria na origem do Sport Lisboa e Benfica) e do Clube Internacional de Football (conhecido como CIF, que teve como fundadores as famílias da classe alta lisboeta, como os Pinto Basto e os Villar). E em 1906, através do empenhamento e do papel divulgador da revista *Tiro e Sport* (Lisboa, 1904-1913), disputou-se o primeiro troféu interclubes (considerado como uma espécie de primeiro Campeonato de Lisboa), o Bronze Viúva Senna, conquistado pelos ingleses do Lisbon Cricket Club, da Cruz Quebrada. Daqui até à fundação da primeira entidade organizativa (Liga de Football Association) foi um pequeno passo, estrutura responsável pelo Campeonato de Lisboa. Esta primeira experiência organizativa foi breve mas abriu espaço ao surgimento da Liga Portuguesa de Football, em 1908, que tinha nos seus estatutos (“Regulamento”) a vontade de organizar uma “Liga” nacional (Artigo 1.º), com sede em Lisboa,

dividida em duas partes – uma “Liga Norte” (“cidades do norte do país a partir de Aveiro”) e uma “Liga Sul” (“cidades a sul de Aveiro”, onde se incluía Coimbra). O objetivo era “desenvolver o gosto pelo Football”, definindo “todos os anos um programa de jogos entre os clubes das duas Ligas Norte e Sul, permitindo desta maneira apurar o grupo Campeão de Portugal” (Artigo 2.º). A ideia de um Campeão de Portugal já estava aqui presente, englobando regiões como Coimbra, onde o futebol começava a implementar-se.

Neste mesmo período surgiram outros clubes importantes no contexto nacional, em especial o Sporting Clube de Portugal (1906) e o Futebol Clube do Porto – (re)fundado em 1906, após ter existido um primeiro clube com o mesmo nome entre 1893 e 1895. E naturalmente iniciaram-se os contatos internacionais, cabendo as honras a CIF e FC Porto, em 1907, reforçando-se ainda mais os contatos internos entre clubes, beneficiando da melhoria da rede de transportes, em especial do comboio.

No final da primeira década do século XX surgiu a primeira instituição organizativa oficial do futebol lisboeta (e a primeira a nível nacional), a Associação de Football de Lisboa (AFL), que foi a sucessora natural das experiências das Ligas. Assistiu-se, nesta fase, a um crescimento de jogadores inscritos nos clubes lisboetas, crescendo imparavelmente de 96 futebolistas em 1907 para 507 em 1910. O desenvolvimento do futebol e a sua popularização deviam-se, em grande medida, ao papel promotor dos jornais, que adotaram a modalidade na primeira década do

século XX. O futebol começou a aparecer regularmente nas colunas desportivas dos jornais de referência, como o *Diário Illustrado*, *Diário de Notícias*, *O Século* ou *O Primeiro de Janeiro*. E o mesmo vai suceder com a imprensa coimbrã, em periódicos como o *Notícias de Coimbra* (1907-1911) ou a *Gazeta de Coimbra* (1911-1950).

O grande protagonista do futebol português, neste período, era o jogador-dirigente-adepto-jornalista. Tratava-se de um desporto de homens, para homens, sem qualquer dimensão feminina, somente como adeptas. O futebol era vivido como uma “causa” social, envolto por isso em grande paixão e idealismo. Eram os tempos das viagens de comboio, com os jogadores no meio dos passageiros, e do policiamento pago diretamente pelos espetadores, que começavam também a pagar bilhete pela primeira vez. Eram os tempos dos jogos com duração de meia hora cada parte (assim foi até cerca de 1910, altura em que se passou a utilizar o tempo regulamentar de 90 minutos, dividido em duas partes de 45). Dentro de campo, a estratégia e a tática eram consideradas secundárias. Antes de mais pensava-se em atacar a baliza adversária e, por isso mesmo, todas as equipas utilizavam a disposição tática clássica (2-3-5), em ‘triângulo’: guarda-redes, dois defesas, três médios e cinco avançados.

A popularidade do futebol cresceu durante toda a segunda década do século XX, ultrapassando em popularidade outras modalidades e espetáculos, como as touradas e o ciclismo. Em 1914, por exemplo, num jogo entre o SL Benfica e os escoceses do

Third Lanarck estiveram presentes cerca de dez mil espetadores, o que era impressionante e inédito na época. As visitas de clubes estrangeiros contribuíram para a popularização da modalidade, atraindo espetadores, quer pela novidade quer pelo despertar de sentimentos patrióticos. Os convites às equipas estrangeiras – começando logo em 1911 com os clubes franceses do Stade Bordelais e o Médoc – surgiram também com o objetivo de aumentar o nível competitivo dos jogadores portugueses (lisboetas). Além disso, faziam igualmente parte de uma política de reconhecimento internacional do novo regime português, o Republicano. E não terá sido por mero acaso que as primeiras equipas estrangeiras a visitar Portugal foram francesas – a França foi o primeiro país a reconhecer a República portuguesa.

Após uma primeira fase de surgimento, difusão e (proto)organização do futebol português, seguiu-se uma etapa de estruturação e institucionalização, mais virada para o movimento associativo. Depois da fundação da Associação de Football de Lisboa (AFL), em 1910, seguiram-se outras associações regionais (Portalegre, em 1911, e Porto, em 1912) e a União Portuguesa de Football Association (1914), primeiro órgão nacional. Este organismo (rebatizado em 1926 de Federação Portuguesa de Football Association e em 1938 de Federação Portuguesa de Futebol) conseguiu a filiação na FIFA, mas não almejou, no imediato, a organização de uma prova nacional: o tão desejado Campeonato de Portugal, que fazia parte dos seus estatutos. A eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914) foi um dos motivos que travou a cria-

ção desta prova, uma vez que dezenas de clubes viram os seus jogadores trocar os campos da bola pelas trincheiras.

Apesar do conflito bélico, em que Portugal se viu envolvido em 1916 com a declaração de guerra da Alemanha, o futebol conseguiu sobreviver, encarado como uma forma de lazer e preparação física da juventude. Com o objetivo de reforçar as relações futebolísticas entre os dois principais meios urbanos (Lisboa e Porto), a União Portuguesa de Football (UPF) criou, em 1914, os jogos Lisboa-Porto que envolviam as seleções de ambas associações, formadas pelos seus melhores jogadores. A “estrela” do futebol português era o avançado lisboeta Artur José Pereira, mais conhecido como AJ Pereira, cuja qualidade futebolística fez dele o melhor jogador português do início do século XX. A sua passagem pelo SL Benfica, donde se mudou para o Sporting CP (a troco da exclusividade no uso de uma banheira de água quente e melhor compensação financeira), alterou a hegemonia do futebol lisboeta, tal a sua qualidade técnica.

Com o epílogo da guerra, em finais de 1918, assistiu-se a um crescimento assinalável do movimento associativo, surgindo diversas associações regionais de futebol neste período, em que incluiria Coimbra (Funchal, 1916; Angra do Heroísmo, 1921; Braga, 1922; Coimbra, 1922; Faro, 1922). A modalidade espalhava-se e institucionalizava-se por todo o País, fundando-se dezenas de clubes, que se desdobravam em jogos e na disputa de troféus locais, faltando (ainda) instituições que organizassem provas regu-

lares e estruturadas. Do ponto de vista competitivo, os Campeonatos Regionais de Lisboa e Porto foram os únicos que se realizaram periodicamente desde 1914, dominados respetivamente por SL Benfica e FC Porto.

Popularização

Os anos 20 do século XX trouxeram um clima geral de confiança e otimismo, um pouco por todo o mundo ocidental, após um período nefasto marcado pela guerra e pela gripe espanhola. Assim, foi com naturalidade que o interesse pelo desporto aumentou, patente na enorme dinâmica, por exemplo, dos Jogos Olímpicos, em cujas edições Portugal se estreou em 1912 e estaria sempre presente nos anos 20, sublinhando-se a participação em Paris-1924 e em Amesterdão-1928 (com a estreia da Seleção Nacional de futebol). Mas se a vida social e desportiva na Europa assumiu laivos de estabilidade e crescimento, o mesmo não sucedeu em Portugal, sobretudo do ponto de vista político e social. Os Governos caíram sucessivamente e o caos político foi evidente, assistindo-se a um recrudescimento da violência nas ruas. Tudo conjugado desembocaria no golpe militar de 28 de maio de 1926, impondo uma ditadura que duraria cerca de 48 anos (até 25 de abril de 1974).

Apesar disso, a década de 20 do futebol português foi a primeira recheada de ídolos populares, de multidões nos estádios, de competições nacionais, assim como de uma verdadeira Seleção Nacional.

E como a competição implicava rivalidades, cresceram e acentuaram-se os antagonismos entre cidades (como sucedeu entre Coimbra e Figueira da Foz) e regiões (entre Coimbra e Aveiro, por exemplo). Para além disso, o que antes era exclusivo do clube (as vivências do êxito e da derrota) passou a ser vivido emocionalmente pela aldeia, a vila, a cidade ou a região onde se insere o clube. Esse mesmo sentimento de pertença passou a ser nacional com a criação da Seleção Nacional.

Este movimento teve forte impacto na imprensa. Os jornais desportivos multiplicaram-se, com o surgimento de 168 novas publicações no espaço de uma década. Em 1924, por exemplo, estavam em atividade 40 publicações desportivas – uma delas o primeiro diário desportivo português, o *Diário de Sport*, com dupla edição, em Lisboa e Porto. Com o aparecimento em 1919 de *Os Sports* (Lisboa, 1919-1945) e em 1921 da revista *Sporting* (Porto, 1921-1952), consolidava-se uma imprensa desportiva de referência nos dois principais meios urbanos, tal como sucederia em Coimbra com a edição de *A Voz Desportiva* (Coimbra, 1926-1975).

Extremamente significativa para reforçar todo este cenário (popular e mediático) foi a estreia da Seleção Nacional de futebol, em 18 de dezembro de 1921, numa partida em Madrid frente a Espanha (derrota lusa por 1-3). A Seleção conseguiu, pela primeira vez, criar um sentimento afetivo, de teor nacional, à volta do futebol, passando a ser “a equipa de todos nós”, como a definiu anos mais tarde o jornalista Ricardo Ornelas. O entusiasmo dos adeptos com a

Seleção suplantou os sentimentos clubistas e atingiu o auge com a primeira vitória internacional, em 1925, frente a Itália (1-0, em Lisboa), e em 1928 com as vitórias no torneio de futebol dos Jogos Olímpicos de Amesterdão, em que Portugal chegou aos quartos-de-final, fazendo vibrar todo o País, com Coimbra a acompanhar os feitos da Seleção através das páginas de *A Voz Desportiva* ou da *Gazeta de Coimbra*.

Aliado ao fenómeno da Seleção Nacional e ao papel difusor da imprensa esteve também a realização do Campeonato de Portugal, fundamental para a difusão social, popular e geográfica do futebol. Era ambição antiga, imaginada desde 1906-1908 com a ideia pioneira da criação de uma Liga nacional. Mas em 1921 o futebol português já contava com uma estrutura organizativa de cariz nacional, como era a União Portuguesa de Football (UPF, mais tarde FPF), o que permitia ambicionar finalmente com uma prova desse teor. Porém, a imprensa era muito crítica com a “apatia” da UPF, acusando-a de ser somente “uma tabuleta que criaram para podermos ingressar na Federação Internacional de Football”, como fez a revista *Sporting* de 25 de março de 1921.

Pressionada e indo de encontro a uma ambição antiga, a UPF avançou em 1922 com a primeira edição do Campeonato de Portugal, disputada unicamente entre os campeões dos dois principais campeonatos regionais, de Lisboa e Porto, ou seja, entre Sporting CP e FC Porto, respetivamente. Na época anterior, em 1920-21, tinham-se disputado somente três campeonatos regionais oficiais (Lisboa, Porto e Funchal) e um oficioso (Évora), mantendo-se este cenário na

temporada seguinte (1921-22), em que arrancou também o Campeonato Regional de Faro. Alargou-se o cenário dos campeonatos regionais em 1922-23, passando a existir provas em Braga, Portalegre e, finalmente, em Coimbra, sob a égide da AFC. No final da década, em 1929-30, Portugal atingiria os 15 campeonatos regionais.

O Campeonato de Portugal acabou por ser uma competição de abrangência (quase) nacional, disputada entre 1922 e 1938. Apresentaria um teor bastante competitivo, conhecendo mesmo a conquista por parte de clubes ditos “pequenos”, como o Olhanense (1924), Marítimo (1926) e Carcavelinhos (1928), embora os “quatro grandes” da época (Belenenses, SL Benfica, FC Porto, Sporting CP) acabassem por dominar. O formato da prova, em sistema de eliminatórias (como se de uma taça se tratasse, a exemplo do que sucedia a nível internacional), contribuiu para esta distribuição dos títulos.

Coimbra teve clubes presentes nesta competição desde a segunda temporada (1922-23), com a Associação Académica a ser a surpresa dessa edição, ao atingir a final, após eliminar três adversários (os representantes de Braga, Algarve e Madeira), perdendo o encontro decisivo com o Sporting CP, por 3-0. A Associação Académica seria o crónico representante do distrito no Campeonato de Portugal, fruto do seu domínio no campeonato de Coimbra, juntamente com o União de Coimbra – quando o formato da prova se alargou, os dois clubes chegaram mesmo a estar presentes em simultâneo, como sucedeu em 1929-30, 1932-33 e 1933-34. O outro represen-

tante de Coimbra seria o Conimbricense, que disputou as edições de 1930-31 e 1931-32. Somente estes três clubes representaram a AFC na mais importante prova disputada em Portugal entre 1922 e 1934 – o Ginásio Clube Figueirense não chegou a participar efetivamente na prova em 1927-28, faltando ao compromisso da primeira eliminatória com o SL Benfica, devido a discordar de decisões técnicas tomadas pela AFC, que em geral favorecia os clubes de Coimbra em detrimento das agremiações da Figueira da Foz (segundo núcleo futebolístico mais importante do distrito). A partir de 1935 o prestígio das provas nacionais da FPF A seria repartido entre Campeonato de Portugal e Campeonato da I Liga, com Coimbra a ser representada unicamente pela Associação Académica, enquanto campeão distrital e representante da AFC nessas competições.

Assim, o cenário de campeonatos regionais e Campeonato de Portugal mudou em meados da década de 30, com o advento das provas nacionais em *poule*, como o Campeonato das Ligas (I e II Ligas, a partir de 1934-35) e o Campeonato Nacional (I e II Divisão, desde 1938-39). Os clubes mais populares, organizados e financeiramente mais poderosos acabaram por dominar essas competições, num quadro competitivo que seria completado com a Taça de Portugal a partir de 1938-39 (e cuja edição inaugural seria vencida pela Académica), quadro esse que se iria manter durante o resto do século XX português.

O interesse popular pelo futebol aumentou nos anos 20 e 30 do século XX, mas o seu desenvolvimento estava longe de corresponder ao entusiasmo

demonstrado pelo público. As lacunas eram evidentes: falta de capacidade organizativa, ausência de bons campos (bancadas arcaicas e terrenos de jogo pelados), um sistema de regulamentos e provas inadequado, para além da (quase) ausência de *fair-play* (na época, o denominado “espírito desportivo”). Eram recorrentes os problemas disciplinares e episódios de violência, resultado do facciosismo clubista e regionalista. Além disso, os poderes do Estado continuavam a primar pelo alheamento em relação à criação de organismos de supervisão estatais e pelo desenvolvimento de estruturas desportivas públicas.

Igualmente problemático era o estatuto do desportista, em geral, e do futebolista, em particular. As assistências aos jogos cresceram de forma significativa – em 1922, por exemplo, no II Portugal-Espanha, em Lisboa, a assistência ultrapassou as 25 mil pessoas –, gerando receitas de bilheteira astronómicas, o mesmo sucedendo com as finais do Campeonato de Portugal. Mas este êxito nas receitas não tinha reflexos imediatos no estatuto dos futebolistas, totalmente secundarizados e amadores. Trabalhavam nas mais diversas profissões (empregados do comércio, construção civil, agricultura, pesca, serviços públicos, empregados fabris, etc.) e encaravam o futebol como um complemento, recebendo o que os dirigentes decidiam. Os melhores jogadores acabavam por ganhar quantias consideráveis, levando alguns historiadores a considerar que nesta altura se praticava uma espécie de “profissionalismo encapotado”, uma vez que os jogadores das principais equipas (todos com o estatuto de amadores) eram apoiados financeiramente

através das famosas “subscrições” – “duas notas deixadas no aperto de mão à saída do balneário, refeições pagas na pensão ou na casa de pasto” (Romeu Correia, 1981: 136).

Começou-se também a falar (timidamente) de profissionalismo e da transferência de jogadores, com os melhores praticantes a optarem pelos clubes mais dotados financeiramente e que lhes ofereciam melhores condições de treino, emprego e remuneração complementar. Em 1927, o afamado avançado Vítor Silva foi o primeiro futebolista a receber uma quantia (15 contos) para mudar de clube, passando do Hóquei Clube de Portugal para o SL Benfica, onde viria a ser uma das grandes figuras dos anos 30. E embora as dificuldades para treinarem fossem muitas, com treinos de madrugada e ao fim da tarde, em campos pelados – antes e depois de um dia de trabalho, o que prejudicava fortemente a qualidade técnica e as performances físicas –, os talentos individuais não cessaram de aparecer. A memória coletiva daquele que foi considerado “o melhor jogador português de todos os tempos” (como o definiu Ribeiro dos Reis), AJ Pereira (passou por SL Benfica, Sporting CP e Belenenses, retirando-se no início dos anos 1920), começou a ser esquecida com a geração de Amesterdão, ou seja, com os melhores jogadores que formaram a equipa olímpica em 1928. Destacava-se o belenense José Manuel Soares, o famoso “Pepe” – simples operário, era uma estrela do futebol, dotado de uma técnica extraordinária, falecendo muito jovem, em 24 de outubro de 1931, com apenas 23 anos, vítima de uma intoxicação alimentar.

Na década de 30, o futebol português atingiu a maioria enquanto fenómeno social transversal. Não paravam de aumentar os clubes e as associações regionais – (quase) todos os distritos, até 1940, passaram a dispor de entidades deste género (a exceção foi a Associação de Futebol de Viana do Castelo, (re)fundada em 1971 após uma primeira fase de existência entre 1923-1943). Paralelamente surgiram novos campos, multiplicando-se os adeptos e os praticantes. Os políticos perceberam também o potencial social do futebol e o alcance da sua extraordinária popularidade. A elite política passou então a frequentar os encontros importantes, designadamente da Seleção Nacional e as finais do Campeonato de Portugal.

Mas o futebol português dos anos 20 e 30 do século XX continuou a conhecer um desenvolvimento inferior ao registado noutros países europeus. Em parte devia-se ao formato das provas, considerado pouco competitivo. O Campeonato de Portugal era disputado em sistema de eliminatórias, limitando o número de encontros e, por inerência, a qualidade de jogo, situação que se manteve até 1934. O célebre desastre futebolístico da Seleção Nacional frente à Espanha, em 11 de março de 1934, com uma goleada por 9-0, ditou a criação (urgente) de um Campeonato (Ligas) por pontos, a duas voltas. Pretendia-se assim, embora tardiamente (desde 1888 que existia a Liga inglesa), aumentar o número de jogos, promovendo o crescimento das receitas e a qualidade técnica, tática e física dos jogadores. Deste modo, em 1934-35 arranjou o Campeonato das Ligas (I e II Liga) e quatro anos

depois surgiu o Campeonato Nacional (I e II Divisão). Quanto ao histórico Campeonato de Portugal terminou, enquanto tal, em 1938, começando na época seguinte a Taça de Portugal, disputada (também ela) em eliminatórias – definia-se um quadro competitivo que iria perdurar durante o século XX.

Para o crescimento da modalidade contribuíram também os treinadores estrangeiros, ganhando notoriedade os técnicos da Europa Central, onde o futebol atingiu um nível elevado. Entre 1934 e 1945, todos os vencedores das provas nacionais em *poule* (Campeonato da I Liga e Campeonato Nacional da I Divisão) apresentavam treinadores estrangeiros, sobretudo húngaros: Siska (FC Porto), Szabo (Sporting CP) e Janos Biri (SL Benfica). Seria também um treinador estrangeiro, o argentino Scopelli, que se refugiou em Lisboa durante a guerra, a introduzir e desenvolver o sistema tático WM, criado nos anos 1920 pelo inglês Herbert Chapman. No final dos anos 30, Scopelli aplicou o WM no Belenenses, ditando o fim do modelo clássico em Portugal, que vigorava desde o século XIX, sendo “copiado” pela generalidade dos clubes portugueses, de escala nacional, regional e local.

Na senda daquilo que sucedera na edição inaugural (1922) do Campeonato de Portugal, o FC Porto venceu as primeiras edições do Campeonato da I Liga (1934-35) e do Campeonato Nacional da I Divisão (1938-39). Foi a única equipa capaz de disputar o domínio do futebol português com os “grandes” de Lisboa: SL Benfica, Sporting CP e Os Belenenses. Em termos globais, os portistas superaram a concorrência direta durante toda a década de 30, vencendo o

Campeonato de Portugal em 1932 e 1937, o Campeonato da I Liga em 1935 e o Campeonato Nacional da I Divisão em 1939 e 1940. E para completar o rol de primeiros vencedores das competições nacionais, na década de 30, falta referir a Associação Académica de Coimbra, vencedora da edição inaugural da Taça de Portugal, em 1939, após uma vitória histórica contra o poderoso SL Benfica. Era já, na década de 30, um futebol de muitos golos (desde o início da I Liga a média nunca desceu dos quatro tentos por jogo), de jogadores transformados em “celebridades” (mas ainda amadores), da popularidade da rádio e dos jornais desportivos, num processo de popularização do futebol, cada vez mais marcante na identidade portuguesa e na cultura popular.

Este processo histórico de popularização do futebol na sociedade portuguesa decorreu num espaço temporal de somente 50 anos. Em 1938, quando todo o procedimento (re)organizativo da FPF consolidou as competições e a orgânica da modalidade a nível

nacional e regional, o futebol português comemorava cinco décadas de existência. Esse era precisamente o período de tempo que tinha passado desde o famoso e elitista “ensaio” de outubro de 1888, em Cascais. E foi por isso que nas famosas comemorações do cinquentenário do futebol português, organizadas pelo diário *O Século*, em outubro de 1938, alguns desses pioneiros de 1888 (seis deles ainda estavam vivos) foram homenageados publicamente (cf. Coelho & Pinheiro, 2002, p. 289). Eram as “bodas de ouro” do futebol português, que em si mesmo representavam todo o período que mediou entre o primeiro jogo realizado em Portugal entre portugueses e a consolidação popular do futebol na sociedade portuguesa, com forte implementação nos principais meios urbanos de Lisboa e Porto, mas também a uma escala regional, onde se destacava Coimbra, que se assumiu como o terceiro meio desportivo e futebolístico nacional (ideia defendida regularmente na imprensa coimbrã da época).

O futebol popularizou-se gradualmente entre finais do século XIX e os anos 20 do século XX, quer a nível social (das elites para o povo) e económico (dos clubes elitistas para os populares), quer em termos geográficos (do meio urbano para o espaço rural e do litoral para o interior).

A região Centro de Portugal acolheu a modalidade e popularizou-a neste período, assumindo-se Coimbra como o terceiro centro desportivo (e futebolístico) nacional, num processo de crescimento e consolidação que iria desembocar na criação da AFC em 1922.

Sur gi men to

e popularização
do futebol em Coimbra

O futebol cresceu em várias regiões de Coimbra na década de 10.



Os primeiros sinais do futebol em Coimbra surgiram no período de “expansão” (Coelho & Pinheiro, 2002, p. 54) da modalidade em Portugal, entre 1892 e 1894, a exemplo do que foi sucedendo noutras regiões. Lisboa e Porto contavam já com clubes devidamente organizados, permitindo mesmo a disputa de um primeiro trofeu entre equipas de ambas cidades – a famosa Taça D. Carlos (ou “Cup d’El Rei”) –, em 1894, integrado no programa oficial das celebrações do Centenário Henriquino, em homenagem à memória do Infante D. Henrique.

Mas a atividade futebolística não estava confinada aos dois principais meios urbanos e às suas elites. Neste período organizaram-se “ensaios” (termo utilizado como sinónimo de treinos ou jogos improvisados) de futebol em várias cidades. Aveiro contou com a ação pioneira de um famoso *sportsman* da época (Mário Duarte, pai), tal como sucedeu noutras regiões, em que essas figuras (os chamados *sportsman*, que encarnavam um misto de desportistas e cavaleiros, defensores do amadorismo) traziam as primeiras bolas, o conhecimento das regras e o entusiasmo necessário para organizar os primeiros “ensaios” nas suas respetivas cidades e regiões. Foi o que sucedeu em Coimbra, Portalegre, Faro ou Madeira, como fazia eco a imprensa da época, num processo de expansão a todo o País.

Um dos primeiros registos de futebol em Coimbra remete-nos para inícios de 1894. Em abril desse ano realizou-se um encontro entre equipas de Aveiro e Coimbra, que resultou de um convite lançado pela

cidade dos estudantes aos aveirenses, como registou o *Diário Ilustrado* de 22 de março de 1894. A invitation partiu de Coimbra, através do Gymnasio clube local, à cidade de Aveiro, mais precisamente ao Gymnasio Aveirense, que aceitou o repto. A notícia do evento identificou diversos jogadores de ambas as equipas, destacando por Coimbra: D. Vicente da Camara, «captain»; A. Coelho, Gervasio, Sampaio Duarte, Doris, H. Moura, Caldeira, A. Themudo – nomes pioneiros do futebol coimbrão. O jornal congratulava-se a dar a notícia que vinha demonstrar que «mais duas cidades de Portugal jogam importantemente o *football*.» E acrescentava ainda que podia dar-se como certo que nos anos seguintes existiriam “mais duas cidades a disputar o Football A. Cup d’El Rei” (além de Lisboa e Porto, como havia sucedido em 1894) – estava subjacente a ideia de tornar este trofeu numa competição mais alargada e representativa geograficamente, o que não viria a suceder, contando somente essa edição inaugural.

O voo regionalista dos “gansos”

Para a expansão regional do futebol muito iria contribuir o papel difusor dos jovens casapianos, que nos pátios da Casa Pia de Lisboa praticavam a nova modalidade. Os “gansos” (como eram conhecidos devido à heráldica da instituição) seriam os primeiros a desafiar a hegemonia futebolística das equipas formadas por ingleses residentes na Capital, materializada na famosa vitória sobre o (quase) imbatível

Carcavellos Club, em 1898. As diversas ocupações profissionais dos casapianos levaram-nos a disseminar-se um pouco por todo o País, carregando consigo o entusiasmo pelo *football*. Em Portalegre seria decisiva a ação de Leopoldo Mocho. O mesmo sucedeu em Setúbal através de José Gomes Mira e Carlos Homem de Figueiredo. Mais a Norte, em Aveiro teria papel relevante o jovem Daniel Machado e em Viana do Castelo seria Constantino da Encarnação.

Em Coimbra viria a destacar-se a figura de Joaquim dos Santos Pimenta, nascido em Lisboa (1882), segundo filho de Maria José dos Santos e Miguel José da Silva Pimenta. A morte precoce do pai, que era funcionário público, determinou que Joaquim e o irmão (Manuel dos Santos Pimenta, que seguiria a carreira militar) fossem estudar para a Casa Pia de Lisboa. Frequentaram o Curso Comercial ao longo da primeira década do século XX, onde contataram com vários desportos, entre eles o futebol. Destacado temporariamente em Coimbra, o jovem Joaquim dinamizaria a modalidade a nível local, seguindo o exemplo de vários “gansos” em diferentes regiões do País.

Durante a primeira década do século XX, o futebol português seguiu “no caminho da popularização” (Coelho & Pinheiro, 2002, p. 74), mas num processo ainda muito confinado a Lisboa e ao Porto. O futebol começou a afastar-se dos círculos sociais mais restritos, promovido por uma nova (a segunda) geração de entusiastas da modalidade (que se misturava ainda com os pioneiros), beneficiando, cada vez mais, da atenção da imprensa. Fundamental seria, igual-

mente, a organização dos primeiros torneios e campeonatos regionais, assim como a fundação daqueles que viriam a ser os “três grandes” do futebol português. Entre 1903 e 1906 fundaram-se o Sport Lisboa (que estaria na origem do Sport Lisboa e Benfica), o Sporting Clube de Portugal e o Futebol Clube do Porto (numa espécie de refundação de um clube com a mesma designação, criado em 1893 e extinto em 1895). Igualmente importante neste período seria a formação do Clube Internacional de Football (CIF), em Lisboa, representante da elite introdutora da modalidade em Portugal, agregando as famílias Pinto Basto e Villar.

A gradual estruturação dos clubes em Lisboa determinou um forte desenvolvimento da modalidade, com a criação e disputa do primeiro Campeonato de Lisboa, em 1906, sob a denominação de Bronze Viúva Senna, organizado pelo jornal desportivo mais importante da época, o *Tiro e Sport*, e pela Casa Viúva Senna (importante empresa de materiais desportivos e promotora do referido periódico). Em fevereiro surgiu a notícia deste “primeiro torneio de football interclubes”, que viria a ser disputado em março por quatro clubes lisboetas – Lisbon Cricket Club, Sport Lisboa, CIF e Cruz Negra –, com vitória do Lisbon, formado exclusivamente por ingleses residentes na Capital.

Dado o primeiro passo, com este torneio precursor, os clubes lisboetas avançaram em meados de 1906 com a criação de um organismo que coordenasse a realização de um campeonato anual em Lisboa, surgindo assim a Liga de Football Association. O obje-

tivo era claro: realizar um campeonato, em *poule*, a duas voltas, entre os clubes associados, tal como sucedia em vários países europeus, em especial na pátria-berço da modalidade (Inglaterra), onde a *Football League* se disputava desde 1888-89. Deste modo, em novembro de 1906 arrancaria, em Lisboa, a primeira (e pioneira) Liga da FA, disputada pelo Carcavellos Club, Lisbon Cricket Club, Sport Lisboa, Sporting CP, Cruz Negra e CIF. Assistia-se, desta forma, a uma primeira fase de institucionalização do futebol português, com o exemplo de Lisboa a ser seguido pelo resto do País através dos jornais.

Neste mesmo período registou-se outra novidade na vida do futebol português, com o início do processo de internacionalização dos clubes. Em 1907, os lisboetas do CIF fizeram uma digressão por Espanha, jogando em Madrid, e o FC Porto recebeu no seu Campo da Rainha a equipa do Fortuna Football Club de Vigo, naquele que seria considerado um dos primeiros jogos internacionais entre clubes disputado em Portugal – no ano seguinte, o FC Porto retribuiu a visita. Popular em Lisboa, o *football* espalhou-se igualmente por várias zonas da cidade do Porto e pelas localidades próximas, mercê da ação de agremiações como o FC Porto, Boavista Footballers, Oporto Cricket Club ou Leixões Sport Club, entre outras.

Coimbra e Figueira da Foz, em crescimento

Além de Lisboa e Porto, também as regiões de Coimbra, Setúbal e Faro se assumiram como polos dinamizadores do *football*. Na cidade dos estudantes fazia-se sentir a vitalidade de Raúl Vieira, casapiano que viria a ser presidente da União Portuguesa de Futebol (mais tarde Federação Portuguesa de Futebol), e de Augusto Sabbo (jogador do lisboeta CIF), que dirigia em Coimbra os trabalhos de montagem da rede de tração elétrica. Ambas figuras promoveram, juntamente com os jovens locais, encontros de *football* nos dois principais campos da cidade, como eram o Parque de Santa Cruz (utilizado sobretudo pelos estudantes universitários) e o Ínsua dos Bentos, situado nas margens do Mondego, e preferido pelos jogadores de outras agremiações e estratos sociais mais populares.

Na região de Coimbra destacava-se igualmente a popularidade da modalidade na Figueira da Foz, atraindo muito público aos jogos disputados no Campo da Murraceira, palco principal do *football* local entre 1907 e 1922. Um dos clubes pioneiros (e mais ecléticos) da modalidade seria o Ginásio Club Figueirense, seguindo-se outros clubes da Figueira da Foz na prática do futebol, como a Associação dos Caixeiros (1909-1910), a Associação Naval 1º de Maio e o Sport Grupo Buarcosense (Buarcos). A imprensa local publicou regularmente notícias de *sports*, com especial enfoque neste desporto. Na edição de 1 de dezembro de 1908, o jornal *A Voz da Justiça* apresen-

Imagem dos primórdios do *football* na Figueira da Foz.



tava o artigo “Foot-ball”, assinado por “Um antigo «foot-baller»”. Segundo o autor, e a propósito de “uma partida de foot-ball no campo da Morraceira”, na Figueira da Foz, entre “rapazes do Ginásio”, a modalidade tinha já uma “reconhecida utilidade”, radicando-se gradualmente entre os portugueses. “O foot-ball é o sport popular por excelência, e longe vai o tempo em que era considerado como um jogo aristocrático”, lia-se no artigo. E acrescentou:

“Fomentar o gosto pela sua prática é contribuir para o desenvolvimento físico da mocidade figueirense, na sua maioria, triste é dizê-lo, pouco dada a exercício em pleno ar.”

O “maior inimigo” do futebol era “o burguês plácido e conservador”, que via na modalidade um “sarilho de pernas”, classificando-o de “brutal e perigoso”, afastando os filhos da sua prática. Esta abordagem mais conservadora estava presente mesmo a nível científico, com a classe médica a questionar-se sobre os efeitos da modalidade na saúde dos seus praticantes. Em 8 de setembro de 1909, o *Diário de Notícias* publicou o editorial “Deve proibir-se o foot-ball?”, em que o prestigiado médico G. Ennes afirmava que o futebol era “simplesmente uma fábrica de traumatismos e lesões das partes moles e do sistema ósseo e muscular”.

Mas nesta fase intensificavam-se os sinais de popularização do futebol, cada vez mais difundido a nível social e geográfico, entrando num processo irreversível. A 17 de setembro de 1909, em Lisboa,

nascia mesmo a Liga Portuguesa de Football, tendo como primeiro presidente um ilustre casapiano, Januário Barreto. O principal objetivo deste órgão era a realização de um Campeonato Nacional, com duas zonas: Norte (até Aveiro) e Sul (de Aveiro para baixo), com a final da prova a ser disputada entre os respetivos vencedores – a ideia revelou-se prematura, com o organismo a limitar-se à consecução do Campeonato de Lisboa, em três categorias, dedicando especial atenção ao futebol escolar. A Norte, no segundo núcleo futebolístico por excelência, o Oporto Cricket Club (formado quase exclusivamente por ingleses residentes no Porto) era a melhor equipa da Cidade Invicta, batendo mesmo as melhores equipas lisboetas nas suas digressões à Capital.

A popularização do futebol, embora mais visível em Lisboa e Porto, começava-se a sentir também noutras regiões. No Alentejo, mais uma vez pela ação de diversos casapianos (lisboetas) e de entusiastas locais, a modalidade difundiu-se gradualmente, estendendo-se a Portalegre, Évora e Beja. Essa difusão levava, inúmeras vezes, à criação de novos clubes, de caráter recreativo e desportivo, mas também alguns deles de índole empresarial ou corporativista. Em Évora, por exemplo, os operários gráficos da cidade criaram o clube Évora-Sport (também conhecido como o Grupo dos Azelhas), grande dinamizador do futebol local.

Na região de Coimbra, o modelo corporativista também iria originar equipas de futebol, como sucedeu com a Associação dos Caixeiros (Associação dos Empregados no Comércio e Indústria) da Figueira

da Foz, que em abril de 1909 organizou a sua equipa, contribuindo assim para o “movimento foot-ballista” local, como afirmou o jornal *A Voz da Justiça* de 30 de abril. No final desse ano, a 17 de dezembro, este mesmo periódico destacaria que “um dos sports atualmente mais em voga em Portugal” era “indubitavelmente o Foot-ball”. E descrevia a modalidade como um “útil e recreativo exercício”, estando a Figueira da Foz a entrar numa “nova fase”, devido à criação de várias equipas de futebol na cidade. Um dos exemplos era o Ginásio Clube Figueirense, que havia criado “dois teams” e esperava-se a criação de mais equipas, para a realização de encontros amigáveis a nível local e regional. Ambas equipas acabariam por se enfrentar a 9 de janeiro de 1910, perante numerosa assistência, no Campo da Murraceira, na Figueira da Foz, com o Ginásio a vencer por 4-1. E no domingo seguinte, no mesmo local, pelo meio-dia, realizou-se “um match-desforra” entre as mesmas equipas, atraindo “muitos espetadores”, dando “um aspecto agradável e maior entusiasmo aos foot-ballistas”, como descreveram os jornais *A Voz da Justiça* e *Gazeta da Figueira*.

Taça trocada por noite de copos...

Na cidade de Coimbra, o futebol também crescia, destacando-se a ação de três clubes, como eram o Strong Football Club (formado por académicos de renome e estudantes), o Coimbra Football Clube e o Sport Club Conimbricense – o Strong FC teria vida

curta, transitando os melhores jogadores para a equipa de futebol da Associação Académica de Coimbra, criada entre 1911 e 1912. Mas em 1910 estes clubes realizaram jogos amigáveis, envolvendo inclusivamente a disputa de trofeus. Em 5 de agosto desse ano, no Campo da Ínsua dos Bentos, o Strong FC enfrentou o Coimbra FC, com a equipa ligada à academia a vencer a taça que assinalava esse encontro. Mas os jornais da época referiram que os jovens estudantes rapidamente trocaram o trofeu por uma animada noite de copos. O Strong FC ganhou prestígio muito rapidamente, sendo convidado em dezembro de 1910 para um jogo amigável na Figueira da Foz contra o Ginásio Clube Figueirense. O encontro disputou-se no dia 10, no Campo da Murraceira, perante numeroso público, que viu a equipa de Coimbra vencer por 2-0. Nesta mesma altura, a Associação Naval 1º de Maio cria também a sua secção de futebol, nascendo assim uma das mais marcantes rivalidades do futebol regional no distrito de Coimbra e na Figueira da Foz, entre uma equipa mais representativa da elite figueirense (Ginásio) e outra das classes populares (Naval), a exemplo do que mais tarde iria suceder em Coimbra entre a Académica e o União.

Neste ano de convulsão política, com a Instauração da República em 5 de outubro de 1910, o número de clubes (com tudo o que isso envolvia) contrastava de região para região, registando-se 77 clubes de futebol em Lisboa e 507 jogadores (amadores) nas equipas lisboetas. Era, claramente, a região onde o futebol mais se implementou e difundiu, com alguns encontros a contar com grandes assistências, supe-

rando as oito mil pessoas. E foi com naturalidade que a 23 de setembro de 1910, após um período de alguma convulsão organizativa, surgiu a Associação de Futebol de Lisboa. Nasceu da consciência de que o *football* atingira já um certo entusiasmo popular, justificando um maior grau de organização e regulamentação. Seguiu-se, no ano seguinte, a criação da Associação de Futebol de Portalegre (a 29 de novembro de 1911) e em 1912 (a 10 de setembro) da Associação de Futebol do Porto.

Em termos competitivos, o campeonato regional de Lisboa consolidou-se definitivamente neste período, beneficiando da própria criação da AF Lisboa. E no Porto foram lançadas, em outubro de 1910, as bases de criação da Taça Monteiro da Costa – uma espécie de competição regional do Norte do País, organizada pelo FC Porto, com o nome de uma figura admirada na cidade e no clube (e seu presidente). Importante para a consolidação do futebol foi igualmente a disputa de um torneio da modalidade no âmbito dos I Jogos Olímpicos Nacionais, com a final a disputar-se a 19 de junho, em Lisboa, entre SL Benfica e Sport União Belenense, com vitória benfiquista por 2-1.

1911 | Rivalidade Coimbra-Figueira

Apesar das convulsões políticas, sociais e económicas que o País atravessava no início da década de 10 do século XX, o futebol continuou o seu processo de consolidação. Nos meios mais urbanos de Lisboa

e Porto começaram-se a cobrar, pela primeira vez, bilhetes (pagos) nos jogos. Para a história ficou o registo do *Diário de Notícias* de 22 de outubro de 1911, num jogo entre Sporting CP e SL Benfica, que assinalou o facto da entrada no encontro passar a ser paga (cerca de 120 réis por bilhete): “Entradas pagas! Oh! Oh! Agora pia mais fino.” Mas para a revista *Tiro e Sport* isto representava, “talvez, o abrir da cova para onde escorregará o futebol desacreditado” – considerava que os bilhetes pagos iam afastar o público dos campos, o que não sucedeu.

Neste ano manteve-se em grande atividade o Campeonato de Lisboa, com quatro categorias, sobressaindo as 4.^{as} categorias (jovens) e o Campeonato Escolar – a formação de jovens futebolistas era uma preocupação entre clubes e órgãos associativos. Em consequência disso viriam a efetuar-se, inclusivamente, jogos inter-regionais entre estudantes universitários, sobretudo da Universidade de Coimbra e de Lisboa.

Na Cidade Invicta surgiu a primeira competição, a Taça Monteiro da Costa, organizada pelo FC Porto, que integrou também o Boavista, Leixões, Associação Académica de Coimbra (recentemente criada) e Sport Club – a prova era uma espécie de I Campeonato do Porto, ganho pela equipa organizadora em abril de 1911. Neste período assistiu-se também à visita de clubes estrangeiros a Portugal, mais precisamente os franceses do Stade Bordelais (a Lisboa) e do Vie au Grand air du Medoc (ao Porto), iniciando-se assim os contatos internacionais entre clubes.

O football foi-se introduzindo nos colégios de Coimbra.



Para este contexto de popularização do futebol muito contribuiu o público, com o tempo do lazer (tempo livre) a aumentar a partir de 10 de janeiro de 1911, em que foi decretado o descanso semanal obrigatório ao domingo para todos os trabalhadores. Assistiu-se, por isso, ao aumento do interesse pela modalidade aos domingos, nos principais campos das diferentes cidades e localidades. Era uma espécie de “doença” que se espalhava por todo o País, como referiu o jornal *A Gazeta da Figueira* de 28 de janeiro de 1911, sublinhando que se estava “num período de doença contagiosa, que ai grassa de maneira assustadora... denomina-se foot-ball-litite...” Segundo o periódico, no caso da Figueira da Foz, a “doença” começou pelo “team” do Ginásio Clube Figueirense, “estendeu-se aos Caixeiros, saltou a Buarcos, caiu na Naval e dizem que os ranchos populares do Vapor e das Rosas” também “foram atacados da doença”.

Esta localidade, em todo o distrito de Coimbra, era das que apresentava maior desenvolvimento do futebol, popularizando-se os encontros no Campo da Murraceira. A imprensa da época referia que aos domingos, mesmo em pleno inverno (janeiro), por volta do meio-dia (e prolongando-se durante a tarde), realizavam-se diversos encontros amigáveis nesse recinto, entre as equipas locais da Associação Naval 1.º de Maio, Sport Club Buarcos, Associação dos Caixeiros e Ginásio Clube Figueirense (proprietário do campo). E perante numerosas assistências. Sucediavam-se os jogos e os “match-desforra” entre clubes locais.

Em Coimbra (cidade), a “doença” do futebol também alastrava, surgindo as naturais rivalidades regionais. Em março de 1911 formou-se um “scratch-team” (misto com os melhores jogadores de vários clubes) de Coimbra para visitar a Figueira da Foz e enfrentar o Ginásio Clube Figueirense. O encontro realizou-se no dia 12 (domingo), no campo da Murraceira, pelas 13h30, perante numeroso público, terminando com uma goleada da equipa de Coimbra por 5-0, com a imprensa a reconhecer a melhor qualidade futebolística dos jogadores de Coimbra em comparação com os da Figueira.

Outros clubes de Coimbra faziam digressões regionais, como o Luso Football, que em março visitou igualmente a Figueira da Foz com o seu “1.º team” (equipa principal). Estes contatos regionais, segundo a *Gazeta da Figueira*, eram importantes pela interação que permitiam com “teams de fora”, aferindo os clubes locais a sua qualidade futebolística – habitualmente os clubes de Coimbra venciam os da Figueira. A dimensão tática do jogo era uma das lacunas principais, com a imprensa, muitas vezes, a referir que os jogadores se “juntavam, defendiam, enfim, faziam o pior jogo possível” durante as partidas. A diferença qualitativa entre clubes das duas localidades ficaria novamente patente a 7 de maio de 1911, quando o Académico de Coimbra realizou um “match treino” com o Ginásio Clube Figueirense, na Figueira da Foz. A *Gazeta da Figueira* considerou o clube visitante “o melhor que há em Coimbra”, acabando por confirmar esse favoritismo em campo, vencendo por 5-0, reconhecendo-se “a

grande superioridade dos homens do Académico sobre o Ginásio”.

Em Coimbra, o “football” começava igualmente a integrar as páginas dos principais jornais da cidade, como viria a suceder a partir de 1 de julho de 1911 com a *Gazeta de Coimbra*. No número inaugural deu logo nota do desenvolvimento do “sport em Coimbra”, mencionando a realização de jogos de “football” entre os “teams” do Progresso e Vitória com o Moderno Football Club (formado por alunos do Colégio Moderno). Apesar das rivalidades entre clubes locais, era notória a vontade de Coimbra (cidade) em se afirmar como o polo mais importante da modalidade em todo o distrito e região Centro. Tornou-se, por isso, regular a criação de “teams mixtos” de Coimbra, que integravam os melhores jogadores de diferentes equipas, para enfrentar grupos de outras cidades ou regiões. Foi o que sucedeu, novamente (tal como em março), a 15 de outubro de 1911, quando um “team mixto” de Coimbra, capitaneado por Agostinho Costa, jogou na Figueira da Foz contra o Ginásio Clube Figueirense, acabando o encontro empatado. O jornal *A Voz da Justiça* de 17 de outubro descreveria o encontro como um “Figueira contra Coimbra em Football”. No final de outubro, no dia 29, a equipa da Figueira devolveu a visita, viajando de comboio até Coimbra, onde cerca de 300 espetadores (espalhados pelo recinto) assistiram ao encontro, num novo campo criado junto à Estrada da Beira.

O aparecimento de clubes em Coimbra e a sua dinâmica determinou a criação de uma “Cooperativa de Consumo Foot-ball”, cujos estatutos foram ana-

lisados em inícios de novembro de 1911, por uma comissão criada para o efeito, como noticiou a *Gazeta de Coimbra* de 1 de novembro.

Em novembro manteve-se a disputa do “match Coimbra-Figueira”, que se assumia como o maior clássico da região. No dia 3, a *Gazeta da Figueira* relatava esse mesmo encontro, com vitória de Coimbra, a jogar em casa, por 1-0. Dias depois, a equipa de Coimbra deslocou-se à Figueira para realizar mais um jogo amigável. Neste mesmo mês, a 26 de novembro, iria também disputar-se, na Figueira da Foz, no tradicional Campo da Murraceira, a primeira edição do Bronze Chico Bento, um troféu em “bronze d’arte”, oferecido pelo “sportman Francisco Bento Pinto”. O bronze esteve em exposição na montra da Ourivesaria Paz, no cais da cidade, assumindo um cariz alegórico e representando “um footballer na acção de shutar”, como descreveu *A Voz da Justiça*, em 21 de novembro. Enfrentaram-se as “duas mais rijas equipas” da Figueira da Foz, como eram “incontestavelmente” as do Ginásio Clube Figueirense e da Associação Naval 1º de Maio. O Ginásio venceu por 2-0, perante assistência “muito numerosa e notavam-se muitas mulheres”, como referiu a *Gazeta da Figueira*, que considerou o “match” ter corrido “muito bem”, apesar da crescente rivalidade entre os dois clubes. A ideia deste bronze era a sua disputa anual entre os melhores clubes de futebol da Figueira da Foz, numa clara tentativa de criar uma competição de índole local, em formato taça (a eliminar) – o Troféu Chico Bento de 1911 viria a ser destruído no incêndio do Teatro do Príncipe, em fevereiro de 1914, durante o

Carnaval, altura em que ardeu o teatro, que era sede do Ginásio, consumindo o espólio do clube.

Ginásio e Naval viriam a protagonizar, quase desde o início, uma das mais vigorosas rivalidades do futebol da Figueira da Foz e de todo o distrito. De tal forma que em 1911 se assistiu, com alguma regularidade, a cenas de violência nos jogos entre ambos, com os clubes a procurarem “terrenos vendáveis, onde se possa jogar com espetadores escolhidos”, como referiu *A Voz da Justiça*, em 15 de dezembro, tentando assim controlar o acesso dos espetadores aos campos de futebol. O objetivo era criar novos recintos, adequados para acolher mais espetadores e dotados de infraestruturas boas para a prática da modalidade e para a assistência de público.

Em dezembro de 1911, o mau tempo atingiu Coimbra, impedindo a realização de diversos jogos por toda a região. Mas não travou os treinos de “foot-ball” no tradicional Campo de Ínsua dos Bentos, em Coimbra, onde habitualmente treinavam clubes como o Vitória, o Ginásio Clube de Coimbra, o Sport Grupo Conimbricense ou o Club Recreativo Conimbricense. A 27 de dezembro, a *Gazeta de Coimbra* sublinhou também que no dia 8 de janeiro de 1912 iriam arrancar os treinos “para os *players* do *team* da Associação Académica”, em fase de gestação. No dia 30, o mesmo periódico indicava os nomes dos “*players*” do primeiro *team* da Associação Académica, com treino agendado para 8 de janeiro, formado por Durval de Moraes, *keeper*; Moniz Pereira e F. Andrade, *backs*; António Lopes, A. Perdigão e N. N., *half-backs*; C. Sampaio, Filipe Mendes, J. Costa, J. Cardoso e Natividade

Coelho, *forwards* (cf. Santana & Mesquita, 2007, p. 26). O objetivo dos treinos era a Académica preparar-se para enfrentar o Ginásio Clube de Coimbra, em encontro agendado para a Ínsua dos Bentos a 28 de janeiro de 1912. A Académica acabaria por ganhar por 1-0, “mas o Ginásio, onde também pontificavam estudantes, ‘desforrou-se’ três dias depois, vencendo por 4-1” (cf. Santana & Mesquita, 2007, p. 26).

1912 | Duelos locais e regionais

O primeiro encontro (histórico, por ser a estreia da Académica, integrada pelos estudantes da Universidade de Coimbra) entre Ginásio Clube de Coimbra e Associação Académica teve o condão de tirar o “sport” conimbricense da “inação” em que encontrava devido ao mau tempo, que se prolongava há várias semanas, como referiu a *Gazeta de Coimbra* de 24 de janeiro. Ambos os “*teams*” de “foot-ball” eram considerados “fortes e resistentes”, tendo alinhado na Ínsua dos Bentos, a 28 de janeiro, pelas 14h00, com os seguintes “*players*”:

Ginásio Club (camisola e calções brancos com escudos encarnados): *keeper*: Picão; *backs*: Sérgio Pereira (*captain*), Lemos; *half backs*: M. Matos, Agostinho, H. Marques; *forwards*: J. Freitas, L. Brandão, C. Gaio, Sapeca e Esquinel.

Associação Académica (calções pretos e camisa branca): *keeper*: Durval; *backs*: M. Pereira e F. Andrade; *half backs*: S., N. Perdigão e N. N.; *for-*

Equipa da Associação Académica de Coimbra de 1912.
De camisola branca e com uma primeira insígnia, em vésperas da estreia no Campeonato do Norte.



wards: F. Mendes, Salvador, J. Júlio Cardoso e Natividade Coelho (*captain*).

O encontro teve análise na secção de “sport” da *Gazeta de Coimbra* de 31 de janeiro, que além de referir a vitória da Associação Académica (“1 goal a 0”), destacou ainda que tinham havido “modificações na colocação de jogadores” em campo, que “redundaram em verdadeiro desastre, visto que em ambos os lados o jogo, em conjunto, foi mau.” Aliou-se igualmente “a pouca preparação dos *teams*”, com “erros crassos, mas muito crassos” dos jogadores, destacando somente as boas prestações de Picão e Agostinho (Ginásio) e de M. Pereira e Natividade Coelho (Académica). Pouco depois, a 3 de fevereiro, a *Gazeta de Coimbra* publicaria a reportagem do jogo de “desforra”, com goleada do Ginásio.

As rivalidades no “football” local e regional começavam a acentuar-se em inícios de 1912, intensificando-se sobretudo na Figueira da Foz. Em janeiro deste ano era já patente a forte rivalidade entre dois dos principais clubes locais, a Associação Naval 1º de Maio e o Ginásio Clube Figueirense, que representavam diferentes setores e estratos sociais da Figueira (como viria a suceder, mais tarde, em Coimbra, entre Académica e União).

A rivalidade Naval-Ginásio envolvia a vida dos clubes, quer a nível desportivo, quer de infraestruturas, transpondo-se evidentemente para o “football” e para os jornais, que assumiam posições claras de defesa do seu clube – *A Voz da Justiça* com a Naval e a *Gazeta da Figueira* com o Ginásio. Os jogos entre

ambos “teams” deixaram de ser meros encontros de futebol para assumir um cariz mais simbólico, representando a luta de classes (elite versus povo) tão patente no resto da sociedade, que estava ainda em processo de transição entre o regime monárquico (deposto em 1910) e o republicano.

Pela localização geográfica privilegiada, que a tornaria numa estância balnear muito procurada, e pelo casino (desde 1895), gerador de turismo relacionado com o jogo, a Figueira da Foz seria um dos locais mais apetecíveis para acolher digressões futebolísticas. Equipas do distrito e de outras regiões do País passaram a visitar regularmente a Figueira, alargando-se mesmo a Espanha, nomeadamente a clubes de Salamanca e Badajoz, patrocinados pela comunidade espanhola que regularmente frequentava a praia e o casino. Mas o mais frequente e regular era a visita de clubes de Coimbra (cidade), registando-se em 1912 visitas também de clubes de Lisboa, Aveiro e Leiria.

Em Coimbra (cidade) viria a afirmar-se, gradualmente ao longo de 1912, a Associação Académica, na época designada por Foot-Ball Associação Académica, como sublinhou o jornal *Gazeta de Coimbra* de 7 de fevereiro:

“Fomos procurados para dizermos na nossa tão diminuta secção Sport ser menos verdade o seguinte publicado num jornal cá da terra na sua crónica sportiva: o team de foot-ball com sede na Associação Académica não se chama Foot-Ball Association, mas sim Foot-Ball Associação Académica.”

Nesta altura organizou-se também uma nova equipa de futebol, na sua maioria formada por empregados do comércio, com a denominação de Coimbra Foot-Ball Grupo. E mantinham atividade regular o “team” do Victoria, a equipa da Escola Agrária, o Ginásio Club e o Club Recreativo Conimbricense. Mas o destaque ia para a Associação Académica de Coimbra (AAC), que em março de 1912 se preparava para disputar a “Taça do Norte” (Taça Monteiro da Costa), no Porto. A participação da Académica iria resumir-se a um único jogo, disputado no Campo da Rainha, no Porto, a 21 de abril, perante o FC Porto, tendo a Académica perdido por 5-3.

Esta taça era uma das três competições que se disputavam em Portugal, com um cariz de campeonato regional, juntamente com Lisboa e Portalegre. Coimbra, região que apresentava uma boa dinâmica, ainda não contava com uma competição regional, embora fosse patente a capacidade dos clubes locais, como demonstraram a Académica no seu jogo no Porto (apesar da derrota) e do Ginásio Clube Figueirense durante a visita a Aveiro, a 6 de abril, para enfrentar o Club Mário Duarte, terminando o desafio amigável num empate (0-0) – destaque neste encontro para a “assistência”, que foi “soberba”, encontrando-se na parte norte do campo “a fina flor, o bijou de Aveiro”, como referiu a imprensa. O prestígio do futebol coimbrão crescia e era reconhecido por outras regiões, chegando mesmo a anunciar-se em abril a vinda a Coimbra do SL Benfica, vencedor do Campeonato de Lisboa de 1912 – neste mês o clube lisboeta deslocou-se ao Porto para dois amigá-

veis com o campeão do Norte (designação oficiosa, por ser o vencedor da Taça Monteiro da Costa), o FC Porto.

Em termos de organismos futebolísticos de perfil regional, somente Lisboa e Portalegre contavam com associações de futebol, encontrando-se o futebol, nos outros distritos, entregue à iniciativa dos clubes, sem um órgão organizativo e regulador. O Porto, segundo núcleo por excelência do futebol português, viria a constituir a sua Associação de Futebol em 10 de setembro de 1912, através da ação pioneira de FC Porto e Leixões SC – juntando-se nos anos seguintes o Boavista FC, Académico FC, Sporting Clube de Espinho, Sport Club Comércio, Football União do Norte e Sport Grupo Salgueiros, entre outros. E naturalmente a Taça Monteiro da Costa passou para a égide deste novo organismo, que em 1913-14 arrancou oficialmente com o Campeonato Regional do Porto, ganho na sua estreia pelo Boavista – em 37 edições, o FC Porto viria a vencer 33 vezes, cabendo os restantes títulos ao Boavista (1914), Salgueiros (1918), Leixões (1940) e Académico do Porto (1942). O exemplo do Porto, que seguia o pioneiro caminho organizativo de Lisboa (1910) e Portalegre (1911), reforçava em Coimbra (vista como o terceiro núcleo desportivo do País) a ideia de criar uma associação e uma competição regionais, o que só viria a suceder em 1922.

1913 | Coimbra, campeão do Norte

Neste período, a hegemonia do futebol português mantinha-se concentrada em Lisboa, cuja Associação de Futebol contava já, em 1912-13, com 770 jogadores filiados, tendo nessa temporada organizado 208 encontros oficiais. No Campeonato Regional lisboeta, que arrancou em janeiro, o SL Benfica seria “um campeão justo e invicto” (Coelho & Pinheiro, 2002, p. 144), estendendo a sua hegemonia às restantes categorias, conquistando também a Taça Portugal, organizada pelo Império. Alguns dos jogadores campeões pelo SL Benfica, como o seu mentor Cosme Damião ou o genial médio Artur José Pereira, iriam integrar uma seleção da AF Lisboa que realizou, em julho, uma digressão ao Brasil (Rio de Janeiro e São Paulo) – o que sucedia pela primeira vez na história do futebol português.

A Norte, a edição de 1913 da Taça Monteiro da Costa (também conhecida como Campeonato do Norte) seria conquistada (para surpresa geral) pela equipa convidada, a Associação Académica de Coimbra, que assim venceu um torneio em que participavam o FC Porto, Boavista e Leixões. Na final da prova, a 15 de março, os estudantes (equipados de preto) bateram o FC Porto por 3-1, na nova “casa” dos portistas, o Campo da Constituição (em janeiro tinham abandonado o Campo da Rainha), perante numerosa assistência. A Académica conquistava para Coimbra aquela que era a única competição futebolística realizada a Norte do Mondego, gerando enorme descontentamento por parte dos portistas – os jornais

portuenses acusaram o árbitro de “incompetente”. Mas independentemente destas questões, a Académica sagrou-se “o novo *team* campeão dos grupos portugueses do Norte do País”, como referiu a imprensa, que sublinhou também “a assiduidade e a aplicação dos atletas nos treinos” (Santana & Mesquita, 2002, p. 27).

Para além da Académica, que claramente se começava a destacar no panorama regional de Coimbra, também ganharam expressão os desafios de “foot-ball” envolvendo as equipas do Sport Grupo O Futuro e do União Foot-ball Conimbricense. E em outubro deste ano anunciava-se a criação da “sociedade desportiva” (sinónimo de clube) em homenagem ao atleta português falecido durante a maratona olímpica de 1912, em Estocolmo, o Club Francisco Lázaro – em 1 de outubro, a *Gazeta de Coimbra* referia que o clube tinha abertas inscrições “para *foot-ball* e outros jogos desportivos”, cujos treinos iriam iniciar brevemente. Mas a agremiação mais ativa era o União Foot-ball Conimbricense, que em novembro (dias 5, 12 e 19) organizou os seus “jogos atléticos”, envolvendo sócios e comunidade, realizando-se mesmo “um *match* de *foot-ball*” entre as 1.^{as} e 2.^{as} categorias do clube.

Outra região de Coimbra que se mantinha em grande atividade futebolística era a Figueira da Foz, que em inícios de janeiro viu disputar-se a segunda edição do Bronze d’Arte Chico Bento, oferecido pelo “conterrâneo e distinto sportman sr. Francisco Bento Pinto”, enfrentando o detetor do título, o Ginásio Clube Figueirense, e o Sport Grupo Buarcosense. O

Imagens do jogo entre Académica de Coimbra e FC Porto.
Os "estudantes" venceram a Taça Monteiro da Costa, em 1913.



jogo despertou enorme curiosidade, facultando-se entrada livre no campo, existindo uma parte reservada com cadeiras. A “Filarmónica 10 d’Agosto” abrilhantou o espetáculo, com o Ginásio a conquistar o segundo Bronze Chico Bento, goleando o Buarcosense por 10-2. Começou também a surgir, na imprensa, o termo de “friendly-match” para caracterizar os encontros amigáveis, até então conhecidos como “jogos treino”. O jornal *A Voz da Justiça* viria a utilizar o novo termo para abordar um encontro entre o recém-criado Sport Grupo Figueirense e o Ginásio Clube Figueirense, com o Sport a vencer por 6-2, no Campo da Murraceira – este clube fora recentemente criado por jovens do operariado local. Apesar da derrota, o Ginásio era uma das equipas com maior prestígio a nível local e regional – a 15 de abril, a visita deste clube a Viseu gerou muita expectativa, com mais de duas mil pessoas a assistirem ao encontro entre Ginásio e Sport Club de Viseu, no Campo de Viriato, em que a equipa figueirense goleou por 7-0.

O palco principal do futebol na Figueira da Foz era o Campo da Murraceira, que enchia aos domingos, quer para assistir aos embates entre clubes locais, quer para os jogos com equipas de Coimbra ou mistos formados pelos melhores jogadores de Coimbra, que ocasionalmente visitavam a Figueira. Mas a prova mais aguardada era a disputa do Bronze Chico Bento, que para a época 1913-14 seria disputado por três clubes locais (Ginásio CF, Associação Naval e Sport Grupo Figueirense), baseando-se no regulamento de provas da AF Lisboa, como referiu o jornal *A Voz da Justiça* de 21 de novembro de 1913. A falta de um

órgão colegial para o futebol local motivaria, em dezembro de 1913, o empenhamento de esforços para a criação de uma Associação de Futebol da Figueira da Foz. O jornal *A Voz da Justiça* lembrou os clubes, na edição de dia 12, que era necessário nomearem um delegado para a referida equipa de trabalho, com vista à formalização dessa Associação, seguindo os exemplos de Lisboa, Portalegre e Porto.

1914 | Tempos de guerra

No início de 1914, o contexto futebolístico na região de Coimbra era dominado pela possibilidade de criação de uma Associação de Futebol na Figueira da Foz. A 23 de janeiro o jornal *A Voz da Justiça* publicou um artigo sobre o tema, com o título “A Associação de Football”, em que analisou precisamente este processo, reconhecendo que até então tinha sido uma tentativa frustrada a criação da Associação de Futebol Figueirense. Segundo a publicação, a ideia tinha partido da própria *A Voz da Justiça* e mereceu vasto apoio inicial. Porém, quando os clubes foram contactados para a criação de um grupo de trabalho, somente o Sport Grupo Figueirense, a Associação de Classe dos Empregados no Comércio e a Associação Naval 1º de Maio responderam afirmativamente. O Ginásio Clube Figueirense, o Sport Grupo Buarcosense e a Associação dos Empregados no Comércio e Indústria não responderam, verificando-se mesmo o repúdio à ideia por parte do Sport Grupo Buarcosense. Sem estes apoios, em especial do Ginásio CF

A imprensa declara o triunfo do futebol, um pouco por todo o País.

O “foot-ball” triunfa



– detentor do único campo de futebol existente na Figueira da Foz (Murraceira) –, não era possível criar uma Associação de Futebol local. A 28 de janeiro, a *Gazeta da Figueira* publicaria a resposta do Ginásio CF, que refutou parte das acusações de não ter participado mais ativamente na criação da Associação de Futebol Figueirense (que designavam por AFF). Assim, aparentemente, o Ginásio apoiava a Associação, mas afastou-se do processo por este estar a ser conduzido de forma menos própria e por figuras pouco consensuais – a ideia acabaria mesmo por esmorecer.

Porém, no contexto mais nacional, Lisboa, Porto e Portalegre mantinham as suas respetivas associações regionais e campeonatos. Na Capital, apesar do favoritismo do CIF, venceu o SL Benfica, enquanto no Porto, na primeira edição oficial do campeonato regional, o Boavista FC acabou por se impor. E em Portalegre, no único campeonato de primeiras categorias fora do eixo de Lisboa e Porto, a vitória coube ao Sport Lisboa e Portalegre. Do ponto de vista desportivo, pelo seu simbolismo e exemplo, assumiram também relevância os encontros entre seleções regionais de Lisboa e Porto, cujo encontro de estreia seria a 26 de abril, no campo das Laranjeiras, em Lisboa, com a equipa da casa a vencer os portuenses por 7-0. Entre 1914 e 1944 viriam a efetuar-se 44 encontros entre as duas seleções, vencendo Lisboa por 35 vezes e o Porto por 7 ocasiões, com somente 2 empates.

Mas do ponto de vista organizativo o acontecimento mais marcante foi a fundação da União Portuguesa de Football (UPF), em 31 de março de 1914,

assente nas três associações regionais existentes em Portugal – em 1926 a UPF alterou a designação para Federação Portuguesa de Football Association e em 1938 para Federação Portuguesa de Futebol. Os estatutos de 1914 eram compostos por 20 artigos, reconhecendo no artigo 3º a necessidade de “promover a formação de Associações regionais que se destinem, também, ao progresso e regulamentação do futebol.”

Porém, o progresso do futebol viria a ser interrompido com o deflagrar da Primeira Guerra Mundial, que duraria até ao armistício de 1918 e em que Portugal entraria em 1916. Os efeitos do conflito seriam devastadores na Europa e com implicações a nível social, económico, político e desportivo em Portugal. Os clubes de futebol viram muitos dos seus jogadores trocarem os campos de jogo pelos campos de batalha, integrando muito deles o CEP – Corpo Expedicionário Português, em 1917, quando as tropas portuguesas rumaram a França para apoiar as forças inglesas.

Apesar do conflito bélico, o futebol manteve-se em atividade em Coimbra durante 1914. O momento mais marcante seria a disputa, novamente, da Taça Monteiro da Costa (ou Campeonato do Norte) pela Associação Académica de Coimbra, detentora do título do ano anterior. Apesar de ser o campeão, o regulamento da prova determinava eliminatórias por concelhos, implicando assim a participação dos clubes da Figueira da Foz. A Figueira apurava uma equipa para as meias-finais regionais, de Coimbra, cujo vencedor participava na prova. O representante da Figueira seria o Sport Grupo Figueirense, que se

impôs ao Ginásio Clube Figueirense, no jogo de apuramento, por 4-2. Seguiu-se a meia-final, em março, entre Sport e Académica, com os estudantes a vencerem em casa por 4-0. Embora fosse uma competição organizada no Porto, a Académica (por ser o campeão) teve direito a jogar a final em Coimbra, escolhendo o campo da Escola Agrícola, onde enfrentou o FC Porto a 21 de junho. Os portistas venceram por 3-1, conquistando novamente o epíteto de campeão do Norte, para desilusão dos estudantes, que nos anos seguintes não voltariam a participar na competição. Apesar da derrota, a *Gazeta de Coimbra* afirmou, a 24 de junho, que “o *match* foi cheio de fases interessantes, sendo para notar o jogo bem conduzido pelos jogadores da Associação Académica, que se portaram com muita correção”.

Além da Académica, outros clubes denotaram muita atividade futebolística em Coimbra neste período. Eram regulares os jogos amigáveis entre as equipas, de diferentes categorias, envolvendo agremiações como o Club Sportivo Francisco Lázaro, União Foot-ball Conimbricense, Ateneu Comercial, Sport Grupo Operário, Sport Grupo Lusitano, Sport Clube Conimbricense ou Ginásio Club de Coimbra, assim como mistos da Figueira da Foz. E os palcos principais eram o Campo da Ínsua dos Bentos e o campo da Escola Agrícola. Em julho, o Reitor da Universidade de Coimbra, para apoiar a equipa de futebol da Associação Académica, anunciou a cedência de parte de um terreno no Parque de Santa Cruz, para a criação de um campo de futebol, com o Senado da Universidade a disponibilizar uma verba para as

obras de melhoramento do recinto, no valor de 1.000\$00. Apontava-se a conclusão da obra e inauguração do campo (de Santa Cruz) em dezembro, altura em que a Académica iria receber o Império de Lisboa e o CIF.

Embora se sentisse algum dinamismo local, a *Gazeta de Coimbra* foi muito crítica sobre a época futebolística na cidade, afirmando na sua edição de 26 de setembro que a temporada 1913-14 tinha sido “uma época morta, sem um vislumbre de animação”, em que os clubes se limitaram “a reuniões familiares, a soirées elegantes servidas a chávenas de chá”.

Em outubro, e apesar do espectro da guerra se fazer sentir em Coimbra através das notícias da imprensa, o ambiente era de expectativa em relação à nova época de futebol. Esperavam-se “grandes desafios”, enchentes nos campos e a “organização de grandes encontros entre Lisboa e Porto; Lisboa e Madrid; Portugal e Brasil”, chegando a ambicionar-se a realização de “um Campeonato de Portugal”, em que participassem também “teams da província: do Porto, de Coimbra e Portalegre”, como defendia a *Gazeta de Coimbra* de 3 de outubro. Se assim fosse, “todo o país se interessaria pelo *foot-ball*.” Mas em Coimbra continuava a sentir-se a falta de uma “Associação de Foot-ball”, como defendeu a *Gazeta de Coimbra* de 2 de dezembro. A constituição dessa “entidade superior” era fundamental para o desenvolvimento da modalidade em Coimbra, tal como já sucedia em Lisboa, Porto e Portalegre. E era a única forma de criar um campeonato regional credível, com regulamentos, respeitado pelo meio desportivo lisboeta,

dado que a “capital” monopolizava o “sport” nacional – o jornal dava o exemplo dos melhores jogadores dos clubes regionais, com os “contratadores” a virem logo à “província”, “para que esse atleta se inscreva num dos clubes de Lisboa”.

A dinâmica de Coimbra, em termos regionais, era somente equiparável na Figueira da Foz, onde se agudizou a rivalidade Ginásio-Naval, agravada em inícios de janeiro com a goleada de 12-0 do Ginásio. Na Figueira pontificava a organização do Bronze Chico Bento, prova mais importante a nível local. Em janeiro, em reunião de delegados das equipas participantes (Associação Naval 1º de Maio, Ginásio Clube Figueirense, Sport Grupo Figueirense e Associação de Classe dos Caixeiros) decidiu-se a sua disputa pelo sistema de poule, marcando a primeira jornada para 3 de fevereiro e a última a 22 de março, com dois encontros nas seis jornadas previstas – o regulamento era formado por 22 artigos, com o trofeu, em si mesmo, a ficar na posse do vencedor durante um ano e no final era entregue ao clube organizador, o Ginásio CF, para ser novamente entregue ao novo campeão.

Durante este ano foram surgindo clubes de futebol na Figueira da Foz, assim como a disputa de novos trofeus. Foi criada a Taça Figueira, oferecida pelo Sport Grupo Gloria, para ser disputada entre as equipas do Gloria, Nacional e Tavadense, tendo como palco o tradicional campo da Murraceira. Sucederam-se também os jogos amigáveis envolvendo diferentes clubes, denotando-se especial superioridade das equipas do Ginásio Clube Figueirense e do

Sport Grupo Figueirense. No final do ano, a 30 de dezembro, o Ginásio seria mesmo considerado, pela *Gazeta da Figueira*, a “melhor equipa de football” da Figueira da Foz, mercê da “sua disciplina, correção e lealdade”.

1915 | Ínsua e Murraceira, locais de culto da bola

A superioridade do Ginásio Clube Figueirense, a nível local, iria estender-se por 1915, sendo considerado pela *Gazeta de Coimbra* de 16 de janeiro “o team mais forte da Figueira”. Foram, por isso, regulares os convites de grêmios de Coimbra, como sucedeu em meados de janeiro com a equipa de futebol da Escola Agrícola, que convidou o Ginásio para um “match” que se esperava “interessante e bem jogado”. Segundo a *Gazeta de Coimbra* de 27 de janeiro, o Ginásio era o “campeão da Figueira”, aguardando-se uma boa prestação da equipa. Porém, os figueirenses jogaram “pessimamente” e a Escola Agrícola goleou por 8-1, perante uma “assistência pouco numerosa”, embora estivesse uma tarde de domingo esplendorosa.

Uma das queixas recorrentes da imprensa era o distanciamento que ainda existia entre Coimbra e outras regiões do País, em termos de desenvolvimento do desporto. Era regular a *Gazeta de Coimbra* fazer essas comparações. Afirmou, na edição de 6 de fevereiro, por exemplo, que no Porto, Lisboa, Elvas ou Portalegre, entre “muitas outras cidades da província, de menos importância e de menor popula-

ção”, existia “uma população sportiva” mais ativa, colocando Coimbra “muito longe” do seu valor “como cidade de sport”. E em termos futebolísticos, Coimbra possuía “imensos jogadores de foot-ball” de qualidade, mas faltava “uma preparação condigna”, sublinhando em tom de desabafo:

“Nota-se, porém, o que toda a gente sabe: falta de treino, falta de amor pelo *team*, falta de educação *sportiva* e sobretudo ausência absoluta de iniciativa.”

A falta de qualidade do futebol regional ficou igualmente patente nas páginas de *A Voz da Justiça*, da Figueira da Foz, em 12 de janeiro, numa análise aos jogos amigáveis que se haviam disputado no domingo anterior, com o Sport Grupo a bater a Naval por 10-6 e o Ginásio a vencer os Caixeiros por 6-0: “ambos os matches uma lástima, de todas as partes.” Mas, apesar disso, a Murraceira (principal campo da Figueira) juntava cada vez mais público aos domingos.

Este contexto de alguma desorganização do futebol conimbricense tinha efeitos nos próprios clubes, com a *Gazeta de Coimbra* a fazer constantes apelos à sua capacidade de iniciativa. A 6 de fevereiro, o jornal lamentava:

“Nem já se ouve falar no *team* da Associação Académica. Ainda não sabemos se está ou não constituído; se possui ou não jogadores como há um ano; se se treina ou não com método e com vontade; se pensa ou não em trazer a esta cidade alguns *teams* de fora.”

A atravessar um período menos ativo estava também o Sport Club Conimbricense, enredado em problemas internos de foro diretivo. Mais regulares eram as atividades do União Foot-ball Conimbricense, que a finais de março viajou de comboio até Aveiro para enfrentar uma equipa local, num desafio “interessante e bem jogado” que acabou empatado (1-1) e em que brilharam, por parte do Sport, os jogadores Jerónimo, Ferreira, Velindro e o guarda-redes Adérito. Este clube comemorou o terceiro aniversário dias depois, a 21 de abril, com a imprensa a destacar a sua longevidade, dado que a generalidade dos clubes não durava uma temporada. Estava previsto, dia 25, para comemorar o aniversário do União FC, um encontro com o Grupo de Foot-ball Aveirense, no campo da Ínsua dos Bentos, em Coimbra. Aguardava-se um “match renhido e interessante” (como referiu a *Gazeta de Coimbra*), perante um clube aveirense que pela primeira vez visitava Coimbra. O União acabou por bater o Aveirense por 3-0, perante numerosa assistência. Seguiu-se o tradicional banquete e baile, com os aveirenses a regressarem no comboio das quatro da manhã. Em junho, o União receberia o Sport Grupo Figueirense, para um novo “match de football”, desta feita no campo da Escola Agrícola, em Coimbra. A imprensa reconhecia que eram duas equipas com “bom jogo, combinação, resistência e folego” (cf. *Gazeta de Coimbra*, de 23 de junho), com o favoritismo a recair no União, que tinha mostrado “certa superioridade” nos últimos jogos realizados.

Mas o futebol, a nível distrital, não se restringia a Coimbra e Figueira da Foz. Começavam igualmente

a surgir clubes noutras localidades, como Cantanhede, com o Sport Club Cantanhedense a organizar partidas no verão. Aguardava-se “ansiosamente” nesta vila, como referiu a *Gazeta de Coimbra* de 7 de julho, a visita de uma equipa de Coimbra, o que estava agendado para 18 de julho, com um misto de jogadores conimbricenses, capitaneados por Mário Machado. O encontro viria a realizar-se no campo da Praça 8 de maio, no centro da vila, com o grupo de Coimbra a vencer por 3-2, seguindo-se o tradicional banquete entre as equipas.

Apesar deste alargamento regional da modalidade, Coimbra (através do campo de Ínsua dos Bentos) e Figueira da Foz (na Murraceira) continuaram a ser os dois principais locais para encontros de “football” e de lazer familiar aos domingos, envolvendo jogos entre clubes locais, visitantes ou mistos formados para representar cidades ou vilas.

Seriam vários os registos de jogos no verão de 1915 em ambos campos, envolvendo clubes como o União Foot-ball Conimbricense, Ateneu Comercial de Coimbra, Sport Grupo Mondego (Figueira) ou Sport Grupo Figueirense. Também se enfrentaram mistos de ambas localidades, como sucedeu em finais de setembro, na Ínsua dos Bentos, com Coimbra a bater a Figueira por 4-0 e em que se destacou o avançado conimbricense Inácio, o melhor em campo.

Num período marcado pelo surgimento e extinção de clubes, em outubro soube-se que o União Foot-ball Conimbricense decidiu dissolver-se e passar a integrar o Sport Club Conimbricense, entidade com melhor sede e estrutura organizativa, mas a quem

faltava um bom *team* de futebol. Assumiu, assim, a denominação de Football Sport Club Conimbricense, tendo estreia marcada para inícios de novembro com a Associação Naval 1º de Maio, da Figueira da Foz – na Ínsua dos Bentos, o Sport venceu por 4-2, num desafio cheio de “entusiasmo e energia”, como descreveu a *Gazeta de Coimbra* de 10 de novembro, seguindo-se o tradicional banquete e baile. Este encontro reconhecia, mais uma vez, a preponderância de Coimbra e Figueira da Foz no desenvolvimento do futebol a nível distrital.

A criação de centralidades geográficas e clubísticas começava a acentuar-se neste período, em que o futebol português sofria também com os efeitos da guerra europeia, devido à crise económica que se acentuava no País. Um dos efeitos da guerra foi o reforço das relações entre clubes portugueses e espanhóis (França estava em guerra), sobretudo entre equipas de Lisboa, Madrid, Vigo e Barcelona. A nível clubístico, em Lisboa aprofundou-se a rivalidade Benfica-Sporting e no Porto sentiu-se um ambiente hostil (e generalizado) em relação ao FC Porto, dominador por completo das provas que se organizavam na cidade.

1916 | Guerra estagna *football*

O contexto do desporto nacional agravou-se em 1916 com a declaração de guerra da Alemanha. Um “pequeno povo de seis milhões de habitantes”, como era Portugal, entrava em guerra com “um povo de

60 milhões”, lembrou (de forma apreensiva) o principal jornal desportivo português, *O Sport de Lisboa*, a 18 de março. Os clubes desportivos foram espaços privilegiados de recrutamento militar, com os jovens a deixarem os campos de futebol e a alistarem-se. E o ambiente futebolístico em Lisboa e Porto ressentiu-se, com o agravamento da conflitualidade entre associações regionais e clubes. Os Campeonatos de Lisboa e do Porto foram palcos desses antagonismos, acentuando desavenças entre equipas e motivando episódios regulares de violência nos campos e fora deles. Mas o futebol continuou a expandir-se noutras regiões (na então denominada “província”), embora de forma mais contida. Em Aveiro, por exemplo, começou a disputar-se a Taça Cidade de Aveiro, envolvendo equipas locais, como o Galitos e o Ginásio Aveirense.

Em Coimbra mantiveram-se os jogos amigáveis entre clubes locais, tendo como palco os campos da Ínsua dos Bentos e da Escola Nacional de Agricultura (ou simplesmente Escola Agrícola). E o campo da Murraceira continuou, também, a ser o palco principal da modalidade, aos domingos, na Figueira da Foz. A guerra, porém, veio acentuar uma certa diminuição do número de jogos, que já era visível desde finais de 1915, em ambas localidades, em especial na interação com outras cidades e regiões.

Na relação entre o binómio Coimbra-Figueira, os clubes conimbricenses foram claramente dominadores, como demonstraram diversos encontros realiza-

dos em fevereiro e março. O Ginásio Clube Figueirense jogou em Coimbra contra a Escola Nacional de Agricultura, perdendo por uma goleada de 10-2. E uma equipa mista, formada por jogadores dos Caixeiros e do Sport Grupo, da Figueira da Foz, defrontou, em Coimbra, o Sport Grupo de Coimbra, com vitória deste último por 4-1. Os resultados evidenciaram uma clara hegemonia de Coimbra.

Nesta altura ganhou também destaque a ação propagandística da equipa de futebol dos Crusados, fundada em Coimbra com “o propósito de propagandear o foot-ball no distrito”, sendo capitaneada por Mário Machado, figura ilustre do desporto local. Em quatro anos de atividade, os Crusados eram já uma equipa muito respeitada na região, integrando “foot-balers” conhecidos do público, caracterizando-se pelas suas “qualidades de resistência e de energia, de serenidade e rapidez”, como os definiu a *Gazeta de Coimbra* de 3 de junho. A equipa manteve-se quase inalterada

desde a sua origem, excetuando a saída de dois “belos elementos” (Herculano e Gonzaga) que foram “chamados ao cumprimento da defesa da Pátria”, integrando as tropas portuguesas que se preparavam para combater na Primeira Guerra Mundial.

Apesar da guerra, os Crusados continuaram as suas digressões pela região, como fizeram em início de junho, quando se deslocaram de comboio para jogar com o Club da Mealhada, defrontando-se ambas equipas no campo da Estação, na Mealhada,

Os clubes desportivos foram espaços privilegiados de recrutamento militar

perante muito público. Num jogo animado, os Crusados venceram por 4-2, seguindo-se o tradicional “copo de água” na sede do Club dos Vinte Um. O desporto em geral e o futebol em particular, embora entrassem numa fase de estagnação devido à guerra, continuaram ao longo do ano a manter uma atividade regular em Coimbra, com diversos clubes a contribuir para a sua difusão, como foram o Sport Grupo de Santa Clara ou o Club Operário Conimbricense.

1917 | Futebol e Fátima, juntos pela primeira vez

Vivia-se um período de grande recessão económica em consequência da Primeira Guerra Mundial, em que Portugal estava envolvido. Em janeiro partiu para França a primeira Brigada do Corpo Expedicionário Português (CEP), num ano que também seria marcado pela primeira aparição de Fátima, na Cova de Iria, a 13 de maio.

O futebol continuou a ressentir-se dos efeitos da guerra, em especial a mobilização dos seus jovens atletas. Uma das equipas mais afetadas seriam os lisboetas do CIF, que por falta de jogadores se viu obrigado a desistir do Campeonato de Lisboa. Mais a Norte seria o FC Porto a defrontar-se com problemas semelhantes, embora não tivesse impedido os portistas de conquistar o tri-campeonato regional. E os mesmos problemas iriam suceder aos clubes do distrito de Coimbra, que viram alguns dos seus jogadores serem mobilizados para os cenários de guerra.

Apesar das dificuldades e da menor regularidade, mantiveram-se os jogos de futebol em todo o distrito de Coimbra, com maior incidência em Coimbra (cidade) e Figueira da Foz. Os jogos entre equipas locais continuaram, assim como com *teams* de outras localidades e regiões. Em Cantanhede, por exemplo, o Sport Clube local manteve diversos contatos, recebendo em abril o Ginásio Clube Figueirense, que venceu por 2-1. O jornal *A Voz da Justiça*, de 1 de abril, destacou que o “match” teve “fases brilhantes” e “os rapazes da Figueira vieram bastante penhorados pela maneira gentil como foram recebidos”, assistindo inclusivamente à atuação de “uma banda de música que deu muito relevo à diversão”. Aguardava-se, agora, a visita dos “rapazes de Cantanhede” à Figueira, o que acabou por suceder a 15 de abril, voltando a vencer os figueirenses por 2-1. Quanto ao público, o jornal *A Voz da Justiça* lamentou o seu comportamento “inconveniente, como sempre” e “a arbitragem desagradou”.

Em abril, um outro clube emblemático do distrito comemorou o seu 7º aniversário, o Sport Club Conimbricense, realizando no dia 22 uma sessão solene para assinalar a data, tendo o futebol como uma das modalidades marcantes do grémio com sede em Coimbra. Igualmente ativo nesta altura, endereçando diversos convites a clubes da região, era o Sporting Clube de Coimbra, que em agosto viu um convite seu ser recusado pelo Ginásio Clube Figueirense devido aos jogadores de futebol desse clube andarem em treinos de remo.

Nos anos 10, os primeiros campos de futebol começam a surgir na região de Coimbra.



Devido ao atrativo balnear e do casino, a Figueira da Foz continuou a ser muito procurada por equipas de futebol de outras regiões. A 10 de junho, um *team* de Lisboa, representativo da Companhia de Seguros Comércio e Indústria, visitou a Figueira, vencendo o Ginásio Clube Figueirense por 3-2. Confirmava-se que apesar da situação do País, em guerra, ainda se assistia à circulação de equipas entre regiões. Estas equipas, representativas de instituições e movimentos corporativos, eram formadas, muitas vezes, por jogadores de boa qualidade, integrantes dos melhores clubes de futebol da época. Esta equipa lisboeta da Companhia de Seguros integrava jogadores do CIF e “um dos melhores jogadores de football portugueses, Boaventura Silva, do team dos «Leões», que ainda há dias bateu o Sport Lisboa e Benfica por duas vezes e por maneira bastante significativa da sua superioridade”, como explicou *A Voz da Justiça*, em 12 de junho.

Interessante, no final do ano, foi ver como a nova época se iniciava, num dos principais núcleos futebolísticos, a Figueira da Foz. Segundo o jornal *A Voz da Justiça* de 4 de dezembro, a nova temporada de “football” tinha arrancado no domingo anterior com um jogo amigável, no campo da Murraceira, entre o Ginásio Clube Figueirense e uma equipa de Buarcos, com vitória do Ginásio por 5-0. O jornal anunciou também que a Naval havia alugado um campo perto da Murraceira (propriedade do Ginásio), passando a jogar nesse local – segundo a publicação, os dois clubes (Ginásio e Naval) estavam de relações cortadas, prevendo não haver jogos de futebol entre ambos

nesta época (1917-18). No domingo seguinte, mais jogos na Murraceira, com o Ginásio a enfrentar o Sport Clube Primavera de Buarcos, num encontro cheio de “palavriados e brutalidades”, como lamentou *A Voz da Justiça* de 11 de dezembro. O panorama da Figueira, embora algo restrito e com alguma conflitualidade, demonstrava a atividade regular do futebol no distrito.

1918 | Um convite e um campo afastam crise

O eixo futebolístico Coimbra-Figueira manteve-se neste ano, patente nas boas relações entre clubes. Em abril, por exemplo, o Moderno Football Club de Coimbra deslocou-se à Figueira para jogar contra o Ginásio Clube Figueirense, vencendo o Moderno por 3-2. Os elementos da comitiva do Moderno foram recebidos com um “copo de água” na sede do Ginásio, reforçando as boas relações entre os clubes. No mês seguinte, em maio, foi a vez do Ginásio se deslocar a Coimbra, altura em que o Moderno voltou a vencer, desta feita por 6-0. Esta lógica de jogo em casa e desforra fora foi caracterizando a relação entre os clubes de Coimbra e Figueira, replicando-se também aos clubes doutras partes do distrito (como Cantanhede ou Mealhada) e de outras regiões.

Mas neste ano os sinais de crise do futebol português agravaram-se, principalmente em Lisboa e Porto, com efeitos no resto do País. As consequências da guerra eram notórias nos clubes, com cada vez

Apesar da guerra, o futebol mantém-se em 1918 na região de Coimbra.



mais jogadores recrutados para integrar as tropas portuguesas, surgindo mesmo as primeiras baixas em combate entre os futebolistas recrutados. A instabilidade dos clubes foi de tal ordem que o Campeonato de Lisboa apenas se viria a realizar com três equipas, gerando menor interesse por parte do público. E no Porto, a Associação de Futebol distrital entrou em rota de colisão com o principal clube da cidade, o FC Porto, impedindo os portistas de participarem no campeonato regional, situação que se prolongou ao longo do ano, somente ultrapassada em novembro.

No restante contexto nacional, a Madeira assistiu igualmente a uma crise no futebol local, envolvendo um diferendo entre Marítimo e União da Madeira, que a AF Funchal (criada em 1916) teve dificuldades em mediar, ditando mesmo a suspensão do Campeonato regional. Um conflito que se arrastaria até 1920. Eram, por isso, regulares os artigos que analisavam as “causas de decadência do Futebol” português, como fez *O Sport de Lisboa*, a 9 de novembro, apontando o comportamento agressivo do público, a violência em campo, a falta de preparação dos jogadores (com as equipas cada vez mais envelhecidas) e a ausência de bons campos como algumas dessas causas.

Em Coimbra, o panorama não era muito diferente. Na edição de 2 de março, a *Gazeta de Coimbra* escreveu na sua “crónica sportiva” que o futebol na cidade parecia ter “cristalizado por completo”, com os clubes a paralisarem “todas as iniciativas dignas de registo”. Para “revolucionar” o meio desportivo

conimbricense, a Associação Académica (também ela a atravessar um período de letargia) decidiu organizar um “acontecimento invulgar”: convidar uma das melhores equipas portuguesas, o Império Lisboa Club (um dos três clubes que disputou o Campeonato de Lisboa, juntamente com SL Benfica (campeão) e Sporting CP).

A vinda do Império “à clássica cidade dos doutores” assumiu alguma repercussão a nível regional e nacional, bem como uma enorme expectativa sobre o resultado. A Académica tinha já alcançado uma certa reputação, aguardando-se com curiosidade o duplo embate (agendaram-se dois encontros) contra uma das melhores equipas lisboetas, favorita contra os “homens de negro” de Coimbra. A visita coincidiu, segundo a *Gazeta de Coimbra*, com a inauguração do Campo de Santa Cruz, situado num local privilegiado da cidade e ao qual afluiu “imensa gente” (esgotou) para o primeiro encontro entre Académica e Império. Numa tarde de imenso calor, o Império venceu por 3-2, impondo-se ao ímpeto dos locais, repetindo-se o resultado no segundo encontro, presenciado por menos público (embora estivessem a assistir alguns milhares de adeptos). A visita do Império teria mesmo cobertura informativa na imprensa lisboeta, como fez a *Ilustração Portuguesa* na edição de 1 de abril.

A recuperação competitiva da Académica foi visível neste embate e iria confirmar-se a 16 de junho quando foi a casa do FC Porto, no campo da Constituição, vencer por 2-1 (cf. Santana & Mesquita, 2007, p. 29). Para o reacender do futebol em Coimbra e na

O "Foot-Ball" em Coimbra



Com o intuito de promover a prática do futebol, o clube organizou um torneio de futebol em Coimbra, a 1.ª de abril de 1918.



Um dos jogos do torneio.

Foram de 1.ª a 4.ª de abril de 1918, em Coimbra, um torneio de futebol organizado pelo clube de futebol de Coimbra.

Foram de 1.ª a 4.ª de abril de 1918, em Coimbra, um torneio de futebol organizado pelo clube de futebol de Coimbra.



Um dos jogadores do clube de futebol de Coimbra.

com grande interesse na disseminação do jogo, realizou um torneio de futebol em Coimbra, a 1.ª de abril de 1918.



Um dos jogos do torneio organizado pelo clube de futebol de Coimbra.

A revista *Ilustração Portuguesa* retratou o futebol em Coimbra em 1 de abril de 1918.

própria Associação Académica muito contribuiu o Campo de Santa Cruz (inaugurado este ano), que se transformaria num dos melhores recintos da cidade, juntamente com o Campo do Arnado, palco de finais do Campeonato de Portugal nos anos 30.

1919 | Início do (proto)campeonato de Coimbra

Apesar do fim da guerra em novembro de 1918, os seus efeitos negativos ainda se fizeram sentir no futebol português no ano seguinte, mesmo à escala regional de Coimbra. O longo período de letargia desportiva, provocada pelo conflito, tardou em dissipar-se, embora se fosse assistindo a episódios de ressurgimento futebolístico. Em abril, no dia 25, o jornal *A Voz da Justiça*, da Figueira da Foz, informou os leitores que o Sport Grupo Figueirense, criado cerca de cinco anos antes, estava a ressurgir, após um período inativo. Surgia agora com a denominação de Sport Progresso Figueirense, integrando antigos futebolistas do anterior clube – parte do seu “onze” principal andava “tresmalhado por França e pela África, onde combateu os boches e jogou football nas horas vagas”, lia-se no jornal.

Alinhado com esta nova dinâmica, em abril e inícios de maio começaram a circular notícias na Figueira da Foz da pretensão de organizar um Campeonato Distrital de futebol, pelo Ginásio Clube Figueirense, integrando vários clubes e a disputa de uma final no campo da Murraceira. *A Gazeta da Figueira* era o jornal

que promovia o evento e a própria ideia, em sintonia com o Ginásio. Teria a designação de “Campeonato Regional de Foot-ball” ou “Bronze Ginásio”, iniciando-se os encontros em meados de maio, com clubes da Figueira da Foz e Coimbra. Disputado em eliminatórias, pretendia envolver equipas como a Associação Académica de Coimbra, Operário, Sporting Clube Figueirense, Sport Progresso Figueirense e Ginásio Clube Figueirense.

Em inícios de junho despontou um novo clube em Coimbra, que tinha como origem um grupo de jovens que se costumava reunir nas tardes de verão no Largo de Sansão (mais tarde, Praça 8 de maio). Nascia o União Futebol Coimbra Clube (mais conhecido por União de Coimbra), que desde cedo se vocacionou para o futebol, organizando o seu próprio trofeu (Bronze União) e que nos anos 20 viria a ser campeão regional em 1926 e 1927, em primeiras categorias, conquistando a Taça Cidade de Coimbra em 1928.

Retomou-se também a dinâmica dos convites a clubes de outras regiões, com o FC Porto a deslocar-se a Coimbra a 10 de julho, para disputar um amigável (muito animado) contra a Académica, que os portistas venceram por 2-1. O verão de 1919, do ponto de vista futebolístico, ficaria marcado pelo início dos jogos noturnos de futebol, uma novidade experimentada a 10 de setembro graças à criação de um sistema de iluminação no campo do SL Benfica, em Lisboa, estreado num jogo entre a equipa da casa e um misto de jogadores do Império, CIF e Vitória de Setúbal – a imprensa de Coimbra faria especial

No pós-guerra, o futebol regional de Coimbra voltou a desenvolver-se.



eco deste género de momentos históricos do futebol português.

A disputa, neste ano, de campeonatos regionais emocionantes em Lisboa e Porto acalentou, em Coimbra, a ambição de criar um Campeonato regional, ideia já antiga. Em outubro circulou, inclusivamente, uma angariação de fundos entres os clubes da cidade e da Figueira da Foz para a organização de uma prova com essas características, na linha do Bronze Ginásio Clube Figueirense, criado na época anterior. Esta ambição transversal aos clubes levou, em dezembro, à criação da Taça Agostinho Costa, instituída pelo Sport Conimbricense em homenagem ao seu antigo atleta, falecido pouco tempo antes (Santana & Mesquita, 2007, p. 29). Entendeu-se, desde o seu início, que a prova era uma espécie de campeonato da Região Centro, envolvendo clubes como o Sport (organizador), Associação Académica, Futebol Clube Militar ou os Leões de Santarém. Algumas destas equipas chegaram a recorrer a serviços de jogadores dos “grandes” de Lisboa (SL Benfica e Sporting CP), que vinham de propósito disputar jogos desta Taça, a troco de chorudas compensações financeiras. Académica e Leões de Santarém (reforçados com estrelas do SL Benfica) chegaram à final da competição, que seria ganha pelos escalabitanos por 1-0, em 22 de fevereiro de 1920 (Santana & Mesquita, 2007, p. 29). Estavam dados os primeiros passos para uma competição de foro regional, alargada, na linha dos campeonatos regionais que se disputavam em Lisboa e Porto, e a título oficioso em Évora – tal como já havia sucedido em Portalegre, Algarve e Funchal.

1920 | Estreia do Benfica em Coimbra

A repercussão desta edição pioneira da Taça Agostinho Costa (ou Campeonato do Centro, dado que envolvia oito equipas, de Coimbra, Espinho e Santarém), organizada pelo Sport Clube Conimbricense, teve acompanhamento noticioso na imprensa de Lisboa. A recém-criada revista *Football* destacou, a 6 de março, a vitória dos Leões de Santarém, que na final se haviam reforçado com três jogadores do SL Benfica e superaram a Académica por 1-0.

Nesta fase de desenvolvimento do futebol em Coimbra, um outro clube começou a ter impacto organizativo e competitivo. O União Foot-ball Coimbra Club criou a Taça Conimbricense e conquistou o Bronze União (campeão em 2.^{as} categorias).

O prestígio do futebol local continuou a crescer neste período, motivando a visita a Coimbra de clubes de renome nacional, como o SL Benfica, que seria campeão de Lisboa em 1920. Os benfiquistas deslocaram-se a Coimbra para jogar dois encontros amigáveis com a Académica, a 6 e 7 de março, no Campo de Santa Cruz. Devido ao mau tempo, o primeiro jogo foi suspenso e apenas se efetuou a partida de 7 de março, com os “vermelhos” (termo utilizado na época para caracterizar os benfiquistas) a golearem por 8-2, numa tarde de domingo em que se manteve o mau tempo, mas em que mais de mil pessoas não arredaram pé das bancadas para verem os craques de Lisboa. A *Gazeta de Coimbra* afirmou mesmo que se sentia que “Coimbra já não podia passar um domingo sem futebol”, reconhecendo também a superioridade dos

A juventude figueirense acolhe o futebol no início dos anos 20.



lisboetas (cf. Santana & Mesquita, 2007, p. 30), mais evoluídos tática e tecnicamente.

O futebol em Coimbra ganhou uma nova competição em junho deste ano, quando a comissão organizadora dos festejos da Rainha Santa decidiu convidar os clubes da região para disputar, no Parque (campo) da Santa Cruz, a “Taça das Festas da Cidade de Coimbra, 1920”. As inscrições foram feitas na Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra, entre 16 e 27 de junho, com o regulamento da Taça a ser formado por 13 artigos, podendo ser disputada por qualquer clube do País. Pretendia-se um alargamento da participação dos clubes, promovendo o intercâmbio desportivo e futebolístico entre regiões.

As dinâmicas do futebol coimbrão mantinham-se muito centradas, ainda, em Coimbra e na Figueira da Foz, segundo núcleo por excelência da modalidade no distrito. E na Figueira, a rivalidade Naval-Ginásio crescia, tal como iria acontecer em Coimbra entre União e Académica. Em meados de janeiro, a imprensa da Figueira da Foz chegou mesmo a tomar posições. O jornal *A Voz da Justiça* insurgiu-se contra a *Gazeta da Figueira*, devido a um artigo publicado a 10 de janeiro, em que a *Gazeta* diminuiu o papel desportivo e competitivo da Naval. Mas segundo *A Voz da Justiça*, a Naval tinha enfraquecido no futebol, nas últimas duas épocas, devido a muitos dos seus jogadores terem partido para a guerra, em especial para as possessões africanas, e devido ao clube ter ficado sem campo. Neste período, o Ginásio superiorizou-se à Naval, demonstrando maior poderio futebolístico que o rival.

Embora esta rivalidade marcasse o futebol da Figueira, no início do ano foi possível alguma harmonia entre a generalidade dos clubes, que avançaram com uma Associação de Futebol da Figueira (AFF), reunindo diversas vezes (a 30 de março reuniu pela quarta vez) e chegando mesmo a eleger uns corpos gerentes. A ideia tinha partido do Sporting Clube Figueirense, secundarizada por diversos clubes.

Outra ambição da Figueira, consubstanciada nos sócios do Ginásio Clube Figueirense e no jornal *Gazeta da Figueira* (cf. edição de 17 de julho), era “a criação de uma taça para ser disputada em um campeonato nacional de football, devendo os matches ser jogados no campo do Ginásio, na Murraceira.” A Taça (objeto) contava já com um esboço artístico, do artista António Piedade, seguindo-se agora uma subscrição pública para angariar fundos, que nesta altura contava com “algumas centenas de mil réis, angariados durante o último inverno”. A ideia era disputar esta prova na época 1920-21. Importante para o ambiente futebolístico local foi o reatamento das relações entre Naval e Ginásio, em julho, com o jornal *A Voz da Justiça* de 20 de julho a defender que ambas coletividades deviam “trabalhar pelo sport, de mãos dadas, (...) organizando torneios de football, saraus desportivos, várias festas que dêem nome à terra e que chamem adeptos à nobre causa da educação física”.

Pouco depois, a 24 de agosto, o mesmo periódico faria uma análise histórica ao desporto na Figueira da Foz, recordando o papel pioneiro da ginástica, assim como de clubes como a Naval e o Ginásio, entre

outros. E do ponto de vista futebolístico destacou o papel do Ginásio em manter, “unicamente à sua custa”, um campo de futebol na Murraceira, “onde, gratuitamente, todos os grupos da Figueira vão jogar”. Sublinhou também o papel deste clube na organização do “Bronze Ginásio – Campeonato Regional de Foot-ball”.

O cariz de gratuitidade na utilização do campo da Murraceira mudou pouco depois, com o Ginásio a decidir tributar os clubes com uma mensalidade de 5\$00. Os clubes aceitaram, como o Sporting Clube Figueirense, na condição do campo ser “devidamente arranjado” pois encontrava-se “bastante deteriorado”, como destacou a imprensa local em novembro. A Murraceira continuava a ser o principal palco de futebol na Figueira da Foz, anunciando-se aos domingos uma série de “matches de football” (cf. *A Voz da Justiça*, 19 de novembro), envolvendo clubes como a Associação Naval 1.º de Maio, Grupo Instrução e Recreio Praia de Buarcos, Ginásio Clube Figueirense e Sporting Clube Figueirense.

Embora estivessem reconciliados desde julho, no final do ano voltaram as quezílias entre Naval e Ginásio. A 29 de novembro, a Direção do Ginásio endereçou uma carta à Direção da Naval em que lamentava o facto de questões de “lana caprina” estarem a contribuir para uma nova “tensão” entre os dois clubes, “em prejuízo do sport figueirense”. Referia ainda acreditar no bom senso da Direção da Naval para “acabar de uma vez para sempre com rivalidades mesquinhas e antidesportivas”. Os problemas advinham do facto de jogadores da Naval e Ginásio

terem formado um misto, de forma a constituírem uma equipa mais forte para se bater com adversários de fora da Figueira da Foz (em especial de Coimbra), mas a experiência ter redundado em “conflitos” entre jogadores. Para o Ginásio, o problema derivada do “clubismo” dos futebolistas da Naval e dos seus simpatizantes, criando um clima de “excessos” e de “impertinências” sobre os jogadores do Ginásio (obviamente a Naval tinha entendimento diferente). A carta ia no sentido de uma reconciliação entre os clubes e seriam redigidas outras cartas no mesmo sentido.

Começou também, em finais de 1920, a criar-se / acentuar-se uma outra rivalidade local, em Coimbra (cidade), entre União e Académica. Após o verão, ambas equipas fizeram um amigável, com vitória da Académica por 4-2. E viriam a encontrar-se nas meias-finais (em inícios de 1921) da segunda edição da Taça Agostinho Costa (ou Campeonato do Centro de Portugal), nessa altura com vitória do União por 1-0. Para aceder às meias-finais, a Académica tinha afastado o Club Operário Conimbricense e o União bateu o Ginásio Clube Figueirense (sobre este embate, o jornal *O Figueirense* afirmou a 19 de dezembro que a “numerosa claqué” do União tinha dirigindo “dichotes e piadas toscas”, em forma de insulto, aos jogadores figueirenses, o que desagradou profundamente ao meio futebolístico da Figueira).

Em dezembro, devido ao retomar do futebol em todo o distrito, após um período de letargia provocado pela guerra, anunciaram-se mudanças para a nova época. Uma das ambições (defendida ao longo

do ano) era a criação de uma Taça de cariz nacional, organizada na Figueira da Foz e disputada por equipas do distrito e de fora, tendo como palco principal o campo da Murraceira, como defendia o jornal *O Figueirense* de 23 de dezembro.

1921 | União, campeão do Centro de Portugal

Em Coimbra, o ambiente em janeiro de 1921 ficaria muito marcado pela desavença entre União e Académica. Em causa estava o jogo da meia-final, em que o União venceu por 1-0. A Académica protestou o encontro, remetendo as alegações para a AF Lisboa, uma vez que em Coimbra ainda não havia uma estrutura associativa similar (Santana & Mesquita, 2007, p. 30). Alegou que o árbitro mandou marcar um livre direto na grande área do União, quando devia ter sido assinalado um penálti. O organismo lisboeta reconheceu o erro, mas os organizadores da prova não acataram o parecer externo, validando o resultado. Assim, a rivalidade entre ambas equipas começava “a tomar forma” (Santana & Mesquita, 2007, p. 30). Em consequência disso, a Briososa não voltaria a participar na Taça Agostinho Costa, que teve só mais uma edição (a terceira e última).

Neste ano, Académica e União voltaram a encontrar-se, destacando-se a vitória (1-0) dos estudantes sobre os unionistas, em maio, na Ínsua dos Bentos, numa partida com fins de beneficência. E o bom estado de forma da Briososa estendeu-se pelo mês

seguinte, quando os estudantes foram ao Porto bater o Académico local por 3-1. Porém, quem dominou o futebol em Coimbra foi o União, triunfador de várias competições e categorias. Sagrou-se campeão do Centro de Portugal (Taça Agostinho Costa, organizada pelo Sport Clube Conimbricense) e ganhou a Taça Conimbricense e o Bronze União, superiorizando-se também nos campeonatos de 2.^{as} e 3.^{as} categorias.

Nesta altura, em Coimbra, o futebol começa também a surgir no seio de várias estruturas religiosas e culturais. Forma-se uma equipa de futebol no âmbito do Triângulo Vermelho Português, estrutura em estreita ligação ao movimento Y.M.C.A. – Young Men’s Christian Associations of Portugal, tendo W.H. Stallings a secretário nacional e contando com o Gabinete do Secretário Nacional em Coimbra, na Rua Alexandre Herculano. A própria geografia da cidade ia albergando, pouco a pouco, sedes de clubes e campos de futebol (Ínsua dos Bentos e Santa Cruz), que procuravam não se afastar muito do núcleo central da cidade – um dos clubes de referência, o Sport Clube Conimbricense (organizador da principal prova distrital), tinha a sua sede no Largo da Freiria, nº 14, perto do rio Mondego, tendo quase como vizinho o União Foot-ball Coimbra Club, com sede no Largo do Romal, nº 26 (a sua sede provisória tinha sido na Rua Visconde da Luz, nº 7).

O caso do protesto da Académica no jogo com o União, relativo à meia-final da Taça Agostinho Costa, criou algum desconforto no seio do futebol local, dado ter sido pedido um parecer à AF Lisboa. Voltou-



O "foot-ball" na Figueira



Os "foot-ball" velhos novos.

GAZOLINA SHELL PETROLEO

Importado - CARACOL SMOKE
 Shell Fuel



Importado - SHELL FINE L.C.
 Rua da Republica, 102
 Santos, S. Paulo

A imprensa é um forte
 impulsionador
 da modalidade.

-se, novamente, a falar da constituição de um órgão associativo para o futebol distrital de Coimbra, o mesmo sucedendo na Figueira da Foz, em que os problemas organizativos constantes levaram, em fevereiro, o Sporting Club Figueirense a apelar aos outros clubes, através de carta aberta, para a criação de uma “Associação de Foot-ball na Figueira da Foz”. Mas estes problemas não eram impeditivos do surgimento de novas equipas de futebol, como sucedeu em março com a Associação de Classe dos Empregados do Comércio e Indústria Figueirense, que constituiu secções de futebol de 1.^{as} e 2.^{as} categorias, treinando na Murraceira, por cedência do Ginásio CF. E em abril daria os primeiros passos o Quiaios Foot-ball Club, contando com uma maioria de jogadores de fora da localidade – sobretudo de operários, que trabalhavam muitas vezes fora da região, o que dificultava a participação do clube nas competições futebolísticas regionais.

Em 1921 prosseguiram os contatos entre equipas regionais. A Académica, a 6 de março, deslocou-se de comboio até à Figueira da Foz para a disputa de um jogo com o Ginásio Clube Figueirense. E dias depois, a 13 de março, foi a vez do Sport Club Conimbricense jogar um “desafio-desforra” com a Naval, na Figueira da Foz. Devido à sua condição de cidade-balnear, ao atrativo do casino e por estar dotada de um campo de futebol com condições mínimas (Murraceira), a Figueira da Foz reunia atrativos suficientes para a visita de clubes de Coimbra e de outras partes do distrito e regiões. Sucediavam-se, por isso, os convites de clubes figueirenses a equipas de outras

localidades. Em finais de março, por exemplo, o Ginásio Clube Figueirense enviou uma carta ao capitão do Casa Pia Atlético Club, Cândido de Oliveira, em que mostrava total interesse em receber, na Figueira da Foz, o clube lisboeta, para a disputa de um “match” amigável. O Casa Pia AC ia estar no Porto e no seu regresso proporcionava-se a oportunidade de jogar na Figueira da Foz, o que viria a suceder, para gáudio popular.

Em abril, um dos principais dinamizadores do futebol na Figueira da Foz, o Ginásio Clube Figueirense, avançou com um conjunto alargado de convites para a organização do Bronze Humberto Mendes (em homenagem a um sócio e “valoroso foot-baller”), que devia incluir clubes locais e de Coimbra. O Grupo Instrução e Recreio-Praia de Buarcos aceitou o convite, assim como o União de Coimbra, na altura capitaneado por Luiz Lucas (equipava de camisola azul com emblema e calções brancos). Mas nem todos os clubes aceitaram. O Triângulo Vermelho Português, de Coimbra, declinou devido às despesas “elevadíssimas” que acarretava a deslocação da equipa de futebol. A prova acabaria por envolver o Club Operário Conimbricense, o Instrução e Recreio de Buarcos, o Sporting Club de Coimbra, o União Foot-ball Coimbra Club, o Ginásio Clube Figueirense, o Sporting Club Figueirense, o Sport Clube Conimbricense e Associação Naval 1º de Maio. Criou-se uma comissão de delegados da prova, que também teria a designação de “Campeonato Districtal de Football”, e assumiu-se um calendário por proposta do União de Coimbra, envolvendo uns

quartos-de-final, umas meias-finais e uma final, em formato a eliminar.

Apesar do esforço organizativo, a prova acabou por não se desenrolar da melhor forma. A direção do União de Coimbra dirigiu uma carta ao Ginásio Club Figueirense, em que recusava disputar a final do Bronze Humberto Mendes com o Ginásio CF, dado o mal-estar existente entre os dois clubes. Em causa estava o apoio que os adeptos do Ginásio deram ao Sporting de Coimbra no encontro com o União, apu-pando os unionistas, o que gerou uma “atmosfera má” durante o encontro, resultando em violência (“vias de facto”) entre jogadores. Apesar do União ter ganho por 1-0, os clubes (União de Coimbra e Ginásio Figueirense) entraram num clima de “hostilidades” e “más relações”. E o União decidiu “esquivar-se a esta disputa e conservar-se firme no seu lugar de ‘Campeão do Centro de Portugal’ (detentor da Taça Agostinho Costa) até que sejam vencidos em novo campeonato”. Melhor ambiente tinha a eterna rivalidade Naval-Ginásio, que acordaram em abril realizar um jogo amigável, cujas receitas revertiam para apoiar a Benemérita “Obra da Figueira” (caridade social).

Embora o dinamismo futebolístico do distrito fosse cada vez mais visível, os campos de futebol continuavam a pecar de falta de condições. Ínsua dos Bentos e o Campo de Santa Cruz (que só seria inaugurado oficialmente em março de 1922), em Coimbra, e a Murraceira, na Figueira da Foz, apresentavam condições muito deficitárias em termos de acessos, bancadas, balneários e até da marcação do campo,

para não dizer do estado do terreno (pelados, muitas vezes com pedras e erva, e inclinações). Em maio, por exemplo, o capitão do Sporting Clube Figueirense, Mário Penicheiro, afirmaria que a Murraceira estava num “estado lastimável”, pedindo (em carta) ao clube proprietário, o Ginásio, para melhorar as condições do mesmo, “pelo menos com a precisa e indispensável marcação”.

Uma das notícias, no final do ano, que viria a marcar o ambiente do futebol em todo o distrito foi a estreia da Seleção Nacional de futebol (masculina), em 18 de dezembro, em Madrid, frente à Espanha. Apesar da derrota (3-1), tratava-se da estreia da Seleção Nacional, há muito ambicionada pelo futebol português. Mas esta seleção integrava dez jogadores de equipas de Lisboa e somente um do Porto, sem representação de outras regiões. Por isso mesmo, no dia anterior à sua estreia, a revista portuense *Sporting* publicou um artigo em que criticava precisamente a falta de representatividade nacional da Seleção, com o título «Uma Seleccion que nada representa». Começava-se a sonhar, em Coimbra, com a presença de um jogador local na equipa nacional.

1922 | Policiamento, uma novidade

Este ano, que seria de criação da AF Coimbra, foi sobretudo marcado pela desorganização dos clubes e por alguns episódios de indisciplina e violência. Os clubes começaram a pedir, inclusivamente, a presença policiamento nos jogos, uma novidade até



A famosa equipa do Casa Pia AC, com figuras como Cândido Oliveira, visitou a Figueira da Foz em 1921.
Realizou um jogo de exibição com a Seleção da Figueira.



então. Em Coimbra decorreu a terceira (e última) edição da Taça Agostinho Costa (ou Campeonato do Centro), alargando-se a competição. Aos habituais SC Conimbricense, Leões de Santarém, União de Coimbra e Sporting de Espinho, juntaram-se o Sporting Clube Figueirense, a Naval 1º de Maio, o Sport Ribeira Viriato (Santarém) e o Moderno Futebol Clube. As várias eliminatórias seriam realizadas como habitualmente até à final, a qual não se viria a realizar por problemas entre os clubes. “Rivalidades acesas, principalmente devido à forma como certas equipas se procuravam reforçar com jogadores de fora da região, ditaram o fim da prova que serviu de primeira experiência para a consecução de um campeonato regional da zona centro” (litoral), como descreveu a obra *A Paixão do Povo – História do Futebol em Portugal* (Coelho & Pinheiro, 2002, p. 185). Esta conflitualidade estaria, em grande medida, na origem da criação de uma associação distrital (AF Coimbra) para apaziguar os ânimos.

Na mesma senda de reorganização do futebol local estava a Figueira da Foz. Criou-se um Conselho Superior Técnico de Football, responsável pela organização das competições, nas diferentes categorias. Cada clube local possuía um delegado no referido Conselho, que se financiava através da cativação de dez por cento das receitas líquidas geradas no Campo da Murraceira, propriedade do Ginásio CF, acérrimo apoiante desta instituição em prol do “desenvolvimento orientado do football”, como referiu numa carta aberta publicada a 23 de maio. Para se ter uma ideia geral da estrutura futebolística de

um clube nesta altura, o Ginásio, por exemplo, contava com 11 jogadores inscritos nas 1.^{as} categorias (ou “1º team”, destacando-se o talentoso Victorino Doria), 14 jogadores no 2º *team*, 12 jogadores no 3º *team* e quatro árbitros. E a categoria infantil contava com 22 crianças.

Apesar da existência de um órgão supra clubes, como era o Conselho Superior Técnico de Football, os problemas continuaram a existir nos jogos realizados na Figueira da Foz. De tal forma que os clubes começaram a exigir a presença da polícia. Em 1 de abril, por exemplo, o Ginásio Figueirense dirigiu uma carta ao Comandante do Posto da Guarda Nacional Republicana para solicitar o policiamento ao jogo de futebol que ia realizar-se no dia seguinte, pedindo “quatro praças a cavalo e quatro a pé”. Competições como o Bronze Humberto Mendes passaram a contar com esta nova realidade, o policiamento, de forma a dissuadir os habituais problemas de violência entre jogadores e adeptos. A criação da AF Coimbra, cuja ação iria estender-se a todo o distrito, teria igualmente esse efeito dissuasor, com a aplicação de sanções a clubes (pela conduta dos adeptos e da Direção), dirigentes, treinadores e jogadores.

Como forma de melhorar os encontros de futebol, que se iam convertendo lentamente em espetáculos assistidos por milhares de pessoas, os campos de jogo começaram obras de beneficiação. A Murraceira, na Figueira da Foz, enveredou por melhorias, assim como o Campo de Santa Cruz, em Coimbra, inaugurado oficialmente a 5 de março – este local substituiu, em definitivo, locais improvisados na

cidade, onde se jogava futebol, como sucedera no Largo de D. Dinis (Santana & Mesquita, 2007, p. 33). A inauguração seria feita entre a equipa da casa, a Académica, e um clube convidado do Porto, o Académico FC, com o pontapé de saída a ser dado simbolicamente pelo reitor da Universidade de Coimbra e primeiro presidente da Associação Académica de Coimbra (em 1887), António Luiz Gomes. E tudo isto perante o olhar atento do ministro dos Negócios Estrangeiros, Costa Rodrigues (Santana & Mesquita, 2007, p. 33), em representação do Governo republicano. Os visitantes do Académico venceram por 4-3, mas o melhor em campo foi um jogador da Briosa, o avançado e capitão de equipa, Teófilo Esquível. Segundo jornal *O Despertar*, de 8 de março, o Campo de Santa Cruz passava a ser “o melhor do País” – recordemos que informalmente o campo havia sido inaugurado em fevereiro de 1918.

Apesar do otimismo inicial, o Campo de Santa Cruz continuava a apresentar muitas lacunas de funcionamento, o que levou à manutenção do outro recinto de futebol por excelência da cidade, o Campo de Ínsua dos Bentos (ou simplesmente Campo dos Bentos). Coimbra, apesar das limitações destes dois

locais, foi uma possibilidade ponderada pela União Portuguesa de Football (UPF, mais tarde Federação Portuguesa de Futebol) para receber o jogo da finalíssima do Campeonato de Portugal, que acabou por se realizar no Porto, no Campo do Bessa, com vitória do Campeão do Porto, o FC Porto, sobre o Campeão de Lisboa, o Sporting CP, por 3-1, a 18 de junho.

Com a realização do primeiro Campeonato de Portugal em 1922, organizado pela UPF, mais real e prioritária se tornou a necessidade de criar uma associação de futebol distrital em Coimbra, a exemplo do que já sucedia em Lisboa, Porto, Portalegre, Funchal ou Angra do Heroísmo. Neste ano iriam surgir mais três, a de Braga, Faro e, finalmente, Coimbra. O processo de criação de associações distritais, iniciado em 1910 com Lisboa, só terminou (oficialmente) em 1971 com a criação da AF Viana do Castelo.

Coimbra, após um longo caminho de popularização da modalidade na região desde o século XIX, passava a contar em definitivo com um órgão associativo distrital para subentender o futebol, através da criação da AF Coimbra em outubro de 1922. E a sua criação teria um efeito imediato. No ano seguinte, o seu campeão distrital, a Académica, teve direito a

participar na segunda edição do Campeonato de Portugal, atingindo a final, prestigiando assim todo um distrito e região, como afirmou a imprensa em junho de 1923. Coimbra consolidava-se definitivamente no meio futebolístico nacional.

Sabia que... Uma bola de futebol custava 6\$00 (6 mil réis) e o principal jornal desportivo (*O Sport Lisboa*) 0\$02 centavos (20 réis)

O processo de surgimento e popularização do futebol em Coimbra, desde finais do século XIX, consolidou a modalidade na cidade e na região nos anos 20. Mas foi um processo conturbado, pelas rivalidades, indisciplina e clubismos exacerbados. Sentia-se a necessidade de criar uma Associação de Futebol, de perfil distrital e supra clubes. E foi o que sucedeu em 1922.

Pri mór dios

1922

No início dos anos 20, o Campo da Ínsua dos Bentos é um dos palcos principais do futebol em Coimbra.
Acolhe eventos como o "mês desportivo" da cidade e encontros do campeonato de futebol do Centro de Portugal.



Este foi um processo histórico (o de criação da AFC) que começou alguns anos antes e como consequência (reação), em parte, ao surgimento das associações pioneiras de Lisboa (1910), Portalegre (1911) e Porto (1912). E ao aparecimento (através delas) de um organismo de perfil nacional, a União Portuguesa de Football (UPF, mais tarde FPF), fundada em 31 de março de 1914. No final deste último ano, em Coimbra, a imprensa e os principais *sportman* (misto de desportista e cavaleiro) começaram a imaginar uma associação com dimensão distrital. A 2 de dezembro de 1914, o *sportman* Manuel Dias Machado, na qualidade de colaborador da *Gazeta de Coimbra*, publicou um interessante (e provocador) artigo, intitulado “A Província e o Sport”, em que fala, pela primeira vez e abertamente, da necessidade da criação de uma Associação de Futebol em Coimbra.

“O que se conhece na província além do football? Nada. Esse fogo que nós importamos da Inglaterra, é mesmo sumariamente conhecido. A província não sabe fazer o association. Não há cidade, além do Porto e de Portalegre, que possa atestar o seu desenvolvimento sportivo – uma Associação de Foot-Ball. Porque, fique-se sabendo: nós entendemos que uma cidade só se desenvolverá sportivamente se procurar enfileirar com os regulamentos das Associações. Uma entidade superior, que estabeleça a harmonia, é que, a nosso ver, documenta o progresso dessa mesma cidade.”

Manuel Dias Machado insurgiu-se contra o facto da capital monopolizar o futebol em Portugal, não dando espaço aos outros, aos intitulados clubes “da Província”, que na sua opinião deveriam acompanhar esse crescimento através da organização de campeonatos regionais. E os vencedores dessas competições regionais juntar-se-iam aos clubes de Lisboa para a disputa de um campeonato nacional, que seria benéfico para todos e, sobretudo, para o desenvolvimento do futebol português. O distinto *sportman* indicou que nesse “campeonato nacional” deveriam marcar presença, para além dos principais clubes da capital, os representantes de Portalegre, Porto e Coimbra (somente este distrito não tinha uma associação distrital). Manuel Vieira Machado procurou assim chegar aos leitores e sensibilizá-los sobre as vantagens que adviriam da criação de uma Associação de Futebol em Coimbra, tentando convencê-los que só seguindo os exemplos de Lisboa, Porto e Portalegre poderia auspiciar-se ter equipas competitivas que pudessem ombrear com os melhores do País num futuro campeonato nacional.

Apesar da pertinência da intenção, esta tentativa prematura seria frustrada. E eram várias as razões que ajudavam a explicar a situação, a maior parte decorrentes de uma conjuntura social, política e económica extremamente desfavorável que se instalaria no período subsequente, com a eclosão da Grande Guerra (1914-1918), em que Portugal se viu envolvido. A grave crise provocada pela guerra, a partida forçada de jovens para a frente de batalha de que resultaria escassez de mão-de-obra, o aumento dos

preços dos bens essenciais e a consequente escassez de alimentos, colocaram o futebol, que até aí se encontrava em franco desenvolvimento, mergulhado num período de letargia. Outro problema grave parecia ser a desmotivação que acometia os jogadores e os clubes de Coimbra que, depois de uma grande evolução desportiva antes da guerra, pareciam agora cair num certo marasmo, como foi identificando a coluna desportiva da *Gazeta de Coimbra*, entre 1915 e 1918. Aparentemente faltavam treinos, amor pelos clubes, educação desportiva e “ausência absoluta de iniciativa”, como lamentava o jornal a 2 de fevereiro de 1915. Igualmente nefasta seria a eclosão de uma devastadora pandemia (*Influenza*, também conhecida por *Gripe Espanhola*) que, entre 1918 e 1919, foi responsável por mais de cinquenta milhões de mortes no mundo. E por último, a débil capacidade organizativa da UPF, incapaz de criar um Campeonato de Portugal, ideia sucessivamente adiada até 1922. Estes motivos fizeram com que o entusiasmo da criação de uma associação de futebol em Coimbra esmorecesse.

Taça pioneira e indisciplina crónica

Na primavera de 1915, o meio desportivo de Coimbra foi abalado pela morte prematura de Agostinho Costa, um jovem e ilustre *sportman* fatalmente colhido pela tuberculose. A *Gazeta de Coimbra* de 5 de maio lembrou que, com a sua morte, “o sport nacional perdeu um dos seus mais belos elementos, dos seus maiores entusiastas”. Era grande aficionado do

futebol e do desporto, tendo sido capitão do Ginásio Club de Coimbra, sócio do Sport Club Conimbricense, sócio do Club Internacional de Football e integrou a equipa do Liceu Dr. José Falcão que participou no campeonato inter-escolar de futebol. Em sua homenagem, organizado pelo Sport Club Conimbricense, surgiria em Coimbra, em dezembro de 1919, um novo torneio de futebol, designado de Taça Agostinho Costa, onde seria apurado uma espécie de campeão do Centro de Portugal. O regulamento da prova foi desenvolvido pelo *sportman* (e amigo de Agostinho Costa) Manuel Vieira Machado, tendo sofrido ajustes no decorrer do processo até à sua versão final.

Uma das críticas às primeiras versões do regulamento era o facto de ser nomeado um júri para decidir hipotéticas questões de conflito entre os clubes participantes. O autor das mesmas justificaria este ponto, na *Gazeta de Coimbra* de 30 de outubro, com a ausência de uma entidade independente que fiscalizasse a prova.

“A criação do júri fundamenta-se no seguinte critério: o centro de Portugal não tem uma Associação de Foot-Ball, como existe em Lisboa. Os *teams* que se vierem a inscrever no campeonato e na disputa da Taça não estão, *ipso facto*, inscritos nessa associação. *Logicamente concluiu-se*: se durante um desafio de foot-ball surgir um conflito que tenha por origem a incompetência do *referee* quem, a não ser o júri, que vem suprir a falta duma Associação a cujas resoluções se devia submeter a apreciação do jogo, deve anular o match?”.

Uma vez mais faz-se referência à ausência de uma associação de futebol que pudesse, neste caso, tomar decisões disciplinares e / ou regulamentares quando a natureza das ações assim o justificassem. A taça (objeto), tal como era apanágio da época, apenas seria conquistada em definitivo pela equipa que vencesse duas competições consecutivas e foi adquirida através de subscrição pública, para a qual concorreram muitos anónimos e uma boa parte dos comerciantes de Coimbra. Com a inscrição aberta a todos os clubes, entre as margens esquerda do Douro e direita do Tejo, contou na primeira edição com um total de sete equipas: Associação Académica de Coimbra, Liceu Football Club, Football Club Militar, Sport Club Conimbricense, Sporting da Figueira, Cantanhede Football Club e Leões de Santarém. Os quatro primeiros clubes estavam sedeados em Coimbra e definiu-se no regulamento, para evitar despesas extraordinárias com deslocações, que os representantes de Coimbra jogassem entre si na primeira fase, numa espécie de *play-off* de acesso à Taça, onde os dois vencedores seguiam em frente e os dois derrotados ficavam eliminados.

A competição teve início a 7 de dezembro, no Campo de Santa Cruz, em Coimbra, com o desafio FC Militar-Liceu FC (o clube liceal estreava-se nesta época), sendo o pontapé de saída simbolicamente dado por um sobrinho de Agostinho Costa. Venceu, com alguma naturalidade, a mais experiente equipa do Football Club Militar por 4-2.

Mas o grande jogo desta fase inaugural estava marcado para o domingo seguinte, entre o mais prestigiado clube de Coimbra (Associação Académica) e

o grande promotor da Taça (Sport Club Conimbricense). Venceu a Académica por 5-2, num encontro fortemente protestado pelo SC Conimbricense, alegando uma incorreta aplicação da lei do fora-de-jogo, como sublinhou a *Gazeta de Coimbra* de 18 de dezembro. Este género de protestos era recorrente e usual, estando perfeitamente enraizada a culpabilização do árbitro pelas derrotas. O sentido de impunidade dos jogadores, adeptos e dirigentes levou a constantes atropelos à figura do árbitro, de que resultaram apelos regulares na imprensa ao surgimento de uma “associação de foot-ball”, como fez a *Gazeta de Coimbra* de 11 de novembro de 1919, após um controverso encontro do Bronze União (em 2.^{as} categorias) entre o União de Coimbra e o SC Conimbricense.

A questão da arbitragem (da sua capacidade, conhecimento pleno das leis do jogo e idoneidade) era difícil de resolver. Nesta altura, a esmagadora maioria dos encontros eram arbitrados por alguns dos *sportmen* das localidades onde as partidas se realizavam. A maior parte deles estava, naturalmente, ligados a um clube, como jogadores, dirigentes ou, simplesmente, adeptos. Para além dos improperios e ofensas que muitos tinham de ouvir das claques (termo que surge já nos anos 20, para definir grupos de adeptos), alguns deles tinham ainda de lidar com tentativas de agressão verbais e, nos casos mais graves, físicas. A ausência de um organismo que tivesse a tutela disciplinar e que no exercício da mesma pudesse castigar veementemente este tipo de atitudes, deixava os árbitros ainda mais expostos à crítica e à fúria de terceiros.

O futebol infantil expande-se pela região de Coimbra.
O Ginásio Clube Figueirense tem o seu 3.º team (infantis).



O reitor da Universidade de Coimbra, António Luiz Gomes, dá o pontapé de saída no encontro de inauguração oficial do Campo de Santa Cruz, em 1922.

Estava acompanhado pelo capitão do Académico do Porto (equipa convidada) e por duas figuras da Académica: o presidente da Associação Académica de Coimbra, Fernandes Martins (de capa e batina), e Augusto da Fonseca, capitão da Briososa.





Tarde de "foot-ball"
no Campo dos Bentos,
em Coimbra,
com equipas locais,
da Figueira da Foz
e Aveiro.

Apesar deste ambiente, a primeira edição da Taça Agostinho Costa despertou o interesse de outras regiões. Em Lisboa, o jornal desportivo *A Vitória* louvou a coragem do SC Conimbricense na organização da prova e lamentou a inexistência de qualquer associação de futebol em Coimbra e na região centro do País. Numa notícia que seria transcrita na *Gazeta de Coimbra* de 6 de janeiro de 1920, a folha lisboeta deu o seu “aplauso” ao clube de Coimbra, pela organização de “um campeonato regional” que se estendia entre “a grande zona entre o Douro e o Tejo, exceptuando a cidade de Lisboa.” Lamentou Coimbra não possuir “uma associação regional a quem devia competir a direção deste torneio”. E sublinhou que era manifesta “a falta dum organismo que dirija e impulse o futebol no centro do país”. Uma vez que “a U. P. F. não organiza os campeonatos regionais devem os clubs dessa região tentá-lo pelo seu próprio esforço”, reforçou.

Entre janeiro e fevereiro de 1920, a Taça Agostinho Costa (ou Campeonato do Centro de Portugal) prosseguiu, tal como as polémicas em seu redor. O jogo entre as duas equipas de Coimbra ainda em prova, FC Militar e Associação Académica, que terminou com a vitória dos primeiros, teve de ser repetido pela utilização indevida de um jogador não inscrito. Na repetição do encontro, a equipa do FC Militar não compareceu (os seus dirigentes consideravam ter ganhado legitimamente o primeiro jogo) e a Académica foi declarada vencedora e ficou apurada para a final. A outra partida, entre o Sporting da Figueira e o Cantanhede, vencida pelos segundos por 4-2,

também foi protestada por igual motivo pela equipa figueirense. No entanto, neste caso, por se comprovar a legalidade da inscrição do jogador em causa, o resultado foi homologado, passando os de Cantanhede para a fase seguinte, onde foram copiosamente derrotados pela equipa dos Leões de Santarém, por 7-0.

A grande final disputou-se a 22 de fevereiro de 1920, no Campo de Santa Cruz, em Coimbra, entre a Associação Académica e os Leões de Santarém, com os escalabitanos a vencerem por 1-0. A final fez correr muita tinta nos jornais, sobretudo na *Gazeta de Coimbra*, principal periódico da época ao serviço do desporto local e regional. O motivo foi o facto dos Leões de Santarém terem utilizado jogadores pertencentes aos quadros do SL Benfica. Esta situação seria fortemente condenada pelos adeptos da Académica, que acusaram o júri da prova de ter permitido indevidamente que os reforços lisboetas fossem inscritos para a final. Em consequência disso, alguns membros (como Mário Vieira Machado) da comissão organizadora da Taça Agostinho Costa (ou Campeonato do Centro de Portugal) abandonaram os seus cargos na época seguinte, conscientes da necessidade de constituir uma associação distrital para acabar com todas estas polémicas – Mário Machado encetaria mesmo uma forte campanha a favor da sua criação.

Durante 1920 várias diligências se fizeram nesse sentido, até que em 29 de janeiro de 1921, numa sala cedida pela Associação Académica de Coimbra, iriam reunir-se dirigentes da maioria dos clubes de Coimbra e um delegado da Associação Naval 1º de

Maio, da Figueira da Foz. O organizador da reunião, que visava a criação de uma associação distrital, foi o inevitável Mário Machado. O encontro contou com a presença de um ilustre convidado, Raúl Nunes, diretor da AF Lisboa e um dos seus *sócios fundadores*. Era um dos mais conceituados e reconhecidos *sportman* de Portugal, impulsor da União Portuguesa de Football (antecessora da FPF).

Inspirados pelo importante testemunho e pela vasta experiência associativa de Raúl Nunes, os clubes presentes decidiram criar uma comissão de instalação da AF Coimbra, com representantes de todos os clubes presentes: Mário Machado (Associação Naval 1º de Maio); Alves Barata (União Futebol Clube); José Feiteira (Sport Club Conimbricense); Cunha Vaz (Associação Académica de Coimbra) e Amândio Santos (F.A.). O objetivo imediato era a preparação de um regulamento geral e a angariação de fundos, através da realização de jogos que viessem a permitir a obtenção de verbas para o arranque do processo formal de constituição da associação, como esclareceu a *Gazeta de Coimbra* de 1 de fevereiro de 1921.

Entretanto, e ao mesmo tempo que este grupo de trabalho tentava dar os primeiros passos para a criação de uma associação distrital, a disputa da segunda edição da Taça Agostinho Costa (ou Campeonato do Centro de Portugal) atingia a sua fase decisiva. Na primeira meia-final, a Naval seria derrotada pelo SC Conimbricense por 2-1. E na segunda meia-final, a mais aguardada por reunir os dois mais fortes emblemas de Coimbra, assistiu-se a uma surpreendente

vitória do União Futebol Club contra a Associação Académica por 1-0, num jogo, uma vez mais, envolto em polémica. No final da partida, os estudantes, alegando que o árbitro marcou um livre a favor da Académica quando supostamente devia ter assinalado uma grande penalidade, apresentaram uma reclamação, onde solicitavam a repetição do jogo. O júri da prova, por ter dúvidas, pediu um parecer à AF Lisboa, que viria a reconhecer o erro do árbitro e a propor a anulação do encontro (cf. *Gazeta de Coimbra*, 24 de fevereiro de 1921).

Apesar do parecer favorável à Académica, a verdade é que o mesmo não seria efetivado e a final seria disputada entre o União de Coimbra e o Sport Club Conimbricense. Num jogo dirigido por um árbitro da AF Lisboa, venceram os unionistas por 1-0, conquistando a segunda edição do torneio e a posse provisória da Taça Agostinho Costa.

Passos decisivos

Em abril de 1921, no rescaldo da Taça Agostinho Costa (ou Campeonato do Centro de Portugal), voltou-se ao tema da criação da associação distrital. Na *Gazeta de Coimbra* de dia 21, o dirigente Mário Machado deixou claro que “as irregularidades e os abusos do último Campeonato do Centro de Portugal, criado com o único intuito de fomentar o desenvolvimento do *association*, mostraram a inadiável necessidade no sentido de disciplinar-se os homens que tomam uma parte activa nas lutas *sportivas*, diri-

gindo-as ou travando-as”. A indisciplina tornara-se um problema crónico no futebol regional. Machado referiu também que apesar de apenas se ter realizado uma reunião entre os membros dos vários clubes, os estatutos da futura associação distrital, graças sobretudo ao valioso contributo prestado por Manuel Camões e Alves Barata, já estavam praticamente concluídos, baseando-se nos estatutos que regiam a AF Lisboa.

Mário Machado, na *Gazeta*, comentou ainda a intenção manifestada publicamente pelos *sportsmen* da Figueira da Foz em constituir a sua própria associação local. Clarificou que “a fundação de uma associação de *foot-ball* na Figueira da Foz” não podia “criar-se como um organismo independente da Associação de Coimbra, à qual deve subordinar-se incondicionalmente, visto que as associações de *foot-ball*, segundo o regulamento da A. F. L. e da União Portuguesa de Futebol, têm um carácter distrital, criando-se delegações nos concelhos respetivos”. E caso os clubes da Figueira da Foz não se filiassem na futura AF Coimbra, ficariam “eliminados dos campeonatos oficiais e isolados, completamente, dos recontros que a Associação organizar”.

Este era um objetivo assumido pelo Ginásio Clube Figueirense que, a partir de meados do primeiro trimestre de 1921, começou a tentar convencer os restantes clubes da Figueira sobre a necessidade da criação de uma associação de futebol. Utilizando, sobretudo, a imprensa local, o Ginásio conseguiu criar uma comissão *organizadora em março*, por si encabeçada e da qual faziam parte a Associação

Naval 1º de Maio, o Sporting Clube Figueirense e o Grupo de Instrução e Recreio (Buarcos). Porém, devido à rivalidade entre os clubes e ao aproximar do final da época, esta intenção esmoreceu e o assunto estagnou.

Quanto à futura AF Coimbra, a 31 de maio publicou-se na *Gazeta de Coimbra* uma carta enviada por Raúl Nunes e dirigida a Mário Machado, onde o *sportsman* lisboeta manifestava a sua tristeza pelo facto de ainda não ter sido erigida uma associação de futebol distrital, tal como havia ficado apalavrado aquando da sua última visita àquela cidade. Raúl Nunes era da opinião que, devido ao seu posicionamento geográfico, Coimbra poderia ser um bastião para o desenvolvimento do próprio futebol português. Acreditava que Coimbra poderia, e deveria, ser a cidade escolhida para receber os campeões do norte, centro e sul, para a disputa de um título de campeão de Portugal (o que veio a suceder nos anos 30). No entanto, para que esta intenção se pudesse realizar, todos os clubes que concorressem a esta prova tinham de estar federados e, conseqüentemente e *a priori*, inscritos numa associação regional e legalmente constituída. Mas até final do ano não existiram mais desenvolvimentos significativos no processo de organização de uma associação regional e o assunto apenas voltou a ser debatido no início de 1922.

A 22 de janeiro desse ano, no jornal *O Figueirense*, numa rubrica assinada por Santelmo Júnior, o autor afirmou que se tornava cada vez mais indispensável a fundação de uma associação de futebol na Figueira. A indisciplina era recorrente, as agressões sucediam-

-se e a rivalidade entre clubes era cada vez mais exacerbada por este tipo de acontecimentos. Aludiu ainda para a necessidade urgente dos clubes se unirem, colocando os seus interesses de lado e caminharem juntos na constituição definitiva de uma associação. Só assim seria possível evitar novos fracassos, como os que, de uma forma sucessiva, se haviam registado a este respeito num passado recente na Figueira e em Coimbra.

Pouco tempo depois, em março, e com o objetivo de preparar a futura associação, seria constituído o Conselho Superior Técnico de Foot-ball da Figueira da Foz, presidido pelo Capitão Soares Andrea e secretariado por Arnaldo Sobral. Este organismo debateu uma série de questões técnicas e organizacionais, como o planeamento de competições locais, a regulação do acesso dos jornalistas aos campos, a nomeação de árbitros ou a aplicação de castigos.

O ponto alto da atuação deste Conselho Superior foi a organização, em maio, do Bronze Humberto Gomes que reuniu os quatro clubes da Figueira (Ginásio Clube Figueirense, Sporting Clube Figueirense, Associação Naval 1º de Maio e Grupo Instrução e Recreio Praia de Buarcos) e dois de Coimbra (União Futebol Clube e Moderno Football Club), numa prova conhecida localmente como Campeonato Distrital. A competição seria conquistada pela Naval que bateu na final o Ginásio por 7-0. Mas mais importante do que essa conquista seria o gesto simbólico do capitão do Ginásio que, no final do encontro, fez questão de entregar o troféu ao capitão da Naval, num claro sinal de simpatia, respeito e desportivismo,

como reconheceu a imprensa da época. Numa prova onde foram aplicados pelo Conselho Superior vários castigos a árbitros (por falta de comparência) e a jogadores (por indisciplina), esta ação espontânea do capitão do Ginásio Figueirense poderá ter sido interpretada como um ato pacificador do futebol local e como uma clara manifestação de aceitação das regras e de respeito pela entidade organizadora. Infelizmente, o futuro próximo não o confirmou e os processos a jogadores por questões disciplinares continuaram a chegar recorrentemente ao Conselho para serem discutidos.

A constituição do Conselho Superior Técnico de Foot-ball da Figueira da Foz faria eco em Coimbra, bem como as notícias de que Beja e Braga estavam a finalizar os seus processos de fundação de uma associação distrital. Assim, o receio de que Coimbra estaria a ficar para trás era real. Um artigo na *Gazeta de Coimbra*, publicado a 6 de maio por António Arrobas, pareceu confirmar estes receios:

“Urge sem perda de tempo a criação de uma Associação de *Foot-ball* em Coimbra. Agora que os jornais *sportivos* da capital andam debatendo a ideia da realização dum campeonato nacional, Coimbra também se deve representar nessa prova brilhante, que vai honrar sobremaneira os seus organizadores. Depois do reatamento de relações entre alguns grupos coimbrãos e ainda a boa vontade com que a Associação Académica está cedendo o seu campo, é deitar mãos á obra, mas sem demoras nem faciosismos clubistas.

Inauguração em 1922 de um dos campos mais importantes da Figueira da Foz.

Campo da Matta da Misericordia

Domingo, 26 de Novembro de 1922

Inauguração do Campo de Jogos Trez importantes desafios de Football

para início do campeonato local de 1.ª, 2.ª e 3.ª categorias, em
que serão disputadas 3 taças de prata

A's 11 e meia horas—3.ª categoria—Gymnasio Club Figueirense
contra Associação Naval 1.ª de Maio—*Referer*, Henrique Cardoso (Sporting).

A's 13 e meia horas—1.ª categoria—Sporting Club Figueirense
contra Grupo Instrução e Recreio Praia de Bnarcos—*Referer*, Carlos
Martins.

A's 15 e meia horas—1.ª categoria—Gymnasio Club Figueirense
contra Associação Naval 1.ª de Maio—*Referer*, Alvaro Assumpção (Sporting).

A venda de bilhetes é feita a entrada da Matta, pelo portão do Pateo de
Santo Antonio.

No recinto do jogo ha logares reservados.

Era comum organizar equipas mistas (com jogadores de vários clubes) para enfrentar equipas de outras regiões.



Torna-se indispensável a criação de uma entidade, que dirija superiormente o *Foot-ball* em Coimbra. Braga, Beja e outras cidades menos importantes do que a nossa deram já uma prova de vontade fundando as suas associações. A Figueira da Foz, fundou também um Conselho Técnico de *Foot-ball*. O *foot-ball* em Coimbra, sem uma associação, nunca sairá deste definhamento, desta indisciplina em que está lançado.”

A época 1921-22 findou pouco tempo depois, com a terceira edição da Taça Agostinho Costa (ou Campeonato do Centro de Portugal) a ser a mais polémica e indisciplinada de todas. Apesar de muito concorrida, tendo contado com a participação de clubes como os Leões de Santarém ou o Sporting Clube de Espinho, a prova rapidamente entrou numa espiral de conflitualidade e indisciplina difíceis de debelar e quase permanente. Uma vez mais, a utilização de jogadores da região de Lisboa, para reforçar algumas das equipas participantes, fez “estalar o verniz” entre clubes e desencadear uma série de acontecimentos que pouco, ou nada, tinham a ver com os mais elementares valores da prática e da ética desportiva. O descontrolo foi de tal forma dramático que não foi possível apurar um campeão. *Este lamentável desfecho, aliado a uma conjuntura favorável que, entretanto, surgiu, seria determinante para a definitiva constituição de uma associação de futebol em Coimbra.*

Meses depois, a 9 de outubro de 1922, numa altura em que a nova época desportiva se iniciava, os dirigentes dos clubes de Coimbra e mais algumas

personalidades e *sportsmen* da cidade reuniram-se nas instalações do Sport Club Conimbricense. Na reunião foram discutidas as bases para a constituição definitiva de uma associação de futebol em Coimbra, como relatou a imprensa nos dias seguintes. Seguiram-se duas novas reuniões, uma no dia 10 e outra a 16 de outubro, com os clubes totalmente empenhados e convencidos que desta vez a fundação da associação seria uma realidade. Mário Machado, Alves Barata e Manuel Camões, dois dos mais energéticos propulsores desta criação, ficaram responsáveis pela elaboração do regulamento final da instituição, para o qual todos contribuiriam. Nesta altura acreditava-se que apenas em novembro seria possível concluir o processo. No entanto, graças ao empenho e dedicação dos clubes envolvidos (Associação Académica de Coimbra, União Futebol Coimbra Clube, Sport Clube Conimbricense e Sporting Clube Nacional), representados pelos respetivos delegados, foi possível antecipar esse objetivo.

A 19 de outubro foi nomeada a comissão de constituição da Associação de *Foot-ball* de Coimbra, composta por Rui Sarmiento, Tenente Ribeiro da Costa, Manuel Camões, *Aníbal da Costa e Manuel Duarte*. Nesta reunião decisiva foram ainda aprovados os estatutos, os regulamentos internos e a Taça Associação. Agora, quase oito anos depois da primeira tentativa de Manuel Machado, o sonho de uma associação de futebol distrital, em Coimbra, tornava-se uma realidade.

A 22 de outubro, com a eleição dos primeiros órgãos sociais, seria oficialmente fundada a Associa-

As condições dos campos dificultavam a qualidade do jogo e favoreciam, por vezes, o jogo agressivo.



ção de Futebol de Coimbra. Nesse ato solene, realizado na sala da direção da Associação Académica de Coimbra (que gentilmente a cedeu para o efeito) foi eleita a primeira direção, composta pelos seguintes membros:

Presidente, *Dr. Maximino Correia*
Vice-Presidente, *Dr. Carlos de Figueiredo*
Tesoureiro, *Tenente Alcino Rodrigues*
Secretario, *Dr. Mendes Vaz*
Vogais, *Tenente Silvestre Pestana e Alberto Mota*

A imprensa de Coimbra rejubilou com a sua constituição, em especial a *Gazeta de Coimbra*, que dias depois, a 28 de outubro, se congratulava com a fundação, oficial e em definitivo, da AF Coimbra. Este jornal, pelo seu papel decisivo na criação da nova associação, seria escolhido pela Direção da AF Coimbra para passar a publicar todas as deliberações e comunicados oficiais, tornando-se o seu principal meio de comunicação, divulgação e promoção.

Aliados com a imprensa, também os clubes e todo o meio desportivo da cidade, distrito e outras regiões saudaram, em uníssono, a criação deste novo organismo em Coimbra.

Sabia que... Na fundação da AF Coimbra estiveram somente quatro clubes: Académica, União, SC Conimbriense e Sporting Clube Nacional.

Numero 66

50 centavos

Sabado, 24 de Junho de 1922

SPORTING

SEMANARIO ILLUSTRADO - PELA RAÇA



FOOTBALL CLUB DO PORTO

De cima da direita: Álvaro, Val, Brito, Sáez, Filomeno, Sebastião

— GOMES e VIEIRA do FORTAL —

— GOMES, de Aguiar, Pêlo, J. Cardoso e Lino —

Em 1922 iniciou-se a primeira competição nacional de futebol, o Campeonato de Portugal.

Iria ter uma influência forte no futebol regional.

Entre uma crise política profunda, o futebol difunde-se a todo o País. Novos clubes e novas associações distritais. Coimbra organiza o seu futebol sob a alçada de uma (nova) instituição. São os primeiros anos de vida da AF Coimbra, em que surgem os primeiros grandes “domingos de *football*” na sociedade portuguesa.

Pri mei ros anos

1922 | 1930

O futebol popularizava-se, cada vez mais, em Coimbra e na Figueira da Foz.



Durante a década de 20, o futebol continuou a expandir-se e popularizar-se, num Portugal em profunda crise, que redundou no fim da I República e no início de uma ditadura militar, em 1926. Mas a instabilidade política, social e económica contrastou com a forte implementação e expansão do futebol. Surgiram os primeiros grandes ídolos, como “Pepe” (José Manuel Soares), Vítor Silva, Jorge Vieira ou Roquete, imortalizados na imprensa. As multidões enchiam os campos de futebol, que gradualmente se convertiam em estádios. Organizou-se a primeira competição de índole nacional: o Campeonato de Portugal. E estreou-se a Seleção Nacional (masculina), verdadeiro símbolo de identidade nacional, representação de uma nação (simbolicamente reproduzida por onze jogadores de futebol). As seleções regionais desempenharam o mesmo papel, mas à escala local, representando cidades e regiões, com os seus resultados a serem interpretados como exemplos do sucesso ou fracasso de uma região em termos futebolísticos e desportivos.

Brotaram também as primeiras rivalidades locais, regionais e nacionais (norte-sul). O futebol difundiu-se geográfica e socialmente, deixando os braços da elite (onde nasceu) para abraçar o povo (onde se popularizou). Novas associações distritais e novos clubes de futebol surgem por todo o País, a par de competições regionais e de uma prova nacional. E a pureza do amadorismo esbate-se paulatinamente, com os seus defensores a teimarem em subjugar e atrasar o processo de profissionalismo que muitos desejavam, sobretudo os jogadores.

Em Coimbra, a realidade foi semelhante à de outras regiões, mas com especificidades próprias, assumindo-se o distrito como a terceira região mais importante do futebol português, após Lisboa e Porto. No início dos anos 20 surgiu a Associação de Futebol, ambição antiga dos clubes locais e regionais. Problemas disciplinares e organizacionais crónicos precisavam de uma entidade de supervisão, que regulasse uma atividade (futebol) que crescia de época para época. AAF Coimbra nasceu, assim, para regulamentar a modalidade no distrito, nomeadamente ao nível da organização de competições, disciplina e arbitragem.

Nesta fase, no início dos anos 20, pela primeira vez, reconhece-se a realização de vários campeonatos regionais, a maioria oficiais (como Coimbra, a partir de 1922) e alguns oficiosos. Às provas regionais de Lisboa e Porto, as pioneiras, juntavam-se as competições de Braga, Coimbra, Faro, Funchal, Portalegre ou Évora. E em consequência disso, o Campeonato de Portugal, que começou (1922) com somente dois clubes a disputá-lo, rapidamente se alargou, reunindo seis clubes na sua segunda edição (1923), em representação de seis associações regionais (incluindo Coimbra), passando para os 29 clubes no final da década (1929-30).

No caso de Coimbra (distrito), o eixo geográfico do futebol regional seria repartido entre as cidades de Coimbra e a Figueira da Foz, ambas com uma marcante implementação da modalidade e com clubes de forte representação social. A vida da AFC, neste período, seria determinada, praticamente, por este

eixo geográfico (Coimbra-Figueira) e pela luta de poder entre ambas cidades, com Coimbra (cidade) a dominar. E no seio de cada cidade, uma outra luta surgiria, mais simbólica e representativa de (quase) uma luta de classes. Por um lado, os clubes elitistas, como a Associação Académica de Coimbra e o Ginásio Clube Figueirense, e por outro, os clubes mais populares, como o União de Coimbra e a Associação Naval 1º de Maio. Estas agremiações, salvo raras exceções, dominaram o panorama do futebol conimbricense, representando igualmente Coimbra na máxima prova nacional – um destes clubes, a Académica, seria presença regular (seis presenças em oito edições nos anos 20) no Campeonato de Portugal (chegando à final de 1923), seguido do União de Coimbra (quatro presenças). Mas a rivalidade Coimbra-Figueira não foi somente ao nível de clubes, alargando-se às respetivas seleções locais, com o clássico Coimbra-Figueira (entre seleções) a ganhar foros de autêntica luta pela hegemonia do futebol distrital – do seu misto surgiria, muitas vezes, uma verdadeira Seleção de Coimbra, que neste período jogaria regularmente com regiões como Braga, Aveiro, Porto, Lisboa ou Viseu. Mesmo a nível interno da AFC, a sua Delegação na Figueira da Foz acabaria por ser (por vezes) um contrapoder a Coimbra, denotando inúmeras faltas de solidariedade e harmonia institucional.

A nível interno, os anos 20 seriam de estruturação no seio da AFC, quer na sua capacidade organizativa e disciplinadora, quer na sua relação com a União Portuguesa de futebol (UPF) e as congéneres de outros distritos. A preocupação financeira, de sus-

tentabilidade da Associação, seria transversal a toda a década, assim como a necessidade de atualizar estatutos e regulamentos (de provas), e estabilizar Direções e órgãos colegiais no seu seio.

Apesar das dificuldades do pioneirismo da Associação, vários objetivos foram alcançados. AAFC consolidou equipas suas na disputa da mais importante prova nacional, o Campeonato de Portugal, e ganhou a confiança necessária do meio futebolístico português para a Federação agendar jogos de desempate dessa prova nos campos de futebol de Coimbra. Ínsua dos Bentos, Escola Agrícola, Santa Cruz, Arregaça e Arnado seriam campos de futebol que marcariam o imaginário futebolístico de Coimbra neste período, o mesmo sucedendo com a Murraceira ou a Mata, na Figueira da Foz. Nestes locais passariam grandes equipas portuguesas, as mais importantes, como SL Benfica, Sporting CP, FC Porto ou Casa Pia AC, assim como alguns *teams* estrangeiros, em especial espanhóis, pela proximidade geográfica com a Extremadura e Andaluzia – até exhibições de futebol feminino passaram por Coimbra, numa altura em que o papel da mulher continuava muito limitado por uma sociedade profundamente masculina (nas práticas desportivas) e conservadora. Os ídolos do futebol português, também eles, deambularam pelos campos de Coimbra, em representação dos principais clubes, imortalizados em capas de jornais e revistas ilustradas.

Claramente, entre 1922 e 1930, o processo histórico do futebol em Coimbra consolidou-se e popularizou-se – os domingos passaram a ser os “domingos de *football*”, como diria a imprensa da época.

Época 1922
23

Primeiras decisões e sucessos

Temporada de estreias. A Associação reúne a Direção pelas primeiras vezes e cria novos órgãos. Expande-se pelo distrito, toma as primeiras decisões, organiza o primeiro Campeonato distrital e acolhe “jogos grandes”. E o seu campeão chega à final da segunda edição do Campeonato de Portugal.

No dia 26 de outubro de 1922, apenas quatro dias volvidos após a constituição oficial, a Direção da AFC reúne pela primeira vez. Assumiu como sede provisória as instalações da Associação Académica de Coimbra, na Rua Larga – da comissão instaladora tinham feito parte elementos deste clube, como os estudantes Rui Sarmiento e Ribeiro da Costa, tendo como primeiro presidente Maximino Correia, que seria reitor da Universidade de Coimbra entre 1943 e 1960 (Santana & Mesquita, 2007, p. 36). Nessa primeira reunião decidiu-se enviar uma circular dirigida aos clubes e à imprensa onde eram apresentados publicamente os seus Estatutos.

Nesse documento afirmava-se que a Associação foi criada para regulamentar o futebol no distrito de Coimbra, nomeadamente ao nível das inscrições de clubes e jogadores, competições, disciplina, arbitragem, entre outros, encontrando-se a mesma em pleno funcionamento e totalmente disponível para prestar aos clubes todos os esclarecimentos que se julgarem necessários. Quem o desejasse, deveria então, e no cumprimento do disposto naquela circular, enviar uma carta dirigida à AFC para o endereço das instalações da Associação Académica de Coimbra, onde se situava a sede provisória da instituição – a imprensa de Coimbra e da Figueira da Foz fariam eco dessa circular nas edições de fins de outubro e inícios de novembro.

Para assegurar o seu normal funcionamento, a AFC começou em novembro a cobrar valores relativos às inscrições de clubes (e jogadores), assim como

de “sócios iniciadores” (clubes fundadores da associação). Foi aberto o livro “Caixa” (contabilístico) da instituição, que passou a registar os seus movimentos financeiros. As primeiras entradas de receitas seriam nos dias 24 (seis quotas de “sócio iniciador”, de 10\$00 cada) e 29 de novembro (“inscrição dos clubes” de 205\$50). A 4 de dezembro, outro momento simbólico, a “receita do 1º match”, no valor de 345\$60. Mas também surgem “despesas”, assinalando-se a 26 de dezembro o custo de 20\$00 com a “afixação de cartazes Portugal-Espanha” (publicidade relativa ao segundo jogo da Seleção Nacional, realizado contra Espanha, em Lisboa, a 17 de dezembro) – na época 1922-23, a maior receita seria do “11º match”, em 16 de maio, no valor de 1.765\$38 (não especificava quais as equipas envolvidas).

Durante o mês de dezembro de 1922, estando reunida a Direção da AFC no consultório do Dr. Carlos de Figueiredo, ilustre *sportsman* conimbricense, foi nomeado um Conselho Técnico da instituição, constituído pelo Dr. Mário Machado, o Tenente Alcino Rodrigues e o Tenente Amâncio Corado. Este Conselho tinha como primordial objetivo tomar decisões nas vertentes regulamentares, disciplinares, funcionais e /ou outras, em articulação com a Direção da Associação, devendo reger-se pela total neutralidade, plena isenção e correta aplicação da justiça sempre que os seus serviços fossem requisitados, como defendeu a *Gazeta de Coimbra* de 9 de dezembro:

“Da disciplina, da competência e da energia dos respetivos membros do Conselho Técnico só há

a esperar que todas as decisões sejam tomadas com imparcialidade, única garantia do bom funcionamento do mesmo organismo”.

Na mesma reunião deliberou-se, após consulta ao Conselho Técnico, reduzir o tempo de jogo das 3.^{as} categorias (camadas jovens) por considerar-se desajustado, e totalmente inconveniente, o tempo de 90 minutos para praticantes tão novos. Foi ainda decidido apoiar totalmente o encontro de angariação de fundos para a construção de um monumento aos Combatentes da Grande Guerra da cidade de Coimbra, iniciativa proposta pelo Tenente Campos Rega e prontamente acolhida pela Direção da Associação.

Por ser urgente, tentou encontrar-se uma plataforma de entendimento para que pudesse entrar rapidamente em funções uma extensão do Conselho Técnico na Figueira da Foz, que deveria, em termos práticos, funcionar como uma delegação da AF Coimbra naquela cidade. Esta Delegação integraria alguns dos elementos que haviam feito parte do antigo Conselho Superior Técnico de Football da Figueira. Fazia parte deste organismo uma Comissão Técnica encarregada, por exemplo, em tratar de questões relacionadas com a logística, disciplina e orgânica dos jogos ou organizar uma seleção local que integrasse elementos dos vários clubes inscritos e que representasse a Figueira em jogos inter-cidades. A existência de um Conselho Técnico e de uma Delegação da AF Coimbra na Figueira da Foz seriam determinantes para auxiliar a Direção da Associação nas (difíceis) tomadas de decisão que a nova agre-

miação teria em mãos ao longo da primeira época de existência.

As provas regionais, que estariam em disputa nas diferentes categorias, registaram no início alguns problemas organizacionais, com clubes a não comparecerem aos jogos ou a abandonarem o campo durante os jogos, alegando, por exemplo, estarem a ser prejudicados pela arbitragem. A existência da AF Coimbra e do Conselho Técnico contribuiu para dissuadir estes comportamentos e para punir os que persistiam nos mesmos, com uma derrota de 2-0 para o clube infrator. A homologação de resultados, a nomeação de árbitros e a aplicação semanal de sanções a clubes, jogadores e dirigentes foram outras das novidades introduzidas pela existência do Conselho Técnico. Rompia-se, desta forma, com o passado recente, onde estes tipos de decisões não eram julgados convenientemente, por ausência de um organismo superior e independente que tutelasse as competições.

Estreia do primeiro Campeonato distrital

A criação da Seleção Nacional em 1921 e do Campeonato de Portugal em 1922 abriu novos horizontes e expectativas ao futebol português, quer a nível nacional quer regional. A gradual criação de associações de futebol, como Coimbra e Braga, em 1922, permitia a organização de provas distritais de foro oficial, reconhecidas pela União Portuguesa de Football (UPF) – a UPF aprovou em definitivo a filiação da AFC no Congresso de 21 de abril de 1923, em que escreveu em ata:

Confraternização no final de um jogo na Figueira da Foz, com o árbitro no meio das equipas.



A União Portuguesa de Football reconhece definitivamente a filiação da AF Coimbra.

Ata nº 4, Congresso de 21 de abril de 1923.

In Livro de Actas do Congresso da F.P.F., Vol. 1 (19 de fevereiro de 1922 a 19 de setembro de 1926), p. 8.

Novos filiados - Por terem enviado a necessária documentação foram aprovadas as filiações definitivas das Associações de Foot-ball de Braga, Coimbra e Liga de Educação Física de Angra do Heroísmo. As Associações de Lourenço e de Algarve, por não terem ainda enviado a documentação completa, foram filiados provisoriamente.

Novos delegados - Foi dada posse aos delegados das novas Associações filiadas (Sr. M. P. de F., tendo o Sr. Presidente apresentado o seguinte discurso de felicitações, referendo-lhe o seu pontual e esforçado trabalho para a causa por que pugna a M. P. de F.

© Sr. - Sr. Manuel Nunes, um dos membros do Conselho da M. P. de F., propôs a nomeação dos Srs. Sr. Manuel Barbosa, Coimbra, Sr. João Gomes para acompanhar o Sr. Gomes no que se refere ao Conselho e o Sr. João Chaf para o de vice-secretário do Conselho Geral, sendo aprovada.

“Novos filiados – Por terem enviado a necessária documentação foram aprovadas as filiações definitivas das Associações de Foot-ball de Braga, Coimbra e Liga de Educação Física de Angra do Heroísmo.”

Nesta fase, pela primeira vez, reconhece-se a realização de oito campeonatos regionais (sete oficiais: Braga, Coimbra, Faro, Funchal, Lisboa, Portalegre e

Porto; e um oficioso: Évora). E em consequência disso, o Campeonato de Portugal, na sua segunda edição, alarga-se, reunindo esta época seis equipas em representação de seis associações regionais.

No caso de Coimbra, que foi uma das associações que se estreou no Campeonato de Portugal, contou esta temporada com o seu primeiro (oficial) campeonato distrital (cujo campeão era apurado para a prova nacional). Por ser a estreia de uma competi-

ção sob a égide da AF Coimbra, a expectativa era muita e muitos clubes mostraram vontade em participar na categoria principal (1.^{as} categorias), como a Associação Académica de Coimbra, União de Coimbra, Moderno FC, Aviz, SC Conimbricense, Nacional, Esperança, Vitória, Onze Branco e Conimbricenses.

Mas, por questões logísticas e operacionais, a prova foi dividida em duas séries: “O Campeonato de Coimbra” e o “Campeonato da Figueira”, apurando, cada um deles, um representante para a final regional. Em Coimbra acabaram efetivamente por inscrever-se quatro clubes: Académica, Moderno FC, SC Conimbricense e União de Coimbra. Os jogos disputavam-se no novo Campo de Santa Cruz (da Académica de Coimbra), inaugurado no ano transato.

Dois clubes, o SC Conimbricense e o Moderno FC (suspensão no decorrer da prova por questões disciplinares), partiam em grande desvantagem por terem plantéis mais fracos que os outros dois rivais. E os resultados que se seguiriam comprovaram esse receio, sendo ambos *teams* eliminados. Assim, a grande disputa por um lugar na final (da série de Coimbra) seria entre a Académica e o União, com este último a ser apontado como favorito por ter batido a Briosa em janeiro de 1923, por 2-1. Porém, quatro meses depois, no jogo decisivo de apuramento para a final do Campeonato de Coimbra, os “estudantes” venceram por 5-1.

Na Figueira da Foz, por seu turno, a série local seria disputada pela Associação Naval 1º de Maio, Ginásio Clube Figueirense, Sporting Clube Figueirense e pelo Buarcos. Os jogos tiveram lugar no novís-

simo Campo da Santa Casa da Misericórdia (vulgarmente conhecido como Campo da Mata ou Campo da Mata da Misericórdia), inaugurado em novembro de 1922, pouco antes de a prova começar – este recinto seria muito solicitado nos anos seguintes, entrando em declínio o tradicional campo da Murraceira. Nesta série, o acesso à final também seria discutido por dois clubes históricos e rivais, a Naval e Ginásio, vencendo a Naval, que assim se tornou “Campeão da Figueira”, como referiu a imprensa.

Apurados os finalistas de Coimbra e da Figueira da Foz, o encontro decisivo do Campeonato de Coimbra viria a disputar-se, não em campo neutro, como pretendiam os figueirenses, mas na “casa” de um dos finalistas, no Campo de Santa Cruz, da Académica. A equipa caseira venceu a Naval por 3-1, conquistando a primeira edição do Campeonato Distrital da AF Coimbra.

Campeão do Centro, a surpresa

Definido o título distrital, o representante de Coimbra, na qualidade de “Campeão do Centro de Portugal”, ficou diretamente apurado para a disputa da segunda edição do Campeonato de Portugal. Seria disputado por mais quatro vencedores regionais (Algarve, Braga, Coimbra e Marítimo), além de Lisboa e do Porto (que tinham estado na primeira edição). Assim, o novo formato mais alargado reuniu Sporting CP (Lisboa), FC Porto (Porto), Lusitano de Vila Real de Santo António (Algarve), Marítimo

(Madeira), Sporting de Braga (Braga) e Associação Académica de Coimbra (Coimbra). E seria mesmo Coimbra a grande surpresa.

A primeira eliminatória do Campeonato de Portugal foi disputada entre os campeões das duas mais recentes associações de futebol: Braga e Coimbra. Num jogo realizado no Porto, a Académica bateu o Sporting Clube de Braga por 2-1. A seguir, na segunda eliminatória, os campeões de Coimbra deslocaram-se a Lisboa para defrontar o Lusitano de Vila Real de Santo António, campeão do Algarve. E no campo do Sporting CP, os academistas conquistaram uma brilhante vitória por 3-2 que lhes garantiu a passagem às meias-finais da prova, onde os aguardava, novamente em Lisboa, o SC Marítimo, representante da Madeira.

A outra meia-final enfrentava os dois grandes candidatos ao título: o FC Porto e o Sporting CP, os campeões do Porto e de Lisboa, respetivamente. Este encontro, para regozijo local, seria agendado para Coimbra, no Campo dos Bentos, gerando imenso entusiasmo na região, sendo visto como uma conquista da AF Coimbra, que conseguiu trazer para a cidade a disputa de uma meia-final do Campeonato de Portugal e logo entre os campeões de Lisboa e Porto. A 17 de junho de 1923, data da meia-final, Coimbra assistiu a uma enchente nunca vista até então num evento desportivo, como descreveu a *Gazeta de Coimbra* de dia 19:

“Perante uma assistência superior a 18 mil pessoas realizou-se no domingo a meia-final do Cam-

peonato de Portugal e que punha frente a frente os excelentes grupos do Sporting Clube de Portugal e do Futebol Clube do Porto.

De Lisboa, Porto e mais terras do país vieram a esta cidade milhares de pessoas. O Campo dos Bentos duas horas antes do *match* já se encontrava repleto.”

Sob o olhar atento da multidão, que segundo a imprensa se comportou “correctissimamente”, o Sporting CP venceria o FC Porto (campeão em título) por três golos sem resposta, garantindo o desejado lugar na grande final. Na outra meia-final, disputada em Lisboa, o favorito era o Marítimo, que tinha ganho recentemente ao FC Porto e Boavista, empatando com o SL Benfica. Mas a Académica surpreendeu e venceu por 2-1, conquistando o direito de discutir com o Sporting CP o título de campeão de Portugal dessa época. Após a extraordinária vitória, os jogadores da Académica foram recebidos de forma efusiva em Coimbra, com foguetes, palmas e “vivas”, num clima de grande festa, júbilo e confraternização, a que se associou a AF Coimbra através de mensagens de congratulação e a presença de dirigentes nos festejos. O feito da Académica era notável, pois, contrariamente ao Sporting CP que apenas entrou em competição nas meias-finais, a Briosa teve de realizar três jogos e um prolongamento (frente ao Lusitano VRSA), num espaço de 14 dias, para conseguir chegar à final.

Para o momento mais aguardado, a segunda final do Campeonato de Portugal, a cidade escolhida seria Faro. O Sporting CP era o claro favorito, possuindo

uma equipa veloz e temível no ataque, em que pontuavam o veterano Francisco Stromp ou João Francisco. A Académica contava com as suas figuras, como o guarda-redes João Ferreira (herói da meia-final, com 15 defesas), e os médios Galante e Esquível. A 24 de junho disputou-se a tão aguardada final do Campeonato de Portugal, com cerca de quatro mil pessoas nas bancadas, em que o Sporting fez jus

Sabia que... O representante da AF Coimbra (Académica) chegou a Faro somente seis horas antes da final do Campeonato de Portugal, depois de uma longa, mas animada, viagem de comboio de cerca de 16 horas.

ao seu favoritismo e bateu a Académica por 3-0. Entre os apoiantes dos “estudantes” estavam elementos da AF Coimbra, que acompanharam a equipa em representação da associação. Era o corolário a um trajeto vitorioso, até à final, do seu representante na mais importante competição de futebol em Portugal. A AF Coimbra tinha organizado, pela primeira vez, um Campeonato distrital de cariz oficial, apurando

um campeão distrital, que chegou à final do Campeonato de Portugal. Um feito que mereceu elogios no seio da AF Coimbra e que não se repetiu na disputa desta prova, que viria a terminar em 1938, no âmbito da reformulação competitiva levada a cabo pela FPF.

Cronologia

1922
23

1922

Outubro

Fundação da AF Coimbra.

Novembro

Abertura do livro "Caixa" da AF Coimbra, com contabilização de receitas e despesas.

Inscrição de clubes rende 205\$50.

Dezembro

Organização do "1º match" sob a égide da AF Coimbra, com receita de 345\$60.

Inscrição da Delegação da Figueira da Foz, representativa dos clubes locais, na AF Coimbra.

1923

Janeiro Início dos treinos da Seleção de Coimbra, com apoio de 58\$50 aos jogadores.

Fevereiro Registo das primeiras despesas com “pessoal” (funcionários) da AF Coimbra.

Março Compra de material desportivo pela AF Coimbra à casa A. Vilar. Uma bola custava 83\$50.

Abril Disputa do Campeonato Distrital de Coimbra (1.^{as} categorias), com vitória final da Associação Académica de Coimbra.

Junho Trajeto vitorioso até à final do representante de Coimbra no Campeonato de Portugal, a Associação Académica.

Final do Campeonato de Portugal, com a Académica (Campeão do Centro) a perder contra o Sporting CP (Campeão de Lisboa).

A AF Coimbra manda confeccionar a sua primeira bandeira oficial (custou 85\$90).

O Campo dos Bentos, em Coimbra, sofre obras de melhoramento, com o objetivo de receber mais “jogos grandes”. Tinha acolhido a meia-final do Campeonato de Portugal, entre FC Porto e Sporting CP.

Competições

1922
23

PROVA	CAMPEÃO
Campeonato Distrital - 1. ^{as} categorias	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital - 2. ^{as} categorias	Não se apurou campeão
Campeonato Distrital - 3. ^{as} categorias	Onze Brancos FC
Campeonato Distrital - 4. ^{as} categorias	Não se apurou campeão
Campeonato de Coimbra - 1. ^{as} categorias (série local)	Associação Académica de Coimbra
Campeonato da Figueira da Foz - 1. ^{as} categorias (série local)	Associação Naval 1º de Maio

A Académica começou a usar o Campo de Santa Cruz nos anos 20.



Época 1923
24

Benfica e futebol feminino francês equilibram contas

Ao final do primeiro ano de existência, a AF Coimbra tinha-se imposto no futebol distrital. Grandes clubes passam por Coimbra, que acolhe exibições futebolísticas de futebol feminino. Nasce a Seleção de Coimbra. E o binómio Coimbra-Figueira estreita-se, mas nem sempre de forma conciliadora.

Em finais de junho de 1923, a AF Coimbra fazia o balanço da sua primeira época desportiva, iniciada em outubro do ano anterior, com a fundação da instituição. Em termos financeiros, apresentava um défice de cerca de 300\$00 escudos, derivado das múltiplas despesas de funcionamento e investimentos. Por isso, em julho, com o intuito de equilibrar as contas antes do início oficial da temporada seguinte, a AF Coimbra aproveitou alguns desafios particulares (que incentivou) para tentar reverter a situação, através das receitas de bilheteira (cativando uma parte das mesmas).

No final de julho de 1923, em pleno período de interrupção dos campeonatos, a Associação Académica de Coimbra convidou o SL Benfica, um dos mais populares clubes do País, para a disputa de um jogo amigável no Campo de Santa Cruz. A AF Coimbra, a quem competia conceder autorizações para a realização deste tipo de jogos, aproveitou a visita dos lisboetas – que integravam alguns dos mais notáveis futebolistas nacionais, como Francisco Vieira, Fernando Jesus ou Vítor Gonçalves –, para propor a realização de um jogo com uma Seleção de Coimbra, constituída por jogadores (1.^{as} categorias) dos quatro principais clubes da cidade (Académica, Moderno FC, SC Conimbricense e União de Coimbra) – outra Seleção de Coimbra, com jogadores das 2.^{as} e 3.^{as} categorias, deslocou-se a 22 de julho, a Formoselha (Montemor-o-Velho), onde bateu o Carapinheira por 10-1.

O popular SL Benfica aceitou o desafio da AF Coimbra e prolongou a estadia por mais um dia do que o inicialmente previsto, para poder disputar a

segunda contenda. Os “vermelhos” (como eram conhecidos então) venceram a Académica por 4-0, a 21 de julho, e, no dia seguinte, bateram a Seleção de Coimbra por 5-2. Neste primeiro jogo da Seleção destacaram-se Gil e Chico Correia (pelos golos) e Pais, Nito e Ribeiro da Costa por terem sido os elementos que melhor se exibiram contra o forte emblema da capital, como destacou a *Gazeta de Coimbra* de 26 de julho.

Tão importante quanto o desafio para os jogadores, terá sido a receita para os cofres da AF Coimbra, que se cifrou nuns animadores 426\$59 escudos – a que juntou em julho a cobrança de cotas, mais 380\$00.

Mesmo após este encaixe financeiro, que equilibrou as contas, o Conselho Técnico da AF Coimbra reuniu no início de agosto e decidiu que “em consequência dos pesados encargos” que a mesma tinha, a partir daquela data apenas concedia autorização para a cedência do Campo dos Bentos (um dos principais recintos de futebol da cidade) mediante o pagamento à mesma Associação de um mínimo de 5 por cento do montante resultante das receitas dos jogos, como divulgou a *Gazeta de Coimbra* de 9 de agosto.

Seria precisamente isso que aconteceria a 4 de outubro de 1923, altura em que duas equipas francesas de futebol feminino, que fizeram uma digressão pelas principais cidades portuguesas (Lisboa e Porto), disputaram também em Coimbra um desafio no Campo da Ínsua dos Bentos. Esse simbólico jogo (entre jogadoras de futebol, o que constituía uma novidade no contexto português), que opunha as campeãs francesas de futebol feminino, o *Femina*

Sport, e um *team* misto composto por jogadoras provenientes de vários clubes de Paris, despertaria, como não poderia deixar de ser, uma enorme expectativa não só no meio desportivo local, como em toda a comunidade, como referiu a *Gazeta de Coimbra* de 9 de outubro:

“Com invulgar concorrência realizou-se na última quinta-feira, nesta cidade, o anunciado desafio de *football* entre dois *teams* femininos franceses, no campo dos Bentos, resultando o empate de 1-1”.

Para além do reconhecimento de Coimbra como cidade onde era possível realizar uma exibição futebolística com equipas femininas, o encontro permitiu também à AF Coimbra ficar com uma percentagem da receita, encaixando 866\$00 para os seus cofres. Desta forma, era com maior desafio financeiro que a Associação encarava o regresso às competições oficiais (e todas as despesas inerentes) da nova época 1923-24.

Litígios

A nova época desportiva começou com um grave problema por resolver por parte da AF Coimbra: o levantamento, ou não, de uma suspensão de um ano, em jogos oficiais, aplicado por aquele organismo ao Ginásio Clube Figueirense. O início do conflito remontaria aos acontecimentos ocorridos a 8 de julho

de 1923, dia marcado para a final do Bronze Humberto Mendes, que haveria de disputar-se entre as 1.^{as} categorias da Associação Naval 1º de Maio e o Sporting Clube Figueirense, no Campo da Mata, na Figueira da Foz. Apenas se apresentou em campo a Naval, facto que terá levado os membros da Delegação da Figueira da AF Coimbra a reunirem de emergência e a declararem, à luz dos regulamentos, aquele clube como legítimo vencedor do Bronze Humberto Mendes, como esclareceu *A Voz da Justiça* de 10 de julho.

Mas esta resolução levantaria uma grande polémica entre os clubes da Figueira da Foz e a Delegação da AF Coimbra. Os delegados de todos os clubes, à exceção da Naval, não aceitaram a decisão por considerarem ilegal o funcionamento daquela Delegação e por não lhe reconhecerem autoridade para deliberar sobre uma competição que havia sido criada, e desde sempre era organizada, pelo Ginásio Clube Figueirense. Nascia, assim, um conflito não só entre a maior parte dos clubes da Figueira da Foz e a Delegação da AF Coimbra, mas também, e mais grave ainda, entre os dois principais rivais da cidade, a Naval (que pretendia ser reconhecido como vencedor do troféu) e o Ginásio Clube Figueirense (que, na qualidade de promotor do torneio, não reconhecia a Naval como legítimo vencedor).

A Direção da AF Coimbra, reunida pouco depois em Coimbra, decidiu abrir um inquérito, de forma a encontrar uma solução para o conflito. Deliberou-se, em primeira instância, ouvir os dirigentes do Ginásio Clube Figueirense e pedir à Delegação da AF

Coimbra na Figueira o livro de registos da mesma, procedimento descrito pela *Gazeta de Coimbra* de 9 de agosto de 1923.

Apurados os factos, o Conselho Técnico e a Direção da AF Coimbra decidiram anular o encontro que despoletou a polémica e agendar nova final do Bronze Humberto Mendes. Contrariamente àquilo que seriam as expectativas dos dirigentes da Associação, que acreditavam ser uma solução conciliadora, o Ginásio Clube Figueirense não aceitou a decisão e negou-se a ceder o Campo da Mata para a realização do jogo de repetição – o Ginásio não concordava com a forma como a AF Coimbra estava a deliberar sobre um torneio originalmente instituído pelo clube.

Esta situação de revelia do clube obrigou a AF Coimbra, por uma questão disciplinar e de afirmação da hierarquia desportiva, a suspender o Ginásio Clube Figueirense de todas as competições oficiais, por um ano. E o jogo de repetição da final do Bronze Humberto Gomes seria transferido para Coimbra, por decisão da AF Coimbra, realizando-se a 4 de novembro de 1923, perante numerosa assistência, com vitória da Naval por 3-2.

Apesar da atribuição de um vencedor oficial da prova, o litígio apenas ficou sanado na segunda metade da época desportiva, mais precisamente no início de 1924. Em janeiro, de uma forma gradual, mas contínua, os clubes da Figueira da Foz começaram a inscrever-se na AF Coimbra e a aceitarem a sua supervisão nas provas e competições. Alguns dos clubes históricos da Figueira, como o Ginásio Clube

Figueirense, o Sporting Clube Figueirense, a Naval 1º de Maio, o Triângulo Verde ou o SC Operário, filiam-se na AF Coimbra, nas diferentes categorias. No entanto, e com o intuito de salvaguardar os interesses dos clubes figueirenses, constitui-se uma Comissão Administrativa e Dirigente de Football da Figueira da Foz, que passava a desempenhar funções reguladoras nas competições locais, na qualidade de extensão da AF Coimbra.

No mês seguinte, em fevereiro, e depois de se ter chegado a uma plataforma de entendimento entre a Naval 1º de Maio e o Ginásio Clube Figueirense, a AF Coimbra decidiu levantar o castigo ao segundo, de forma a permitir a sua presença no Campeonato distrital. O *Sport*, jornal recentemente criado em Coimbra, aplaudiria esta decisão na edição de 17 de fevereiro:

“...com a entrada do Ginásio CF na disputa do Campeonato Distrital, que a AFC não poderá deixar de consentir (depois de levantar a suspensão), lucrará o *sport* de todo o Distrito de Coimbra.”

O Ginásio Clube Figueirense participaria efetivamente no Campeonato da Figueira, que apuraria o campeão figueirense para a final distrital dessa época. Mas acabou por desistir das provas, em todas as categorias, por alegadamente reiterar que os seus jogadores eram constantemente vítimas de agressões, entradas violentas e más decisões arbitrais.

Em 1923-24, o amplo espaço de Ínsua dos Bentos acolhe um dos principais campos de futebol em Coimbra.



Seleção de Coimbra de 1923.



O representante da Figueira na final do Campeonato distrital seria o Sporting Figueirense, que enfrentou o representante de Coimbra, a Académica, que se impôs (3-0) novamente, tal como tinha feito no ano anterior, sagrando-se bicampeã de Coimbra. Assim, a Briosa apurou-se, pela segunda vez, para o Campeonato de Portugal, em representação de Coimbra. Mas ao contrário da edição anterior, em que chegou à final, desta vez a Briosa não passou da primeira eliminatória, batida pelo FC Porto, por 3-2, no Campo da Constituição, a 18 de maio de 1924.

Seleções de Coimbra e Figueira

Em julho de 1923 tinha sido constituída uma seleção de jogadores, dos clubes de Coimbra, para jogarem um amigável contra o SL Benfica. Esta situação não era nova, após o pioneirismo de Lisboa e Porto (e do seu jogo anual inter-seleções regionais). Era bastante comum fazerem-se seleções locais ou regionais sempre que uma equipa mais forte visitava determinada localidade. Para além da receção ao SL Benfica, assistimos nesta época a outros casos semelhantes, como a constituição de uma seleção da Figueira da Foz para defrontar o poderoso Casa Pia AC, de Lisboa, em dezembro de 1923, no Campo da Mata.

Nesta época, a novidade seria, isso sim, a tentativa da AF Coimbra em criar pela primeira vez uma seleção de âmbito distrital que viesse a integrar os melhores jogadores dos clubes inscritos na Associação. Esta intenção foi bem acolhida pela generalidade

dos emblemas, tendo-se resolvido, para facilitar a escolha final, que se criassem inicialmente duas seleções locais, uma em Coimbra e outra na Figueira da Foz, como sublinhou o jornal *Sport* de 17 de fevereiro:

“Há muito tempo que os *sportsmen* das duas cidades esperavam este *match* para se poder avaliar do poder das duas *equipes* e a A.F.C. marcou este encontro para escolher a seleção que deve bater-se com a seleção de Braga. A ansiedade pelo desafio é enorme. Ficará a Figueira com representação na seleção da A.F.C.? Ainda não sabemos. Isso depende do jogo desenvolvido pelos homens da sua *equipe*, que deve ser admirável para poder impor-se aos critérios dos selecionadores”.

O aguardado primeiro Coimbra-Figueira teria lugar a 17 de fevereiro de 1924, no Campo dos Bentos, em Coimbra, perante numerosa assistência. Antes do jogo, houve a habitual troca de ramos de flores entre dirigentes, com a presença do presidente da AF Coimbra, Dr. Carlos Figueiredo, e de galhardetes entre os capitães de Coimbra e da Figueira, respetivamente Ribeiro da Costa e Bordalo. Apesar da rivalidade, o desportivismo imperou igualmente em campo e na assistência, com a vitória a sorrir aos conimbricenses por 3-1. Uma semana depois, no dia 24, na Figueira da Foz, novo encontro entre as duas seleções, numa partida marcada por alguns desentendimentos entre jogadores e público, mas em que o resultado se repetiu, triunfando Coimbra por 3-1.

Primeiro Coimbra-Braga

Em meados de março de 1924, novo momento histórico. Disputava-se, a duas mãos, o primeiro Coimbra-Braga entre seleções distritais, o que representava a estreia oficial da seleção da AF Coimbra num encontro fora do distrito. O primeiro jogo teria lugar em Braga, para onde os jogadores conimbricenses seguiram de comboio – por coincidência, embarcaram no mesmo comboio (até ao Porto) que transportava a seleção de Lisboa que ia realizar na Cidade Invicta mais um encontro Porto-Lisboa em futebol. Segundo a imprensa, os jogadores de Coimbra e de Lisboa confraternizaram entre si e a viagem “decorreu animadamente, trocando-se impressões acerca dos resultados prováveis que as duas seleções iam jogar”, como sublinhou o *Sport* de 30 de março.

A seleção de Coimbra venceria a congénere de Braga por 2-1, tendo alinhado neste primeiro desafio o seguinte onze (no esquema tático clássico 2-3-5):

Nito (guarda-redes, U.F.C.C.); R. Costa (back direito, A.A.C.) e Neto (back esquerdo, S.C.C.); Miguel (half direito, A.A.C.), Esquível (half centro, A.A.C.) e Galante (half esquerdo, A.A.C.); Pais (ponta direita, A.A.C.), Juvenal (meia direita, A.A.C.), Matos (centro, S.N.), F. Correia (meia esquerda, U.F.C.C) e Picado (ponta esquerda, U.F.C.C.).

Em termos de representatividade de clubes e localidades, a Académica contou com seis jogadores, o União com três, SC Conimbricense e Sporting Nacio-

nal com um cada. Como se pode verificar, e apesar da realização do I Coimbra-Figueira com o objetivo (pretexto) de se encontrar uma seleção distrital representativa da AF Coimbra para o jogo com Braga, efetivamente, apenas os jogadores dos clubes de Coimbra acabaram por disputar este encontro histórico. Vários motivos parecem ter contribuído para esta ausência de jogadores da Figueira, tais como: a rivalidade entre Coimbra e a Figueira; a difícil relação entre a AF Coimbra e alguns clubes figueirenses; ou o facto do campeonato local se encontrar na fase decisiva e envolto em polémicas sucessivas, com faltas de comparência, repetições de jogos, irregularidades constantes e abandonos de equipas, que motivavam contínuas intervenções, castigos e penalizações por parte da AF Coimbra.

Dias depois, a 30 de março, disputou-se o II Coimbra-Braga, em Coimbra, num Campo de Santa Cruz lotado (mais de 13 mil pessoas), tendo resultado em nova vitória da seleção de Coimbra, desta vez por 4-2. A AF Coimbra, que já havia recebido condignamente no Café de Santa Cruz a sua seleção aquando do jogo em Braga, ofereceu neste segundo encontro um jantar às duas comitivas.

Sabia que... A Seleção de Coimbra equipava de camisola vermelha (com o escudo da cidade em fundo branco) e calção azul.

"MICARÊME" INFANTIL



As crianças participam, com interesse, das actividades da "Micareme" infantil, realizada no salão da casa da escola, em 23 de março de 1924.

(Miguel Balsemão)

O FOOT-BALL NA PROVINCIA

No dia 23 de março houve um jogo de futebol, no campo de futebol, em Braga, a equipa de 1.º Braga Coimbra, sendo vencida por 2-1 a equipa de Coimbra.



Os jogadores da equipa de Braga Coimbra, vencedores do jogo.



Os jogadores da equipa de Coimbra.

Em inícios de abril de 1924, a imprensa destacou o primeiro jogo entre seleções de Braga e Coimbra, realizado a 23 de março.

Cronologia

1923
24

116

1923

Outubro

A *Gazeta de Coimbra* fez um balanço exaustivo do 1º aniversário da AF Coimbra, a 27 de outubro.

Novembro

O Ginásio Clube Figueirense foi suspenso por uma época das provas organizadas pela AFC, em consequência de um conflito na disputa do Bronze Humberto Mendes.

Foi nomeado membro do Conselho Técnico da AFC o oficial do exército e ilustre *sportsman* coimbrão, Dr. David dos Santos.

1924

Janeiro

Foi criada a Comissão Administrativa de Football da Figueira da Foz, delegação da AF Coimbra.

Início da disputa dos campeonatos de Coimbra, nas várias categorias.

1924

Fevereiro

Disputa do I e II Coimbra-Figueira, ambos com vitória da seleção de Coimbra por 3-1. Foi levantada a suspensão ao Ginásio Clube Figueirense por parte da AF Coimbra.

Março

Início dos campeonatos da Figueira, nas várias categorias.

Disputa do I e II Coimbra-Braga, primeiros jogos oficiais realizados por uma seleção representativa da AF Coimbra com uma congénere de outro distrito. Coimbra vence por 2-1 em Braga e por 4-2 em "casa".

O Ginásio Clube Figueirense desiste dos campeonatos da Figueira.

Abril

Em 1.^{as} categorias, o Sporting Clube Figueirense é declarado vencedor do Campeonato da Figueira, conquistando o direito em disputar a final distrital. A Naval 1º de Maio é vice-campeã.

A Académica conquista o título de campeão de Coimbra.

Maio

A Académica de Coimbra bateu o Sporting Clube Figueirense por 3-0 na final do Campeonato Distrital, garantindo a presença no Campeonato de Portugal como representante da AF Coimbra. O pontapé de saída do jogo foi dado por Cosme Damião, figura histórica do SL Benfica.

Junho

A Académica foi eliminada na primeira eliminatória do Campeonato de Portugal, batida pelo FC Porto por 3-2.

Competições

1923
24

PROVA	CAMPEÃO
Campeonato Distrital - 1. ^{as} categorias	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital - 2. ^{as} categorias	Sporting Nacional
Campeonato Distrital - 3. ^{as} categorias	Santa Clara Futebol Clube
Campeonato Distrital - 4. ^{as} categorias	Não se apurou campeão
Campeonato de Coimbra - 4. ^{as} categorias (série local)	Associação Académica de Coimbra
Campeonato da Figueira da Foz - 1. ^{as} categorias (série local)	Sporting Clube Figueirense

SPORTING

SEMANARIO ILLUSTRADO - PELA RAÇA

FOOT-BALL FEMININO



Coimbra acolheu uma exibição de futebol feminino de duas equipas francesas.

Uma partida de futebol feminino jogada em Coimbra. De dois lados da França foram enviadas as melhores jogadoras.

Época

1924
25

Águias, gansos e espanhóis vão a banhos

Ano de tentativa de mudanças no campeonato distrital, com cisões entre a AFC e clubes. Coimbra e Braga aproximam-se através das seleções, que representam toda uma região. Continuam as digressões de clubes pelo distrito, vindos de Lisboa e Espanha, à procura (muitas vezes) dos banhos da Figueira.

Entre 1924 e 1925, o futebol português continuou o seu processo de institucionalização, surgindo mais associações e campeonatos distritais. De Ponta Delgada (Açores), Santarém, Viana do Castelo a Vila Real, passando por Lourenço Marques ou Luanda (no contexto do Portugal colonial), o futebol expande-se e organiza-se oficialmente, sob a supervisão da União Portuguesa de Futebol (UPF). E em 1924, um campeão regional (da denominada “província”), representante do Algarve (SC Olhanense), vence os crónicos campeões de Lisboa e Porto, numa afirmação dos clubes e regiões “pequenas” sobre os dois “grandes” meios urbanos, detentores de melhores campos, clubes e jogadores.

Coimbra, por seu lado, continuou no caminho da popularização do futebol e da estruturação a nível associativo e clubístico. Começaram-se a fazer, por exemplo, as primeiras fichas individuais de caracterização física dos futebolistas, onde constavam informações como a “Constituição” física do jogador (“boa”, “forte” ou “fraca”, por exemplo), o seu “Temperamento” (“não é nervoso”, “nervoso”, por exemplo) e um pequeno conjunto de dados descritivos, como peso, altura, capacidade respiratória, envergadura, perímetro abdominal. Em geral, pela carestia de vida, surgiam muitos futebolistas (nesta altura somente do sexo masculino) de “constituição fraca”, não ultrapassando os 50 quilos e com pouco mais de 1,60 metros de altura.

Durante o período de transição entre épocas, em agosto, na zona balnear da Figueira da Foz organi-

zava-se o popular “Grande Festival Desportivo”, dedicado à colónia espanhola, que incluía um “«Match» de «Foot-ball» para disputa da Taça Luisina sob a presidência da graciosa senhorita Luisa Ximenes”, como descreveu a imprensa da época, envolvendo uma equipa formada por espanhóis e outra de jogadores locais.

Neste período de defeso, os clubes e a própria AF Coimbra aproveitavam para renovar os materiais desportivos, em especial equipamentos e bolas. Um dos principais fornecedores era de fora do distrito, a casa Severino Freire, Lda, em Lisboa, que na sua publicidade (na imprensa) se caracterizava como “fornecedor dos principais clubes de Lisboa e províncias” e “a casa que vende mais barato todos os artigos de Sport” – em termos de artigos de “foot-ball” (“Tabela de Preços” da loja), uma bola custava entre 40\$00 (“Bola de vitela nº 4”) e 75\$00 (“Bola Amarela-Nacional”); as “botas” (sapatilhas) variavam entre os 60\$00 (“botas de vitela”) e os 90\$00 (“Botas cromadas pretas”); e as camisolas de “algodão” variavam entre 22\$00 e 25\$00 e as “luvas para keeper” entre 50\$00 e 60\$00.

Coimbra-Figueira, o velho conflito

No início de novembro de 1924, a AF Coimbra enviou uma carta a todos os seus associados onde informava que as inscrições para o próximo campeonato distrital de futebol (em 1.^{as} categorias) se encontravam abertas até ao dia 13 daquele mês e que o

sorteio da prova iria realizar-se no dia seguinte, 14 de novembro, na sede da AFC, em Coimbra. Mas no dia 18 de novembro, poucos dias depois do sorteio, os cinco clubes da Figueira da Foz que se inscreveram na prova (Associação dos Caixeiros, Associação Naval 1º de Maio, Ginásio Clube Figueirense, Sport Cube Operário e Sporting Clube Figueirense) apresentaram uma desistência em bloco do Campeonato Distrital organizado pela AFC.

O motivo que deu origem a esta decisão polémica foi a intenção demonstrada pela AFC em realizar em Coimbra um Campeonato Distrital, disputado por todos os clubes inscritos, no sistema *poule* (todos contra todos) a uma só volta, acabando desta forma com a disputa dos campeonatos locais de Coimbra e da Figueira da Foz (deixava de haver um campeão em cada cidade, com uma final entre ambos). O objetivo primordial da AFC era o de aumentar a competitividade dos clubes filiados (daí o formato *poule*) e, conseqüentemente, em virtude do acréscimo de jogos oficiais, melhorar a qualidade média de todos os agentes desportivos envolvidos (jogadores, diretores e árbitros), assim como as receitas.

Esta mudança de modelo competitivo e a imposição de todos os jogos da competição serem disputados em Coimbra (cidade), foram consideradas de imediato, pelos clubes figueirenses, como “desprimorosa” para com a Figueira da Foz. Na verdade, e na perspectiva dos clubes, esta resolução significaria a ruína financeira para a maioria dos emblemas da Figueira da Foz (devido aos elevados custos com deslocações sucessivas de comboio) e seria extrema-

mente lesiva para a Santa Casa da Misericórdia da Figueira da Foz, proprietária do melhor recinto da cidade, o Campo da Mata. Para além disso, privaria os adeptos da Figueira, que não tivessem condições socioeconómicas para se deslocarem a Coimbra, de assistir aos jogos dos seus clubes favoritos.

Sensível às pretensões e aos argumentos apresentados pelos clubes da Figueira da Foz, a Direção da AFC acabaria por voltar atrás na decisão. Nos primeiros dias de janeiro de 1925, enviou cartas a todos os intervenientes para terminar o conflito entre as partes e garantir o desejado “estritamento dos laços *sportivos* entre as duas cidades” e a própria AFC, como relatou a imprensa. A AFC tomou esta decisão, igualmente, por considerar que o campeonato regional, independentemente do modelo competitivo adotado, deveria ser o mais representativo possível, pois seria a partir deste que se encontraria o representante da própria Associação de Futebol no Campeonato de Portugal. Nesse sentido, não faria qualquer sentido apenas incluir clubes de Coimbra (cidade) nessa disputa, muito menos, quando na Figueira da Foz existiam cinco clubes inscritos em primeiras categorias.

A AFC decidiu então, e a exemplo das épocas anteriores, que primeiro fossem disputados os campeonatos locais e depois a final regional entre os campeões de Coimbra e da Figueira da Foz, para apuramento do campeão distrital e digno representante de Coimbra no Campeonato de Portugal. A final distrital viria a ser disputada em maio, entre a Académica (campeão de Coimbra) e o Sporting Figueirense (campeão da Figueira), vencendo o primeiro por 7-0.

A partir de maio de 1925, e de forma a mitigar possíveis conflitos, a Delegação da Figueira da Foz da AFC passou a ter poderes reforçados, podendo, entre outras decisões autónomas, atribuir castigos e fiscalizar toda a ação futebolística local.

Seleção de Coimbra capitaneada por jogador da Figueira

Neste período, as seleções distritais mantinham uma atividade regular e muito popular, sendo representativas do futebol da sua região. O clássico Porto-Lisboa era o mais marcante, com clara superioridade lisboeta. Mas a nível da “província” ganhavam dimensão outros embates regionais, como o Coimbra-Braga, envolvendo associações distritais criadas no mesmo ano (1922). Em 1925, durante a preparação do terceiro embate entre ambas seleções, a AFC foi surpreendida com uma decisão inesperada por parte da direção da Associação Académica de Coimbra: segundo informou a *Gazeta de Coimbra* de 26 de março, os jogadores da Briosa desistiam “de participar no desafio, alegando razões supérfluas e inaceitáveis”.

Pela qualidade inequívoca do seu plantel, a Académica, bicampeão distrital em título, era o principal “fornecedor” de jogadores para a Seleção de Coimbra. Ora, esta saída imprevista e extemporânea dos futebolistas da Académica, ainda para mais numa altura em que o encontro já estava agendado, obrigou a AFC a reorganizar a Seleção e a pro-

mover uma nova convocatória, como referiu a *Gazeta de Coimbra*.

“A AFC não quis, e muito bem, desligar-se do compromisso tomado com aquela cidade (Braga) e tratou de refundir a seleção de Coimbra que, embora muitíssimo mais fraca, saberá lutar com alegria e entusiasmo pela defesa da sua cidade e da sua Associação.

À AFC dirigimos os nossos aplausos pela maneira como organizou a seleção de Coimbra e pela vontade que tem, *embora a seleção possa sofrer uma penosa derrota*, de não faltar aos seus compromissos.”

O União de Coimbra dominava claramente a nova convocatória, para a qual cedia cinco atletas, algo que não surpreendeu por ser (naquela época) o segundo mais importante clube do Distrito e o único que verdadeiramente rivalizava com a Académica. A novidade seria, no entanto, a convocatória de três atletas provenientes de clubes da Figueira da Foz, o que acontecia pela primeira vez e tornava esta Seleção verdadeiramente representativa da AFC e de todo o distrito de Coimbra. Da histórica convocatória fizeram parte os seguintes atletas: Nito (União Futebol Clube Coimbra-UFCC), Neto (Sport Clube Conimbricense-SCC) e Guia (Ginásio Clube Figueirense-GCF); Tiago (Moderno Futebol Clube-MFC), Guia (GCF) e Ferreira (UFCC); Ribeiro (SCC), Cardoso (Sporting Clube Figueirense-SCF), Matos (UFCC), Daniel (UFCC) e Alvarez (UFCC). A *Gazeta de Coimbra*, a 28 de março de 1925, esclarecia:

Campo da Santa Casa da Misericórdia

Dois "matches" de FOOTBALL
com o 1.º team do glorioso

SPORT LISBOA E BEMFICA

do qual fazem parte, entre outros, os internacionaes Artur Augusto, Victor Gonçalves, Simões, Mario Carvalho, J. Crespo e o magnifico guarda-redes Francisco Vieira.

Sabado, 30 de Maio, ás 5,30

Sport Lisboa e Benfica

com o

Gymnastic Club Figueirense

Domingo, 31, ás 2 da tarde

Sport Lisboa e Benfica

com a

Seleccção da Figueira

O match de domingo é a horas de se poder assistir tambem á garrada da Associação Naval.

O "Sport Lisboa e Benfica" apresenta a seguinte constituição:

Francisco Vieira
Leo Costa, Victor Augusto
Artur Augusto - Victor Gonçalves - Mario Carvalho
Simões - Mario Carvalho - J. Crespo - J. Damas
J. Damas - J. Damas - J. Damas - J. Damas
Francisco Vieira - J. Damas - J. Damas - J. Damas

Entrada para o jogo, 500, e para o jogo da
Porta 1000 Logozos e entrada 2500

O popular SL Benfica visita
a Figueira da Foz.

CAMPO DE SPORTS DA SANTA CASA DA MISERICORDIA
Figueira da Foz

Domingo, 21 de Junho de 1925

A 5 h 1/2 da tarde

Grande Match de Football
Seleccção de Coimbra
contra
Seleccção da Figueira

que apresentam a seguinte constituição:

Coimbra

Nito
Pinto Netto
Ferreira Thiago Cabral
Manoel Simões Mattos Denici Alvares
Armento Rodrigues N. N. Silva J. Barata Berraca
J. Rodrigues A. Góis (cap.) António Cardoso
Arnaldo Martins J. Góis
Alvaro Assumpção

Figueira

Árbitro.— Ex. Sr. João Nogueira da Associação de Football de Lisboa

CONVITE

A Delegação da Associação de Football de Coimbra na Figueira da Foz roga ao hospitalidade para da Figueira a Housa de comparecer em retação de candidatura de Ferro, ás 11,30 da manhã de Domingo 21, para aguardar os representantes da outra cidade de Coimbra, pedindo especialmente a todos os sportmen para assistirem a essa reunião.

Cresce a rivalidade
Coimbra-Figueira
entre seleções.

“A Figueira da Foz deu também o seu concurso na constituição da seleção, acedendo ao convite da AFC estando representada pelo esplendido e inteligente *half-back* Guia, pelo *back* Guia, ambos do Ginásio Club e pelo meia direita, Cardoso, do Sporting.”

O embate entre Braga e Coimbra teria lugar a 29 de março de 1925, na cidade dos Arcebispos, no Campo da Ponte, perante numerosa assistência. O facto da seleção de Coimbra se apresentar desfalcada devido à ausência dos atletas da Académica e de a seleção de Braga, onde atuava o internacional português Arnaldo Antunes, se apresentar na máxima força, fazia com que os bracarenses fossem considerados claramente favoritos antes do início da partida. Em Coimbra, a descrença era tal que alguns *sportsmen* e jornais afirmaram, antes do jogo, que confiavam no esforço da sua seleção, “não para vencer, mas para saber perder, com honra e sem desfalecimentos”.

A verdade é que dentro das quatro linhas o resultado seria bastante diferente do expectável e, graças a uma honrosa exibição, a seleção que representava a AF Coimbra conseguiu um brioso empate a duas bolas com a sua homóloga de Braga. A Direção e o Conselho Técnico da AFC ficaram de tal forma agradados com a exibição da sua Seleção que fizeram questão de o registar em ata, na reunião de 3 de abril de 1925, e replicada na *Gazeta de Coimbra* de 7 de abril:

“Louvar todos os jogadores que constituíram a seleção de Coimbra, porque no encontro com a

seleção de Braga, realizado a 29 do mês findo, se mantiveram durante o desafio com a máxima energia, correção e lealdade, contribuindo assim para um resultado bastante honroso para a cidade a que pertencem.

Louvar o jogador António Guia, do Ginásio Clube Figueirense, porque como capitão da seleção de Coimbra, durante o desafio contra a seleção de Braga (...) conduziu com inteligência, saber e energia o seu grupo.”

O jogo da “segunda mão” ou o IV Braga-Coimbra em seleções distritais teria lugar dois meses depois, no final de maio, no Campo de Santa Cruz, em Coimbra. Num encontro marcado pelo mau tempo (devido à copiosa chuva) e ao péssimo estado do terreno de jogo, os bracarenses venceram pela primeira vez a seleção de Coimbra por 3-1. A seleção de Coimbra voltou a ser capitaneada por António Guia, jogador do Ginásio Figueirense, que em entrevista concedida à *Gazeta de Coimbra*, após o jogo (e publicada a 26 de maio), fez questão de transparecer que os jogadores da Figueira colocavam as rivalidades de lado ao representarem a seleção, da qual se sentiam parte integrante: “Nós, jogadores de Coimbra, todos fizemos para cumprir a nossa missão”, afirmou.

Nesta temporada surgiu também uma nova associação distrital que teria boas relações com Coimbra, como seria Aveiro (fundou-se em setembro de 1924), iniciando-se em 1925 o seu campeonato regional, ganho pelo Sporting de Espinho. Precisamente este

clube, em representação de Aveiro, iria eliminar o representante de Coimbra (Académica) na primeira eliminatória do Campeonato de Portugal de 1924-25, batendo a Briosa por 2-1, numa competição que seria ganha pelo FC Porto (2-1 ao Sporting CP no jogo decisivo). A final da prova (disputada por eliminatórias) foi realizada em Viana do Castelo (Porto, Faro e Lisboa já tinham acolhido a final), com Coimbra a começar a ambicionar a organização do encontro decisivo daquela que era a principal prova do calendário futebolístico português.

Benfica, Casa Pia e Campeão da Extremadura na Figueira da Foz

A partir de março de 1925 sucederam-se a visitas de clubes de outras regiões e até países ao distrito de Coimbra, mais precisamente à Figueira da Foz. A sua atratividade geográfica, junto ao mar, o casino e os banhos de mar granjeavam fama. Isso permitiu sucessivos convites de clubes locais a equipas de outras regiões, como sucedeu em março com a visita do Casa Pia AC e em maio do SL Benfica. E em agosto do clube espanhol Real Club Deportivo Estreño, de Badajoz, campeão da Extremadura. Reforçavam-se as relações entre clubes, regiões e países a partir do futebol.

Em março, a então (ainda) famosa equipa do Casa Pia Atlé-

tico Clube jogou no dia 15 contra a Seleção da Figueira da Foz. Os “gansos”, como eram conhecidos, foram apresentados como um “brilhante grupo da capital” que na altura se impunha “por um *association* perfeito, consciente e educado”. Segundo o jornal *O Figueirense*, o público da Figueira ainda se recordava da visita, dois anos antes, do Casa Pia AC, em que fez uma “admirável exibição de técnica”. Desta vez, no Campo da Mata, pelas 16h00, perante “uma grande concorrência, talvez a maior de todas” que se havia visto na Figueira, os casapianos venceram por 3-0, mas não demonstraram “o jogo dos anos anteriores”, existindo “certas violências e uma ou outra deslealdade”. A Seleção da Figueira fez “uma boa exibição”, fazendo com que António Roquete “brilhasse em defesas magistrais, que a assistência merecidamente aplaudiu”.

Meses depois, em 30 e 31 de maio, seria a vez dos lisboetas do SL Benfica visitarem a Figueira da Foz. As “águias” foram descritas como um “popularíssimo clube da capital, um dos mais valiosos pioneiros da cruzada” do futebol em Portugal, tendo agendados dois jogos, como referiu o jornal

Sabia que... O SL Benfica visitou a Figueira da Foz e goleou o Ginásio por 11-2 e a Naval por 8-0. Ficou no Hotel Martinho, que custou 570\$00, gastando mais 5\$00 em sabonetes e 24\$00 com 60 laranjas.

a *Figueira Desportiva* de 30 de maio. O “glorioso” Benfica despertou “extraordinário interesse” e os encontros saldaram-se com duas goleadas: 11-2 contra o Ginásio Clube Figueirense e 8-0 contra a Associação Naval 1.º de Maio (que substituiu a Seleção da Figueira). A equipa benfiquista, treinada por Ribeiro dos Reis, foi obsequiada com um jantar oficial, espetáculos musicais e um baile no Casino Mondego. Apesar da derrota, os dois jogos registaram uma receita global avultada, de 3.828\$00, um recorde local na época.

E em agosto de 1925 foi a vez (a primeira) de um clube espanhol visitar a Figueira, o Real Club Deportivo Estremeño, de Badajoz, campeão da Extremadura. Disputou com o Sporting Clube Figueirense, campeão local, a Taça Casino Europa (oferta da Empresa do Café-Casino Europa) e com a Seleção da Figueira o Bronze Olegário Pessoa, oferta do empresário com o mesmo nome, do Casino Oceano – a Delegação da AFC na Figueira, presidida por Arnaldo Sobral, fez uma enorme campanha de apoio à visita da equipa espanhola.

Campo da Ínsua dos Bentos, um dos principais recintos de futebol em Coimbra.



Cronologia

1924
25

1924

Novembro

Eleição dos novos corpos gerentes da AFC. A direção passou a ser presidida pelo Dr. Carlos Máximo de Figueiredo.

Início dos campeonatos de Coimbra, organizados pela AFC, nas diferentes categorias (1.^{as}, 2.^{as} e 3.^{as}). Destaque nas 1.^{as} categorias para a estreia do Sporting Nacional e nas 3.^{as} para o Lusitano Football Club de Coimbra.

A Direção da AFC pretendia a realização de um campeonato distrital onde participassem, numa única competição, todos os clubes de Coimbra e Figueira. Os clubes da Figueira desistiram após a AFC ter decidido que todos os jogos seriam realizados em Coimbra.

1925

Janeiro

Começou o Campeonato de Coimbra em 4.^{as} categorias.

O conflito entre AFC e clubes da Figueira foi sanado. A AFC deu razão aos clubes figueirenses e reverteu a decisão, voltando a adotar o modelo competitivo das épocas anteriores.

Início dos campeonatos da Figueira da Foz.

Abril

A seleção de Coimbra, sem jogadores da Académica, empatou 2-2 em Braga no III Braga-Coimbra. Pela primeira vez jogaram por Coimbra três jogadores de clubes da Figueira da Foz. Um deles, António Guia, foi o capitão de equipa.

Maiο

Disputou-se em Coimbra, no Campo de Santa Cruz, o IV Coimbra-Braga, num dia bastante chuvoso, com vitória minhota por 3-1.

A Académica, campeão de Coimbra, conquistou pela terceira vez consecutiva o Campeonato Distrital organizado pela AFC. Na final, os estudantes venceram por 7-0 o Sporting Clube Figueirense, campeão da Figueira da Foz.

A tesouraria da AFC apresentava um saldo positivo de 7.350\$12.

Junho

A Académica, representante de Coimbra no Campeonato de Portugal, foi afastada na primeira eliminatória, depois de perder 1-2 contra o Sporting Clube de Espinho, campeão de Aveiro.

Realizou-se na Figueira da Foz, no encerramento da época desportiva, um encontro entre as seleções da Figueira e de Coimbra, com vitória dos visitantes por 2-1.

Competições

1924
25

132

PROVA	CAMPEÃO
Campeonato Distrital - 1. ^{as} categorias	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital - 2. ^{as} categorias	Aviz Atlético Clube de Coimbra
Campeonato Distrital - 3. ^{as} categorias	CF Os Conimbricenses
Campeonato Distrital - 4. ^{as} categorias	Associação Académica de Coimbra
Campeonato de Coimbra - 1. ^{as} categorias (série local)	Associação Académica de Coimbra
Campeonato da Figueira da Foz - 1. ^{as} categorias (série local)	Sporting Clube Figueirense

Panorâmica geral do Campo do Arnado, em Coimbra.
O futebol popularizou-se nos anos 20, sendo acompanhado por numeroso público.



Época 1925
26

Reforço de poderes

Tempo de mudanças e reforço de poder da AF Coimbra, quer a nível organizativo, quer disciplinar. Os futebolistas, pela primeira vez, passam a ter acompanhamento médico obrigatório e a Direção reúne duas vezes por semana, para acompanhar de perto o futebol distrital. A Seleção de Coimbra ganha estatuto, graças às boas exibições, e o União sagra-se, pela primeira vez, campeão distrital.

Após três épocas em que os dirigentes da AF Coimbra tentaram, paulatinamente, afirmar-se no meio desportivo regional, na quarta época desportiva após a sua fundação assistiríamos a uma tentativa clara de reforço de poderes, autoridade e de influência por parte da Associação. Uma das primeiras medidas tomadas na preparação da época de 1925-1926, sob a presidência de Fernando Lopes, foi a marcação de duas reuniões semanais de Direção, em Coimbra, às terças-feiras e quintas-feiras de cada semana, ambas com início às 20h00. Dessas reuniões semanais começaram a sair importantes deliberações, como por exemplo a criação de duas competições internas de pré-época, uma realizada em Coimbra, denominada Taça Cidade de Coimbra, e outra na Figueira, designada Taça Figueira da Foz. Estas duas provas, realizadas entre outubro e dezembro e destinadas às 1.^{as} categorias dos clubes inscritos na AFC, tinham o duplo objetivo de preencher uma lacuna competitiva e de garantir uma maior preparação às equipas antes da disputa dos respetivos campeonatos regionais.

Para além do benefício para os clubes filiados, com a realização destas duas taças, a própria AFC passava a ter mais uma fonte de receita e, acima de tudo, a marcar a sua posição enquanto entidade organizadora, gestora e reguladora do futebol distrital. A partir de então, e com esta decisão, a AFC e a sua delegação na Figueira da Foz passaram a organizar competições oficiais entre outubro e maio-junho de cada ano, mantendo os clubes sob sua orientação e jurisdição direta ao longo de toda a época desportiva.

Por outro lado, e mesmo quando os clubes decidissem agendar competições ou jogos particulares com outras equipas, passavam a ter a obrigatoriedade de solicitar essa autorização à AFC, sob pena de serem castigados ou inibidos de viajar para os destinos pretendidos, se assim não procedessem. Esta maior dependência dos clubes, para com a sua associação distrital, permitiria à AFC aumentar o seu nível de exigência para com os filiados, começando a entrar em campos até aí pouco, ou nada, explorados. Falamos, por exemplo, da exigência na entrega de fotografias de todos os jogadores no ato de inscrição, sob pena da mesma ser anulada e considerada inválida. Ou ainda, da obrigatoriedade da realização de exames médicos por parte de todos os atletas – quem não fosse inspecionado ou não fosse considerado apto, não poderia entrar em campo, e se assim acontecesse os clubes e atletas infratores seriam exemplarmente punidos, como alertou a *Gazeta de Coimbra* de 12 de novembro de 1925.

Todas as deliberações tomadas pela Direção e pelo Conselho Técnico da AFC saíam semanalmente no órgão de comunicação social oficial da associação, a *Gazeta de Coimbra*, mantendo desta forma informados a maioria dos clubes, atletas, dirigentes e adeptos conimbricenses. Na Figueira da Foz, sob a responsabilidade e supervisão da delegação local, também ela com poderes amplamente reforçados, as notícias com deliberações e/ou decisões sobre questões regulamentares, disciplinares, administrativas ou funcionais da AFC, passavam a sair regularmente nos jornais locais. E ainda no que concerne à imprensa,

a Direção da AFC deliberaria, no final de 1925, que a partir daquela data deveria ser dado um cartão de livre-trânsito a cada jornal ou revista desportiva de Coimbra que manifestasse interesse em acompanhar as competições organizadas pela AFC. Mas se algum desses cartões fosse utilizado por pessoas estranhas à redação do jornal ou se não houvesse uma reportagem publicada sobre o desafio em questão, o cartão seria imediatamente anulado pela Direção da AFC.

Paralelamente à intensa atividade da AFC, dirigida a partir de Coimbra, também a Delegação da Figueira da Foz, gozando de uma crescente autonomia e poder deliberativo sobre vários assuntos relacionados com o futebol figueirense, começou a tomar importantes decisões, das quais destacamos, a título de exemplo:

1. Chamar a atenção aos árbitros para não terem contempções sobre o jogo violento.
2. Garantir a entrada gratuita às senhoras que queiram assistir aos jogos.
3. Assinatura de um protocolo com a Santa Casa da Misericórdia da Figueira para a utilização do Campo da Mata. O acordo contemplava o pagamento de 5.000\$00 / ano.
4. Modificar as cores da equipa representativa da Figueira da Foz, que passou a ser camisola verde-clara, com o escudo da cidade, e calção azul.
5. Marcação de jogos, aquisição e entrega de medalhas para a Taça da Figueira.

Esta prolífera e regular componente deliberativa, registada em 1925-26, por parte da Direção da AFC,

geraria algum descontentamento de determinados clubes e agentes desportivos, ainda pouco habituados a este volume deliberativo e ao papel executivo da AFC. Um “manifesto” anónimo contra uma deliberação da AFC, entregue nalguns locais públicos de Coimbra após o natal de 1925, ou um pedido registado de demissão para um dos vogais do Conselho Técnico, foram formas de protesto encontradas pelos clubes para tentar minar as decisões da AFC e deneigrir a sua imagem.

Popularização das seleções regionais

A época desportiva de 1925-26 seria aquela que traria a afirmação definitiva dos jogos entre seleções distritais. Estes desafios, que propiciavam, entre outras coisas, a exacerbação da identidade e do orgulho regionais, tornaram-se recorrentes, chegando mesmo a assumir o papel de maior destaque no cada vez mais preenchido calendário competitivo das Associações de Futebol. Como já era tradição na AFC, e sob o pretexto de facilitar a convocatória de uma seleção distrital, tiveram lugar no mês de fevereiro dois jogos entre as seleções de Coimbra e da Figueira da Foz. Depois de quatro vitórias de Coimbra nos encontros anteriores, estes dois jogos teriam a particularidade de assistir ao primeiro empate (0-0) e à primeira vitória (4-1) da Figueira da Foz sobre a congénere conimbricense – neste período a seleção da Figueira estreou o seu novo equipamento, com

camisola verde-claro e calção azul, enquanto Coimbra envergava a tradicional camisola vermelha e calção azul.

Estes resultados levaram os clubes e dirigentes da Figueira a demandar uma presença mais regular e significativa de jogadores figueirenses na seleção distrital da AFC, que se preparava para defrontar as homologas de Aveiro e Braga. No entanto, a pretensão não se confirmaria e apenas os habituais convocados da Figueira seguiriam para a concentração de uma seleção dominada por jogadores da Académica de Coimbra que, após o litígio com a AFC na época anterior, voltavam a integrar a equipa.

A preparação para o encontro com Aveiro seria praticamente nula, por não ter havido possibilidade de a seleção representativa da AFC ter realizado um único treino de conjunto. Os aveirenses seriam recebidos com pompa e circunstância na noite de 27 de fevereiro de 1926. E para além de várias saudações populares e de um acolhimento oficial por parte da AFC, aproveitaram para passear e confraternizar com os seus adversários, pernoitando em Coimbra. No dia seguinte, um domingo, o entusiasmo era generalizado entre os *sportsmen* e adeptos de futebol conimbricenses, que há muito aguardavam ansiosamente por este desafio entre duas cidades próximas e unidas por laços históricos fraternos, como sublinhou a imprensa. A *Gazeta de Coimbra*, em inícios de março, descreveria assim o ambiente vivido:

“A expectativa era enorme (...), precisamente por isso uma multidão enorme, logo bem cedo, assal-

tava os carros elétricos, começando a invadir, em ondas, o Campo de Santa Cruz, atualmente sem as comodidades necessárias para os desafios desta natureza.”

Os milhares de espetadores que enchiam o Campo de Santa Cruz, em Coimbra terão ficado surpreendidas com a entrada das duas seleções em campo: a de Aveiro com camisola vermelha e calção branco, e a de Coimbra, pela primeira vez, equipada de camisola verde clara (em vez da tradicional encarnada), gentilmente cedida pela Delegação da AFC da Figueira da Foz, com calção azul. Seria assim, “equipada à Figueira”, que a Seleção da AF Coimbra, num jogo leal, correto, mas intensamente disputado, venceria por 5-2 a seleção da AF Aveiro, no primeiro encontro entre ambas. A 4 de março, no rescaldo do jogo, Augusto Cardoso, vice-presidente da AF Aveiro, dirigiu um emotivo ofício à AF Coimbra, o qual, pela natureza e extrema cordialidade do mesmo, decidimos transcrever parcialmente:

“Exmos. Srs. Presidente e mais membros da Associação de Futebol de Coimbra

– Mal dispensados ainda os ecos das vossas grandes manifestações, mal refeitos ainda das emoções sentidas ao calor do vosso entusiasmo, do vosso carinho sem igual, profundamente sensibilizados pela vossa carinhosa hospedagem, pela vossa gentileza inexplicável, falta ao nosso espírito a serenidade para podermos manifestar-vos a nossa gratidão, e acode-nos, irresistivelmente,

avassaladoramente esta singela frase: obrigado, muito obrigado.

Pelo vosso brilhante triunfo os nossos parabéns (...), fazendo votos pela maior prosperidade dessa Associação, apresso a V. Exa os protestos da minha profunda estima, desejo-lhes saúde e *Sport*".

Seguiu-se, poucos dias volvidos, mais um encontro da seleção de Coimbra, desta vez em Barcelos, local escolhido para a realização do V Coimbra-Braga em seleções distritais. A exemplo daquilo que havia acontecido com Aveiro aquando da sua visita a Coimbra, também a seleção representativa da AF Coimbra foi calorosamente recebida em Barcelos, onde centenas de pessoas aguardavam na estação de comboios a chegada do "rápido" que transportava a comitiva de Coimbra. A seleção conimbricense teria mesmo a honra de ser recebida pelo edil, e restante executivo, nos Paços de Concelho daquela cidade minhota. As manifestações de "bem-receber", de cortesia e de afabilidade para com os adversários, tornavam-se cada vez mais recorrentes nos encontros entre seleções. No final do jogo, mais uma vitória para Coimbra, desta vez por 2-1. No regresso, a comitiva seria mais uma vez recebida em Coimbra por uma multidão em festa, que para além das habituais saudações, contou ainda com foguetes e com a organização de uma marcha luminosa acompanhada a preceito pelo Grupo Musical Artístico que culminaria, como sempre, no Café Santa Cruz. Até ao final da temporada, a seleção de Coimbra disputou mais três jogos, com as seleções de Aveiro, Porto e Santarém.

Nova polémica com a Figueira

No II Aveiro-Coimbra, realizado na "cidade do Vouga", a 25 de abril de 1926, a seleção de Coimbra alinhou sem jogadores da Figueira da Foz, estreando o guarda-redes Fernando Alves (oriundo das 2.^{as} categorias da equipa de Os Conimbricenses). Apesar disso, Coimbra goleou, por um esclarecedor 5-0. A ausência de jogadores da Figueira da Foz neste jogo (havia sido convocados quatro atletas) ficou a dever-se a uma decisão de última hora por parte da Delegação da Figueira da AFC que, recorrendo ao regulamento, decidiu impedir os jogadores em causa de seguirem para a seleção porque estava a decorrer uma competição local, a Taça Misericórdia. Esta decisão unilateral acabaria por levar a uma reação enérgica por parte da Direção da AFC que castigaria com um ano de suspensão os atletas que não compareceram à seleção. Numa altura em que os diferendos Coimbra-Figueira e AFC-Delegação da Figueira não paravam de aumentar, o dirigente Arnaldo Sobral, que se havia demitido há meses do cargo de presidente da Delegação da Figueira, foi convidado a reasumir a função para serenar os ânimos.

Mas as controvérsias com os clubes e jogadores, pouco recetivos às mudanças em curso na AFC (em especial a nível organizativo e disciplinar), não se remeteram à Figueira da Foz. Em início de junho, este mal-estar seria visível num boicote feito à convocatória para a Seleção de Coimbra, que dias depois jogava o sexto encontro com Braga. Nove jogadores convocados (sete da Académica, um do Sporting

Nacional e outro do União de Coimbra) decidiram não comparecer à chamada da Seleção distrital e a exemplo do que sucedera aos jogadores da Figueira, seriam todos suspensos por um ano. A 6 de junho de 1926, no Campo de Santa Cruz, em Coimbra, uma improvisada Seleção da AFC, constituída por dez jogadores do União de Coimbra e um de Os Conimbricenses, levaria de vencida a sua homóloga bracaraense por 2-1, naquele que era o VI Coimbra-Braga. Um excelente resultado, dadas as circunstâncias, com a Seleção a ser louvada publicamente pela Direção da AFC, por ter superado as adversidades num momento difícil para a mesma. No final do mês, a 27 de junho, para encerramento da época, a Seleção de Coimbra recebeu pela primeira vez a Seleção de Santarém, tendo perdido por 5-3 com os escalabitinos, naquela que foi a única derrota de uma temporada que, apesar de francamente positiva (quatro vitórias e uma derrota), não deixou de ser polémica.

Sabia que... A 28 de maio de 1926 instaurou-se a ditadura em Portugal e a União Portuguesa de Football mudou de nome para Federação Portuguesa de Football Association.

Neste período tornam-se muito populares os jogos entre seleções regionais, como os Porto-Lisboa, Aveiro-Coimbra, Braga-Coimbra ou Portalegre-Évora, entre outros, assumindo um papel essencial de popularização do futebol. As rivalidades regionais atraíam muito público, assim como os principais campeonatos distritais (de 1.^{as} categorias), que em Coimbra seria ganho pelo União – pela primeira vez, desde o seu início, esta competição não era conquistada pela Académica. Como consequência, o União foi o representante de Coimbra no Campeonato de Portugal de 1925-26, ainda restrito à participação dos vencedores de somente seis distritos, isto apesar de existirem 13 campeonatos regionais em atividade. A estreia do União na principal prova federativa seria curta, eliminado logo na ronda inaugural, pelo Sporting de Espinho, por 4-2. Porém, seria um representante da dita “província” a vencer a prova nacional, o CS Marítimo, da AF Funchal, que bateu (2-0) o CF Belenenses na final, sagrando-se campeão de Portugal de 1926. A chegada dos novos campeões à Madeira seria apoteótica, com a imprensa de Coimbra a rejubilar pela vitória de uma equipa da “província” sobre um representante de Lisboa.

Cronologia

1925
26

1925

Outubro

A Delegação da Figueira da AFC deliberou que a Seleção da Figueira passe-se a usar nas suas camisolas as armas da cidade, em vez das cores dos clubes, como até então.

A Direção da AFC resolveu reunir semanalmente, às terças e sextas-feiras.

Instituição da Taça Cidade de Coimbra para abrir a época dos clubes locais em 1.^{as} categorias.

Novembro

A AFC passou a exigir a entrega de fotografias de todos os jogadores, sob pena de proceder à anulação das inscrições.

A AFC deliberou que não deve ser permitida a utilização de jogadores que não tenham sido previamente examinados e considerados aptos pelos médicos da Associação.

1926

Janeiro

Início dos Campeonatos de Coimbra e Figueira da Foz, nas várias categorias.

Passou a estar exposta, na vitrina da Havaneza Central, a planta do novo campo de jogos, a construir na Arregaça.

Fevereiro

Por incumprimento do regulamento, o SC Conimbricense foi eliminado do Campeonato de Coimbra.

O Moderno FC desiste do Campeonato de Coimbra, após a AFC o ter penalizado com uma derrota depois de ter utilizado um jogador sem inspeção médica.

A AFC nomeou o árbitro Luís dos Santos Lucas para apitar, em Lisboa, o jogo entre as seleções de Lisboa e do Porto.

Realizou-se o V Coimbra-Figueira, no Campo de Santa Cruz, com um empate 0-0.

Disputou-se, na Figueira da Foz, o VI Coimbra-Figueira, ganho pela primeira vez pelos figueirenses (4-1).

A Direção do Moderno FC reuniu-se e mudou a denominação para Sport Lisboa e Coimbra.

Disputou-se o primeiro jogo entre as seleções de Coimbra e Aveiro, ganho pelos conimbricenses por 5-2. Como os aveirenses jogavam de vermelho, Coimbra estreou camisolas verdes, cedidas pela Delegação da AFC da Figueira.

Março

A seleção de Coimbra disputou em Barcelos o V Coimbra-Braga, tendo vencido por 2-1. À chegada, centenas de pessoas aguardavam a comitiva de Coimbra, que teve a honra de ser recebida pelo edil e restante executivo nos Paços do Concelho.

O Ginásio Clube Figueirense vence o Campeonato da Figueira, apurando-se para a final distrital.

1926

Abril

Num jogo polémico, o União de Coimbra derrotou o Ginásio Figueirense por 4-3, após prolongamento, na final do Campeonato Distrital. O Ginásio protestou e viu a União Portuguesa de Futebol dar-lhe razão e mandar repetir o jogo.

Realizou-se II Coimbra-Aveiro, com vitória dos conimbricenses por 5-0.

Maio

No jogo de repetição da final do Campeonato Distrital de Coimbra, o União voltou a vencer o Ginásio Figueirense, desta vez por 2-1, tornando-se pela primeira vez campeão regional e representante da AFC no Campeonato de Portugal.

Na primeira eliminatória do Campeonato de Portugal, o União foi eliminado depois de perder por 4-2 (após prolongamento) com o Sporting de Espinho, representante de Aveiro.

Junho

Disputou-se o VI Coimbra-Braga, com nova vitória de Coimbra, a jogar em casa, por 2-1.



Famoso *Team dos Velhos* da Figueira da Foz.



Competições

1925
26

PROVA	CAMPEÃO
Campeonato Distrital - 1. ^{as} categorias	União Foot-ball Coimbra Club
Campeonato Distrital - 2. ^{as} categorias	Clube de Futebol "Os Conimbricenses"
Campeonato Distrital - 3. ^{as} categorias	Sporting Nacional
Campeonato Distrital - 4. ^{as} categorias	Sporting Nacional
Campeonato de Coimbra - 1. ^{as} categorias (série local)	União Foot-ball Coimbra Club
Campeonato da Figueira da Foz - 1. ^{as} categorias (série local)	Ginásio Clube Figueirense
Taça Cidade de Coimbra - 1. ^{as} categorias	Associação Académica de Coimbra
Taça Figueira da Foz - 1. ^{as} categorias	Ginásio Club Figueirense

Época 1926
27

Melindres e dissidências internas

Época de reajustamento interno da AF Coimbra, com algumas quezílias entre órgãos da Associação, que passou também por alguns problemas financeiros. Porém, as competições locais e distritais mantiveram-se e reajustaram-se a uma nova realidade: o alargamento da mais importante prova nacional, o Campeonato de Portugal. Coimbra passou a ter dois representantes, mas sem a glória de outras épocas. E um sonho mantinha-se vivo: a criação de um *stadium* em Coimbra.

Anova temporada de futebol, no distrito, arrancou em final de agosto com a visita do campeão regional de Salamanca, o Stadium Salmantino Luizes, à Figueira da Foz, dando continuidade às boas relações que a cidade balnear tinha estabelecido com a comunidade espanhola e com equipas das regiões fronteiriças mais próximas ao Centro de Portugal. Os dois encontros realizados pelos espanhóis despertaram muita curiosidade na Figueira e Coimbra, gerando boas receitas de bilheteira, com uma percentagem a destinar-se aos cofres da Delegação da AF Coimbra na cidade. Mas, por vezes, os saldos na AFC, em Coimbra, não eram positivos, como havia sucedido em finais de junho de 1926, com o balanço de época a ser negativo e o tesoureiro, Francisco Relvas, a abonar 35\$90 para equilibrar as contas, responsabilizando-se pelas mesmas. Pouco tempo depois, em outubro, quando a nova Direção da AF Coimbra entrou em funções, o saldo disponível era somente de 10\$50 – só para se ter uma ideia de valores, o primeiro jogo dos espanhóis na Figueira, contra o Ginásio Figueirense, a 25 de agosto, tinha gerado uma receita de 3.038\$00.

Em setembro de 1926, durante o retomar da atividade futebolística, a AFC manteve a obrigatoriedade da realização de exames médicos aos jogadores, com vários clubes a reconhecerem a fraca capacidade física dos seus atletas, principalmente para jogarem nas categorias principais (sobretudo na 1.ª categoria). Nesta altura, devido a problemas de disciplina (muitas vezes os clubes teimavam em não

reconhecer a legitimidade da AFC na aplicação de castigos), alguns clubes assumiram a vontade em sair da Associação. Para os demover, a AFC deixou clara a sua posição, com o respaldo da Federação: os clubes que não integrassem a Associação ficavam impedidos de fazer jogos oficiais, com efeitos a nível nacional e internacional, o que levou as agremiações a recuarem e a manterem-se na AFC. Em novembro, a Associação contava com a inscrição de nove clubes e respetivos atletas:

Sport Lisboa e Coimbra, 41 jogadores

União Foot-ball Coimbra Club, 42 jogadores

Lusitanos, 37 jogadores

Sporting da Cumeada, 11 jogadores

Santa Clara, 47 jogadores

Conimbricense, 44 jogadores

Boavista, 30 jogadores

Associação Académica, 42 jogadores

Sporting Nacional, 45 jogadores

As inscrições destes clubes e jogadores representavam receitas de 359\$50, uma verba reduzida quando comparada com as receitas geradas pela venda de bilhetes em jogos entre equipas locais ou com clubes nacionais. A 14 de novembro de 1926, por exemplo, no jogo Académica-Sporting CP, a venda de 991 bilhetes gerou para a AFC uma receita de 2.895\$00 e despesas de 247\$43 (74\$00 para policiamento). Populares eram também os jogos entre seleções de Coim-

bra e Figueira da Foz, com a AFC a vender 1015 bilhetes a 16 de janeiro de 1927, gerando um encaixe financeiro de 4.024\$00. Nem os jogos do clássico União-Académica geravam receitas tão positivas para os cofres da Associação.

Dívidas e demissões

Com as contas pouco positivas e as dívidas a acumularem-se – em julho de 1927, a AFC teve de regularizar uma dívida de 507\$00 à Fazenda Nacional (Estado), que vinha da gerência anterior – o ambiente no seio da instituição também não era o melhor. No início de janeiro de 1927, três membros do Conselho Técnico da AFC apresentaram a sua demissão por terem sido, na perspetiva dos próprios, maltratados numa reunião entre este órgão e a Direção da Associação. Ao jornal *A Voz Desportiva*, de 8 de janeiro de 1927, um dos membros demissionários diria que a Direção “teve palavras que não calharam bem ao nosso ânimo” e por isso mesmo “melindramo-nos e viemo-nos embora”. O Conselho Técnico acusou a Direção da AFC de querer decidir unilateralmente sobre a maior parte dos assuntos, sem antes, e tal como estava definido desde a criação daquele órgão técnico, consultar o Conselho – um dos principais motivos da discórdia parece ter sido a falta de entendimento para a marcação de dois jogos quase em simultâneo: um encontro entre as seleções de Coimbra e da Figueira e um jogo em benefício da construção de um monumento aos mortos da Grande Guerra.

A posição da Direção, liderada desde novembro por Abílio Lagoas, era totalmente oposta, acusando o Conselho de incompreensão e falta de solidariedade institucional.

Na reunião seguinte de Direção, três dos quatro membros que constituíam o Conselho Técnico apresentaram a respetiva carta de demissão ao presidente da Direção que, naquela ocasião, a declinou por não encontrar uma justificação plausível para a mesma. Pediu ainda aos membros do Conselho Técnico que reconsiderassem o seu pedido e que tentassem esclarecer o diferendo com alguns membros da Direção, de forma a resolverem o desaguisado. No entanto, por não se ter chegado a um acordo, a demissão seria confirmada pouco tempo depois. O novo Conselho Técnico seria de imediato nomeado e ficaria constituído pelos capitães Alcino de Oliveira e António Eliseu, pelo tenente Frutuoso Veiga, o Dr. Aurélio Quintanilha e Armando Sampaio, que transitava do órgão anterior. Sanou-se, assim, de forma rápida, esta questão interna, que marcou a época no seio da AFC.

Duas equipas de Coimbra no Campeonato de Portugal

Nesta temporada, a Federação introduziu uma profunda remodelação na mais importante prova do futebol português. Abriu o Campeonato de Portugal a mais clubes e deu-lhe um cariz mais nacional, estendendo a competição a quase todo o País. Manteve-se o sistema a eliminar, a um só jogo, por elimi-

Em meados dos anos 20, o Campo do Arnado torna-se num dos principais palcos do futebol em Coimbra.
Momento da entrada da Académica num jogo de 1926-27, perante numeroso público (ao fundo).



natórias, mas alargou-se a 28 clubes, mais um representante insular, que apenas entrava na prova nos quartos-de-final. A forma de apuramento de 14 dos 28 clubes mantinha-se conectada aos campeonatos regionais das diferentes zonas, com Coimbra a ser uma zona única. Os outros 14 clubes apurados eram aqueles que tivessem vencido a primeira eliminatória da prova na época anterior. Este novo formato, como se veria, teve grande sucesso, a todos os níveis.

Esta reestruturação permitia que dois clubes filiados na AFC pudessem marcar presença na primeira eliminatória da mais importante prova do calendário nacional. Para apurar os seus representantes, a Direção da AFC decidiu suspender as provas que estavam a decorrer e abrir inscrições a todos os clubes que pretendessem concorrer a esses lugares. Mas, contrariamente às expectativas iniciais da Associação, que apontavam para um número reduzido de equipas candidatas, seriam oito os emblemas que manifestaram interesse em participar neste torneio de apuramento. O sorteio do mesmo, realizado na sede da AFC em meados de fevereiro de 1927, ditou os seguintes enfrentamentos na primeira ronda: União de Coimbra-Naval 1º de Maio; Ginásio Figueirense-Marialvas; Sporting Nacional-Sporting Figueirense; e Conimbricenses-Operário FC. Os jogos realizaram-se a 20 de fevereiro: o União bateu a Naval por 3-0 (em Coimbra) e Os Conimbricenses venceram o Operário por 1-0 (na Figueira da Foz). Porém, estes resultados nunca chegariam a ser homologados pela AFC, que decidiu cancelar esta fase de apuramento por não haver tempo para realizar todos os

jogos, como esclareceu a *Figueira Desportiva* a 3 de março de 1927.

Assim, os dois representantes de Coimbra no Campeonato de Portugal seriam decididos pela Direção da AFC, tendo a escolha recaído no União de Coimbra, vigente campeão distrital em título, e na Associação Académica de Coimbra, segundo classificado na prova local e clube da região mais experiente na competição, onde tinha alcançado a final em 1923.

O sorteio da primeira eliminatória do Campeonato de Portugal ditou um resultado agrídoce para os filiados da AFC. A Académica jogava em Coimbra contra o Sporting de Espinho e o União deslocava-se a Lisboa para defrontar o poderoso Casa Pia AC. O SC Espinho (representante de Aveiro) era um adversário bem conhecido dos clubes filiados na AFC, já que no início de 1927 havia disputado dois jogos amigáveis em Coimbra, um contra o União e outro contra a Académica, nos quais empatou o primeiro (2-2) e venceu o segundo (2-1).

O jogo Académica-Espinho disputou-se no Campo da Escola Nacional de Agricultura e terminou com uma vitória dos “estudantes” por 3-1, num jogo arbitrado por Silva Ramos, árbitro da AF Lisboa e atleta do Carcavelinhos, que no final da partida, entrevistado por *A Voz Desportiva* (cf. edição de 12 de março) referiu que o resultado havia sido “absolutamente justo” e os jogadores haviam tido um comportamento exemplar.

Menos sorte teria o outro representante da AFC no Campeonato de Portugal, o União de Coimbra,

que seria copiosamente derrotado no mítico Campo de Palhavã, em Lisboa, por 5-0, frente ao histórico Casa Pia AC – recordemos que este clube, entre 1923 e 1926, havia realizado várias deslocações a Coimbra e à Figueira para defrontar clubes e seleções locais, obtendo sempre vitórias claras.

Na eliminatória seguinte, nos oitavos-final, em Lisboa, iria finalizar a travessia da Académica de Coimbra no Campeonato de Portugal, sofrendo uma goleada contra um clube da Capital, o Sporting CP, por números ainda mais expressivos (9-1). Terminava assim, com duas goleadas contra clubes de Lisboa, a participação das duas equipas de Coimbra no sexto Campeonato de Portugal, o primeiro que contou com a presença de 28 equipas (mais o representante insular) provenientes de 19 distritos (cf. Coelho & Pinheiro, 2002, p. 226) e que seria ganho pelos lisboetas do CF Belenenses.

Sonho antigo: um novo campo

No final de março de 1927, logo após a eliminação dos dois representantes da AFC do Campeonato de Portugal, voltou à ordem do dia um dos mais desejados, e badalados, temas do futebol coimbrão da década de 20: a necessidade de construção de um novo campo de futebol. E a imprensa teria um papel determinante, como referiu um jornal local a 26 de março:

“Reuniu a redação d’ *A Voz Desportiva*, procurando fazer algo de útil à causa (desportiva) e resolveu

iniciar uma campanha com intenção de conseguir para Coimbra aquilo que terras menos importantes possuem: um bom campo de *shoot*, para não dizer um *stadium*.”

Esta iniciativa de *A Voz Desportiva* deu o mote para este importante debate que iria reunir “à mesma mesa”, a 27 de março de 1927, a AFC, representantes de 12 clubes, a Liga de Educação Física da cidade e a Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra (SDPC), que cedeu as instalações para a sessão. Abriu os trabalhos o Conde de Felgueiras, presidente da SDPC, que depois de dar as boas-vindas aos presentes, passou a palavra a Amadeu Rodrigues, diretor de *A Voz Desportiva*, que explicou as razões que levaram aquele periódico a convocar todas estas entidades e personalidades em prol desta “nobre causa”. A representar a AFC esteve Lúcio Vale Lopes, que foi um dos oradores de uma mesa criteriosamente constituída. Dessa reunião resultou a constituição de uma Comissão, da qual fazia parte a própria AFC, que ficou com a obrigação de, no mais curto espaço de tempo possível, estudar e debater este assunto.

Rapidamente a mensagem se propagou pela sociedade conimbricense e pelo meio desportivo regional. Diversas entidades, os *sportsmen* locais e a imprensa fizeram questão de não deixar desvanecer a ideia, uma vez mais. A prestigiada Gazeta de Coimbra, a 24 de março, iria defender:

“Falta-lhe (a Coimbra) um bom campo de *football*, um bom *stadium*, que a honre, que a dignifique,

que a ponha ao nível, já não dizemos de Lisboa e Porto, mas das cidades de menor categoria política, administrativa e social. Precisamos de ter esse melhoramento, precisamos de um campo de *football*, tipo internacional, onde possam realizar-se alguns dos melhores desafios portugueses, onde podem formar-se elites desportivas, que oponham o bom nome da cidade sob essa modalidade.”

Apesar dos esforços, esta questão ficaria novamente pendente. A escolha do terreno estaria no centro da polémica e da maior parte das divergências entre as partes envolvidas. O “Picoto” (junto à Mata Nacional), a Portela ou a Quinta de D. João, à Arregaça, eram algumas das opções ponderadas, sendo a última, segundo a Comissão responsável, aquela que reunia melhores condições para o fim pretendido. A ideia de construir um estádio com diferentes valências e não um simples campo de futebol ganhava força. As emergentes competições de atletismo e a crescente propaganda à educação física justificavam um *stadium*, mais proveitoso do que um recinto destinado exclusivamente à prática do futebol. A 7 de maio, *A Voz Desportiva* deixou claro o que se pretendia:

“Queremos um *stadium*, com as medidas exigentes e as comodidades indispensáveis, para que se não confunda o seu recinto com o medíocre Campo de Santa Cruz e com o manifesto mau aspeto do Campo da Escola Agrícola. Queremos um *stadium*, alfim, em condições, onde a Coimbra desportiva, em massa, acorra.”

Segundo Abílio Lagoas, presidente da AFC, e um dos membros da Comissão encarregue de estudar o assunto, a construção do campo de jogos, ou *stadium*, resultaria sempre de um processo moroso e nunca de uma resolução imediata. À Comissão competia, nesta fase, estudar os vários terrenos, as possibilidades de construção e os respetivos orçamentos aproximados para poder apresentá-los às entidades oficiais, as únicas que poderiam auxiliar na materialização do mesmo e conceder a viabilidade financeira para a sua execução. Nesta altura “já só se jogava em Santa Cruz, na Quinta Agrícola ou no Arnado”, com a inauguração do Parque Manuel Braga, no verão de 1927, a liquidar “definitivamente o campo da Ínsua dos Bentos” (Santana & Mesquita, 2007, p. 42). A época 1926-7 findaria com todas estas questões no

ar e sem uma resolução à vista para mais este problema estrutural que muito afetava o desenvolvimento do futebol local e regional.

Sabia que... A Federação Portuguesa de Football Association ponderou mudar a sede para Coimbra, de forma a evitar os conflitos permanentes entre Porto e Lisboa.



Futebol e emoção
nos anos 20.

Cronologia

1926 27

1926

Outubro

Foram eleitos os novos corpos gerentes da AFC. A Direção passou a ser presidida pelo Dr. Abílio Lagoas.

Início o Campeonato da Figueira da Foz com uma nova equipa inscrita, Os Marialvas.

O Ginásio Clube Figueirense inaugurou a sua Biblioteca.

Novembro

Início da Taça Cidade de Coimbra.

O Sport Lisboa e Coimbra venceu (2-0) o União de Coimbra na final da Taça Cidade de Coimbra, conquistando o seu primeiro troféu em provas da AFC.

Sai o primeiro número do jornal *A Voz Desportiva*, de Coimbra.

Dezembro

Início do Campeonato de Coimbra (local) em primeiras categorias.

1927

- Janeiro** No VII Coimbra- Figueira, realizado no Campo de Santa Cruz, em Coimbra, venceram os figueirenses por 2-1.
A Naval 1º de Maio conquista o título de Campeão da Figueira da Foz.
Aberto concurso para o cargo de escriturário da Direção da AFC.
- Março** Na primeira eliminatória do Campeonato de Portugal, o União de Coimbra perdeu por 5-0 com o Casa Pia AC e a Académica venceu (3-1) o SC Espinho.
- Abril** Nos oitavos-de-final do Campeonato de Portugal, a Académica, único representante ainda em prova da AFC, foi derrotado (9-1) pelo Sporting CP.
- Maio** O Carcavelinhos joga na Figueira e derrota a Seleção local por 6-3.
- Junho** Disputa do VIII Figueira-Coimbra, vitória figueirense por 5-2.
A seleção da Figueira vence por 3-1 a seleção de Santarém.
Primeiro jogo Coimbra-Porto (seleções distritais), com vitória portuense por 3-1 (gerou 51\$40 de saldo positivo para a AFC).
O Dr. Sampaio e Castro, membro da FPFA, refere no conceituado jornal *Os Sports* que a sede da Federação, estabelecida na Capital, poderia mudar-se para Coimbra para sanar os conflitos entre Porto e Lisboa.
- Julho** O União de Coimbra vence o Campeonato de Coimbra.
A Naval 1º de Maio conquista o Campeonato da Figueira da Foz.
Na final do Campeonato Distrital da AFC, disputada pela primeira vez a duas mãos, o União de Coimbra renova o título depois de vencer a Naval por 5-0, em Coimbra e empatar 1-1 na Figueira.

Competições

1926
27

PROVA	CAMPEÃO
Campeonato Distrital - 1. ^{as} categorias	União Foot-ball Coimbra Club
Campeonato Distrital - 2. ^{as} categorias	Santa Clara FC
Campeonato Distrital - 3. ^{as} categorias	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital - 4. ^{as} categorias	Associação Académica de Coimbra
Campeonato de Coimbra - 1. ^{as} categorias (série local)	União Foot-ball Coimbra Club
Campeonato da Figueira da Foz - 1. ^{as} categorias (série local)	Associação Naval 1º de Maio
Taça Cidade de Coimbra - 1. ^{as} categorias	Sport Lisboa e Coimbra
Taça Figueira da Foz - 1. ^{as} categorias	Associação Naval 1º de Maio
Torneio «Relâmpago» da Figueira da Foz - 1. ^{as} categorias	Sporting Clube Figueirense

Campo de Jogos da Mata da Misericórdia

FIGUEIRA DA FOZ

DOMINGO, 29 DE MAIO DE 1927
ÀS 5 DA TARDE

Grande Match
DE
FOOTBALL
entre as

SELECÇÕES
de
COIMBRA e FIGUEIRA

Árbitro: estrangeiro do Football de Lisboa

SELEÇÃO DE COIMBRA

TORNADO (cap.) — FIGUEIRA
LEONARDO DA SILVA — PEREIRA
LUCENA — ALBANO — LEITE — DANIEL — MARTIN

SELEÇÃO FIGUEIRENSE

AMARAL (cap.)
JOÃO FREITAS — JOÃO SILVA
CARLOS — ANTONIO DA SILVA — BENTO
FRANCO — SILVA — MOURA — PINHEIRO —

1
2
3

Por ordem da comissão do Football de Coimbra de 1927, para se jogar no
MATEUS, mandamos avisar para o dia 29, para a noite de 5 da tarde, seguinte.

PREÇOS

	Selecção	Entrada
PROVIS.	1000	1000
o. reserva ..	500	500
Lugar sentado ..	1000	1000
o. para os ..	500	500

Grand Match entre as duas principais seleções da região.

Época 1927
28

Oxford-Cambridge de Coimbra ao rubro

Época marcada pela aprovação dos novos estatutos e regulamento de provas da AFC, e pela rivalidade “Oxford-Cambridge de Coimbra” (União-Académica). Criou-se uma nova competição: o torneio de apuramento para o Campeonato de Portugal, em que Coimbra teve dois representantes.

A temporada de 1927-28 marcou o primeiro brilharete da Seleção Nacional de futebol, na sua estreia numa competição oficial, nos Jogos Olímpicos de Amesterdão em 1928, chegando aos quartos-de-final e batendo seleções mais poderosas. E a nível nacional, uma equipa formada por operários de Carcavelos, o Carcavelinhos FC (futuro Atlético), conquistou o Campeonato de Portugal, para surpresa do meio futebolístico português.

Mas apesar da popularidade que a modalidade atingia, com encontros em que se registavam mais de 25 mil espetadores (sobretudo da Seleção Nacional), o futebol seria proibido em junho de 1928, por decreto ministerial. Foi divulgada na imprensa uma determinação do Ministério da Instrução Nacional que proibia a prática do futebol durante os meses de julho e agosto, prolongando-se até 15 de setembro. A proibição assentava na defesa de questões de “higiene nacional e de assistência física à mocidade que se estiola”, como referia o jornal *O Sport de Lisboa* de 31 de agosto. A lei seria cumprida em Lisboa mas “esquecida” no resto do País.

As orientações legislativas e regulamentares da época eram, por vezes, pouco compreensíveis. A própria AFC, para salvaguardar o desenvolvimento dos futebolistas locais, chegaria a punir severamente os clubes que utilizassem jogadores doutros distritos, como sucedeu ao SC Conimbricense, castigado com uma derrota por ter alinhado, num jogo do Campeonato de Coimbra, com um jogador não residente em Coimbra. Omissa era ainda a questão da transferên-

cia de jogadores, uma novidade numa região onde o amadorismo imperava. Mas no chamado “defeso do football” (julho-agosto), alguns jogadores eram aliciados a mudar de clube. No verão de 1927 seria notícia a possibilidade do prestigiado guarda-redes do União de Coimbra, Carlos Silva, trocar de camisola, já que tinha recebido “uma proposta” de “um ‘emprego’ de 500\$00 mensais” – como o profissionalismo era ainda mal recebido no meio futebolístico, os clubes utilizavam outras estratégias, oferecendo “empregos” bem remunerados aos jogadores (os empregos eram, na generalidade, fictícios, meros subterfúgos para justificar as transferências).

Novos Estatutos

Em agosto de 1927, na transição entre épocas desportivas, realizaram-se eleições dos órgãos sociais da AFC. Das sete listas apresentadas sairia vencedora a liderada pelo Dr. Cunha Vaz, que assim foi nomeado presidente do órgão diretivo. A nova Direção teve de imediato algumas iniciativas dignas de registo, tais como: a criação de um fundo de assistência ao jogador (para apoiar os lesionados); a criação de um fundo extraordinário destinado à aquisição de um campo de jogos; ou a marcação do II Porto-Coimbra em seleções distritais. Em outubro, a Direção delegou também em Aníbal Roque dos Reis, coadjuvado por Lúcio do Vale Lopes, Luís Lucas e Carlos Mesquita, a responsabilidade de organizar os novos “Estatutos e Regulamento de Jogos” da Associação. Numa con-

corrida Assembleia Geral da AFC, realizada a 12 de novembro de 1927, na sede do Sporting Nacional, em Coimbra, os Estatutos foram aprovados pelos sócios da AFC, sendo mais tarde impressos (na Gráfica Conimbricense) e divulgados.

Os Estatutos entrariam em vigor a partir da segunda metade da época desportiva, mais precisamente no início de 1928. Os primeiros artigos dos novos Estatutos definiam as linhas gerais de orientação e de atuação da AFC, seguindo-se as normas de constituição e funcionamento da Assembleia Geral, da Direção e do Conselho Fiscal. No capítulo destinado aos “Clubes”, destacamos, dentro dos artigos publicados:

Artigo 42º – define que a época desportiva será compreendida entre 15 de setembro e 30 de junho;

Artigo 44º – determina que cada clube filiado tem coletivamente os direitos de um sócio contribuinte;

Artigo 50º – estabelece que os campos de jogos dos clubes filiados ficam à disposição da AFC para a disputa de campeonatos locais, inter-seleções e do Campeonato de Portugal.

No capítulo “Campeonatos e Torneios”, o Artigo 58º esclarecia que a AFC promoverá entre os clubes inscritos campeonatos anuais de 1.^{as}, 2.^{as} e 3.^{as} categorias e, no caso de se inscreverem mais de dois clubes em 4.^{as} categorias, realizará também este campeonato. O Artigo 59º indicava que sempre que se

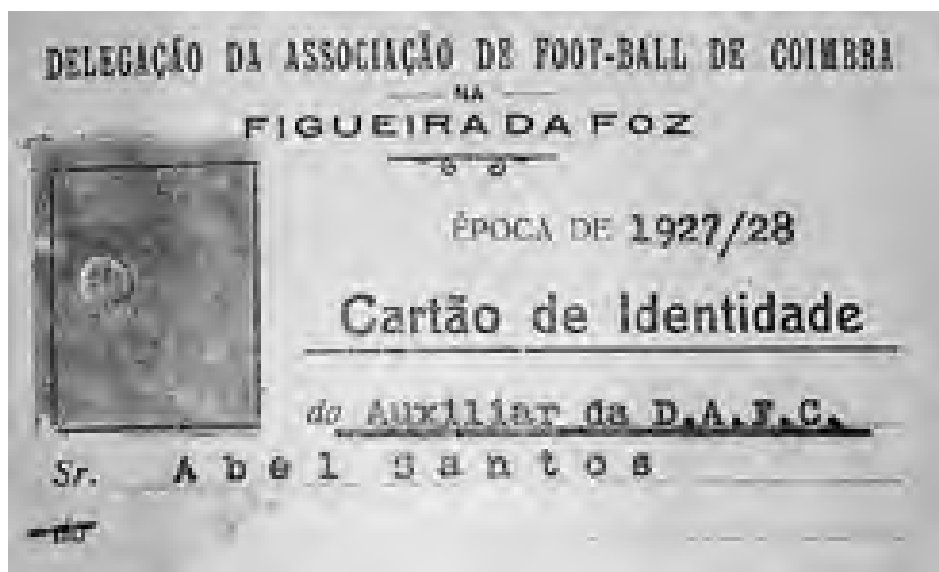
inscrever mais de cinco clubes numa categoria, formar-se-ão duas divisões, fazendo parte da primeira os três primeiros classificados da época transata. No capítulo “Juizes de Campo”, o Artigo 12º esclarecia que as decisões do árbitro são soberanas e inquestionáveis durante o desafio e o Artigo 13º garantia que nenhum membro da AFC pode desempenhar o cargo de juiz de campo, com o Artigo 14º a estabelecer todas as obrigações dos árbitros.

Os artigos que compunham os “Estatutos e Regulamento de Jogos da Associação de *Football* de Coimbra”, publicados no final de 1927, iriam definir os destinos da Associação e dos seus filiados até à época de 1935-36, altura em que seria proposta uma nova revisão. Assim, em finais de 1927, a AFC divulgou os novos estatutos, fazendo acompanhar uma breve explicação em papel timbrado da Associação, que referia um dado curioso relacionado com a data de fundação do organismo: “Associação de Foot-Ball de Coimbra, Fundada em 28 de outubro de 1922” – só mais tarde seria ajustada esta data para o dia 22 de outubro.

Benfica na origem de novo conflito

O novo formato do Campeonato de Portugal, mais alargado, com 28 equipas (mais o representante insular), manteve-se em 1927-28, com eliminatórias a jogo único. Coimbra preservou dois representantes. A Académica, como tinha vencido na primeira eliminatória da época anterior, qualificava-se automática-

AFC começou a criar documentos de identificação dos seus funcionários, em Coimbra e na Figueira da Foz.



mente para esta edição, como determinavam os regulamentos. E, além disso, ficaria também em primeiro lugar no torneio de apuramento da AFC para a prova nacional.

Faltava assim apurar o outro representante de Coimbra, tendo a AFC criado um Torneio de Classificação para o Campeonato de Portugal, com uma série em Coimbra (ganha pela Académica) e outra na Figueira da Foz. O vencedor da Figueira, o Ginásio Clube Figueirense, levaria também de vencida o Sporting Clube Conimbricense (representante da série de Coimbra, graças ao segundo lugar) por 3-0, conquistando desta forma um inédito apuramento de uma equipa da Figueira da Foz para o Campeonato de Portugal. O sorteio da prova ditou a recepção dos figueirenses ao SL Benfica, um dos clubes mais importantes e populares de Portugal.

A vinda do SL Benfica gerou enorme expectativa e o encontro foi marcado para o Campo da Mata, na Figueira da Foz, “casa” do Ginásio. No entanto, por intercedência direta da AFC junto da Federação, o local do encontro seria transferido para Coimbra, onde geraria maior receita para todos os intervenientes, segundo alegou a AFC. Os figueirenses, e em particular o Ginásio e a Delegação da Figueira da AFC, não se conformaram com a decisão federativa, dando-se origem a um novo litígio entre as partes. No dia do jogo, a 4 de março de 1928, agendado para o Campo de Santa Cruz, em Coimbra, o Ginásio Clube Figueirense não se apresentou, facto que originou a sua eliminação direta por falta de comparecimento. Uma vez que estava em Coimbra, o

SL Benfica acabou por disputar um encontro amigável, perante uma numerosa assistência, contra uma equipa do União de Coimbra, tendo vencido por uns expressivos 17-1.

No rescaldo desta situação, bastante desagradável e desprestigiante para o futebol de Coimbra, a AF Coimbra e a Federação instauraram um processo disciplinar ao Ginásio Figueirense. Solidária com o clube local, a direção da Delegação da AFC da Figueira demitiu-se em bloco e os jogadores figueirenses recusaram-se a representar a Seleção de Coimbra. A 8 de março, novamente em bloco, sete clubes da Figueira da Foz assinaram um protesto conjunto contra a atuação da AFC, enviado à Federação, em que mostravam total solidariedade com o Ginásio e profundo desgosto pela posição da AFC, que acusavam de favorecer Coimbra (cidade) em detrimento da Figueira, onde deveria ter ocorrido o encontro com o SL Benfica.

Dias depois, a 23 de março, a Federação anunciou em Comunicado Oficial (Circular nº 446) que “por ter faltado ao jogo marcado para Coimbra, foram aplicadas ao Ginásio C.F., com a sanção da Direção, as seguintes penalidades: a) Repreensão registada, e b) multa na importância de 485\$40”. Ao SL Benfica foi atribuída “uma vitória por falta de comparecimento do Ginásio C.F.” na primeira eliminatória do Campeonato de Portugal. Serviria de atenuante para os cofres do Ginásio o facto de o SL Benfica, solidário com o mesmo, ter assumido na totalidade as suas despesas da deslocação a Coimbra, evitando desta forma que fossem adicionadas à coima aplicada.

Nesta temporada imortalizou-se a Seleção Nacional que participou nos Jogos Olímpicos de 1928.

Tinha grandes ídolos, como "Pepe", Jorge Vieira, Carlos Alves (o "luvas pretas") ou guarda-redes António Roquete. Todos eles passaram a sua classe nos campos de Coimbra.



O conflito dos clubes da Figueira da Foz com a AFC só chegaria ao fim em meados de abril de 1928, com os mesmos a reingressarem na Associação, por indicação da própria Delegação da AFC na Figueira da Foz. A única voz discordante foi o Ginásio Club Figueirense, que embora aceitasse a decisão, manifestou o seu protesto, exigindo maior respeito da AFC aos clubes de Coimbra.

O outro representante da AFC no Campeonato de Portugal foi a Associação Académica de Coimbra, que enfrentou o FC Fafe. A 4 de março, em campo adversário, a favorita Académica perdeu por 2-1, para surpresa dos “estudantes”, que esperavam uma partida fácil e um ambiente mais cordial (foram recebidos com insultos, assobios e pedradas), como relatou a imprensa. Difíceis, e cada vez mais tensos, eram também os jogos que os jornais começavam a apelar dos “Oxford-Cambridge de Coimbra”, entre os eternos rivais Académica e União. Neste período, só mesmo Os Conimbricenses se interpunham entre

estes dois clubes no domínio do futebol da cidade. A partida decisiva (para apurar o campeão) do Campeonato de Coimbra desta época, entre Académica e União, seria marcada por cenas de violência e indisciplina, com o jogo a terminar 12 minutos antes do final, devido aos tumultos entre jogadores, que obrigaram à intervenção da polícia. A Académica venceu por claros 6-2. A AFC ainda ordenou que se jogassem os minutos em falta, mas o União não compareceu, entregando o título à Académica (Santana & Mesquita, 2007, p. 44).

A outra rivalidade marcante do distrito era entre a Naval e o Ginásio Figueirense, que tal como o União-Académica, representava simbolicamente uma luta de classes entre as elites (Académica e Ginásio) e as classes populares (União e Naval) de cada cidade. Mas em 1928 os ânimos apaziguaram na Figueira, como denotou a final da Taça Misericórdia (ou Taça da Figueira), em que Naval e Ginásio se enfrentaram, a 27 de maio de 1928, num campo que apresen-

tou “um aspeto extraordinário”, na “maior enchente que até hoje” tinha registado, como referiu o jornal *A Voz da Justiça*. E num jogo “sem violências”, em que o público se portou “corretamente”, a Naval venceu por 3-1, com a arbitragem a originar “aplausos” das “claques dos dois clubes”.

Sabia que... Em 1928 o futebol foi proibido pelo Ministério da Instrução Nacional, entre julho e 15 de setembro, por questões de saúde pública, devido ao calor do verão.

O brilharete da Seleção Nacional nos Jogos Olímpicos de Amesterdão
foi acompanhado em Coimbra pela imprensa.



Cronologia

1927
28

1927

Outubro

Nomeação do novo presidente da Direção da AFC, o Capitão Alcino Rodrigues de Oliveira.

Início da disputa da Taça Cidade de Coimbra.

Novembro

Aprovados os novos estatutos da AFC.

Final da Taça Cidade de Coimbra, o União venceu a Académica por 2-1.

Dezembro

Início do Campeonato Distrital em 2.^{as} categorias.

Começa o Torneio de Classificação para o Campeonato de Portugal.

1928

Janeiro

Início do Campeonato de Coimbra em 1.^{as}, 2.^{as}, 3.^{as} e 4.^{as} categorias.

O presidente da Delegação da AFC da Figueira da Foz demite-se do cargo.

Fevereiro

A Académica venceu o Torneio de Apuramento da AFC para o Campeonato de Portugal, garantido a presença na prova pela quinta vez em sete edições.

No jogo de apuramento do segundo representante da AFC para o Campeonato de Portugal, o Ginásio Clube Figueirense venceu o SC Conimbricense por 3-0.

Março

O Ginásio Clube Figueirense é o Campeão da Figueira.

Na primeira eliminatória do Campeonato de Portugal, a Académica foi eliminada em casa do Fafe. E o Ginásio Figueirense foi eliminado por falta de comparência, depois de ter recusado jogar em Coimbra contra o SL Benfica.

A AFC adquiriu novas camisolas para a seleção de Coimbra por 324\$00.

O jogo União-Académica, a contar para o Campeonato de Coimbra, foi suspenso depois de se registarem graves incidentes entre jogadores.

A Delegação da AFC da Figueira demitiu-se em bloco.

Abril

No II Porto-Coimbra voltaram a vencer os portuenses por 3-1.

Foi assinado o arrendamento da Quinta das FONSECAS, situada à Arregaça, onde o União de Coimbra ia construir o campo de futebol.

Maiο

Venderam-se 1234 bilhetes para o jogo Académica-União, que gerou uma receita de 3.538\$50 para os cofres da AFC.

Assistiu-se a um aumento das despesas com policiamento, que ficou a dever-se ao reforço de efetivos da GNR para garantir a segurança nos "jogos grandes".

Competições

1927
28

PROVA	CAMPEÃO
Campeonato Distrital - 1. ^{as} categorias	Académica de Coimbra
Campeonato de Coimbra - 1. ^{as} categorias (série local, 1. ^a divisão)	Académica de Coimbra
Campeonato de Coimbra - 1. ^{as} categorias (série local, 2. ^a divisão)	SC Conimbricense
Campeonato de Coimbra - 2. ^{as} categorias (série local, 1. ^a divisão)	Académica de Coimbra
Campeonato de Coimbra - 2. ^{as} categorias (série local, 2. ^a divisão)	Sporting Nacional
Campeonato de Coimbra - 3. ^{as} categorias (série local, 1. ^a divisão)	Académica de Coimbra
Campeonato de Coimbra - 3. ^{as} categorias (série local, 2. ^a divisão)	SC Conimbricense

Ginásio Clube Figueirense, campeão da Figueira da Foz.



PROVA	CAMPEÃO
Campeonato de Coimbra - 4. ^{as} categorias (série local, 1. ^a divisão)	Académica de Coimbra
Campeonato da Figueira da Foz - 1. ^{as} categorias (série local)	Ginásio Clube Figueirense
Taça Cidade de Coimbra - 1. ^{as} categorias	União Foot-ball Coimbra Club
Taça Figueira da Foz - 1. ^{as} categorias	Associação Naval 1º de Maio
Torneio de Classificação - Campeonato de Portugal	Associação Académica de Coimbra Ginásio Clube Figueirense

Época 1928
29

Campos de esperança

O número de jogos aumentou consideravelmente. Entre competições oficiais, jogos particulares e encontros de seleções, praticamente todos os domingos passam a ser “domingos de football” em Coimbra e na Figueira da Foz, sob a supervisão da AFC. Inauguram-se os campos da Arregaça e o Arnado, abrindo novos caminhos ao futebol em Coimbra.

Período da “Grande Depressão” económica, com um Portugal a aprender a conviver com uma ditadura militar, que desde 1928 contava na pasta das Finanças com António de Oliveira Salazar, professor catedrático da Universidade de Coimbra e que em 1933 fundou o Estado Novo – um regime autoritário, de partido único (a União Nacional) e de cariz corporativo, e cuja ação repressiva se iria estender a todas as áreas da sociedade portuguesa, inclusivamente ao desporto. Apesar deste contexto político ditatorial, o futebol estava longe de uma certa ordem e disciplina propagandeados pelo regime. Em Lisboa, principal núcleo futebolístico do País, sucediam-se as cenas de violência e protestos. A tal ponto que numa ocasião a sede da AF Lisboa esteve quase a ser invadida. Igualmente tensas eram as relações entre as principais associações de futebol (Lisboa e Porto), com reflexos no restante País e competições.

No Campeonato de Portugal, o clima de tensão foi visível em vários embates, como sucedeu na meia-final entre Belenenses (que viria a sagrar-se campeão de Portugal) e Vitória de Setúbal (acicatando a rivalidade Belém-Setúbal), obrigando mesmo à intervenção policial. Nesta edição da prova, Coimbra contou com um único representante, o União de Coimbra, que superou a primeira eliminatória devido a falta de comparência do adversário, o Fafe, que no ano anterior tinha protagonizado cenas de violência na receção à Académica. Talvez por isso, receosos da receção em Coimbra, os fafenses não compareceram ao encontro (alegaram irregularidades nas inscrições

dos jogadores). Na segunda ronda, nos oitavos-de-final, o União seria batido pelo Leça por 3-2.

Apesar da eliminação, o União era a equipa mais competitiva do distrito, superiorizando-se em várias categorias no Campeonato Distrital (foi campeão em 1.^{as} categorias) e no Torneio de Classificação do Campeonato de Portugal (disputado entre equipas de Coimbra e Figueira). E bateu o crónico rival, a Académica, em vários jogos, chegando mesmo a golear (6-2). Por seu turno e apesar dos desaires, a Briosa (dotada já do seu histórico símbolo, desenhado na época anterior por Fernando Pimentel), conseguiu impor-se na Taça Rainha Santa, vendo despontar um jogador que seria marcante para o clube e cidade (Rui Cunha) e uma claque, a “Baralha Teórica”, reflexo “da crescente paixão dos estudantes de Coimbra pelo futebol” (Santana & Mesquita, 2007, p. 47).

Uma Assembleia para a história

A Assembleia Geral Extraordinária da AFC, de 21 de fevereiro de 1929, realizada na sua sede, na Rua Pedro Cardoso, em Coimbra, revelou-se como uma das mais importantes da até então ainda curta história da instituição. Nessa sessão, presidida por Abílio Lagoas, foram tomadas duas importantes decisões sobre outras tantas propostas apresentadas, uma pela Delegação da AFC da Figueira da Foz e outra pelo Conselho Técnico da AFC. A Delegação da Figueira levou a votação uma proposta de alteração estrutural muito importante para o futuro da associação:

“(…) que os clubes que compõem a Delegação na Figueira da Foz, tenham sua legal representação nas Assembleias Gerais e possa um representante da Delegação ser eleito para cargos diretivos”.

Esta proposta, depois de discutida, foi aprovada, representando uma grande vitória para a Delegação da Figueira da Foz e para os clubes figueirenses filiados na AFC. Pela primeira vez, as agremiações figueirenses teriam direito de voto nas Assembleias Gerais da AFC, em igualdade de circunstâncias com os clubes de Coimbra. E os efetivos da Delegação da Figueira poderiam integrar as listas de candidatos à Direção da AFC.

A outra proposta, que gerou, segundo *A Voz de Coimbra* de 23 de fevereiro, uma discussão bem mais difícil e prolongada, foi apresentada pelo Conselho Técnico da AFC e colocava em cima da mesa a aprovação de um novo modelo competitivo para o campeonato local de Coimbra na presente época desportiva. O Conselho Técnico pretendia aprovar um novo regulamento que consistia na disputa do Campeonato local (na categoria principal) a uma só volta e com três jogos em cada domingo. A proposta, que visava fundamentalmente possibilitar a conclusão da prova antes do final do mês de junho (num calendário cada vez mais preenchido com outros compromissos oficiais e jogos particulares), era sustentada pela existência de três campos de futebol em Coimbra. A proposta seria igualmente aprovada e o Campeonato decorreria nestes moldes entres os meses de março e junho de 1929.

Inauguração dos campos da Arregaça e Arnado

Depois de anos de intensa luta nesse domínio, esta época trouxe boas notícias e esperança ao futebol distrital, com a inauguração, não de um, mas de dois recintos destinados à prática do futebol: os campos do União de Coimbra (Arregaça) e do Sport Clube Conimbricense (Arnado). O primeiro a ser inaugurado foi o Campo da Arregaça, propriedade do União de Coimbra, a 14 de outubro de 1928, dia em que Coimbra se “vestiu de gala” para receber esta nova infraestrutura desportiva. O numeroso público teve oportunidade de disfrutar de dois desafios, numa magnífica “tarde de football”. O primeiro teve início às 13h00, opondo Os Conimbricenses e o Santa Clara, para disputa do Bronze da Inauguração, vencido pelos primeiros por 3-2. E às 15h00, o encontro que marcava oficialmente a inauguração do campo, entre a equipa da “casa”, o União de Coimbra, e o Sporting de Espinho, equipa muito respeitada, do distrito de Aveiro.

Antes do segundo encontro realizou-se a cerimónia inaugural com a presença do Governador Civil, dos corpos sociais da AFC e de muitas personalidades conimbricenses, que fizeram, depois dos discursos oficiais, o tradicional batismo do recinto com vinho espumante, como descreveu dias depois a *Gazeta de Coimbra*, de 16 de outubro:

“No pavilhão central é içada a bandeira do União e aos lados tremulam as bandeiras do Espinho e

Os invernos rigorosos dificultavam, muitas vezes, o normal desenrolar das competições.



a Nacional. A entrada de Pepe, o jovem internacional olímpico, que arbitra o jogo, foi pelo numeroso público, saudado unanime e entusiasmamente.”

O famoso “Pepe” era o ídolo do futebol português na altura, estrela maior do Belenenses (campeão de Portugal em 1929) e da Seleção Nacional, mas operário de profissão – num tempo ainda dominado pelo amadorismo. No final do jogo, o resultado cifrou-se num 4-2 favorável aos anfitriões, estendendo-se as comemorações pela noite fora.

Duas semanas depois, a 28 de outubro de 1928, seria inaugurado o Campo do Arnado, pertencente ao Sport Club Conimbricense. A *Voz de Coimbra* escreveu no dia seguinte:

“Perante uma assistência de alguns milhares de pessoas, onde se destacava o elevado número de senhoras, procedeu-se à cerimónia do batismo do *ground* em que usaram da palavra diversas personalidades.”

Sabia que... A inauguração do Campo da Arregaça foi adiado alguns dias devido a um forte temporal que assolou Coimbra e tornou o terreno de jogo num autêntico lamaçal.

Uma dessas individualidades foi o Dr. Salazar Carreira que ali se deslocou em representação da FPF e que, conjuntamente com o presidente do Sport Clube Conimbricense e o Governador Civil, abriram as hostilidades dos discursos inaugurais. Depois deste ato solene, seguiu-se um jogo entre as 1.^{as} categorias da Académica de Coimbra e do Sport Clube Conimbricense, saindo vencedores os “estudantes” por 5-1.

Com a inauguração destes dois campos, que se juntariam assim ao mítico Campo de Santa Cruz, propriedade da Académica, a cidade de Coimbra passou a dispor de três recintos destinados à prática do futebol, que haveriam de propiciar naquela temporada uma atividade nunca vista até então. Para além de servirem de palco a dezenas de jogos das competições locais e distritais, nas mais variadas categorias, a existência de três campos em Coimbra, e a sua regular utilização, permitia ainda a presença em Coimbra, numa mesma época, de alguns dos melhores clubes nacionais de então, como o Sporting CP, o FC Porto, o Salgueiros, o Carcavelinhos, o União de Lisboa, o Beira-Mar, o Académico de Viseu

ou o SC Tomar. O mesmo sucedendo com as seleções distritais, que continuaram a visitar Coimbra, destacando-se Viseu nesta temporada.

A estes três recintos, em termos de distrito, juntava-se também o Campo da Mata, na Figueira da Foz, que apresen-

tava boas condições. Acolheu em setembro de 1928 a disputa da Taça Grande Hotel Portugal, a favor do Hospital da Santa Casa da Misericórdia, que enfrentou um misto local com a equipa principal da Naval – o encontro assinalou a abertura oficial da época na Figueira, com a Naval a vencer por 4-2. Na Figueira, a temporada ficaria marcada, em janeiro de 1929, pelo surpreendente anúncio do Ginásio Clube Figueirense, que desistia dos jogos oficiais.

Apesar disso, o ambiente futebolístico em Coimbra melhorou nesta temporada, com a criação de novos campos e com um ambiente mais cordial no seio da AFC. Aumentaram o número de jogos, mercê da oferta de campos, com consequências na melhoria dos aspetos qualitativos e competitivos das equipas. E a AFC, que segundo os Estatutos beneficiava de uma percentagem de cerca de 30 por cento das receitas de cada desafio, seria, obviamente, altamente favorecida com o aumento substancial de encontros.

Cronologia

1928
29

1928

Outubro

Inauguração do novo recinto do União, o Campo da Arregaça.

Inauguração do novo recinto do SC Conimbricense, o Campo do Arnado.

Publicou-se a obra *O Football em Coimbra* de Amadeu Rodrigues, sobre a história da modalidade no distrito.

Novembro

Início da época oficial de futebol da AFC, com as primeiras eliminatórias da Taça de Coimbra.

1929

Janeiro

O Ginásio Clube Figueirense desiste das competições oficiais.

1929

Janeiro

Início as duas séries (Coimbra e Figueira) do Torneio de Classificação do Campeonato de Portugal.

Criação da Comissão Técnica da Delegação da AFC da Figueira da Foz.

A AFC autorizou a fusão do Boavista Football Clube de Coimbra com o União de Coimbra.

Fevereiro

Alteração no regulamento do Campeonato local de Coimbra, que passa a ser disputado a uma só volta, com três jogos cada domingo.

Os clubes da Figueira passam a ter um representante legal nas Assembleias Gerais da AFC.

O União de Coimbra vence a série de Coimbra do Torneio de Classificação do Campeonato de Portugal. E o Sporting Figueirense vence a série da Figueira da Foz.

Final do Torneio de Classificação do Campeonato de Portugal, no Campo da Mata, na Figueira, com o União de Coimbra a vencer por 4-0 o Sporting Figueirense.

Pela primeira vez um jogador de Coimbra é selecionado para a Seleção do Norte de Portugal, na circunstância José Silva, convocado para o célebre Norte-Sul.

Março

Começam os campeonatos locais de Coimbra e da Figueira, nas diferentes categorias.

Abril

Na primeira eliminatória do Campeonato de Portugal, o União de Coimbra enfrentou o Sporting de Fafe, que faltou ao encontro, ficando o União apurado para a seguinte ronda.

1929

Maio

Os árbitros da AFC fazem um abaixo-assinado dirigido à Direção, onde alegam que tem existido, por parte da mesma, uma notória falta de confiança no seu trabalho.

Realizou-se o I Coimbra-Viseu em seleções militares, com vitória visiense por 3-1.

Nos oitavos-final do Campeonato de Portugal, o União de Coimbra jogou em "casa" do Leça, da AF Porto, perdendo por 3-2, ficando eliminado da prova.

Junho

A final da Taça Cidade de Coimbra, marcada pela AFC para 9 de junho, não se disputou devido à desistência dos dois clubes envolvidos: Académica e União.

Na final do Campeonato local de Coimbra, o União conquistou o título após bater a Académica por 3-1.

Na final do Campeonato Distrital, que opunha o vencedor de Coimbra e o vencedor da Figueira, o União derrotou o Sporting Figueirense por 6-1, na Arregaça, sagrando-se campeão.

As equipas regionais começavam a ter treinos regulares.



Competições

1928
29

PROVA	CAMPEÃO
Campeonato Distrital - 1. ^{as} categorias	União Foot-ball Coimbra Club
Campeonato Distrital - 2. ^{as} categorias	União Foot-ball Coimbra Club
Campeonato Distrital - 3. ^{as} categorias	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital - 4. ^{as} categorias	Não se apurou campeão
Campeonato de Coimbra - 1. ^{as} categorias (série local)	União Foot-ball Coimbra Club
Campeonato da Figueira da Foz - 1. ^{as} categorias (série local)	Sporting Clube Figueirense
Taça Cidade de Coimbra - 1. ^{as} categorias	Não se apurou campeão
Taça Figueira da Foz - 1. ^{as} categorias	Associação Naval 1º de Maio
Campeonato de Portugal Torneio de Classificação	União Foot-ball Coimbra Club

Ai bola a quanto obrigas!...



... e isto! A destocação de militares de chapéus de chuva para os campos de futebol ...

Francisco Costa reaparece



... o reaparece a Eduardo Augusto. Ao final, uma exposição de análises bem curiosa e interessante...

A sua autoria está: **Episódios** e não de...

Multidão de guarda-chuva.

O futebol era muito popular mesmo no inverno e sem grandes condições nos campos.

Época 1929
30

Apoio aos jogadores

A época começou com importantes conquistas ao nível da proteção aos jogadores, mas terminou, mais uma vez, com desentendimentos entre clubes que resultaram na atribuição do título de campeão de Coimbra na “secretaria”. Apesar dos conflitos, extensivos à Figueira da Foz, Coimbra ganhava cada vez maior reconhecimento nacional.

O contexto do futebol português continuou a navegar por águas turbulentas. Em Lisboa, a Associação de Futebol distrital entrou em rutura com a Federação, levando mesmo a AF Lisboa a proibir os seus jogadores de representar a Seleção Nacional e os seus clubes de participar no Campeonato de Portugal, ambos casos sob a alçada da FPF. A Federação reagiu e suspendeu os direitos da AF Lisboa enquanto sua associada, proibindo, por exemplo, a vinda de clubes estrangeiros a Lisboa. Lutas de poder no seio da Federação e problemas graves de indisciplina nos campos estiveram na origem dos desentendimentos, que se prolongaram por esta temporada. Mas o processo de popularização do futebol português era irreversível, contando nesta temporada com 15 campeonatos regionais e uma prova nacional, o Campeonato de Portugal. E as preocupações começaram-se a estender a outros âmbitos, para além das associações distritais, clubes e campos de futebol.

Os jogadores passaram a ser uma prioridade, sobretudo o seu bem-estar enquanto praticantes. Nesta temporada, a AF Coimbra reconheceu que as lesões dos futebolistas, durante os jogos, constituía um grave problema de saúde, quer a nível pessoal, quer profissional e familiar. E decidiu, por isso, tomar medidas que visavam a sua proteção. Na reunião de Direção de 5 de novembro de 1930 resolveu-se que a partir daquela data se estabelecesse um subsídio diário de 10\$50, para os jogadores que na sequência de uma lesão em campo (em qualquer uma das competições oficiais da AFC) ficassem impossibilitados

de trabalhar. Mas para poderem usufruir deste benefício, os clubes teriam de cumprir uma exigência: comunicar à Associação, no prazo de 24 horas, o incidente em que se magoou o jogador, para a entidade acionar a devida ajuda. Esta deliberação foi muito bem aceite na comunidade desportiva local, permitindo finalmente que os jogadores pudessem gozar de alguma proteção em caso de lesões que, infelizmente, nesta altura, ocorriam ainda com grande regularidade – os terrenos de jogo eram pelados, as chuteiras de travessas muito duras e o ímpeto agressivo dos jogadores era comum.

Entrega dos primeiros troféus

Os estatutos da AFC previam, desde a sua fundação, que o campeão de cada época ficaria na posse do troféu respetivo até à realização do campeonato seguinte. Caso voltasse a conquistar o título, o troféu manter-se-ia nas suas vitrinas. Mas se o campeão fosse outro, a taça ficaria na posse do novo campeão até ao fim da temporada subsequente, e assim sucessivamente. A posse definitiva de um troféu de campeão apenas se efetivaria quando o mesmo clube vencesse uma competição oficial em três anos consecutivos. Nessa altura, o troféu (objeto) seria entregue ao tricampeão e a AFC adquiriria uma nova taça para iniciar, temporada seguinte, o mesmo processo.

Por ter conquistado o Campeonato distrital da AFC, em 1.^{as} categorias, nas épocas de 1922-23, 1923-24 e 1924-25, a Associação Académica de Coimbra

obteria, à luz dos regulamentos, o direito de receber um troféu definitivo. Contudo, por a AFC ter apresentado um défice financeiro nos primeiros anos de existência, não seria efetivada essa entrega. Na temporada de 1924-25, graças, segundo *A Voz Desportiva*, sobretudo ao encaixe de cerca de 10.000\$00 resultante da receita de bilheteira do I Coimbra-Lisboa em seleções, as finanças da AFC ficaram mais equilibradas, mas ainda sem atingirem o ambicionado saldo positivo.

Seria apenas nas épocas desportivas de 1926-27 e 1927-28 que a tesouraria da AFC atingiu uma maior folga financeira, mas a aquisição de uma nova taça continuou a não ser uma prioridade. Esse ensejo seria finalmente realizado em dezembro de 1929, quando na sessão de Direção do dia 31, a Associação Académica, através de um dos seus delegados, pode receber das mãos do Presidente da AFC a taça definitiva de campeão do triénio 1923-1925. Na mesma reunião foi decidido adquirir, logo que houvesse viabilidade para tal, mais troféus para serem entregues aos campeões das categorias inferiores. Essas taças seriam dadas no final da época, sendo uma delas, a única de posse definitiva, entregue à Associação Académica de Coimbra, por ter conquistado o campeonato local de 3.^{as} categorias nas temporadas de 1926-27, 1927-28 e 1928-29. A Académica tornava-se assim, no dealbar da década de 30, no único clube com troféus definitivos da AFC nas suas vitrinas. Sobre este assunto, *A Voz Desportiva*, na edição de 4 de outubro de 1930, remata a notícia da entrega do primeiro troféu definitivo de campeão à Académica desta forma:

“(...) lembramos que estes troféus, impossíveis de adquirir na época própria, devem dar aos anteriores campeões o direito de, nas suas peanhas, poderem colocar uma chapa, perpetuando o título que nessas temporadas conquistaram. Julgamos isto absolutamente justo, salvo se se desinteressarem deste pormenor.”

Esta tradição, de colocar na peanha o nome dos vencedores, tinha sido adotada pela Federação para a Taça Portugal, em 1926-1927, trofeu que estaria sempre na sede federativa, sendo a sua réplica entregue aos vencedores de cada edição do Campeonato de Portugal, numa tradição que se manteria até 1938 e depois continuada com a Taça de Portugal, a partir de 1939.

Coimbra recebe jogos do Campeonato de Portugal

A principal prova do calendário futebolístico, o Campeonato de Portugal, teria jogos muito disputados, implicando alguns deles um terceiro encontro, de desempate, numa altura em que as eliminatórias eram feitas a duas mãos a partir dos oitavos-de-final. Na primeira eliminatória da prova participaram as habituais 28 equipas, entre as quais as duas representantes de Coimbra: o União e a Académica, respetivamente vencedores do Torneio de Classificação e da finalíssima que colocou frente a frente o segundo classificado da série de Coimbra e o primeiro da Figueira



A imprensa de Coimbra recuperava a memória histórica daquela que era a mais importante competição futebolística em Portugal.

da Foz. Ditou o sorteio que a Académica se deslocasse a Lisboa para defrontar o poderoso Sporting CP, um dos grandes candidatos à vitória final na prova, e que o União recebesse, na Arregaça, o Barreirense. Os encontros em questão seriam disputados a 30 de março de 1930 e resultariam na eliminação dos dois representantes da AFC. Em Lisboa, a Académica perdeu por 7-1 e em Coimbra o União foi derrotado por 3-0. A equipa do Barreiro começou assim, frente aos unionistas, um percurso fantástico nesta edição do Campeonato de Portugal, que só terminaria na final, onde viria a ser derrotada pelo SL Benfica.

Com estas duas derrotas terminou precocemente a participação dos clubes inscritos na AFC no Campeonato de Portugal, mas não a da cidade de Coimbra, que ainda teria o privilégio de receber mais dois jogos da máxima competição nacional. Contrariamente à primeira eliminatória, disputada a um só jogo, a partir da segunda eliminatória a competição começou a ser discutida a duas mãos e, em caso de empate na somatória dos dois encontros, seria decidida num terceiro jogo, realizado em campo neutro. Coimbra, que já na temporada 1922-23 tinha sido palco de um encontro das meias-finais do Campeonato de Portugal (entre Sporting CP e FC Porto), perfilava-se assim como uma das principais candidatas a receber os jogos de desempate.

Esta possibilidade viria a ser confirmada pelo Comité Executivo do Campeonato de Portugal que marcou para Coimbra dois encontros: o Vitória FC de Setúbal contra o Sporting CP e o SC Espinho contra o Leça (da Palmeira, Matosinhos). No dia 1 de maio

de 1930 realizaram-se, no Campo do Arnado, os dois jogos de desempate, que terminaram com vitórias dos setubalenses (4-3 sobre os “leões) e dos espinhenses (3-1 sobre os leccenses).

Sobre estes jogos de desempate, o enviado do *Diário de Notícias* a Coimbra deu a entender que os mesmos não haviam despertado grande entusiasmo na cidade e que a assistência no Campo do Arnado foi fraca. Porém, a imprensa local refutaria estas acusações e garantiria que Coimbra esteve mais do que à altura destes desafios, como defendeu *A Voz Desportiva* de 10 de maio de 1930:

“Coimbra, ao contrário do que se disse, correspondeu à importância dos jogos realizados: em público, que cobriu todas as despesas, em entusiasmo em campo e muito especialmente na conduta dos espetadores, que souberam bem dar provas da sua neutralidade, que é justamente o que a Federação procura para onde marca os jogos de desempate.”

As mais de três mil pessoas que estiveram presentes no Arnado propiciaram uma importante receita extraordinária para os cofres da AFC que, mesmo após a eliminação precoce dos seus representantes, acabou por conseguir desta forma, e saldadas as despesas inerentes à organização dos jogos, amealhar mais receitas, prestígio e notoriedade. Coimbra entrava, definitivamente, no mapa de realização de grandes encontros do Campeonato de Portugal, graças à sua posição geográfica (no Centro de Por-

tugal), público e capacidade organizativa (embora as queixas sobre as valências dos campos fossem regulares).

Final de época atribulado

A temporada da AFC acabou por se prolongar demasiado, devido ao excessivo número de jogos para as diferentes competições, contrariado assim as determinações da própria FPFA, que apontava junho para o fecho competitivo – em julho era já proibido praticar futebol, por imposição ministerial. Mas seria somente em julho que as provas da AFC terminaram e logo sob um espectro de tensão e polémica, tanto em Coimbra como na Figueira da Foz. Nesta última cidade, ainda antes das jornadas decisivas do campeonato local, a Associação Naval 1º de Maio, apontada naquela época como o principal candidato ao título, desistiu da competição e abandonou a Delegação da AFC da Figueira, após entrar em conflito direto com a mesma, que acusava de excessivo zelo na aplicação sucessiva de castigos para com os seus jogadores – dizia-se perseguida pelo organismo. Esta desistência provocou mais uma polémica entre os clubes figueirenses e a sua Delegação, que levaria inclusivamente a Direção da AFC a equacionar, pela primeira vez, a extinção definitiva daquela Delegação para tentar por cobro aos conflitos recorrentes.

Em Coimbra, por seu turno, o final de época seria igualmente atribulado. No jogo decisivo do Campeonato de Coimbra, União e SC Conimbricense ombreavam pelo título, numa partida que não terminou devido à batalha campal que se instalaria, ainda na primeira parte, entre jogadores das duas equipas. O motivo do desaguisado terá sido uma entrada mais violenta por parte de um jogador do União ao guarda-redes do SC Conimbricense. A gravidade dos acontecimentos levou o árbitro a suspender o encontro ainda antes dos 40 minutos, numa altura em que o União de Coimbra vencia por 2-0. Depois de ter feito correr muita tinta e de ter motivado uma exposição à FPFA por parte do SC Conimbricense, que não seria atendida, a AFC deliberaria, tendo em consideração a alegação do Conselho Técnico e o relatório do árbitro, que não haveria lugar à repetição do jogo, declarando o União de Coimbra como vencedor. Repetia-se, à escala de Coimbra, o ambiente de polémicas e conflito presente um pouco por todo o País futebolístico.

Sabia que... Nos dois jogos entre as seleções de Coimbra e a Figueira foram marcados 20 golos, um recorde jamais igualado.

Cronologia

1929
30

1929

Setembro

A AFC reconhece 18 sócios fundadores.

Outubro

O Campeonato de Coimbra de 1.^{as} categorias passa a ser designado como Divisão de Honra. Inscreveram-se seis clubes e para se ter acesso a esta prova na próxima época foi criado o Campeonato de Promoção.

A AFC organiza um Torneio Relâmpago, cujas receitas revertiam para os Bombeiros Voluntários de Coimbra.

Início da Taça Cidade de Coimbra

Novembro

A AFC atribui um subsídio diário de 10\$50 aos jogadores impossibilitados de trabalhar por qualquer lesão ou ferimento, ocorridos nos jogos oficiais.

1929

Novembro

O Sport Clube Conimbricense conquista a Taça Cidade de Coimbra, depois de bater a Académica na final por 3-0.

Dezembro

Foi aceite a filiação e a inscrição no Campeonato de Promoção do Clube Desportivo Universitário, com sede no edifício da Associação Académica de Coimbra.

Início dos Campeonatos de Coimbra nas várias categorias.

No Campo da Mata, na Figueira da Foz, disputa-se o primeiro encontro inter-seleções da época. A Figueira derrotou Coimbra por 9-2.

1930

Janeiro

Coimbra vence a seleção da Figueira por 5-4.

Fevereiro

Para apurar o segundo representante de Coimbra no Campeonato de Portugal, disputou-se no Campo do Arnado, em Coimbra, o jogo Académica-Naval, com triunfo dos primeiros por 5-1.

Março

A seleção de Coimbra vence Viseu por 4-1, no Campo de Santa Cruz.

Eleitos os novos corpos gerentes da AFC.

Na primeira eliminatória do Campeonato de Portugal, os dois representantes da AFC foram eliminados. A Académica e o União não resistem a Sporting CP e Barreirense, respetivamente.

1930

Abril

Em benefício da Associação de Socorros Mútuos do Sexo Feminino, realizou-se no Campo do Arnado um jogo de exibição entre uma equipa mista (do União e Sport) e o Clube Feminino da Lapa, do Porto, com empate (2-2) no final.

A Seleção de Viseu venceu Coimbra por 4-0.

A FPF decidiu realizar em Coimbra dois jogos de desempate do Campeonato de Portugal.

Novo conflito na Delegação da AFC da Figueira da Foz. A Naval abandonou a Delegação e as provas locais, por não concordar com as sanções disciplinares que estava a receber.

Maio

Na Arregaça disputou-se o III Coimbra-Lisboa, com vitória lisboeta por 3-2.

A Direção da AFC pondera a extinção da sua Delegação na Figueira da Foz, de forma a tentar por cobro ao constante clima de conflitualidade no futebol local.

Junho

No final da fase regular do Campeonato de Coimbra, o mais equilibrado de sempre, três equipas ficaram empatadas no primeiro lugar com os mesmos pontos, a saber a Académica, o SC Conimbricense e União. Disputou-se um minicampeonato entre os três.

O Sporting Figueirense venceu o Campeonato da Figueira, numa prova marcada pela desistência do principal favorito, a Naval.

Julho

Final do Campeonato de Coimbra entre o União de Coimbra e SC Conimbricense. Terminou antes do tempo e ficou envolta em polémica. Baseando-se no relatório do árbitro, a AFC declarou o União campeão. O Sport recorreu para a FPF mas sem sucesso.

Lance magnífico de futebol num jogo na Figueira da Foz.



Embora o árbitro tivesse apitado off-side, por este belo instante, se vê que M. Cruz rematou bem colocado.
... formidável mergulho de grande classe de F. Pinhal...

F. Pinhal
15.4.52

Competições

1929
30

PROVA	CAMPEÃO
Campeonato de Coimbra - 1. ^{as} categorias/honra	União Foot-ball Coimbra Club
Campeonato de Coimbra - 2. ^{as} categorias	Associação Académica de Coimbra
Campeonato da Figueira da Foz - 1. ^{as} categorias	Sporting Clube Figueirense
Taça Cidade de Coimbra - 1. ^{as} categorias	Sport Clube Conimbricense
Torneio de Classificação I Campeonato de Portugal	União de Coimbra Associação Académica de Coimbra

Coimbra e Figueira da Foz tinham as únicas competições do distrito.



O futebol cresceu em popularidade e representatividade social e geográfica. Surge um novo quadro competitivo nacional, com forte impacto regional. O futebol consolida-se a nível distrital, assente no eixo Coimbra-Figueira da Foz. A AF Coimbra reforça o seu papel orientador. E a Académica assume-se como o clube mais representativo da região, vencendo a primeira Taça de Portugal.

Con soli da ção

1931 | 1940

Coimbra recebe grandes jogos do futebol português.



Brotara um período conturbado a nível internacional, com a ascensão dos fascismos europeus (Itália, Alemanha, Espanha). A década de 30 do século XX seria, assim, vivida entre a depressão económica, os fascismos e o espectro da guerra, que acabaria por despoletar à escala mundial em 1939, com a Segunda Guerra Mundial. Em Portugal, a instabilidade política dos anos 20 deu lugar a medidas autoritárias e de repressão, com as tentativas de revolta contra a Ditadura a serem duramente reprimidas pelo Governo, cuja liderança seria assumida por um civil, António de Oliveira Salazar, em 1932, seguindo-se o longo Estado Novo.

O futebol, por seu lado, passou a conviver com esta nova realidade, crescendo em popularidade e representatividade. Passou igualmente a ser palco privilegiado para iniciativas de consolidação do regime (com a presença regular de políticos nos grandes jogos ou a promessa política de um Estádio Nacional, entre outras), mas também de luta – fascistas e oposicionistas passam a conviver no seio do futebol português. Surgiram mais associações distritais (a geografia do futebol português consolidou-se), novos clubes e competições regionais, novos campos e mais praticantes, num processo irreversível de popularização mas que denotava um desenvolvimento inferior ao registado um pouco por toda a Europa. As elites portuguesas continuavam pouco recetivas a este movimento popular à volta do futebol, modalidade que chegou mesmo a ser proibida durante o verão, por alegadas questões de saúde pública.

O atraso do futebol português também se devia a questões estruturais, como a inexistência até 1934 de uma prova nacional em formato de poule, existindo somente uma competição de índole nacional, o Campeonato de Portugal, mas num formato a eliminar. Somente após a vergonha da derrota da Seleção Nacional por 9-0 frente a Espanha, em 1934, seria possível fazer uma reflexão profunda sobre a competitividade (ou a sua ausência) do futebol português. E dessa reflexão surgiu o Campeonato das Ligas (I e II Liga) em 1934-35, em poule, seguido do Campeonato de Portugal (a eliminar), antecidos pelos campeonatos distritais – quadro competitivo que se manteve até 1938, altura em que seria transformado no Campeonato Nacional da I e II Divisão e na Taça de Portugal, com estreia em 1938-39.

O quadro do futebol português alterou-se significativamente, apesar do impacto interno da Ditadura e do contexto internacional, com a Guerra Civil Espanhola (que condicionou os contactos internacionais) e a Segunda Guerra Mundial. Mais associações distritais, mais clubes, mais jogadores, mais competições e jornais desportivos. O espaço público passa a ser dominado, aos domingos, pelo futebol, pelos relatos de rádio e pelos milhares de adeptos que acorrem aos campos, quer nas vilas quer nas cidades. As multidões exultam com os seus ídolos, gerando-se uma trama de rivalidades locais, regionais e nacionais, nascida da competição regular e da vontade de vencer, originando os primeiros fanatismos e obsessões clubísticas. A pertença a uma comunidade local, a uma cidade, a uma região ou

a um país celebra-se também, e cada vez mais, através do futebol.

E se na década anterior o processo histórico do futebol em Coimbra foi marcado pela popularização, na década de 30 acabou por se consolidar em definitivo. Nasceram novos clubes e alargou-se a representatividade do futebol a outros concelhos, deixando a centralidade de Coimbra e Figueira da Foz, que tinha dominado desde o início do século XX. Coimbra ganhou também uma nova centralidade, juntamente com a sua associação distrital. Foi palco de três finais do Campeonato de Portugal (1931, 1932 e 1937) e foi escolhida frequentemente para receber jogos de desempate dessa competição, assim como treinos da Seleção Nacional.

Para a Federação, Coimbra torna-se local privilegiado para acolher encontros entre clubes de Lisboa e Porto, quer pela sua posição geográfica quer pelo perfil neutral dos adeptos locais. Por isso mesmo, a FPF chegou mesmo a alugar o histórico Campo do Arnado para proceder a melhoramentos das suas infraestruturas. Este recinto, juntamente com o Campo de Santa Cruz ou o Campo da Mata (Figueira da Foz) seriam locais de referência no futebol distrital.

A AFC, apesar das dificuldades internas que foi atravessando ao longo da década, geradas por alguma instabilidade dos corpos gerentes e dificuldades de tesouraria – alguns clubes começariam a acumular dívidas –, foi capaz de definir um vasto conjunto de mudanças nas competições e na orgânica do futebol distrital, na tentativa de o tornar mais

competitivo e organizado (para isso muito contribuiu a nova sede). Mantiveram-se provas clássicas e surgiram novas, como a Taça Encerramento e a Taça Universidade de Coimbra. E continuou a “luta” contra a indisciplina nos campos, sobretudo visando os árbitros, para o que muito contribuiu a criação do Colégio de Árbitros da AFC (que viu um juiz seu ser designado, pela primeira vez, árbitro internacional).

A Associação Académica manteve o seu estatuto de equipa mais representativa e dominadora do distrito, participando regularmente na I Liga (1935-1938) e depois na I Divisão (a partir de 1938-39), em representação de Coimbra, chegando mesmo a conquistar, para Coimbra, o seu primeiro título de foro nacional, a Taça de Portugal de 1939.

Representativos da cidade seriam igualmente o União de Coimbra (o único capaz de rivalizar, episodicamente, com a Académica), o Sport Clube Conimbricense ou o CF “Os Conimbricenses”, assim como a Naval e o Ginásio Figueirense, no caso da Figueira da Foz – onde o futebol popular também se foi alargando. O eixo Coimbra-Figueira marcou, a nível interno, os encontros entre seleções, formando-se igualmente, a partir dele, a Seleção de Coimbra que enfrentou outras regiões, em especial as congêneres de Aveiro, Braga, Leiria, Lisboa, Porto, Santarém ou Viseu. Mas os jogos entre seleções distritais iria, gradualmente, cair em desuso, extinguindo-se praticamente na década seguinte. O próprio eixo Coimbra-Figueira foi-se desagregando, com o fim da Delegação da AFC na Figueira da Foz, mais geradora de conflitos do que de consensos.

Época 1930
31

Portugal em Coimbra

Época memorável para a AF Coimbra e a própria cidade que acolheram, numa mesma temporada, um treino da Seleção Nacional e a grande final (a primeira em Coimbra) do Campeonato de Portugal, entre FC Porto e SL Benfica. E estreou-se na Seleção um jogador que militava num clube de Coimbra.

Nova temporada afetada pelos conflitos institucionais. FPPA e AF Lisboa cortaram relações. E os clubes lisboetas (a sua generalidade e alguns de Setúbal) não participaram no Campeonato de Portugal, organizado pela Federação, excetuando Casa Pia AC e SL Benfica – este último queria defender o seu título de Campeão de Portugal do ano anterior. Só em finais de 1931 as divergências entre as instituições se resolveram, numa fase de acalmia no futebol português, que viu outras associações entrarem em crise. Em Braga, a Associação de Futebol local ficou com graves problemas de tesouraria devido à falência do Banco do Minho, onde tinha os seus depósitos, ficando sem dinheiro para pagar as quotas à Federação.

Neste período, a FPPA tentava acompanhar os ritmos de evolução da modalidade (cada vez mais profissionalizada) a nível internacional. Sustentada também no seu crescimento interno e popularização, a Federação apresentou ao Governo ditatorial uma proposta para a definição das categorias de jogadores de futebol:

1. Amadores olímpicos, que cumpriam integralmente as regras do amadorismo;
2. Amadores, que recebiam compensações por salários perdidos ou subsídios para despesas de representação;
3. Profissionais, que recebiam um salário conforme os contratos com os clubes.

O Governo não aceitou a proposta e manteve tudo como estava do ponto de vista legislativo, assente em

visões conservadoras de desporto e promotoras do amadorismo. Surge, para agravar este contexto, a famosa “lei do ano”, que impedia um jogador de mudar de clube sem o seu consentimento – se o quisesse fazer tinha de esperar um ano sem jogar. Impedia-se, deste modo, a livre circulação de jogadores entre clubes.

Sócios fundadores reconhecidos

É neste contexto nacional (algo atribulado e conservador) que Coimbra continuava, à escala regional, a desenvolver a modalidade e a própria Associação, que reuniu em início da temporada, em Assembleia Geral Ordinária de 29 de setembro de 1930, para analisar e votar o “Relatório e Contas” da época transata, discutir e votar os novos “Estatutos, Regulamento Interno e Regulamento Geral de Provas”, e eleger os novos corpos gerentes para 1930-31 – numa AG que se prolongou dois dias, terminando apenas a 1 de outubro.

Para a história desta AG ficaria o reconhecimento de 18 sócios fundadores da AF Coimbra, listados por esta ordem: Dr. Júlio Ribeiro da Costa (nº 1), Dr. Manuel Camões, Dr. Mário Machado, Dr. Carlos de Figueiredo, Dr. Rui Sarmento, Dr. Maximino Correia, Coronel Alcino Rodrigues, Coronel Ernesto Pestana, Capitão Aníbal Reis, Luís Lucas, Lúcio Mariano, Justino Nunes, Adriano Peixoto, Pedro de Assunção, Eurico Ferreira, Manuel Duarte, Álvaro Pereira Simões e Capitão Alberto dos Santos Mota. Quase

oito anos após a sua fundação (outubro de 1922), a instituição reconhecia o papel histórico dos seus fundadores.

Quanto aos novos corpos gerentes, eleitos a 1 de outubro, passaram a ser liderados na AG por Abílio Lagoas e na Direção pelo Dr. António Leitão, que encabeçou, pela primeira vez na história da Associação, uma equipa diretiva totalmente independente por não integrar nenhum delegado dos clubes locais, como até então sempre acontecera.

Foram igualmente debatidas e votadas algumas alterações aos Estatutos e Regulamentos da AFC em vigor. Um dos pontos mais discutidos foi o Art.º 111 do Regulamento Geral de Provas que versava sobre o “Fundo de Assistência”. O presidente da Direção cessante explanaria:

“O fundo de assistência foi na época finda a sustentação do profissionalismo em Coimbra, em face do que alvitra a sua extinção ou então que seja distribuído debaixo de outros moldes de forma a evitar abusos.”

Esta polémica questão foi levantada na sequência dos avultados valores despendidos pela AFC na época anterior, a primeira em que vigorou este “fundo de assistência”, destinado a compensar financeiramente os atletas e respetivas famílias, em caso de lesão. As sucessivas solicitações deste fundo por parte dos clubes terão surpreendido a Direção, levando-a a tecer estas gravosas insinuações na AG. Um dos clubes visados, por ter sido aquele que mais auferiu,

foi o SC Conimbricense, facto que motivaria uma reação energética do seu delegado na AG seguinte, de 3 de dezembro, onde garantiu que a compensação decorrente daquele fundo servira única e exclusivamente para tratar os seus jogadores e, jamais, para sustentar qualquer tipo de “profissionalismo”.

Outro debate em voga no início da época relacionava-se com a arbitragem, quer ao nível da segurança dos árbitros, quer do grau de detalhe que deveria constar dos relatórios enviados pelos mesmos à AFC. Esta preocupação foi suscitada após o primeiro desafio da época, onde o árbitro terá sido agredido em campo, sem que a GNR pudesse impedi-lo. A ocorrência motivou uma exposição da AFC aos efetivos daquela força de segurança, onde era pedida uma rápida intervenção sempre que os árbitros solicitassem a sua entrada em campo, por se sentirem ameaçados ou intimidados por jogadores, dirigentes ou público. Com a intenção de melhorar substancialmente a justiça na aplicação de castigos a jogadores e para que esta fosse baseada em factos reais e não em presunções, passou a exigir-se o preenchimento de um boletim de jogo (bastante detalhado) por parte dos árbitros. Até 24 horas após o fim do jogo, o boletim teria que ser enviado ao Conselho Técnico, que depois de o analisar, emitiria um parecer para ser discutido na reunião de Direção seguinte, onde seria determinada a sanção disciplinar a aplicar em cada caso.

Foi um dos jogadores mais importantes do futebol coimbrão no final dos anos 20 e início dos anos 30, ao serviço do União de Coimbra, onde se sagrou campeão regional em 1930-31, batendo nessa época o eterno rival (Académica) em jogos do distrital e no torneio de apuramento para o Campeonato de Portugal.

Esteio na defesa, integrou a Seleção Nacional por duas vezes. Estreou-se num particular contra a Itália, em Milão (derrota 1-6), a 1 de dezembro de 1929, entrando aos 45 minutos para substituir Pedro Temudo, numa temporada em que estava ao serviço do União Lisboa. Dois anos depois, a 12 de abril de 1931, já ao serviço do CF União de Coimbra, foi convocado pelo selecionador Tavares da Silva para jogar, novamente, contra Itália, no Estádio do Lima (Porto), entrando mais uma vez aos 45 minutos, em nova derrota lusa (0-2).

Foi homenageado pela AFC na AG Extraordinária de 16 de dezembro de 1940, em que se aprovou uma proposta da Direção “no sentido de que sejam inauguradas, no seu gabinete, as fotografias dos jogadores José da Silva, Fernando Alves, Alberto Gomes e António Pereira da Conceição”, os quais “tão brilhantemente representaram o País em jogos internacionais” – a proposta foi aprovada por aclamação.

A 4 de agosto de 1941, a AG da AFC aprovou o “Relatório da Gerência de 1939 a 1941”, em que reconhecia José da Silva (jogador com a licença FPF nº 3417) como Sócio de Mérito.

José da Silva



Treino da Seleção Nacional

Na sexta reunião de Direção da AFC da época 1930-31, a 4 de novembro de 1930, decidiu-se enviar um ofício à FPF, onde se sugere a realização de um treino da Seleção Nacional em Coimbra, integrado na fase final de preparação do jogo que se avizinhava com a seleção espanhola. O pedido seria aceite pela Federação que agendou para dia 13 de novembro um jogo-treino entre o onze provável da Seleção Nacional e uma equipa mista, composta por suplentes da mesma Seleção e quatro jogadores de Coimbra. O treino gerou, como não podia deixar de ser, um enorme entusiasmo em Coimbra, levando milhares de adeptos ao Campo do Arnado para presenciarem o inédito desafio.

Para além de todas as “estrelas” que faziam parte da Seleção, o público conimbricense tinha ainda o desejo de ver como se saíam os jogadores de Coimbra neste encontro, com especial destaque para o médio-centro do União, José da Silva, para muitos o melhor jogador de Coimbra na altura, e para Rui da Cunha, da Académica, considerados localmente como sérios candidatos a chegar ao restrito lote de jogadores que compunham a Seleção Nacional de futebol.

Num jogo-treino em que os prováveis titulares da Seleção Nacional derrotaram a equipa mista por 4-2, as expectativas de verem brilhar José da Silva ficariam goradas, porque, segundo a imprensa local, o mesmo foi deslocado para fora da sua posição habitual. Observemos, a este respeito, a crítica redigida na *Gazeta de Coimbra* de 14 de novembro:

“Verificamos que Coimbra continua a não ser olhada com o devido interesse por parte dos mentores do popular desporto, tanto assim que, sabendo eles aqui existir pelo menos um elemento com a envergadura necessária para, com dignidade, representar Coimbra na formação nacional, foram experimentá-lo deslocado do seu habitual lugar, o que desmanchou em absoluto a sua possibilidade de afirmar-se.”

Apesar do treino menos conseguido, José da Silva e Rui da Cunha haveriam de ter uma segunda oportunidade de partilhar o campo com alguns dos melhores jogadores portugueses de então, como Carlos Alves, Valdemar Mota, “Pinga” ou Vítor Silva. Foram novamente convocados para o treino que a Seleção realizou dias depois na cidade do Porto, palco do amigável com a Espanha, a 30 de novembro de 1930. Porém, os atletas conimbricenses seriam excluídos da convocatória final, mas a cidade de Coimbra lucraria, e muito, num futuro próximo, com o empenho e dedicação que a AFC empregou na organização deste treino da Seleção Nacional. O reconhecimento da Federação não tardaria em notar-se.

Meses depois, finalmente, um jogador integrante de uma equipa de Coimbra estreou-se na Seleção Nacional, a 12 de abril de 1931, no Portugal-Itália, no Estádio do Lima, no Porto. O talentoso José da Silva, figura do União de Coimbra, substituiu aos 45 minutos o médio António Teixeira (Marítimo), naquele que foi o seu segundo encontro internacional (o primeiro enquanto jogador de uma equipa conimbricense),

após ter sido convocado enquanto jogava no União de Lisboa – ironicamente foram dois jogos contra Itália, com duas derrotas.

Coimbra recebe a final do Campeonato de Portugal

Era a principal (e única) prova nacional da Federação, realizada por eliminatórias, que a partir dos oitavos-de-final eram disputadas a duas mãos. E no caso de se registar um duplo empate ou uma vitória para cada um dos opositores, a eliminatória seria decidida num terceiro jogo, realizado em campo neutro. Com a eliminação prematura do seu representante, que seria nesta temporada o Sport Clube Conimbricense, eliminado nos oitavos-de-final pelo Vitória FC, de Setúbal, por 8-1 e 3-1, restaria à AFC sonhar com a disputa em Coimbra de um ou mais jogos de desempate. Porém, nesta época, apenas três confrontos (todos dos oitavos-de-final) teriam necessidade de desempate, não sendo, em nenhum dos casos, selecionada Coimbra para resolver as contendas. Esta ausência de jogos de desempate terá provocado, em primeira instância, algum desconforto à AFC e ao meio desportivo regional, que sentiam que a cidade, devido à sua importância e posicionamento geográfico, era merecedora de tal distinção.

Em junho, numa altura em que já se conformavam com o facto de apenas voltarem a receber jogos da máxima competição nacional na época seguinte, seriam surpreendidos com um anúncio que deixou

extasiados os conimbricenses: a final do Campeonato de Portugal seria, pela primeira vez na história, disputada em Coimbra. E enfrentava dois populares clubes, um de Lisboa (SL Benfica) e outro do Porto (FC Porto), pela primeira vez juntos na disputa de um trofeu federativo.

Os preparativos em Coimbra começaram de imediato. O assunto, incontornavelmente, dominou conversas, com a cidade a preparar-se para um acontecimento extraordinário que deixava os seus habitantes imbuídos de um enorme orgulho e espírito de missão em prol do desportivismo, como referiu *A Voz Desportiva* de 27 de junho de 1931:

“Desportistas de Coimbra! É preciso dar uma lição de educação desportiva a todo o país! O momento é excelente. Coimbra tem que no final do encontro de amanhã, ser a maior vencedora. Esforcemo-nos por desfazer completamente algumas dúvidas que ainda possam restar nos espíritos daqueles milhares de espetadores que virão de Lisboa e do Porto.”

A Coimbra acorreram milhares de adeptos das duas cidades, sobretudo de comboio, autocarro e automóvel. A 28 de junho de 1931, o Campo do Arnado tornou-se pequeno para acolher os mais de sete mil adeptos que adquiriram bilhete para a discussão do título entre SL Benfica e FC Porto. Coimbra nunca registara tamanha afluência a um jogo de futebol. No final do encontro, o *placard* assinalaria um 3-0 a favor dos lisboetas que conquistaram, desta

forma, em Coimbra, o título de Campeões de Portugal. Festa na cidade, entre os benfiquistas, que se prolongou a Lisboa.

A AF Coimbra, responsável pela coorganização da final com a F.P.F.A., mereceria os mais rasgados elogios por parte daquele organismo e encaixaria uma receita recorde de bilheteira. Igualmente satisfeitos saíram os conimbricenses amantes do desporto, por terem tido o privilégio de receberem a final e os

milhares de visitantes que nela compareceram. Coimbra, triunfante, estava finalmente, “futebolisticamente falando”, no local que merecia, e a próxima época confirmá-lo-ia em definitivo. Foi a primeira final do Campeonato de Portugal que se disputou nesta cidade, recebendo mais duas finais (1932 e 1937). Lisboa acolheu 10 das 17 finais da prova, entre 1922 e 1938, seguindo-se Coimbra (3), Porto (2), Faro (1) e Viana do Castelo (1).

Sabia que... O Sr. Júlio Barbosa, engraxador e benfiquista, veio de Lisboa a pé e pelas terras onde passou foi amealhando o dinheiro suficiente para chegar a Coimbra e comprar o bilhete para a final do Campeonato de Portugal.

Momento histórico para Coimbra.

Recebeu a final do Campeonato de Portugal entre SL Benfica e FC Porto, no Campo do Arnado.



Cronologia

1930
31

1930

Outubro

O CF Os Conimbricenses desiste da prática do futebol.

Início da Taça Cidade de Coimbra.

Novembro

Final da Taça Cidade de Coimbra, o União bateu a Académica por 5-1.

Treino da Seleção Nacional em Coimbra, no Campo do Arnado.

1931

Janeiro

A seleção de Coimbra foi derrotada pelo Porto por 8-2.

1931

Março

José da Silva, do União de Coimbra, e Rui da Cunha, da Académica, foram novamente convocados para um treino da Seleção Nacional, a realizar no Porto.

207

Abril

O Sport Clube Conimbricense, representante de Coimbra no Campeonato de Portugal, foi eliminado nos oitavos-de-final pelo Vitória de Setúbal, depois de sair derrotado por 8-1 e 3-1.

Maio

O União de Coimbra conquistou o Campeonato de Coimbra.

O Sporting Clube Figueirense venceu o Campeonato da Figueira.

Junho

A final do Campeonato de Portugal disputa-se pela primeira vez em Coimbra.

A final do Campeonato Distrital da AFC teve goleada do União de Coimbra sobre o Sporting Figueirense por 9-1.

Realizou-se o XIII Coimbra-Figueira que terminou empatado 0-0.

Competições

1930
31

PROVA	CAMPEÃO
Campeonato Distrital - 1. ^{as} categorias	União de Coimbra
Campeonato de Coimbra - 1. ^{as} categorias/Honra	União de Coimbra
Campeonato de Coimbra - Reservas	Sport Clube Conimbricense
Campeonato da Figueira da Foz - 1. ^{as} categorias (série local)	Sporting Clube Figueirense
Taça Cidade de Coimbra - 1. ^{as} categorias	União de Coimbra

Lance da final do Campeonato de Portugal de 1930-31, em Coimbra.



Época

1931
32

Adeus "Pepe"

O futebol ficou de luto pela trágica morte do ídolo "Pepe". Coimbra, pelo segundo ano consecutivo, recebeu a final do Campeonato de Portugal, principal prova da FPF, cuja presidência foi assumida por Abílio Lagoas, antigo presidente da Direção da AF Coimbra. No seio da Associação surgiu o Colégio dos Árbitros, referência da arbitragem na região.

Um dos momentos mais trágicos da história do futebol português aconteceu em outubro de 1931, com a morte prematura de “Pepe”. De nome José Manuel Soares, mais conhecido como Pepe Soares ou simplesmente “Pepe”, seria considerado um dos primeiros grandes ídolos do futebol português. Nascido em Lisboa, em 1908, começou a destacar-se no CF Os Belenenses, pelo qual se estreou com apenas 18 anos num jogo épico, contra o SL Benfica, que aos 75 minutos, quando “Pepe” entrou em campo, vencia por 4-1. Depois de uma recuperação fantástica, os “azuis do Restelo” chegaram ao empate e, mesmo no final, um penálti assinalado a favor de Os Belenenses poderia garantir uma vitória memorável ao “clube da Cruz de Cristo”. Indicado pelo seu capitão, seria o jovem estreante a assumir a marcação da penalidade e a convertê-la de forma exemplar. Nascia assim uma lenda do futebol nacional. Estreou-se pela Seleção Nacional em 1927, aos 19 anos, tornando-se de imediato uma das referências do onze português. Em apenas quatro anos, obteve 14 internacionalizações e marcou sete golos, dois dos quais contra a França, numa das primeiras grandes vitórias da seleção portuguesa. Na época de 1929-30, a penúltima da sua curta vida, bateu dois recordes no Campeonato de Lisboa, o mais importante (a nível regional) do País naquela altura: 36 golos marcados em 14 jogos, com 10 tentos num único jogo (contra o Bom Sucesso).

No fatídico dia 24 de outubro de 1931, “Pepe” foi vítima fatal de uma grave intoxicação alimentar, deixando um vazio difícil de preencher no futebol

português. A sua trágica morte e a imensa popularidade que gozava fariam com que milhares de pessoas acompanhassem o féretro do malogrado jogador até à sua última morada – com a polícia a abrir uma investigação para apurar as causas da sua morte.

O futebol estava de luto e Coimbra não seria exceção. A 26 de outubro, na primeira reunião de Direção da AFC após o precoce desaparecimento daquele jovem atleta de apenas 23 anos, foi aprovado por unanimidade um voto de sentimento pela sua morte e lavrado um telegrama de pesar dirigido à AF Lisboa.

Pouco tempo depois, a AFC recebeu da congénere de Lisboa um convite para disputar um jogo entre as respetivas seleções regionais, a realizar a 22 de novembro, na capital. O Conselho Técnico da AFC começaria de imediato a preparar a Seleção. A importância do desafio era tal, que os membros do mesmo Conselho, socorrendo-se do Art.º 102 da FPPA, decidiram suspender temporariamente o castigo que se encontrava a cumprir Manuel de Oliveira, jogador do União de Coimbra e habitual titular da Seleção, para poder deslocar-se a Lisboa – após o encontro voltou à condição de castigado.

A AFC decidiu aproveitar a deslocação a Lisboa para prestar uma sentida homenagem ao malogrado jogador belenense, como referiu a Ata da Direção de 19 de novembro de 1931:

“Tendo sido resolvido (a Direção) que a seleção que vai no próximo domingo a Lisboa fosse colocar um ramo de flores na sepultura do malogrado jogador José Manuel Soares (Pepe).”

No dia 22, na Capital, duas seleções de Lisboa defrontaram as homólogas de Coimbra e de Santarém. No primeiro jogo, a Seleção B de Lisboa derrotou Santarém por 4-1 e no segundo jogo a Seleção A de Lisboa levou de vencida a representante de Coimbra por 5-2. Apesar do resultado algo desnielado, a verdade é que a favorita Seleção de Lisboa, contra todas as expectativas, não se livrou de “apanhar um susto” com Coimbra, que graças às exibições do guarda-redes, dos *backs* e dos extremos, chegou ao intervalo a vencer por uns surpreendentes 2-0. Na segunda parte os lisboetas dariam a volta ao marcador.

O grande destaque desta visita, para além do jogo, seria a homenagem que as seleções visitantes prestaram a “Pepe”, assim relatada no *Diário de Lisboa*, de 23 de novembro:

“Uma nota interessante que merece relevo, as seleções de Coimbra e Santarém, visitando a campã do infeliz Pepe, não se esqueceram de deitar flores. O Porto procedera de idêntica maneira oito dias antes. Merece relevo esta simpática atitude. Também Pepe, era uma lidima glória do futebol português.”

Em virtude da boa prestação em Lisboa e do excelente comportamento demonstrado dentro e fora do campo, a Direção da AFC louvou, na reunião de 24 de novembro, os jogadores que compuseram a seleção de Coimbra, assim como o Conselho Técnico que escolheu os eleitos para o desafio e o sr. Armando

Coelho Sampaio que, na qualidade de representante da AFC, integrou a comitiva que visitou a capital.

Colégio de Árbitros, a novidade

Nas reuniões de Direção de 1 e 4 de dezembro de 1931 foi apresentada, por Armando Coelho Sampaio, a proposta de Estatutos para o Colégio de Árbitros que se pretendia constituir na AFC.

A proposta definitiva seria depois, a 10 de dezembro, discutida na Assembleia Geral Extraordinária realizada para o efeito na sede do Ateneu Comercial de Coimbra. Nessa ocasião, tomaram a palavra os membros da Comissão Organizadora do Colégio de Árbitros que, para além de justificarem as razões da premência da sua constituição, fizeram ainda a leitura integral do regulamento proposto. Depois destes, e fazendo uso da palavra, o presidente da Direção da AFC, Dr. Alberto Castro Pita, solicitaria que o regulamento fosse aprovado na generalidade em primeira instância e depois na especialidade. O projeto dos estatutos e regulamento do Colégio de Árbitros da AFC seria aprovado e arquivado no acervo da própria Assembleia.

Na mesma AG seria ainda discutida a redefinição dos Artigos 98 e 99 do Regulamento Geral de Provas, que determinariam a aplicação de penas mais pesadas a todos os jogadores que tivessem condutas consideradas como impróprias, violentas ou agressivas ou proferissem injúrias e insultos aos árbitros.



Armando Sampaio

Foi uma das principais figuras do futebol coimbrão nos anos 20 e 30 do século XX, conhecido como o “Sampaio da bola”. Como jogador, ocupou todas as posições na equipa da Académica. Integrou também a Seleção de Coimbra. Foi dirigente desportivo da AFC, enquanto membro do Conselho Técnico (1926-27) e vice-presidente da Direção (1927-1933), em representação da Académica. Assumiu, ainda, o cargo de presidente do Conselho Geral do Colégio de Árbitros da AFC em 1931-32. E em setembro de 1934 seria designado vogal adjunto da Direção da AFC, nos Congressos da FPPA, em Lisboa.



Amadeu Rodrigues

Figura marcante do dirigismo desportivo em Coimbra a partir dos anos 20, sendo membro da Direção da AFC em sucessivas direções (1924-25 e 1925-26) em representação da Associação Académica de Coimbra e do Aviz Atlético Coimbra Club. Foi, posteriormente, membro e presidente do Conselho Técnico da AFC, assumindo a presidência da Comissão Executiva do Colégio de Árbitros da AFC entre 1931-32 e 1932-33, ocupando seguidamente a posição de presidente da AG do Conselho de Árbitros da AFC. Integrou em 1941-43 a Comissão Executiva para a Comemoração do 20.º Aniversário da Fundação da AFC.

O Colégio de Árbitros era um organismo próprio, embora diretamente relacionado e dependente da AF Coimbra, que tinha o objetivo primordial de desenvolver ações formativas, orientações técnicas, capacitações físicas e metodológicas, não só aos candidatos a árbitros como aos juízes mais experimentados. Este “órgão daria voz aos juízes” e funcionaria a partir daqui não só como um importante e indispensável meio de proteção, defesa e amparo a estes agentes desportivos sempre expostos à ira de atletas e dirigentes em campo, como também, de alguma forma, como um meio estável e permanente de defesa dos interesses de classe.

A importância dos Colégios de Árbitros, cuja constituição se foi sucedendo em vários distritos, aliado ao sucesso que os mesmos obtiveram na primeira época desportiva da sua existência, levá-los-ia a equacionarem a criação de um Colégio Nacional de Árbitros.

Aproveitando a realização de um célebre FC Porto-Belenenses no Campo do Arnado, para o Campeonato de Portugal, o Colégio de Árbitros de Coimbra decidiu lançar o mote para esta discussão mais nacional reunindo-se, em julho de 1932, com os seus congéneres de Lisboa e do Porto “afim de trocarmos impressões sobre este importante assunto”. Dessa reunião sairia, segundo o jornal a *Voz Desportiva*, uma clara intenção de apresentar uma proposta de constituição de um Colégio Nacional de Árbitros no próximo Congresso da Federação.

Coimbra, a “capital” das decisões

Os representantes da AF Coimbra no Campeonato de Portugal seriam a Académica (que dominou o torneio local de apuramento) e o Sport Clube Conimbricense. Na primeira eliminatória (a jogo único), os emblemas de Coimbra tiveram sortes diferentes. Enquanto a Académica recebeu e bateu confortavelmente o Leça FC por 2-0, o Sport Clube Conimbricense seria derrotado por 6-0 na visita ao União de Lisboa, ficando logo eliminado. Nos oitavos-de-final (a duas mãos), a Académica empatou na primeira mão com o Barreirense, no Campo de Santa Cruz, por 3-3 (esteve a vencer por 3-1), e acabaria por ser eliminada após perder por 5-2 no jogo da segunda mão, no Barreiro. Mais uma vez, a AFC ficaria sem representantes muito cedo.

No entanto, quando FC Porto e CF Os Belenenses conseguiram o acesso à final da competição, voltou a pairar a esperança entre os conimbricenses, que desejavam, uma vez mais, ser o palco da grande final. Ao ser um encontro entre um representante de Lisboa e outro do Porto, a escolha de um campo no Centro do País era, *a priori*, altamente provável, facto que viria a consumir-se com Coimbra e Viseu a perfilarem-se como as fortes candidatas a receber a final.

Coimbra apresentou o Campo do Arnado, onde se havia disputado a final do Campeonato de Portugal na época anterior, e Viseu, o Estádio do Fontelo. A decisão da FPPA, presidida pelo bem conhecido Abílio Lagoas (antigo dirigente da AFC), seria voltar a atribuir a Coimbra a decisão da prova, facto que

deixou extremamente felizes os coimbrões, mas que levantou, desde logo, algumas celeumas por parte de determinados *sportsmen*, sobretudo do Porto, e de alguns jornais. Os balneários do Arnado eram muito criticados, por não disporem de acomodações apropriadas, tal como as bancadas. No lado oposto estava o terreno de jogo, cuja qualidade do piso era muito apreciada por jogadores e árbitros.

Chegados ao 3 de julho, dia da final, Coimbra recebeu uma multidão que chegou em vários comboios, autocarros e automóveis, juntando-se aos milhares de conimbricenses que esperam ansiosamente para assistir à discussão do título do Campeonato de Portugal. O jogo bateu os recordes de assistência em Coimbra, com mais de 15 mil pessoas nas bancadas e uma receita de cerca de 71.000\$00, a maior de todo o Campeonato de Portugal, sendo apenas suplantada nessa época pelo encontro internacional Portugal-Jugoslávia. A Federação, reconhecida pelo empenho da AFC na coorganização da final, ofereceria bilhetes aos seus corpos gerentes e representantes de clubes.

A final seria extraordinária e não defraudaria as expectativas. O resultado no final dos 90 minutos registaria um fascinante 4-4 que espelhava, com justiça, aquilo que se passou no retângulo de jogo (os portistas estiveram a vencer por 4-1). O equilíbrio entre as

equipas manter-se-ia no prolongamento, onde ninguém conseguiu desfazer o empate. Os regulamentos eram claros: em caso de empate no prolongamento da final do Campeonato de Portugal, a atribuição do título seria adiada e decidida numa finalíssima, a disputar no mesmo campo, neste caso o Arnado.

A FPPA terá indicado imediatamente a data de 17 de julho para a disputa da finalíssima, informando a AFC, os clubes envolvidos e as entidades competentes. A Comissão Organizadora dos Campeonatos

Sabia que... O árbitro da final e da “finalíssima” do Campeonato de Portugal de 1931-32, em Coimbra, foi o espanhol Ramon Melcon, que viajou de Madrid para apitar o duplo confronto FC Porto-Belenenses.

Nacionais de Remo ainda tentou convencer, mas sem sucesso, a FPPA a adiar o desafio de repetição para dia 24 de julho, por estarem agendados para 16 e 17 do mesmo mês, as finais no estuário do Mondego. No dia da repetição da final, o Campo do Arnado voltou a ter uma assistência próxima dos 15 mil espectadores, que assistiram ao triunfo do FC Porto por 2-1 e à conquista do Campeonato de Portugal. Seguiu-se uma enorme festa em toda a cidade e que estenderia ao Porto, no regresso da equipa à Invicta. Fecho de ouro da temporada para a AF Coimbra e a cidade.



Dois lances da final entre FC Porto e Belenenses.
O Campo do Arnado, em Coimbra, recebeu a segunda final do Campeonato de Portugal.
Inaugurado em 1928, foi alvo de vários “melhoramentos” ao longo dos anos,
sendo casa do Sport Clube Conimbricense.



Cronologia

1931
32

218

1931

Novembro

A Delegação da Figueira da Foz da AFC levantou o castigo ao Ginásio Clube Figueirense, que volta a inscrever-se nas provas distritais. Retoma-se a rivalidade Naval-Ginásio em futebol.

A Seleção de Coimbra perde por 5-2 com Lisboa.

A Delegação da AFC da Figueira oferece bilhetes gratuitos aos alunos das escolas primárias para promover o futebol.

Dezembro

Aprovados os Estatutos e Regulamento do Colégio de Árbitros da AFC.

1932

Janeiro

Disputou-se na Figueira da Foz a Taça Dr. Luiz Fernandes, com a Naval a vencer o União de Buarcos por 4-1, conquistando um trofeu que homenageava um famoso desportista local.

Março

Enchente no campo da Mata, na Figueira da Foz, para assistir a um “jogo de verdadeira sensação entre os dois velhos rivais Naval e Ginásio”. Acabou empatado 1-1.

Abril

A AFC recebeu um ofício da FPPA a informar que os jogadores Rui Cunha (Académica) e Fernando Alves (SC Conimbricense) foram convocados para o treino da Seleção Nacional, em Lisboa.

Junho

O Sporting Clube Figueirense conquista o Campeonato da Figueira. Era a sexta vez e a quarta consecutiva que o clube ostentava “o título máximo do foot-ball figueirense”.

A Associação Académica de Coimbra venceu o Campeonato de Coimbra e o Campeonato Distrital (derrotando na final o Sporting Figueirense), como referiu *A Voz Desportiva* (19 de novembro de 1932) e as atas da Direção da AFC.

Julho

A final do Campeonato de Portugal realizou-se em Coimbra pela segunda vez (e consecutivamente). FC Porto e Belenenses empataram 4-4 no Campo do Arnado e na “finalíssima” os portistas venceram por 2-1.

Competições

1931
32

PROVA	CAMPEÃO
Campeonato Distrital - 1. ^{as} categorias	Associação Académica de Coimbra
Campeonato de Coimbra - 1. ^{as} categorias (série local)	Associação Académica de Coimbra
Campeonato de Coimbra - 2. ^{as} categorias	União de Coimbra
Campeonato de Coimbra - 3. ^{as} categorias	Associação Académica de Coimbra
Campeonato de Coimbra - 4. ^{as} categorias	Não se disputou
Campeonato da Figueira da Foz - 1. ^{as} categorias (série local)	Sporting Clube Figueirense
Taça Cidade de Coimbra - 1. ^{as} categorias	Sport Clube Conimbricense
Torneio de Classificação I Campeonato de Portugal	Associação Académica de Coimbra Sport Clube Conimbricense

Stadium

Revista portuguesa de todos os sports

DIRECTOR: Carlos Silveira

4.^a feira - 20 Julho - 1932

EDITOR: José Domingos das Santos



Futebol do Estádio de Portugal. Golfeira marcada por Augusto Silva. Foi o grande grande golfe de uma sempre agitada partida de uma jogada feita pela "Má guerra" de Coimbra, de Augusto, Tomás, Carlos, Silva e A. Silva (marcador).

A imprensa
acompanhou
o grande momento
da época, que se
decidiu em Coimbra.

Época

1932
33

Expandir domínios

Ano político conturbado, a Ditadura militar daria lugar ao Estado Novo, de Salazar. Em Coimbra assistiu-se a uma vaga de novas filiações de clubes na AFC, reflexo da vitalidade do futebol regional. O quadro competitivo reajustava-se a esta nova realidade, com Coimbra a acolher jogos decisivos do Campeonato de Portugal e a ver convocados para a Seleção Nacional dois jogadores de clubes filiados.

O ano de 1933 ficou marcado pela instauração do Estado Novo, com Salazar a assumir a liderança do Governo fascista, com consequências para todos os setores da sociedade portuguesa, incluindo o desporto. Assistiu-se à promessa de criação do Estádio Nacional (prometido em finais de 1933 por Salazar e inaugurado em 1944) e à formação do INEF-Instituto Nacional de Educação Física e da Direção-Geral de Educação Física, Desporto e Saúde Escolar (entidade que iria supervisionar o desporto português, incluindo o futebol).

A principal prova futebolística nacional, o Campeonato de Portugal, foi dominada por clubes de Lisboa, com o CF Belenenses a impor-se ao Sporting CP na final, perante mais de 25 mil pessoas. Porém, a prova ficou marcada pela goleada de 8-0 do FC Porto ao SL Benfica, nos quartos-de-final, e pelos acontecimentos que se seguiram ao fim do encontro, com insultos e agressões. A Federação teve de intervir, aplicando diversos castigos, que infelizmente não apaziguaram os ânimos, exaltados pela imprensa de ambas cidades (Porto *vs.* Lisboa), levando ao corte de relações entre os clubes. Coimbra teria participação modesta na prova, com o União de Coimbra a ser eliminado logo na primeira ronda (4-0 pelo SC Espinho) e a Académica na segunda eliminatória (oitavos) pelo Vitória de Setúbal, após jogo de desempate em Santarém (1-3, 3-1 e 2-1).

Em Coimbra, a época desportiva tinha começado com a realização da Taça Cidade de Coimbra, conquistada pelo Sport Clube Conimbricense que, após

derrotar na final o União de Coimbra, recebeu o troféu de mãos da Direção da AFC. A Associação, por volta desta altura, decidiu também entregar ao União de Coimbra a taça definitiva de campeão de Coimbra (campeonato local) pela conquista do respetivo campeonato nas épocas de 1928-29, 1929-30 e 1930-31.

Para a disputa do Campeonato de Coimbra desta temporada voltaram a inscrever-se os cinco clubes habituais: Associação Académica de Coimbra, União Football Coimbra Club, Sport Clube Conimbricense, Santa Clara Football Club e Sporting Nacional. A indisciplina continuava a ser um problema difícil de debelar, os castigos sucediam-se e a Direção da AFC, a Delegação da AFC da Figueira, o Conselho Técnico e a Comissão Executiva do Colégio de Árbitros não tinham “mãos a medir” neste domínio. De tal forma que, em dezembro de 1932, a Direção da AFC decidiu adotar uma medida extrema em relação ao crescente número de agressões, impropérios e utilização de linguagem ofensiva de atletas contra árbitros: “que de futuro a Polícia prenda os jogadores”, escreveu a Direção em ata.

Porém, as relações entre a AFC e a Polícia não eram pacíficas, sobretudo no que diz respeito ao número de agentes destacados para cada jogo. Num encontro realizado em janeiro de 1933, no Campo da Arregaça, por exemplo, o bilheteiro recusou-se a pagar o dobro do que havia sido combinado inicialmente com a Polícia. A justificação dos oficiais da força de segurança para esse incremento seria precisamente a deslocação de mais efetivos que o previsto. A AFC

recusou-se a pagar por não ter sido requisitado esse reforço, o que criou algum mal-estar na polícia.

Os Campeonatos de Coimbra e da Figueira, bem como o Torneio de Classificação para o Campeonato de Portugal, voltaram a ser marcados por protestos constantes que originaram a abertura de inquéritos e, nalguns casos, como no União de Coimbra-SC Conimbricense (em 1.^{as} categorias /honra) a anulação do resultado e a consequente repetição do jogo. Estes casos, muitos deles enviados para a FPPA para emissão de parecer, prejudicariam de certa forma a imagem de prestígio que AFC havia conquistado nas épocas anteriores junto daquele organismo, em especial graças à organização das finais do Campeonato de Portugal. Mesmo assim, Coimbra voltaria a ser palco de um dos jogos decisivos do Campeonato de Portugal, recebendo o encontro de desempate das meias-finais entre Sporting CP e FC Porto (vitória “leonina” por 3-1). E o futebol conimbricense voltaria ser reconhecido com a presença de jogadores locais na Seleção Nacional. Em início de 1933 foram selecionados Rui Cunha (Académica) e Fernando Alves (SC Conimbricense) para treinos da Seleção, com vista a preparar jogos internacionais.

Filiação de novos clubes

A atividade dos novos clubes filiados na AFC, apesar de continuarem a não participar nas competições oficiais, intensificou-se nesta época. Um dos mais ativos foi o Clube de Futebol “Os Marialvas”,

de Cantanhede, cujos estatutos foram aprovados no primeiro semestre de 1932, pouco tempo antes de ser inscrito na AF Coimbra. Logo em outubro de 1932, o CF “Os Marialvas” solicitariam autorização à AFC para disputar um jogo em Cantanhede contra a Associação Académica, campeão de Coimbra. O pedido seria atendido e os “estudantes” venceram por 7-0.

A Académica, por ser o clube da AFC que ostentava uma maior notoriedade nesta altura, era muito solicitado para a realização de jogos particulares em casa de adversários. A 20 de novembro, por ter tido duas solicitações, fez deslocar as suas equipas de Honras e Reservas para jogarem dois desafios no exterior: o primeiro, na Figueira da Foz, contra o Ginásio Figueirense (vitória da Associação Académica por 7-0), e o segundo em Condeixa contra o Sporting local (6-4 a favor da equipa de Coimbra). Este último clube seria, pouco tempo depois, notificado pela AFC por alegadamente não ter cumprido os regulamentos, como refere a Ata da Direção de 29 de novembro de 1932:

“Dar conhecimento ao Sporting Clube de Condeixa, que esta AFC foi informada que efetuou um encontro com um grupo da Lousã que não está inscrito, para nos informar que lhes oferece dizer sobre este assunto antes de lhes serem aplicadas as sanções regulamentares”.

Esta situação não seria inédita. Os novos clubes filiados, talvez por não estarem ainda familiarizados com estes formalismos, incorriam muitas vezes no

O pelado Campo do Arnado acolheu grandes jogos entre equipas locais e nacionais,
a contar para o Campeonato de Portugal.

As bancadas abarrotavam de público nas grandes tardes de *football* de domingo, nos anos 30.



erro de realizarem desafios sem informar a AFC ou de o fazerem contra clubes que não estavam ainda admitidos em associações regionais, o que não era recomendado. Para evitar essa situação desagradável começaram a inscrever-se clubes em catadupa. Só no final de novembro de 1932 seriam inscritos o Grupo Casas Direitas (Figueira da Foz), os Bombeiros Municipais de Coimbra e o Sporting Atlético 5 de outubro (Coimbra). No início de 1933, o número de jogos particulares entre filiados da AFC continuou a aumentar e os pedidos de autorização para a sua realização tornaram-se numa prática cada vez mais recorrente. Sporting Clube de Condeixa, CF “Os Marialvas” e União Desportiva Lousanense foram alguns dos mais ativos. No mesmo mês filiou-se o Ginásio Clube de Coimbra e foram igualmente autorizadas inscrições de jogadores no Febres Sport Clube e no Sporting Clube de Soure.

Os clubes tentariam, desde logo, oficializar as suas equipas e campos. A generalidade deles faria o mesmo que o Febres SC, em fevereiro de 1933. Em conformidade com os Estatutos e Regulamentos de provas da AFC, o Febres (fundado em 1930 e sediado em Cantanhede) marcou presença na reunião de Direção da AFC de dia 7 de fevereiro, onde solicitou uma “vistoria ao seu campo antes da realização de um encontro”, a fim de “verificar se está nas condições de se poderem realizar encontros oficiais”. Para as vitorias eram enviados os membros efetivos da Comissão Executiva do Colégio de Árbitros ou, no seu impedimento, um juiz encarregado pelos mesmos, para procederem à avaliação. Após a inspeção era

enviado um relatório acompanhado de um parecer à Direção da AFC que tomaria a decisão final sobre a sua homologação (ou não). No caso apresentado, e a título de exemplo, podemos referir que o campo acabou por ser homologado e considerado apto para receber jogos oficiais. Na semana seguinte a esta decisão realizou-se, para o Campeonato de Promoção da AFC, o encontro entre o Febres Sport Clube e o Sport Lisboa e Soure.

Sobre o SL Soure, a Direção da AFC demonstraria alguma complacência com os seus dirigentes por estes desconhcerem ainda o normal funcionamento do organismo, depois de os mesmos se terem dirigido em termos menos próprios, na sequência do jogo acima declarado, como refere a Ata da Direção da AFC de 21 de fevereiro de 1933:

“Resolvido castigar o clube somente com uma repreensão registada, por esta Direção supor que os seus Diretores não têm perfeito conhecimento dos Regulamento desta AFC, que não permitem que os seus filiados se lhes dirijam menos respetosamente, como acaba de acontecer.”

A maior parte dos novos clubes inscritos acabariam por disputar o Campeonato de Promoção da AFC. Uma das poucas exceções foi o Sporting Clube Condeixa, que depois de se ter inscrito, acabaria por desistir. A final da prova seria disputada em abril de 1933, entre o Febres SC e o Atlético Club de Coimbra, disputando-se a duas mãos. A principal questão nesta altura era o apoio financeiro às deslocações dos clubes:

para a primeira mão, em Cantanhede, no Campo do Febres SC, o Atlético solicitou à AFC um apoio financeiro, sendo concedidos 120\$00; e na segunda mão da final seria igualmente solicitado um apoio financeiro para auxiliar nas despesas por parte do Febres SC. No entanto, como o jogo era de entrada gratuita, a AFC decidiu que apenas poderia conceder um subsídio se houvesse lucro no jogo particular que se seguiria. Como deu prejuízo de 400\$00, o apoio não seria concedido à equipa de Cantanhede.

Nova polémica Coimbra-Figueira

A simples marcação de uma data para o jogo entre as seleções de Coimbra e da Figueira da Foz originaria mais um conflito entre a AFC e a sua Delegação da Figueira da Foz. Por razões várias, quase sempre relacionadas com indisponibilidades decorrentes dos calendários competitivos, o jogo entre estas duas seleções foi sendo sucessivamente adiado. Depois de mais de dois meses de espera e de constantes marcações, desmarcações e remarcações, foi possível encontrar uma data para a realização do desafio: 26 de março. No entanto, poucos dias antes do jogo, a Direção da AFC decidiu, depois de ouvir uma sugestão do Conselho Técnico, que em vez do jogo entre seleções era mais proveitoso realizar-se, naquela data, a final do Campeonato de Coimbra, que opunha a Académica de Coimbra e o União de Coimbra.

Esta decisão teria efeitos imediatos e resultaria na demissão de um dos três membros que compunham

o Conselho Técnico, por discordar em absoluto com a resolução tomada. A Direção da AFC tentaria demovê-lo desta intenção, mas sem sucesso. Igualmente discordante seria a reação da Delegação da AFC da Figueira da Foz que, ao tomar conhecimento da deliberação da Direção, não se absteve de demonstrar, através de ofício, a sua indignação:

“Esta Delegação manifesta a V. Exas. o seu profundo desgosto pela falta de compromisso tomado que só representam a pouca consideração que continuam a demonstrar por este organismo”.

Esta missiva seria lida e registada na Ata de Direção de 21 de abril de 1933. E nela, o seu autor, o Secretário da Delegação, referia ainda que ficou especialmente melindrado pelo facto de não ter sido responsável pela marcação da data em questão e por apenas ter tido conhecimento “à última hora” de que o encontro seria uma vez mais adiado. Na sessão seguinte, de 25 de abril, os restantes membros da Delegação da Figueira da Foz vieram demarcar-se das palavras do Secretário, referindo que tinham total desconhecimento das palavras empregadas pelo mesmo e das razões que levaram à AFC a adiar o jogo:

“Desconheciam todos os membros da Delegação os termos em que foi redigido o respetivo ofício, que é da exclusiva responsabilidade do Secretário e do qual discordam inteiramente, visto reconhecerem que devem à AFC todo o respeito e aos homens que o dirigem muita consideração pela forma como sempre têm tratado a Delegação.”

ROQUETE

O GRANDE AZUL
NACIONAL DE
FOOTBALL

Este número
traz as histórias
e as histórias





Estes dois guarda-redes foram grandes ídolos do futebol português dos anos 20 e 30.

Deixaram grandes memórias aos adeptos de Coimbra.

Apaziguados os ânimos e aceitando as desculpas, o Presidente da Direção da AFC acabaria por dar o conflito por sanado, lamentando apenas a displicente atitude daquele Secretário que, por momentos, colocou seriamente em causa as salutares e profícuas relações entre as duas partes. Coim-

bra e a Figueira reatavam, assim, as boas relações que (quase) sempre haviam caracterizado este binómio do futebol regional, cuja centralidade se ia agora, gradualmente, esbatendo e alargando a outras zonas do distrito, onde novos clubes surgiam e se consolidavam.

Sabia que... Foi pedida a alteração da final do Campeonato de Promoção devido aos jogadores “estranharem muito o relvado” do Arnado, por não estarem habituados a jogar em relva.

O Campo do Arnado foi palco de diversos encontros emocionantes (jogos de desempate e finais) do Campeonato de Portugal nos anos 30.

Alguns jogos exigiram mesmo intervenção policial para acalmar os ânimos...



Cronologia

1932
33

1932

Outubro Revisão dos Estatutos da AFC.

1933

Janeiro As seleções de Coimbra e Porto empataram 1-1.

Foi seleccionado para o jogo Portugal-Hungria o jogador Rui Cunha, da Académica de Coimbra.

Março

Fernando Alves (SC Conimbricense) foi convocado para um treino da Seleção Nacional.

1933

Março

A AFC recebeu três exemplares datilografados do Regulamento do Campeonato de Portugal, um para ficar na posse da Direção e dois para entregar aos clubes de Coimbra na competição.

A Naval conquistou, pela segunda vez, a prestigiada Taça Dr. Luiz Fernandes.

Crescia a rivalidade entre clubes da Figueira e de Buarcos.

Abril

A Naval venceu o Bronze António Guia, batendo o Ginásio CF por 2-0.

Terminou o Campeonato da Figueira, com vitória do Sporting Clube Figueirense, sem uma única derrota. Era a sétima vitória do clube na competição.

Maio

Na primeira eliminatória do Campeonato de Portugal, a Académica recebeu e venceu por 1-0 a Sanjoanense, e o União de Coimbra saiu derrotado em Espinho por 4-0.

Nos oitavos-de-final do Campeonato de Portugal, a Académica foi eliminada pelo Vitória FC, de Setúbal. O representante de Coimbra perdeu o jogo de desempate por 2-1 (nas duas mãos ambas as equipas haviam ganho por 3-1).

Junho

A Académica de Coimbra venceu o Campeonato de Coimbra e o Campeonato Distrital.

O Sporting Clube Figueirense bateu a Naval na final e reconquistou a Taça da Figueira.

Fernando Alves (SC Conimbricense) foi convocado para a Seleção Nacional.

Realizou-se em Coimbra o jogo de desempate entre o Sporting CP e FC do Porto, a contar para as meias-finais do Campeonato de Portugal.

Julho

A final do Campeonato de Portugal realizou-se em Lisboa, após duas finais seguidas no Arnado, em Coimbra. Belenenses bateu o Sporting CP por 3-1.

Competições

1932
33

PROVA	CAMPEÃO
Campeonato Distrital - 1. ^{as} categorias	Associação Académica de Coimbra
Campeonato de Coimbra - Honra (série local)	Associação Académica de Coimbra
Campeonato de Coimbra - 2. ^{as} categorias	Associação Académica de Coimbra
Campeonato de Coimbra - 3. ^{as} categorias	Associação Académica de Coimbra
Campeonato de Coimbra - 4. ^{as} categorias	Associação Académica de Coimbra
Campeonato da Figueira da Foz - 1. ^{as} categorias (série local)	Sporting Clube Figueirense
Taça Cidade de Coimbra - 1. ^{as} categorias	Sport Clube Conimbricense
Taça da Figueira da Foz - 1. ^{as} categorias	Sporting Clube Figueirense
Campeonato de Promoção	Atlético Clube de Coimbra

O Belenenses sagrou-se campeão de Portugal de 1932-33 e dedicou o título à memória de "Pepe", falecido tragicamente em 1931.



Época 1933
34

E tudo os 9-0 mudou...

Uma goleada histórica de Portugal contra Espanha alterou o rumo do futebol português. Repensaram-se os formatos competitivos nacionais e distritais, e aprovou-se a livre transferência de jogadores. E a política fascista intrometeu-se no futebol, com Salazar a prometer um Estádio Nacional. Coimbra assistiu e reajustou-se a este novo mundo da bola.

S onho e ambição com quatro anos: o de Portugal participar num Mundial de futebol. Após o Uruguai-1930, seguia-se o Itália-1934, que consagraria o regime fascista de Mussolini. Mas para alcançar a fase final da competição, Portugal e Espanha disputaram a qualificação, com os espanhóis a golearem por 9-0 na primeira mão em Madrid, a 11 de março de 1934. “Decadência” do futebol português, leu-se na imprensa, muito crítica com os modelos competitivos existentes, confinados a campeonatos locais e distritais, ao Campeonato de Portugal (a eliminar, com poucas eliminatórias) e às seleções distritais.

Por forte pressão da imprensa, e dada a vergonha nacional dos 9-0, a FPF avançou na realização do Campeonato das Ligas (I e II Liga, cuja primeira edição seria em 1934-35), prova por pontos e em *poule*, de todos contra todos, mantendo no fecho da temporada o Campeonato de Portugal. E para promover a livre circulação de jogadores, de forma a melhorar a sua competitividade e das equipas, a Federação aprovou a famosa “carta de desobrigação”, documento que permitia a transferência de jogadores sem necessidade do obrigatório ano de inatividade (no cumprimento da obsoleta “lei do ano”).

Coimbra, através da imprensa e dos dirigentes da AFC que participavam nas decisões federativas, foi acompanhando estas novidades e os reajustamentos do futebol português. A época, a nível distrital, iria começar com um castigo exemplar ao CF “Os Marialvas”: três meses de suspensão por ter disputado um jogo no mês de agosto com o FC Porto – a prática do

futebol continuava interdita, por lei, no verão (no período do estio, por alegadas questões de saúde pública), com a agravante do encontro ter sido realizado sem conhecimento da AFC. E como o clube em questão enviou, em resposta, um ofício em termos “desrespeitosos” para com a AFC, a penalização foi agravada em seis meses.

As provas locais e distritais foram reajustadas, como sucedeu no Campeonato da Figueira. Por solicitação prévia da Delegação da AFC na Figueira (e aprovada posteriormente pela AFC), a prova restringiu-se a duas únicas categorias: Honras e Reservas, extinguindo-se as outras categorias. E na competição local de Coimbra surgiu mais uma equipa inscrita no Campeonato de Promoção, na categoria de Honra, o Sport Clube Eirense, juntando-se assim ao CF Os Conimbricenses, Sporting Atlético 5 de Outubro, Bombeiros Municipais de Coimbra e Atlético Clube de Coimbra.

Distrital perde interesse

Em Coimbra, as temporadas anteriores haviam resultado em substanciais perdas para os clubes da região, sobretudo no que diz respeito às receitas de bilheteira. A própria AFC apresentava saldos negativos, no final de cada um dos exercícios antecedentes. De entre as razões apontadas estava a falta de interesse pelos campeonatos regionais (locais e distritais), com modelos competitivos obsoletos e onde jogavam sempre os mesmos contra os mesmos, tanto

em Coimbra, como na Figueira da Foz. Para além disso, existia ainda outro problema difícil de solucionar: a grande diferença entre algumas das equipas que compunham os campeonatos e que, muitas vezes, originavam jogos de resultado desnivelado – a Académica venceu o Campeonato local de Coimbra só com vitórias, marcando 45 golos e sofrendo somente seis, dominando o panorama regional nesta época.

O próprio Campeonato Distrital de Coimbra, jogado a um só jogo, quase sempre em Coimbra, não era um evento propriamente atrativo, embora, naturalmente despertasse mais interesse do que a maioria dos jogos das provas locais. Assim, a Direção da AFC pretendia uma reformulação no modelo competitivo vigente. Na Assembleia Geral Extraordinária de 5 de outubro de 1933, que teria lugar na sede da AFC, na Rua Pedro Cardoso, em Coimbra, os representantes do SC Conimbricense e do União de Coimbra apresentaram uma proposta conjunta de reformulação do Campeonato Distrital, por considerarem que o modelo estava desajustado:

“(O campeonato) não convém à propaganda do *football* e ao seu progresso (...), era necessário um intercâmbio grande entre todos os centros futebolísticos do Distrito, principalmente entre Coimbra e a Figueira.”

A solução, na perspetiva dos proponentes, estaria na captação do interesse popular através da realização de um verdadeiro Campeonato Distrital, que envolvesse as melhores equipas de diferentes localidades, em especial as de Coimbra e da Figueira. Ao

adotar-se este modelo contribuía-se para o desenvolvimento e afirmação da Divisão de Honra (principal categoria nesta altura), de todos os clubes intervenientes e, conseqüentemente, da qualidade do futebol desenvolvido, gerando mais receitas e um maior interesse pela competição. Por outro lado, esta solução permitia concluir o Campeonato no final de fevereiro, tal como recomendava a Federação. E caso este modelo fosse adotado, defendia-se ainda que os clubes da Figueira da Foz passassem a ter as mesmas regalias dos de Coimbra, no que dizia respeito às votações e representações no seio da AFC, tornando dispensável a Delegação da Figueira, que deveria fechar.

Congresso Nacional dos Clubes Desportivos

Em inícios de dezembro de 1933, o meio desportivo conimbricense iria também acompanhar de perto a realização, em Lisboa, do I Congresso Nacional dos Clubes Desportivos, que resultou de um apelo (pressão) de várias personalidades do desporto e da sociedade portuguesa, ao Estado (fascista), para que este passasse a intervir diretamente no desporto. O próprio Salazar interveio no congresso, prometendo aquela que era uma das maiores ambições do desporto e do futebol português: a construção de um Estádio Nacional, em Lisboa.

Em Coimbra, a imprensa regional rejubilou. A *Gazeta da Figueira*, a 12 de dezembro, tal como muitos outros periódicos, deu destaque ao congresso, numa

A vergonha nacional dos 9-0 contra a Espanha motivou uma reformulação do quadro competitivo em Portugal que afetaria as competições regionais.



notícia com uma enorme, e evidente, carga ideológica, onde podia ler-se: “O Estado deve proteger as agremiações desportivas e a prática do exercício ao ar livre”. O mesmo jornal apresentou o conjunto de medidas que o Estado Novo promulgou após a realização deste evento, as quais, pela sua importância, pelo impacto e pela mudança estrutural que significaram a nível associativo, local e regional, decidimos transcrever:

- 1.º Construção de um grande Estádio em Lisboa.
- 2.º Construção de um Estádio municipal na cidade do Porto.
- 3.º Construção nas sedes dos distritos de Estádios, piscinas e carreiras de tiro.
- 4.º Construção de campos de jogos e ginásios nos diversos concelhos e freguesias do país munidos de postos recetores de T.S.F.
- 5.º Proteção e manutenção dos campos existentes, facilitando a sua conservação e subvencionando os clubes seus proprietários.
- 6.º Subvenção material e auxílio técnico das colectividades conhecidas dignas de tal pela Entidade Superior do Desporto, incluindo neste capítulo a construção de campos e instalações desportivas, e organização de campeonatos nacionais.
- 7.º Os espetáculos desportivos promovidos pelos clubes, associações ou federações nacionais não devem ser equiparados aos restantes espetáculos públicos.
- 8.º Os espetáculos desportivos devem ser isentos de contribuições.

9.º Não sendo possível a isenção total de contribuições e impostos, a taxa a aplicar deve incidir sobre o número de bilhetes vendidos.

10.º As cobranças de impostos respeitantes aos espetáculos desportivos devem destinar-se a um fundo especial de proteção e auxílio aos ramos de desporto que vivem em condições deficitárias.

11.º Deve passar a ser gratuito o concurso da força pública nos espetáculos desportivos promovidos pelos clubes, associações e federações.

12.º Todas as medidas de proteção aprovadas por este Congresso devem alargar-se aos clubes desportivos das colónias.

13.º Devem ser isentos dos exorbitantes direitos alfandegários actuais todos os artigos de material desportivo importados de Portugal quando essa importação seja efetuada diretamente pelos clubes coloniais.”

Ainda na mesma edição, a *Gazeta da Figueira* publicou o artigo “O desporto e o Estado”, em que refletia sobre este binómio, sublinhando que o desporto vivia “um momento único” em Portugal, em que o Estado parecia “começar a ver no movimento desportivo uma fonte de preciosas energias”, quer à escala nacional quer regional. A AFC acompanhou todo este processo, auxiliando nas iniciativas de apoio ao desporto em geral e ao futebol em particular. O Estado Novo alinhava ideologicamente pelo diapasão de Mussolini e Hitler, que viram no desporto mais uma forma de propaganda dos regimes fascistas, em espe-

cial através do Mundial de Itália-1934 e dos Jogos Olímpicos de Berlim-1936.

Dez anos de Coimbra-Figueira

No dia 9 de janeiro de 1934 realizou-se o primeiro Coimbra-Figueira da época, num encontro carregado

de simbolismo por ser o 15º jogo da história entre as duas seleções e por se cumprir a décima época em que se confrontavam. Este jogo mereceu, pela celebração desta efeméride, amplo destaque na comunicação social regional, sobretudo nos periódicos de Coimbra e Figueira da Foz, que aproveitaram a ocasião para publicar o histórico de jogos entre as duas seleções.

Quadro 1. Histórico entre seleções de Coimbra e Figueira da Foz

Época	Jogo	Local	Vencedor	Resultado
1923-24	I	Coimbra	Coimbra	2-1
1923-24	II	Figueira da Foz	Coimbra	2-1
1924-25	III	Coimbra	Coimbra	4-1
1924-25	IV	Figueira da Foz	Coimbra	2-1
1925-26	V	Coimbra	-	0-0
1925-26	VI	Figueira da Foz	Figueira	4-1
1926-27	VII	Coimbra	Figueira	2-1
1926-27	VIII	Figueira da Foz	Figueira	5-2
1929-30	IX	Figueira da Foz	Figueira	9-2
1929-30	X	Coimbra	Coimbra	5-4
1930-31	XI	Coimbra	Coimbra	1-0
1930-31	XII	Figueira da Foz	-	2-2
1931-32	XIII	Figueira da Foz	Coimbra	2-1
1932-33	XIV	Coimbra	Coimbra	3-1

Até à realização do XV Coimbra-Figueira, e tal como podemos comprovar no Quadro 1, existiu uma certa supremacia da seleção de Coimbra em relação à sua congénere da Figueira, com oito vitórias para os conimbricenses e apenas quatro para os figueirenses. Apesar disso, os dois resultados mais desnivelados foram favoráveis à Figueira (9-2 e 5-2), sendo que no primeiro jogo a equipa de Coimbra se apresentou com um onze de reservas (segundas linhas). E no *goal average*, muito por culpa dessas duas goleadas, existia um notório equilíbrio, que se saldava num resultado global de 32-29 a favor de Coimbra. A *Gazeta da Figueira*, a propósito deste duelo, enalteceria que, a não ser os jogos Lisboa-Porto, era “provável” que não houvesse outros embates deste género, disputados “desde há tanto tempo”. Há dez anos que se realizavam partidas entre as duas cidades. Na verdade, a grande rivalidade entre as duas cidades tornava sempre especiais estes desafios que geravam

um enorme entusiasmo à sua volta e atraíam grandes assistências.

O Coimbra-Figueira representava ainda, simbolicamente, uma luta de poder entre a sede da AFC (em Coimbra) e a sua Delegação da Figueira, ou ainda mais particularmente entre os clubes de Coimbra e os clubes da Figueira. Nestas ocasiões, os clubes rivais da mesma cidade esqueciam as suas divergências, e imbuídos pelo orgulho da sua urbe e pelo bairrismo muitas vezes exacerbado ao máximo, entravam em campo com uma motivação extra de derrotar o adversário.

A seleção de Coimbra era habitualmente escalonada pelo Conselho Técnico da AFC e a da Figueira pela Delegação da AFC nesta cidade. Mas em ambos casos as escolhas nem sempre eram consensuais e geravam conflitos entre os clubes e os organismos que os tutelavam. Por vezes, os clubes, quando tinham algum contencioso por resolver com a AFC,

ou com a sua Delegação, impediam os seus jogadores de comparecerem nos estágios e nos jogos entre as duas seleções, o que provocaria alguns resultados mais desnivelados.

Na maior parte das ocasiões, o Coimbra-Figueira servia para o Conselho Técnico da AFC observar *in loco* os melhores jogadores de ambas as cidades, com o intuito de selecionar os mais hábeis para integrarem a seleção

Sabia que... Por vezes faltava tudo... nesta época um jogo entre Atlético Clube de Coimbra e Sport Clube Eirense não se realizou por falta de comparência do árbitro, por falta de redes nas balizas, por ausência de marcação no campo e pelo mau estado geral do terreno.

distrital (Coimbra), representativa da AFC. No entanto, devido aos constantes litígios entre os clubes da Figueira e a AFC e/ou a sua própria Delegação, na maior parte dos casos a Seleção Distrital de Coimbra seria constituída na totalidade, ou na sua grande maioria, por jogadores conimbricenses. Uma das

exceções foi António Guia, jogador do Ginásio Figueirense, que capitaneou a Seleção Distrital em diversas ocasiões entre 1926 e 1928.

A título de curiosidade, o XV Coimbra-Figueira, realizado a 9 de janeiro de 1934, em Coimbra, resultaria numa nova vitória de Coimbra, por 6-0.

Álvaro Santos

Foi uma das figuras históricas da AFC, homenageado com um retrato evocativo da sua memória, na sede da instituição. A sua ação no dirigismo desportivo da AFC estendeu-se entre os anos 30 e 50 do século XX, integrando a Comissão Executiva do Colégio de Árbitros (1933-34), o Conselho de Árbitros (1934-35) e o Conselho Técnico (ocupando diversos cargos, incluindo a presidência, entre 1950 e 1958).

Foi um dos principais árbitros de Coimbra nos anos 30. Muito respeitado, não deixou de ser alvo de violência ao longo da carreira, como sucedeu em finais de novembro de 1936, quando foi agredido num encontro em Paços Brandão, com o Colégio de Árbitros de Coimbra a pressionar a congénere de Aveiro para uma punição exemplar ao clube envolvido.

O seu papel seria fundamental na regulação da atividade da arbitragem em Coimbra durante os anos 30, através da Comissão Executiva do Colégio de Árbitros da AFC, juntamente com figuras como Amadeu Rodrigues, Carlos Mesquita ou Roldão Batista. Tiveram ação preponderante na regulação da atividade arbitral nas provas distritais, nas Ligas (Campeonato da I e II Liga) e Campeonato de Portugal, assim como nos jogos amigáveis entre clubes e seleções regionais.



Cronologia

1933
34

1933

Outubro

O Sporting Nacional comunicou à AFC que mudou as cores do equipamento: camisola verde debruada a amarelo e calção preto para os jogadores e camisola às riscas amarelas e verdes e calções pretos para o guarda-redes.

Novembro

Foi inscrito como sócio coletivo filiado na AFC o Marialvas Football Clube.

O Eirense, inscrito no Campeonato de Promoção da AFC, solicitou que os seus jogos fossem marcados às 11h00 e não às 9h00, para evitar que os jogadores se tivessem de levantar tão cedo.

As reuniões de Direção da AFC passam a realizar-se às quartas-feiras.

1934

Janeiro

Rui Cunha (Académica) foi selecionado para um treino da Seleção Nacional no Estádio do Lima.

Disputa do III Coimbra-Aveiro em seleções.

Fevereiro

Deu-se conhecimento à FPF que o galardete da AFC foi mandado executar.

Rui Cunha (Académica) foi selecionado para o jogo Espanha-Portugal, realizado em Madrid no dia 11 de março de 1934 – os portugueses foram goleados por 9-0.

Março

O Sporting Clube de Figueirense renova o título de Campeão da Figueira.

A Académica de Coimbra renova o título de Campeão de Coimbra.

245

Abril

A Académica de Coimbra sagra-se Campeão Distrital. A final não se realizou por desistência do Sporting Clube Figueirense, em novas divergências entre Coimbra e Figueira.

Disputou-se o Bronze António Biscaia na Figueira da Foz, entre os “eternos rivais” Naval e Ginásio Figueirense, com vitória da Naval por 2-1.

Maiο

Na primeira eliminatória do Campeonato de Portugal, a Académica de Coimbra venceu o Fafe por 3-1 e o União de Coimbra perdeu com o União de Lisboa pelo mesmo resultado.

Nos oitavos-de-final do Campeonato de Portugal, a Académica, única representante da AFC em prova, foi eliminada pelo SL Benfica (2-0 e desistência da Briosa no segundo jogo). A prova seria ganha pelo Sporting CP.

Competições

1933
34

PROVA	CAMPEÃO
Campeonato Distrital - 1. ^{as} categorias	Associação Académica de Coimbra
Campeonato de Coimbra - Honra (série local)	Associação Académica de Coimbra
Campeonato da Figueira da Foz - 1. ^{as} categorias (série local)	Sporting Clube Figueirense
Taça Cidade de Coimbra - 1. ^{as} categorias	União de Coimbra

No Congresso dos Clubes Desportivos de 1933, Salazar fez uma das promessas mais desejadas do futebol português.



**SALAZAR DISSE:
"VAMOS TER UM ESTÁDIO
NACIONAL!"**

TEREMOS UM ESTÁDIO NACIONAL!

Época

1934
35

Ano de mudanças

Esta temporada seria a mais “agitada” da ainda curta vida da AFC. Assistiu-se a uma profunda reorganização das provas e à implementação de um novo Campeonato Distrital, em articulação com a criação das Ligas. Multiplicaram-se as reuniões de Direção e as convocatórias para Assembleias Gerais, nem sempre pacíficas e consensuais.

É poca de grandes transformações, à escala nacional e regional. Concretizou-se a ambição, já antiga, de criar em Portugal uma prova de cariz nacional em *poule* (todos contra todos, a duas voltas), sob a égide da Federação. Arrancou, assim, o Campeonato das Ligas (I e II), mas manteve-se os habituais campeonatos distritais e o Campeonato de Portugal. Apesar dos receios iniciais, as Ligas seriam um sucesso, a nível de público, desportivo e de receitas. Mas implicou que as provas distritais terminassem a 31 de dezembro, obrigando a reajustes diversos por parte das associações distritais.

Numa época de (grandes) mudanças, a AFC viu-se desde logo obrigada a criar o cargo de Vogal Adjunto da Direção, destinado a um sócio residente em Lisboa. Desta forma, cumpria-se, sem despesas de monta, uma nova exigência da FPFA: apenas os membros das Direções das associações distritais podiam representar as mesmas nos Congressos federativos, em Lisboa. O Dr. Armando Sampaio e Fernando Santos, ambos moradores na Capital, seriam os primeiros a desempenhar essa função por parte da AFC.

Em outubro de 1934, todos os clubes inscritos na AFC pagaram a respetiva cota de filiação, sendo importante lembrar como era formada a Associação nesta altura:

Associação Académica de Coimbra
União de Coimbra
Sport Clube Conimbricense
Sporting Nacional

Santa Clara Futebol Clube
Atlético Clube de Coimbra
Bombeiros Municipais de Coimbra
CF Os Conimbricenses
Sport Clube Eirense
Sporting Atlético 5 de Outubro
União Desportiva Lousanense
Sporting Clube de Coimbra
Delegação da Figueira da Foz (pagava cota conjunta de todos os clubes inscritos na Figueira).

A AFC seria obrigada, nesta temporada, a uma intensa atividade, tanto ao nível das reuniões de Direção (semanais) como das sessões da Assembleia Geral (AG) que se sucederam de uma forma nunca vista, pelo seu carácter excepcional. Na AG Extraordinária de 13 de outubro, por exemplo, decidiu-se criar mais um lugar de vogal da Direção (ocupado por um delegado do Sporting Atlético 5 de Outubro) e foram aprovados novos sócios de mérito, definindo-se também a fórmula de acesso e de descida das várias divisões.

A AG Extraordinária que se seguiu, bem mais polémica, teria lugar a 6 de dezembro de 1934, e nela seria apreciado e discutido um único ponto, relacionado com um litígio entre a Direção da AFC e o Colégio de Árbitros. O conflito terá começado num ofício enviado pelo Colégio de Árbitros à Direção, em que foi apresentada uma série de exigências que, caso não fossem acatadas pela Direção, levaria o Colégio de

Árbitros a não nomear juizes para a jornada seguinte. Como a Direção não anuiu ao pedido, não haveria árbitros escalonados para o domingo seguinte, recorrendo-se a juizes improvisados, provenientes das bancadas, com grave prejuízo para os desafios. Para sanar o conflito seria apresentada uma proposta: que a Direção da AFC atribuísse ao Colégio de Árbitros os poderes para resolver todos os assuntos que se relacionassem com arbitragem. A proposta seria aprovada com 56 votos a favor e 36 contra.

Seguiu-se nova AG a 12 de dezembro, relacionada com questões técnicas e castigo a jogadores. E uma semana depois, dia 19, nova Assembleia Geral, desta vez para aprovação de novos sócios de mérito e para votar o processo de apuramento do Campeão Distrital e uma possível alteração do Regulamento Geral de Provas. Mas ficaria decidido manter-se tudo como estava e seguir o estabelecido no Regulamento em vigor.

Mais conturbada seria a AG de 9 de janeiro de 1935. No início da sessão, onde eram discutidos diversos assuntos, o representante do União de Coimbra pediu a palavra, que não seria concedida uma vez que os Estatutos apenas o permitiam no final da Ordem de Trabalhos. Em clara discordância com o sucedido, o delegado do União abandonou a sessão, provocando um grande desconforto na sala, mas devido ao adiantar da hora, a sessão teria continuidade no dia seguinte. Nela seria apresentada uma proposta do SC Conimbricense, que acusava a Direção da AFC de péssima gestão, pedindo aos sócios que fosse solicitado à FPPA a abertura de um inquê-

rito aos atos da referida Direção. A proposta foi chumbada por cinco votos, o que levou o dirigente do SC Conimbricense a pedir para ser levado ao conhecimento da Federação o conteúdo da proposta e os clubes que a aprovaram e reprovaram. O outro ponto discutido prendeu-se com um possível apoio financeiro a conceder aos clubes da Figueira nas suas deslocções a Coimbra, com as opiniões a divergirem, não se chegando a uma decisão definitiva.

A última AG Extraordinária do exercício 1934-35, em 26 de agosto de 1935, seria importantíssima para o futuro da AFC e significou uma clara rotura com o passado. Foi votada uma proposta da Direção que defendia:

“Ser absolutamente necessário que à frente dos destinos do *football* distrital estejam indivíduos tanto quanto possível estranhos a clubes, sólida garantia de imparcialidade, de forma a dar uma nova diretriz a esta entidade dirigente.”

Com esta proposta era solicitada uma relevante alteração ao Art.º 27º dos Estatutos da AFC que, a ser aprovada, deveria passar para a seguinte redação:

“A Direção da AFC é composta por indivíduos tanto quanto possível estranhos a clubes em número de cinco efetivos e três substitutos, com os seguintes cargos: um presidente; um vice-presidente; um tesoureiro; um secretário-geral e um secretário-adjunto.”

O CF Os Conimbricenses foi um dos clubes mais importantes de Coimbra nos anos 30.





O Campo de Santa Cruz, em Coimbra, acolheu jogos das principais equipas da cidade.



Apesar do delegado da Académica ter demonstrado veementemente a sua oposição, a proposta seria aprovada por 39 votos (União, Santa Clara, Sporting Nacional, Atlético de Coimbra e Conimbricenses) contra 34 (Académica, Sporting Figueirense, Naval 1º de Maio e Ginásio Figueirense). Terminava assim, num clima de uma certa tensão, uma época sem paralelo na vida da Associação.

Novo modelo competitivo nacional

O verão de 1934 foi uma época de profundas mudanças nas estruturas do futebol nacional e, por consequência, do futebol regional. Na AFC, enquanto se preparava uma mudança de sede, avançava a reformulação dos campeonatos distritais, de forma a enquadrarem-se no novo modelo competitivo da Federação. A imprensa local, mesmo antes das decisões oficiais da AFC, abordaria incessantemente este tema. Numa dessas ocasiões, em setembro de 1934, *A Voz Desportiva* fazia questão de reforçar uma ideia cada vez mais consensual:

“(...) a maneira por que o campeonato de *foot-ball* é disputado não serve aos interesses do próprio *foot-ball* nem dos clubs que o disputam. É necessário que na próxima época de *foot-ball* regional, na sua competição máxima, ocupe o lugar e a importância que tem a obrigação de alcançarem.”

Pretendia-se, fundamentalmente, terminar com o “isolamento” entre os clubes de Coimbra e da Figueira da Foz, que até então continuavam a disputar campeonatos locais para definir os campeões dessas cidades. E, como referido, as mudanças neste panorama local seriam inevitáveis em consequência das vastas alterações preconizadas nos campeonatos nacionais, definidas pela Federação. A estrutura competitiva do futebol português passava a assentar em três competições, organizadas de forma cronológica: campeonatos distritais, Campeonato das Ligas (I e II) e Campeonato de Portugal. A I Liga incluiria oito clubes, representando as quatro associações distritais mais importantes: os quatro primeiros classificados do Campeonato de Lisboa; os dois primeiros classificados do Porto; e os primeiros classificados de Coimbra e Setúbal. A decisão constituiu uma vitória para o futebol de Coimbra e um reflexo da qualidade dos seus clubes no espectro nacional, dominado por Lisboa e Porto. Também de âmbito nacional seria a II Liga, constituída inicialmente por 34 clubes que seriam divididos por quatro zonas, respetivamente subdivididas em oito grupos.

A par das Ligas, o Campeonato de Portugal iria manter o seu cariz nacional, mas passava a ser disputado em eliminatórias (a duas mãos) pelos oito clubes da I Liga e seis clubes da II Liga, e o representante insular que se juntava à competição nos quartos-de-final, momento em que já se teria disputado uma eliminatória da competição entre os 14 clubes do Continente. Porém, o quadro competitivo nacional (Ligas) estava dependente dos resultados dos cam-

peonatos distritais, pois era nessas competições de base que se processavam os apuramentos dos clubes de cada associação para as provas nacionais.

Efeitos regionais

Assim, houve necessidade da AF Coimbra reformular o Campeonato Distrital através da criação do então denominado “Campeonato Mixto”, onde se juntavam as equipas de Coimbra e da Figueira da Foz, pretensão antiga de adeptos e imprensa. Foi dessa forma que o Campeonato Distrital passou a disputar-se em duas séries. E neste primeiro ano da nova competição ficaram na primeira série quatro clubes de Coimbra (Académica, Sport, Nacional e Santa Clara) e na segunda série um de Coimbra (União) e três da Figueira da Foz (Naval, Ginásio e Sporting).

Assim, digladiando-se os clubes de cada série entre si, os primeiros classificados de cada uma disputavam depois o título distrital de Coimbra em duas mãos, apurando-se o campeão para a I Liga e o vencido para a II Liga, aos quais se juntava o vencedor de uma eliminatória, também a duas mãos, entre os dois segundos classificados das séries distritais. Desta forma, Coimbra tinha assegurado um representante na I Liga e dois na II Liga.

Com o novo formato competitivo (nacional e distrital), os campeonatos distritais tinham de estar terminados até 31 de dezembro, para que se definissem os apurados para a I e II Liga (que deveriam inicia-se na segunda quinzena de janeiro, disputando-se, em

sistema de *poule*, até ao fim de maio). Era então que tinha início o Campeonato de Portugal, que fechava a época.

Com este novo quadro competitivo passou a haver uma menor disponibilidade para o agendamento de jogos inter-seleções regionais ou inter-cidades, que apenas se realizariam em abril desse ano, num período compreendido entre os dias 14 e 28. Assim, nas primeiras datas jogar-se-iam os tradicionais Coimbra-Figueira, de onde saíam os selecionados para integrar a Seleção Distrital que jogaria, nos domingos subsequentes, com Leiria (em Coimbra) e com Braga (na capital minhota). O destaque nesta época foi para a constituição de um trio de selecionadores da AFC, formado por António Guia Barreiros (treinador da seleção da Figueira), António Simões Mizarela Júnior (treinador da seleção de Coimbra) e José Pires.

A importância e o valor da Taça Cidade de Coimbra

Realizava-se nesta época a 10ª edição da Taça Cidade de Coimbra, um troféu criado em 1925-26, com o objetivo de minorar, através da receita dos jogos, a precária situação financeira da AFC e dos próprios clubes. A taça funcionava ainda como um Torneio de Pré-época, servindo para as equipas apresentarem os seus plantéis e adquirirem ritmo competitivo.

Em nove edições, os principais dominadores tinham sido o União de Coimbra e o SC Conimbr-

Quadro 1. Vencedores da Taça Cidade de Coimbra

Época	Vencedor
1925-26	Associação Académica de Coimbra
1926-27	Sport Lisboa e Coimbra
1927-28	União Futebol Coimbra Clube
1928-29	Não apurado
1929-30	Sport Clube Conimbricense
1930-31	União Futebol Coimbra Clube
1931-32	Sport Clube Conimbricense
1932-33	Sport Clube Conimbricense
1933-34	União Futebol Coimbra Clube

cense, com três vitórias cada um. Académica e SL Coimbra foram os outros vencedores, numa prova que só não conheceu campeão em 1928-29, dado os finalistas se terem incompatibilizado com a AFC e, em consequência disso, desistido da prova.

Em 1934-35 disputou-se a décima edição desta Taça, sendo que a Direção da AFC chegou a equacionar o seu cancelamento em virtude das exigências do novo modelo competitivo. Porém, graças ao empenho da AFC e dos clubes envolvidos, foi possível realizar a prova em dois domingos, 21 e 28 de outubro de 1934. Disputariam a competição todos os clubes inscritos na categoria de Honra de Coimbra, com exceção para a Académica de Coimbra que,

segundo a *Voz Desportiva* de 13 de outubro de 1934, propôs o seguinte:

“Dada a impossibilidade de participar no torneio por não ter organizado o seu *team* de honra, (a Académica) dispôs-se, no entanto, a realizar no dia da final e conjuntamente com ela, um *match* com um onze de fora da cidade à escolha da AFC.”

Esta situação, embora bem-intencionada, acabaria por gerar alguma polémica. Os finalistas, União de Coimbra e SC Conimbricense, ameaçaram não comparecer no jogo decisivo se não fosse retirado do cartaz publicitário da final o encontro marcado (para

Quadro 2. Vencedores do Campeonato Distrital de Coimbra

Época	Campeão 1.^{as} categorias
1922-23	Associação Académica de Coimbra
1923-24	Associação Académica de Coimbra
1924-25	Associação Académica de Coimbra
1925-26	União Futebol Coimbra Clube
1926-27	União Futebol Coimbra Clube
1927-28	Associação Académica de Coimbra
1928-29	União Futebol Coimbra Clube
1929-30	União Futebol Coimbra Clube
1930-31	União Futebol Coimbra Clube
1931-32	Associação Académica de Coimbra
1932-33	Associação Académica de Coimbra
1933-34	Associação Académica de Coimbra

o mesmo dia) entre a Académica e o Sporting Nacional. A Direção da AFC, por não ter sido possível trazer uma equipa de fora para jogar com os “estudantes”, como estava inicialmente acordado, acabou por reverter a sua anterior decisão e não permitir que existisse qualquer jogo para além da final da Taça. As receitas do jogo seriam assim repartidas, tal como definiam os regulamentos, pela AFC e pelos clubes participantes, numa final que seria ganha pelo União de Coimbra.

Novo Campeonato Distrital

Até à presente época, o Campeonato Distrital de Coimbra era realizado a uma só mão entre os vencedores dos campeonatos locais de Coimbra e da Figueira. Nos 12 campeonatos realizados até então, todos os títulos haviam sido conquistados pelos representantes de Coimbra: sete pela Académica e cinco pelo União.

Em novembro de 1934, para gáudio do público, começou o Campeonato Distrital de Coimbra, no seu novo formato, envolvendo cinco clubes de Coimbra e três da Figueira, divididos em duas séries, com o União de Coimbra a ficar com os três representantes da Figueira (Sporting Clube Figueirense, Naval 1º de Maio e Ginásio Clube Figueirense). No outro grupo ficaram as quatro equipas de Coimbra (Académica, SC Conimbricense, Sporting Nacional e Santa Clara), poupando assim os clubes a custos elevados com deslocações entre cidades.

Em meados de dezembro, por exigências do novo calendário nacional, terminaria a fase de grupos do Campeonato Distrital de Coimbra, com o União a sobrepor-se aos três clubes da Figueira da Foz, no seu grupo, obtendo 14 pontos, ficando Sporting Figueirense e Naval em segundo lugar, ambos com o mesmo número de pontos. Em último, o Ginásio, com somente duas vitórias em seis encontros. E no desempate para o 2º lugar, o Sporting bateu a Naval por 3-1.

Assim, no cruzamento com o 2º classificado do outro grupo, o Sporting Figueirense bateu o Sport

Clube Conimbricense por 1-0, resultado que se repetiu na segunda mão, mas a favor do Sport, obrigado a prolongamento, que não desfez o resultado. Este duplo empate levaria à realização de um terceiro jogo, de desempate, no Campo do Arnado, em Coimbra, com vitória do Sport por 2-0, ficando assim em 3º lugar como representante do distrito no Campeonato das Ligas.

A Académica de Coimbra viria a sagrar-se campeão distrital e a primeira representante da AFC no Campeonato da I Liga que contou ainda com a presença de quatro equipas da AF de Lisboa (Sporting, Benfica, Belenenses e União de Lisboa), duas da AF do Porto (FC Porto e Académico do Porto) e uma da AF de Setúbal (Vitória Futebol Clube). A competição, que foi disputada num sistema de todos contra todos, a duas voltas, terminou após a realização de 14 jornadas, saindo vencedor o FC Porto, seguido na tabela classificativa por Sporting CP e SL Benfica. A Académica ficou no 8º e último lugar, com uma vitória, um empate e doze derrotas. Na II Liga, União de Coimbra e SC Conimbricense não conseguiriam o apuramento para a segunda fase, numa prova cuja final seria disputada em Coimbra entre Carcavelinhos e Boavista, com vitória dos lisboetas.

Por último, seria igualmente a Académica, na qualidade de equipa da I Liga, a representar a AFC no Campeonato de Portugal (que continuou a realizar-se em eliminatórias), tendo sido eliminada nos oitavos-de-final pelo União de Lisboa.

Sabia que... Seis árbitros de Coimbra foram nomeados para jogos das Ligas: António Ferreira, Aurelino Lima, Carlos Mesquita, António Guia, Gabriel da Fonseca e Manuel de Oliveira.



Primeiro campeão
da nova competição.
Coimbra esteve
sempre presente nas
quatro edições
da I Liga.

Cronologia

1934
35

1934

Outubro

Sorteio do Campeonato Distrital, Divisão de Honra, com a presença de três clubes da Figueira e cinco de Coimbra.

Fundação do Sporting Clube de Coimbra, que iria disputar o Campeonato de Promoção.

Novembro

Início do novo Campeonato Distrital.

Incompatibilizado com a Direção da AFC, o Colégio dos Árbitros impede os juizes de comparecerem nos jogos do último domingo do mês. Seriam arbitrados por adeptos provenientes das bancadas.

Dezembro

A Académica venceu o Campeonato Distrital e apurou-se para a I Liga. O União de Coimbra e o SC Conimbricense apuram-se para a II Liga.

1935

Janeiro

Começam os Campeonatos das Ligas com a presença de três representantes da AFC.

Foram nomeados seis árbitros de Coimbra para arbitrar jogos da I e II Liga.

Um encontro entre Académica e União foi transmitido (de forma pioneira) pela rádio, desde o Campo de Santa Cruz, pelo radioamador António Madeira Machado, estudante de Direito.

Março

A presença da Académica de Coimbra na I Liga gerou receitas extraordinárias. As receções a SL Benfica e Sporting CP amealharam mais de 24.000\$00 em bilheteira.

Abril

Dois jogos Coimbra-Figueira em seleções, com vitória de Coimbra por 7-2 e empate 1-1.

Disputa de um Coimbra-Leiria em seleções distritais.

A Seleção de Coimbra deslocou-se a Braga para defrontar a sua congénere local.

Maiο

Fim da I Liga, o FC Porto sagrou-se campeão e a Académica ficou na última posição.

No Campeonato de Portugal, a Académica foi eliminada pelo União de Lisboa, que venceu por 4-2 e 2-1.

Junho

Os dois jogos da final da II Liga, que opôs Carcavelinhos e Boavista, realizaram-se no Campo do Arnado, em Coimbra. O primeiro terminou 1-1 após prolongamento e o segundo com triunfo do representante da AF Lisboa por 2-1.

Competições

1934
35

PROVA	CAMPEÃO
Campeonato Distrital - Divisão de Honra	Associação Académica de Coimbra
Campeonato de Promoção - 1. ^{as} categorias	Atlético Clube de Coimbra
Campeonato da 1º Divisão - Reservas (série local)	Associação Académica de Coimbra
Campeonato da 1º Divisão - 1. ^{as} categorias	Associação Académica de Coimbra
Taça Cidade de Coimbra - 1. ^{as} categorias	União de Coimbra

A partir de 1935, a Emissora Nacional iria ter um papel fundamental na difusão do futebol em Portugal.



Época 1935
36

Tempos difíceis

Temporada de dificuldades económicas, em que a AFC tentou apoiar os clubes. Foi criada uma nova prova, o Torneio de Encerramento, para dinamizar o futebol regional. O calendário competitivo ficava cada vez mais preenchido, levando ao gradual desaparecimento dos jogos entre seleções distritais.

O futebol português entrava na segunda época do novo formato competitivo das Ligas, com os campeonatos distritais a anteceder-las e o Campeonato de Portugal a fechar. Lisboa e Porto eram o eixo principal do futebol nacional, dominando a nova competição (I Liga) e a mais antiga (Campeonato de Portugal), esta época conquistadas por SL Benfica e Sporting CP, respetivamente. Mas para o futebol português avizinhavam-se tempos complicados, sobretudo a nível dos contatos internacionais, com o deflagrar da guerra civil espanhola, entre falangistas (fascistas) e republicanos. Franco teria um aliado no Portugal de Salazar e o futebol português entraria numa fase de estagnação, com a impossibilidade de equipas estrangeiras visitarem regularmente o País devido à guerra nos territórios espanhóis a partir de junho de 1935.

Nova sede

Em Coimbra, a época desportiva iniciou-se sob um enorme clima de instabilidade no seio da AFC. A nova Direção, presidida pelo Dr. António Leitão, herdou uma situação financeira muito adversa, dominada por um défice excessivo. Para além da debilidade das finanças, a Direção iria debater-se com outro problema gravíssimo no início da temporada: a inexistência de uma sede que condignamente pudesse receber as reuniões diretivas e as Assembleias Gerais. Vivia-se, neste caso, da boa vontade do Sporting Nacional, que cedia a sua sede para o efeito,

mas que, manifestamente, já não era suficiente nem aceitável. As palavras do próprio presidente da Direção, proferidas a 16 de outubro, foram bem elucidativas:

“A situação em que foram encontrar a AFC é das piores: sem dinheiro, sem sede e com um *deficit* grande. Verifica-se ser necessário colocar a AFC dentro da decência própria de uma entidade dirigente, para isso é necessário encontrar uma sede.”

Depois de uma difícil e incessante procura foi possível encontrar uma solução para a instalação da sede da AFC, alojada a partir de finais de outubro no segundo andar de um prédio situado na Rua da Moeda, nº 29, em Coimbra. Seria o próprio presidente da Direção a assinar um contrato de arrendamento do espaço, pelo período de um ano, tendo como fiador o Tenente Constantino da Conceição. Com a Direção instalada na nova sede, tomaria posse em outubro uma nova Direção do Colégio de Árbitros, presidida pelo ilustre Dr. Amadeu Rodrigues que prometeu trabalhar com a Direção da Associação, em prol de um objetivo comum: o desenvolvimento do futebol regional, pondo de lado divergências antigas.

Uma das primeiras questões debatidas relacionou-se com a polémica ausência de árbitros que se havia verificado, sem justificação aparente, nalguns jogos da temporada passada. O novo presidente do Colégio de Árbitros garantiu que tomaria todas as diligências necessárias para que não se voltasse a verificar essa grave conduta, que muito prejudicava

e desprestigiava o futebol distrital. Os árbitros escalonados para os encontros deveriam, assim, comparecer nos mesmos, caso contrário teriam de responder disciplinarmente perante o organismo que os tutelava. E em caso de ausência forçada ou provocada por um motivo “de força maior”, os árbitros inicialmente nomeados seriam dispensados e em seu lugar o Colégio de Árbitros chamaria um árbitro substituto. Caso a ausência fosse injustificada e/ou imprevista, deveriam ser os juizes de linha a assumir a arbitragem do desafio para evitar que, tal como acontecera num passado recente, fossem nomeados árbitros da bancada, com grave prejuízo para o espetáculo desportivo.

Apadrinhados, respetivamente pelo União de Coimbra e pela Académica, dois novos clubes foram fundados e filiados na AFC no início de época: o Ginásio Football Coimbra Clube e o Olivais Grupo Desportivo e Recreativo. Ambos inscreveram-se no Campeonato de Promoção, uma prova que começava a ganhar notoriedade, sobretudo entre os clubes recentemente criados. Nesta época, para além dos dois acima indicados, participaram na competição “Os Conimbricenses” (que conquistariam o título), o Sporting Clube de Coimbra, os Bombeiros Municipais (seção Desportiva) e o Atlético 5 de Outubro.

O Atlético Clube de Coimbra, que havia ganho as três primeiras edições do Campeonato de Promoção da AFC, receberia o troféu (objeto) definitivo da competição e inscrever-se-ia, pela primeira vez, na categoria de Honra, no Campeonato Distrital, onde ficaria na Série 2 com os conjuntos figueirenses (Ginásio,

Sporting e Naval) e com o Sporting Nacional. Da Série 1 fariam parte a Associação Académica de Coimbra, o União de Coimbra, o Sport Clube Conimbricense e o Santa Clara FC.

Um problema antigo chamado campo

Mais uma vez, a “velha” questão dos campos de futebol de Coimbra seria amplamente debatida, não só nos órgãos de comunicação social como, igualmente, nas reuniões de Direção e nas sessões da Assembleia Geral. Os campos de Santa Cruz (propriedade da Académica) e da Arregaça (do União de Coimbra), embora continuassem a ser utilizados regularmente pelos seus clubes e nas provas oficiais da AFC, não possuíam as condições necessárias para albergar jogos decisivos, sobretudo de desempate do Campeonato de Portugal. A realização destes jogos era, aliás, uma das ambições anuais da AFC porque, além do prestígio, garantiam um encaixe financeiro extraordinário.

O Campo do Arnado era o único capaz de receber jogos desta natureza, tendo sido palco de duas finais do Campeonato de Portugal e de vários jogos de desempate de fases avançadas da mesma competição. No entanto, apesar de continuar a ser escolhido para estes importantes desafios, o campo carecia de melhoramentos urgentes. Na concorrida AG Extraordinária de 14 de outubro, a Direção da AFC referiu-se a ele da seguinte forma:

As equipas pousavam com os seus jogadores todos alinhados, habitualmente junto a uma das balizas.

Este é um desses momentos na Figueira da Foz.



“Devido à carência de recursos do clube proprietário, o Sport, o campo está cheio de deficiências no que diz respeito às acomodações para o público. Para acabar com elas é necessário dinheiro. A AFC não tem.”

Como a Associação não tinha capacidade para ajudar o proprietário do Arnado, a Direção sugeriu que outras entidades o pudessem fazer, como a Câmara Municipal, os organismos do turismo ou instituições públicas. Para os dirigentes associativos, apenas com o esforço de todos seria possível reverter a situação de degradação do complexo e evitar a ruína da bancada, que ameaçava colapsar. Na perspectiva da Direção da AFC, não era apenas a própria que aspirava receber em Coimbra, todos os anos, os jogos decisivos das competições nacionais, mas todas as instituições públicas e privadas, e o comércio local, por daí advirem enormes dividendos para a região e cidade de Coimbra.

Decidiu-se contactar essas e outras entidades, a fim de se encontrar uma solução financeira para o problema. Porém, como esta pretensão não seria atendida pelas autoridades competentes, a *Voz Desportiva*, na sua edição de dia 21 de janeiro de 1936, lançaria outra possibilidade:

“Se, neste momento, nem outra entidade cidadina está habilitada a proceder àquelas obras mais urgentes, temos de voltar os olhos para a Federação Portuguesa de Futebol, para que este organismo tome sobre si a deliberação de fornecer os

meios necessários para que o mal se remedei, atitude que uma vez assumida, em proveito próprio reverteria, porque lhe interessa que esses encontros se venham a realizar em Coimbra, cidade ideal para os jogos que não possam fazer-se em Lisboa ou no Porto.”

Ficava a sugestão da imprensa, que acabaria por surtir algum efeito na temporada seguinte, quando Coimbra foi escolhida para acolher a final do Campeonato de Portugal, precisamente no Arnado.

Coimbra nas Ligas

O sucesso da edição inaugural do Campeonato das Ligas fez aumentar abruptamente as expectativas de todos os agentes desportivos e adeptos, que esperavam uma segunda edição mais bem-sucedida. A AFC e os seus clubes de Honra não seriam exceção, pretendendo todos eles, e antes de mais, garantir o acesso a uma das competições através do Campeonato Distrital. A Académica, sem dúvida a melhor equipa da altura, voltou a vencer o Distrital, garantindo, por isso mesmo, o lugar na I Liga. O União de Coimbra, igualmente sem surpresa, conseguiria um dos lugares de acesso ao Campeonato da II Liga. E o outro lugar nesta última prova seria surpreendentemente ocupado pelo Atlético Clube de Coimbra, equipa que, tal como vimos anteriormente, pela primeira vez participava na competição e no ano de estreia conquistou posição na II Liga, depois de uma luta cerrada com a Naval.

Na I Liga, tal como na época anterior, voltariam a participar oito clubes (quatro da AF Lisboa, dois da AF Porto e 1 da AF Setúbal e AF Coimbra). A Académica de Coimbra teria uma prestação em tudo idêntica à temporada de 1934-35, conquistando apenas três pontos, resultantes de uma vitória, um empate e doze derrotas, ficando no último lugar, numa competição vencida pelo SL Benfica.

Na II Liga, o União ficou integrado no Grupo 3 (Zona B), conjuntamente com Salgueiros, SC Espinho, SC Fafe e Lusitano FC (Vildemoinhos, Viseu). Por seu turno, o Atlético de Coimbra teve pouca sorte no sorteio que ditou a sua presença no difícil Grupo 5, do qual faziam parte o Vitória SC (Guimarães), Leixões e Oliveirense, três clubes muito competitivos. Os primeiros, os unionistas, deixariam uma excelente imagem, lutando até à jornada decisiva pelo 1º lugar do grupo (que dava acesso à fase de apuramento do campeão), ficando a apenas dois pontos do vencedor Salgueiros, que haveria de sagrar-se vice-campeão da II Liga neste ano. Quanto ao Atlético, num grupo em que era o mais fraco, terminou a prova sem qualquer ponto.

Na outra competição nacional, o Campeonato de Portugal, a Académica voltou a ser o único representante de Coimbra, tendo sido eliminada na primeira ronda (oitavos-de-final) pela equipa do Vitória FC de Setúbal, no jogo de desempate, após uma vitória para cada lado.

Seleções e Taça Encerramento

Com as Ligas a marcarem claramente o calendário desportivo nacional, primeiro através dos apuramentos regionais e depois nas fases regulares da competição, tornar-se-ia necessário reajustar, e regular de alguma forma, a restante atividade futebolística que havia perdido espaço, interesse e notoriedade. Os campeonatos distritais, por indicação da FPF, começaram a terminar em dezembro para que fosse possível integrar os clubes classificados de cada associação nas Ligas. Esta situação, extremamente positiva para os apurados, levantava, no entanto, uma questão importantíssima para os não apurados: o que fazer com os restantes clubes! Sobre esse assunto e para evitar que a época oficial dos seus clubes filiados terminasse em dezembro, a AFC decidiu criar uma competição nova: a Taça Encerramento, que também ficaria conhecida como Taça AFC. Esta prova, muito semelhante em termos estruturais aos antigos campeonatos locais, seria disputada por todos os clubes inscritos na categoria de Honra da AFC que não tivessem conquistado um lugar nas Ligas. A exemplo de outras ocasiões, e de forma a serem evitadas despesas extraordinárias, foram definidas duas séries: uma em Coimbra e outra na Figueira da Foz, onde os clubes locais jogavam no sistema de todos contra todos.

Nesta primeira edição da prova seriam apurados para a final o Sport Clube Conimbricense (vencedor da série de Coimbra) e a Naval 1º de Maio (vencedora da Figueira), impondo-se o Sport por 3-0, que

assim conquistou o primeiro título da nova competição. Desta forma resolvia-se um problema, mas adensava-se outro: os populares jogos entre seleções, quando se realizavam(?), questionava-se o público. Num calendário tão preenchido haveria ainda espaço para eles? A resposta era simples, cada vez menos...

Para termos uma melhor noção da atividade da Seleção da AFC ao longo da sua história até 1935-36, observamos a seguinte tabela, da qual excluimos apenas, por já termos tratado deles num capítulo anterior, os encontros entre Coimbra e a Figueira (seleções do mesmo distrito).

Em 43 jogos realizados, entre 1923 e 1936, a Seleção de Coimbra (se incluirmos os jogos intercidades realizados com a Figueira) venceu 20, empatou 5 e perdeu 18, tendo marcando um total de 101 golos e sofrido 112. Nos jogos disputados contra outros distritos, a Seleção representativa da AFC (que quase integrava jogadores de Coimbra e Figueira) venceu 11 encontros, empatou 3 e perdeu 12. Se excetuarmos Lisboa, apenas realizou jogos com seleções acima do Mondego, sendo Braga o seu adversário mais regular, cuja associação de futebol foi fundada no mesmo ano que a AFC.

Sabia que... Coimbra adota uma recomendação da congénere de Braga para a leitura, em todos os jogos oficiais, de uma nota que apelava ao desportivismo e disciplina, dentro e fora dos campos.

Quadro 1. Encontros da Seleção de Coimbra

Época	Jogo	Local	Resultado
1923-24	I Coimbra-Braga	Braga	3-1
1923-24	II Coimbra-Braga	Coimbra	4-2
1924-25	III Coimbra-Braga	Braga	2-2
1924-25	IV Coimbra Braga	Coimbra	2-3
1924-25	I Coimbra-Lisboa	Lisboa	0-3
1925-26	I Coimbra- Santarém	Coimbra	3-5
1925-26	I Coimbra - Aveiro	Coimbra	5-2
1925-26	II Coimbra - Aveiro	Aveiro	5-0
1925-26	V Coimbra-Braga	Barcelos	2-1
1926-27	I Coimbra-Porto	Porto	1-3
1927-28	II Coimbra-Porto	Coimbra	3-1
1927-28	II Coimbra-Lisboa	Lisboa	0-5
1929-30	I Coimbra-Viseu	Coimbra	4-1
1929-30	II Coimbra-Viseu	Viseu	0-4
1929-30	III Coimbra-Lisboa	Coimbra	2-3
1930-31	III Coimbra-Porto	Coimbra	2-8
1930-31	IV Coimbra-Lisboa	Lisboa	2-5
1931-32	IV Coimbra - Porto	Porto	1-8
1931-32	V Coimbra-Lisboa	Lisboa	2-5
1932-33	V Coimbra-Porto	Coimbra	1-1
1932-33	III Coimbra-Viseu	Coimbra	6-2
1932-33	VI Lisboa - Coimbra	Coimbra	1-4
1933-34	III Coimbra-Aveiro	Coimbra	4-3
1934-35	I Coimbra-Leiria	Coimbra	1-1
1934-35	VII Coimbra-Braga	Braga	1-0
1935-36	VIII Coimbra-Braga	Coimbra	2-1

Cronologia

1935
36

1935

Outubro

Toma posse a nova Direção do Colégio de Árbitros da AFC.

Novembro

Arranca o Campeonato Distrital da AFC.

O Atlético Clube de Coimbra informou a AFC que a partir daquele mês jogaria com camisolas azuis e brancas às listas transversais e calção azul.

Dezembro

Por sugestão dos clubes, a AFC deliberou que não seriam realizados jogos das categorias inferiores durante as férias escolares.

Terminou o Campeonato Distrital. O campeão Académica segue para a I Liga, o União de Coimbra e o Atlético de Coimbra para a II Liga.

1936

Janeiro

Coimbra acolhe a equipa checa do Zidenice, batida pela Académica com uma “superior exibição”.

Início do Campeonato das Ligas.

Fevereiro

No início do ano aparecem os *Cowboys*, novo grupo de apoio à Académica – identificavam-se por levar um lenço vermelho ao pescoço.

Março

Chega ao fim a segunda edição da I Liga. A Académica ficou na última posição, numa competição ganha pelo SL Benfica.

Termina a participação na II Liga dos clubes da AFC: o União é terceiro do grupo e o Atlético de Coimbra fica em último no seu grupo.

Abril

Começam os jogos da nova prova da AFC, o Torneio de Encerramento, com duas séries, uma em Coimbra e outra na Figueira da Foz.

Maio

Disputou-se o VIII Coimbra-Braga, com vitória de Coimbra por 2-1.

Junho

Na final da Taça Encerramento da AFC, o Sport Clube Conimbricense derrotou a Naval por 3-0.

Competições

1935
36

PROVA	CAMPEÃO
Campeonato Distrital - Divisão de Honra	Associação Académica de Coimbra
Campeonato de Promoção - 1. ^{as} categorias	CF Os Conimbricenses
Campeonato da 1 ^o Divisão - Reservas	União de Coimbra
Campeonato da 1 ^a Divisão - 2. ^{as} categorias	Associação Académica de Coimbra
Taça Cidade de Coimbra - 1. ^{as} categorias	União de Coimbra
Taça Encerramento - 1. ^{as} categorias	Sport Clube Conimbricense

"A CONQUISTA DAS LIGAS..."



Cartoon ilustrativo da luta pela conquista das Ligas.

Época 1936
37

Coimbra sagra Campeões de Portugal

Profunda reformulação no quadro competitivo da AFC, com o surgimento de uma nova Divisão, numa temporada conturbada internamente. A Académica conquistou a sua melhor posição na I Liga e a final do Campeonato de Portugal regressou a Coimbra, pela última vez.

O futebol português começava a movimentar, cada vez mais, somas avultadas de dinheiro, mercê das multidões que assistiam aos jogos, aos domingos à tarde. Transferências de jogadores e treinadores, entre clubes das ligas principais e das provas regionais, eram comuns, num processo que o Estado Novo acabaria por travar com a criação da Direção-Geral de Educação Física, Desporto e Saúde Escolar, no início dos anos 40 – órgão que iria supervisionar a modalidade e as suas instituições.

Em Coimbra, a nova época arrancou com a AFC mergulhada numa crise diretiva. Os Corpos Sociais eleitos em agosto renunciaram aos cargos e o Presidente da Assembleia Geral demitiu-se em setembro. Num clima de alguma tensão foi marcada nova AG para 6 de outubro, para eleição dos Corpos Gerentes da Associação. Seria eleita, depois de uma grande discussão, uma Direção presidida pelo Dr. Martim Afonso de Castro. A nova Direção reuniu pela primeira vez a 9 de outubro, deliberando que as quotas das filiações e das categorias deveriam de ser pagas até dia 14, para se poder dar início às provas oficiais o quanto antes. Foram abertas as inscrições para a tradicional Taça Cidade de Coimbra e inscreveram-se sete clubes, o que constituiu um recorde desde a criação. No entanto, por esse motivo e pelo facto de a Direção ter tomado posse tardiamente, não seria possível terminá-la por questões de sobreposição do calendário competitivo.

A reformulação do Regulamento Geral das Provas, completada nesta fase, viria a permitir uma

maior justiça e equidade entre os clubes, tal como descreveu *A Voz Desportiva* de 20 de outubro de 1936:

“Impunha-se dar ao campeonato regional uma estrutura em que a classificação de cada clube melhor pudesse revelar a sua atuação (...) e impunha-se dar a todos as possibilidades de alcançar o que o mérito do seu esforço e o progresso dos seus grupos lhe permita obter, mediante o acesso que, sem sofismas, ficou estatuído, de igualdade para todos.”

O Colégio de Árbitros, depois de períodos conturbados na época anterior e no início da atual, sairia reforçado após a eleição da nova Direção da AFC. Num período em que os problemas disciplinares e agressões se agravaram. Em termos de disciplina, esta época seria porventura a mais “pesada” de todas, com a atribuição de castigos de longa duração a jogadores e dirigentes que tinham comportamentos agressivos, sobretudo para com os árbitros. Os castigos acima de 30 dias começaram a ser recorrentes, atingindo-se mesmo, nalguns casos, os 90 dias de afastamento pela prática de condutas antidesportivas graves.

Competições internas: nova organização

Para não fugir à tendência das últimas épocas, as competições da AFC voltaram a sofrer alterações na sua estrutura e no seu modelo competitivo. A Taça Cidade de Coimbra passou a ser de inscrição obriga-

tória, e não facultativa como até então, para todos os clubes inscritos na máxima competição regional. O Campeonato Distrital e o acesso direto aos Campeonatos das Ligas passaram a ser discutidos por seis clubes de Coimbra: Académica, União, Sport Club Conimbricense, Atlético de Coimbra, Santa Clara e Nacional, apurando-se o vencedor, na qualidade de campeão distrital, para a I Liga, e o segundo e terceiro classificados para a II Liga.

Abaixo desta competição surgiu uma nova, a que se atribuiu o nome de 1ª Divisão Distrital (que na realidade era a segunda) para a qual se inscreveram os três clubes da Figueira da Foz (Naval 1º de Maio, Ginásio Figueirense e Sporting Figueirense) e o CF “Os Conimbricenses”, como único representante da cidade de Coimbra. O campeão subiria à Divisão de Honra na época seguinte.

O Campeonato de Promoção manteve-se, mas desta vez com apenas três clubes inscritos: Olivais, Sporting Clube Coimbra e Sporting Atlético 5 de Outubro.

Para as categorias inferiores (Reservas e 2.ªs categorias) inscreveram-se Santa Clara FC, CF “Os Conimbricenses”, Sport Clube Conimbricense, Associação Académica de Coimbra, União de Coimbra e Sporting Nacional, que disputavam o Campeonato de Coimbra; e Naval, Ginásio Figueirense e Sporting Figueirense, no Campeonato da Figueira.

O Campeonato Distrital (prova principal), disputado por seis clubes de Coimbra, seria, uma vez mais, conquistado pela Académica (só com vitórias e várias goleadas, 56 golos marcados e só um sofrido – cf. San-

tana e Mesquita, 2007, p. 66), seguida do União de Coimbra e do SC Conimbricense, que recuperou o lugar no pódio depois de, na época transata, ter sido sensacionalmente ultrapassado pelo Atlético de Coimbra, agora quarto classificado. Assim, a Académica de Coimbra mantinha-se, pelo terceiro ano consecutivo, a representar a AFC na máxima competição nacional, o Campeonato da I Liga, desta vez com uma prestação muito melhor do que as anteriores.

A Briosa, com uma equipa mais forte e competitiva que as anteriores, deixou finalmente o último lugar da tabela classificativa da I Liga, terminando num honroso 5º lugar, apenas atrás dos quatro “grandes”: SL Benfica, Belenenses, Sporting CP e FC Porto, e à frente de Carcavelinhos, Vitória de Setúbal e Leixões. Das cinco vitórias obtidas nos 14 jogos da competição, o destaque foi para os triunfos em casa (2-1) contra o FC Porto e fora (3-2) contra o Belenenses. A AFC e Coimbra podiam finalmente orgulhar-se de uma excelente prestação do seu representante na I Liga – e evitar as críticas regulares ao futebol de Coimbra, com outras associações distritais a reivindicarem o seu lugar na I Liga.

Sorte diferente teriam os dois representantes da AFC na II Liga que, integrados na mesma série, não conseguiram fugir aos dois últimos lugares da classificação. Num grupo onde o Marinhense venceu todos os jogos e o Bombarralense foi 2º classificado, União de Coimbra e Sport Clube Conimbricense apenas conseguiram uma vitória e um empate, contabilizando, ambos, três pontos apenas (a vitória valia dois pontos e o empate um).

Adeptos do FC Porto e Sporting CP em Coimbra.
Momentos de festa e confraternização.



A nível distrital da AFC, a Naval 1º de Maio conquistaria o título da 1ª Divisão Distrital, depois de se superiorizar na final ao Nacional de Coimbra, garantido desta forma o tão ambicionado lugar na Divisão de Honra da época seguinte. Por seu lado, o Campeonato de Promoção seria ganho pelo Atlético 5 de Outubro que conquistou, desta forma, o primeiro e único título da sua história. E os campeonatos de Reservas e de 2.ªs categorias seriam novamente conquistados pelo União de Coimbra, que renovou ambos títulos.

Coimbra recebe penúltimo Campeonato de Portugal

Na prova de encerramento da temporada, a nível nacional e federativo, a Académica seria afastada logo na primeira ronda, nos oitavos-de-final, do Campeonato de Portugal, pelo Boavista FC (campeão da II Liga em 1936-37), mas após uma eliminatória muito renhida (4-1 para a Académica e 2-1 para o Boavista), que obrigou a jogo de desempate (2-0 para os boavisteiros).

O desenrolar da prova levou a que FC Porto (que eliminou o Boavista) e Sporting CP, ou seja, um representante do Porto e outro de Lisboa, viessem a disputar a final. E após novo debate federativo sobre o local da final do Campeonato de Portugal, acordou-se Coimbra, privilegiando a sua posição geográfica, que favorecia as viagens para ambos clubes e adeptos.

A 4 de julho, o Campo do Arnado recebeu a sua terceira final do Campeonato de Portugal, depois das finais realizadas em 1931 (venceu o SL Benfica) e 1932 (FC Porto, campeão). Para os portistas era a terceira final no Arnado (tinham estado nas duas finais anteriores). Ambas equipas apresentavam nos seus “onzes” jogadores de grande craveira técnica, ídolos dos anos 30 do futebol português, como o famoso avançado portista “Pinga” ou o guarda-redes leonino Azevedo.

Para a final, o Campo do Arnado realizou obras de melhoramento, no valor de 25 contos, custeadas pela Federação e clubes (FC Porto e Sporting CP contribuíram com 1.500 escudos cada), mas o campo voltou a ser pequeno para receber o entusiasmo e a devoção dos milhares de adeptos que viajaram de Lisboa e Porto. O *Diário de Lisboa*, na sua edição vespertina desse mesmo dia, reconhecia que era “impossível dar uma ideia, sequer pálida, do ambiente” da “final do Campeonato de Portugal de Football”. “Três comboios especiais de Lisboa e quatro do Porto despejaram em Coimbra milhares e milhares de pessoas, cheias de entusiasmo”, descreveu o jornalista Tavares da Silva, acrescentando a chegada “a todo o momento” de “camionetas e automóveis” com adeptos, com “bandeiras e os distintivos dos seus clubes”, dando um “ar pitoresco” à cidade, ouvindo-se “frequentemente” a frase: “Nunca vimos tanta gente em Coimbra.” O campo foi “pequeno para tão grande multidão”, apesar da bancada extra, mandada construir pela Federação. Ao meio-dia já havia adeptos à porta do Arnado, dirigindo-se, assim que as portas

abriram, para a zona do peão, onde escolheram os melhores lugares e aguardaram “horas e horas” pelo início do jogo (18h00). A equipa leonina optou, inclusivamente, por ir para Coimbra um dia antes, de forma a poder descansar melhor, enquanto o FC Porto viajou no dia da final.

Os jogadores do FC Porto reencontravam o seu antigo mestre, Joseph Szabo, agora no banco do Sporting CP, com os portistas a serem treinados pelo austríaco Gutkas, também massagista da equipa. Num duelo de treinadores estrangeiros, os portistas venceram por 3-2, com o FC Porto a atingir as quatro conquistas na prova, o que era inédito, para enorme alegria dos seus adeptos. No fim, a entrega da taça do Campeonato de Portugal não contou com a presença do Presidente da República, General Carmona, como vinha sendo tradição nas edições organizadas em Lisboa. O Chefe de Estado estava em Sintra a inaugurar o novo Parque Municipal. Horas antes tinha visitado Oliveira Salazar, chefe de Governo, que nessa manhã sofreu um “atentado”, do qual saiu “ileso”. O FC Porto, esse, fez a festa pelas ruas de Coimbra, estendendo-a depois à cidade do Porto. Para Coimbra ficou o reconhecimento da realização de mais uma final do Campeonato de Portugal, que seria a penúltima edição, dado que a prova viria a terminar, com esta designação, em 1938.

Receitas da AFC

Depois de várias temporadas muito difíceis em termos financeiros, esta época permitiria um maior

desafogo à AFC e a alguns clubes de Coimbra, em especial à Académica de Coimbra. No caso da AFC, o montante auferido das receitas globais suplantara, finalmente de uma forma clara, o das despesas, resultando num saldo positivo de cerca de 8.510\$00 que transitaram para o exercício posterior.

A receita obtida a partir do Campeonato de Distrital foi, de longe, a mais significativa, representando mais de 66 por cento do valor global. Se a esta juntarmos as outras três competições (Taça Cidade de Coimbra, Campeonato de Portugal e Campeonato das Ligas), a percentagem acresce para uns assinaláveis 86 por cento, que demonstram uma dependência clara e inequívoca das competições por parte da AFC. No final das Ligas, o jornal *A Voz Desportiva* publicou as receitas e despesas dos jogos realizados na cidade de Coimbra na época 1936-37, surgindo à cabeça os magníficos ganhos da Associação Académica de Coimbra. Os sete encontros do Campeonato da I Liga geraram uma receita bruta de 113.956\$50.

Desta receita, a FPFA recebeu 5 por cento, que correspondeu a 5.697\$80, os clubes da II Liga (União e Sport) 11.943\$50 (recebiam 50\$00 por cada bilhete vendido) e a AFC recebeu 4.777\$40. Foram depois gastos em despesas de organização (contribuições, reclames, policiamento e pessoal) um valor de 14.750\$35, o que deu um total de gastos de 37.169\$50. Ficou, portanto, de receita líquida, 76.787\$45. À Associação Académica de Coimbra pertenceram 60 por cento desta receita (46.072\$47 – mais que as receitas globais da AFC) e aos clubes visitantes 40 por cento, ou seja, um total de 30.714\$98. Recordemos que a receita total da AFC

com os Campeonatos das Ligas (I e II) foi de 5.547\$00, resultante, fundamentalmente, do valor de \$20 de cada bilhete vendido. Foram vendidos neste período

quase 24 mil bilhetes para os desafios realizados em Coimbra, numa média de 3.412 adeptos por jogo, valor bastante significativo para este período.

Quadro 1. Receitas da AFC em 1936-37

Receita	Montante (Esc.)
Saldo da Gerência anterior	831\$57
Inscrição de clubes	785\$00
Inscrição de jogadores	480\$00
Inscrição da Delegação	549\$00
Inscrição da Taça Cidade de Coimbra	3.241\$50
Campeonato Distrital	29.096\$00
Campeonato das Ligas (I e II)	5.547\$00
Campeonato de Portugal	940\$95
Fornecimento de Bilhetes	1.021\$10
Fornecimento de Boletins	695\$00
Fornecimento de Licenças	9\$00
Fornecimento de Guias	62\$00
Fornecimento do Cartaz de Desobrigação	15\$50
De Publicidade e Propaganda	190\$00
Outras	100\$00
Total	43.763\$62

Sabia que... Os jogadores da Académica, União e Sport, castigados pela AFC, foram despenalizados para que os seus clubes pudessem integrá-los e entrarem no Campeonato das Ligas na máxima força.

Quadro 2. Receitas dos encontros da I Liga em Coimbra

Jogo	Receita
Académica-Benfica	30.862\$00
Académica-Porto	27.366\$00
Académica-Sporting	17.550\$00
Académica-Belenenses	15.188\$00
Académica-Vitória FC Setúbal	9.331\$50
Académica-Leixões	7.445\$00
Académica-Carcavelinhos	5.914\$00

Festa popular na final do Campeonato de Portugal.



FC Porto sagrou-se campeão de Portugal, em Coimbra.



Cronologia

1936
37

1936

Outubro

Foram eleitos os novos corpos gerentes da AFC.

Novembro

Início do Campeonato Distrital.

Dezembro

A Académica venceu o Campeonato Distrital e apurou-se para a I Liga. O União de Coimbra e o SC Conimbricense (respetivamente 2º e 3º lugar do Distrital) apuraram-se para a II Liga.

O Dr. Rodrigues Beja tornou-se presidente da Delegação da AFC da Figueira.

A Naval 1º de Maio sagrou-se campeão da 1ª Divisão da AFC (segundo escalão oficial).

1937

Janeiro

Começa as Ligas, com três representantes da AFC.

O Dr. António Leitão e o Dr. Abílio Lagoas tornam-se os primeiros sócios honorários da AFC.

Foram nomeados para a I e II Ligas os seguintes árbitros da AFC: António Ferreira, Adriano Gonçalves, Gabriel da Fonseca, Manuel de Oliveira, Vasco Ataíde, Álvaro Santos, Roldão Batista e António Martins Junior.

Fevereiro

A Naval bateu o Sporting Nacional e garantiu a subida à Divisão de Honra da AFC.

Abril

Realizaram-se dois encontros Coimbra-Figueira em seleções, com vitória de Coimbra por 7-2 no primeiro jogo e empate 1-1 no segundo.

Disputou-se um Coimbra-Leiria em seleções distritais.

A Seleção da AFC deslocou-se a Braga para defrontar a congénere local.

Maiο

Terminou a I Liga, o SL Benfica sagrou-se campeão e a Académica ficou na quinta posição.

Na primeira eliminatória do Campeonato de Portugal, a Académica foi eliminada pelo Boavista.

Julho

A final do Campeonato de Portugal, entre FC Porto e Sporting CP, realizou-se no Campo do Arnado, em Coimbra, com vitória portista por 3-2.

Competições

1936
37

PROVA	CAMPEÃO
Campeonato Distrital - Divisão de Honra	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital - 1.ª divisão	Associação Naval 1º de Maio
Campeonato de Promoção - 1.º categorias	Atlético 5 de Outubro
Campeonato da 1º Divisão - Reservas	União de Coimbra
Campeonato da 1ª Divisão - 2.ªs categorias	Associação Académica de Coimbra
Taça Cidade de Coimbra - 1.ªs categorias	Não terminou

Manuel de Oliveira

Foi um dos árbitros de maior prestígio de Coimbra nos anos 30, homenageado por isso com um retrato seu na sede da AFC. Era requerido frequentemente para jogos noutros distritos, nomeadamente em Aveiro, recebendo “louvores” recorrentes pelo Colégio de Árbitros de Coimbra. Um desses casos sucedeu a 19 de novembro de 1936, com o Colégio a “louvar o árbitro Sr. Manuel de Oliveira pela maneira absolutamente criteriosa e imparcial com que dirigiu o jogo realizado no distrito de Aveiro” (cf. Acta nº 5, Livro de Actas da Comissão Executiva do Colégio de Árbitros, 1935-1954).

Integrou as nomeações regulares de árbitros para as provas distritais de Coimbra, assim como para o Campeonato das Ligas (sobretudo jogos da I Liga) e Campeonato de Portugal. Apesar do seu prestígio, o Colégio de Árbitros da AFC era implacável na aplicação dos regulamentos, castigando-o em outubro de 1936, com “repreensão registada”, por “não ter entregue um boletim no prazo estipulado no regulamento interno” da arbitragem.

Manuel de Oliveira tomaria posse a 21 de janeiro de 1943 como representante dos Corpos Gerentes e do Colégio de Árbitros na Comissão Distrital de Árbitros, órgão integrante da Comissão Central de Árbitros da FPF. Teria um papel determinante na regulação da atividade arbitral em Coimbra neste período.



Época 1937
38

Primeiro árbitro internacional

Um árbitro filiado na AFC conseguiu, pela primeira vez, chegar à categoria de internacional, numa época em que a Académica atingiu as meias-finais da última edição do Campeonato de Portugal. E chegava ao fim a aventura da Delegação da AFC da Figueira da Foz, envolvida em mais uma polémica.

Temporada de mudanças e de comemorações. O futebol português fazia as bodas de ouro (1888-1938), com o prestigiado jornal lisboeta *O Século* a anunciar um conjunto de iniciativas comemorativas, que viriam a incluir uma Exposição Histórica, um Congresso Nacional de Futebol, a disputa de dois troféus evocativos do cinquentenário e um jogo comemorativo, com a presença de alguns dos introdutores do futebol em Portugal, em 1888. Esta temporada seria, igualmente, a última com o formato do Campeonato das Ligas (I e II) e Campeonato de Portugal, decidindo-se no verão de 1938 a passagem a Campeonato Nacional da I e II Divisão, e a Taça de Portugal. A Federação passava, também, a utilizar a expressão portuguesa de “futebol” na sua denominação, terminando com o inglês de “football association”.

Este contexto, obviamente, teve a sua repercussão em Coimbra, quer na imprensa quer no meio desportivo local e regional. E na própria dinâmica organizativa da AFC. Depois da experiência do ano anterior, em que a época se iniciou bastante tarde, com prejuízo para todos os envolvidos, a temporada de 1937-38 iniciou-se logo nos primeiros dias de setembro. Ainda nesse mês, o destaque foi para uma vitória realizada pela FPF ao Campo da Arregaça, propriedade do União de Coimbra, que determinaria que o mesmo apresentava alguns problemas nas infraestruturas: péssimas condições do terreno de jogo, vedação bastante deteriorada, necessidade urgente de alargamento dos balneários.

Outra interessante iniciativa preconizada pela AFC, no início de época, foi a realização de conferências e de palestras junto dos clubes filiados, dirigidas sobretudo aos jogadores, com o objetivo de lhes explicar os seus deveres, direitos e obrigações. O foco principal estava direcionado para as questões de disciplina e do respeito para com todos os agentes desportivos envolvidos na prática da modalidade. As ações de formação e sensibilização decorreram entre 23 de setembro e 23 de outubro nas sedes dos clubes. Mas, apesar destas ações, o ambiente entre os árbitros e jogadores permanecia, na generalidade, tenso, queixando-se os primeiros de falta de respeito dos segundos e de serem “alvos fáceis” da sua ira e frustração.

Nesta sequência, e na defesa dos seus direitos, o Colégio de Árbitros enviou uma exposição à Direção da AFC onde reivindicava uma série de questões, entre as quais a remuneração das equipas de arbitragem nas diferentes categorias, incluindo a Promoção e as inferiores. Apesar de concordarem com a maioria das exigências, os clubes e a AFC recusaram o alargamento do pagamento das arbitragens a todas as categorias, por não haver viabilidade financeira para o fazer. Ainda assim, e na tentativa de terminar com o litígio e de voltar a estreitar relações, a Direção da AFC disponibilizou-se, dentro das possibilidades, a prestar toda a assistência financeira e proteção que os árbitros viessem a necessitar no exercício da sua atividade.

STADIUM



O JOGO DOS 100 CONTOS DE RENDIMENTO!!

Relatar de colunista de campo, o F. C. do Flém-Sporting, foi o acontecimento do domingo em todo o campo nacional.

A hora foi longa e bem feita.

Os jogadores, da primeira parte, foram admiráveis. A jogada Anarda, fogueira e um trabalho constante, apoiado em a finaliza, e não, em momento algum, em um momento de vitória e de... Realmente jogou extraordinariamente a vitória.

(Para amanhã)



Futebol de grandes jogos e ídolos, imortalizados nas capas da revista *Stadium*.

O futebol regional era também acompanhado por aquela que era a principal revista ilustrada em Portugal.

Taça Universidade de Coimbra

Em termos de competições, a primeira prova da AFC seria a Taça Cidade de Coimbra, que terminaria em polémica. A 10 de outubro de 1937, a final da competição seria disputada entre o União e a Académica, registando um empate no final dos 90 minutos. A Académica recusou-se a jogar o prolongamento, obrigando a AFC a aplicar-lhe uma multa de 4.268\$00 (baseado no Art.º 82 do Regulamento de Provas), sendo o União declarado vencedor.

Ainda antes do fim do ano civil de 1937, a Direção da AFC resolveria apresentar uma nova taça, disputada por todos os clubes que, em virtude da sua classificação, ficassem excluídos dos Campeonatos das Ligas – de forma a promover encontros entre esses clubes. Na verdade, tratava-se de uma reformulação regulamentar e do modelo competitivo de uma competição introduzida anteriormente, à qual se chamava “Torneio de Encerramento da AFC” e que a partir desta resolução se passou a denominar “Taça Universidade de Coimbra”. A AFC solicitou autorização da FPF para realizar os jogos desta prova nos mesmos dias em que Coimbra recebia encontros das Ligas, mas, como a mesma foi reprovada pela Federação, decidiu-se estabelecer um calendário próprio.

Com os sucessivos adiamentos que a prova foi conhecendo, em março de 1938 seria introduzida uma importante alteração ao seu regulamento, que passava a permitir a integração das equipas filiadas na AFC que haviam participado no Campeonato das Ligas, entretanto já finalizados. Iriam inscrever-se seis

equipas nesta primeira edição, que passava a encerrar a época em Coimbra.

Extinção da Delegação da Figueira

Muitos anos volvidos após a sua criação, a sempre polémica Delegação da AFC da Figueira da Foz seria provisoriamente suspensa no início da época e definitivamente encerrada no decorrer da mesma. A este respeito, na AG Extraordinária de 18 de outubro de 1937, o Dr. José Tomás Gomes, na posse de documentos de arquivo que comprovavam a má organização e funcionamento da Delegação, viria a referir o seguinte (em nome da AFC):

“Considerando todas as faltas e irregularidades praticadas e consentidas pela Delegação da AFC na Figueira da Foz. Considerando que o mesmo organismo, longe de defender, tem afetado os interesses do *football* figueirense. Considerando a necessidade de centralizar para uma boa e progressiva ação diretiva (...). Considerando e atendendo às novas exigências que a atual disputa do Campeonato Distrital fez surgir. Propõe-se a extinção da Figueira da Foz, ficando a Direção da AFC com plenos poderes para ultimar tudo o que se relacione com esta extinção”.

O único dirigente da Figueira da Foz que esteve presente nesta reunião foi Jaime Silva Viana, delegado da Naval 1º de Maio. Referiu que apesar de concor-

dar como dirigente desportivo, não o podia fazer na qualidade de figueirense. Contudo, na votação, iria votar a favor, sendo a proposta aprovada por unanimidade. Os representantes do Ginásio Clube Figueirense e do Sporting Clube Figueirense não se apresentaram na AG em questão, porque estavam em conflito com a AFC, uma vez mais. Desta vez, a polémica havia sido despoletada por um “jogo de poder” digladiado entre os dois emblemas, no seio da Delegação da Figueira, que obrigou a AFC a intervir contundentemente. Como resposta, os dois clubes da Figueira decidiram enviar ofícios insultuosos e não se filiar na AFC nesta época, facto que lhes garantiu a aplicação de uma pesada sanção por parte do organismo que tutelava o futebol distrital: a interdição de participar em provas oficiais da AFC por duas épocas desportivas.

Estrutura de provas

A Taça Cidade de Coimbra, a primeira das provas oficiais da AFC, seria conquistada, tal como referido, pelo União de Coimbra. Depois, com a suspensão das duas equipas da Figueira da Foz (Sporting e Ginásio) e com a desistência de outros clubes anteriormente inscritos na AFC, os campeonatos distritais voltaram a sofrer pequenas alterações nas suas estruturas. Na Divisão de Honra (a principal, nas 1.^{as} categorias) inscreveram-se seis equipas, onde se incluía a Naval 1º de Maio, campeão da 1.^a Divisão da época transata, jogando todos contra todos, a duas voltas. Segundo o Relatório e Contas da AFC desta temporada, a classificação final do Campeonato Distrital da Divisão de Honra (1.^{as} categorias) seria encabeçada pela Académica, dominadora com 30 pontos (dez jogos, dez vitórias, com 85-5 em golos), acabando

Quadro 1. Classificação final do Campeonato Distrital da Divisão de Honra (1.^{as} categorias)

	Equipa	Pontos
1º	Associação Académica de Coimbra	30
2º	Associação Naval 1º de Maio	22
3º	Sport Clube Conimbricense	20
4º	União Futebol Coimbra Clube	20
5º	Atlético Clube de Coimbra	18
6º	Santa Clara Futebol Clube	10

em último lugar o Santa Clara FC (dez jogos, dez derrotas), com 10 pontos – a AFC decidiu que uma vitória dava três pontos, o empate dois e a derrota um.

A Académica de Coimbra era cada vez mais inacessível em termos competitivos para as outras equipas distritais, voltando a vencer o Campeonato e a garantir presença na I Liga. A Naval, pela primeira vez na sua história, e o Sport Clube Conimbricense conseguiram o apuramento para a II Liga, arredando o União de Coimbra. Os *academistas* terminariam a I Liga na 6ª posição (numa edição ganha pelo SL Benfica), com cinco vitórias e nove derrotas, e fariam um brilharete no Campeonato de Portugal, onde atingiram as meias-finais (depois de eliminarem Boavista e Carcavelinhos), sendo eliminados pelo SL Benfica (que viria a perder a final para o Sporting CP). Os outros dois representantes da AFC nas Ligas teriam uma participação modesta na II Liga, ficando-se pelos últimos lugares dos respetivos grupos – competição ganha pelo Leixões.

Retomando as provas distritais, na 1ª Divisão Distrital participaram apenas duas equipas nas diferentes categorias: CF Os Conimbricenses e Olivais FC, saindo vencedor o primeiro em todas elas. Na Divisão de Promoção também estariam inscritos apenas dois clubes: Febres SC e o Sporting Clube de Coimbra, conquistando o título o representante de Cantanhede.

Os jogos de “passagem de Divisão”, introduzidos nesta época, oporiam ainda os últimos classificados da Divisão acima e os primeiros da Divisão abaixo e quem vencesse garantia o lugar na mais importante delas na época seguinte. No acesso à

Divisão de Honra, o Santa Clara FC levou de vencida a formação do CF Os Conimbricenses (3-2 e 1-1), garantindo a manutenção no escalão. No acesso à 1ª Divisão, a equipa do Febres venceu o seu opositor (Olivais FC) e garantiu lugar na desejada prova no ano seguinte. E a última prova da temporada seria a anunciada Taça Universidade de Coimbra, conquistada pela Associação Académica de Coimbra.

Arbitragem: estreia internacional

Nesta época esteve em funções uma Comissão Delegada ao Colégio de Árbitros que assumiu interinamente aquele cargo até à revisão estatutária do organismo e à nomeação definitiva de um Conselho de Arbitragem. Foram inscritos como árbitros filiados, e devidamente credenciados, um total de 30 árbitros oficiais, 20 residentes em Coimbra e 10 na Figueira da Foz. A maior parte destes árbitros recebeu um equipamento fornecido pelo Colégio, que muito contribuiu, segundo os mesmos, para a sua afirmação, respeito e dignidade. Dos quatro novos candidatos a árbitros que prestaram provas a esta Comissão, dois foram aprovados e integrados na época seguinte e dois convidados a repetir os exames no ano seguinte.

Ainda na presente época desportiva, um árbitro, com residência na Figueira da Foz, por não ter procedido em conformidade com as regras interpostas pela Comissão ao Colégio de Árbitros, seria irradiado da atividade, não mais podendo exercê-la no futuro – as punições internas aos árbitros eram regulares, de forma a disciplinar os mesmos. E em termos de provas

Quadro 2. Árbitros da AFC em provas nacionais 1937-38

Árbitro	Campeonato das Ligas	Campeonato de Portugal	Total
Manuel de Oliveira	8	2	10
Álvaro Santos	7	2	9
José de Brito	4	1	5
Manuel Serrano	4	-	4
Vasco Ataíde	4	-	4
Adriano Gonçalves	3	-	3
Albano Cunha	3	-	3

nacionais seriam designados oito árbitros da AFC, tendo apitado um total de 38 encontros nas principais competições (Ligas e Campeonato de Portugal).

Apesar desta afirmação nacional, o grande destaque iria, naturalmente, para a promoção de Manuel de Oliveira, à categoria de internacional, razão que levaria a Direção da AFC a um louvor lavrado no “Relatório e Contas” desse exercício:

“Foi concedida a categoria de árbitro internacional ao nosso Colegiado, Sr. Manuel de Oliveira. Apraz-nos dar destaque a este facto, tanto mais que é a primeira vez que se distingue com aquele título um nosso filiado.”

Sucederam-se os elogios e reconhecimento ao labor da arbitragem em Coimbra, que agora contava com o seu primeiro árbitro internacional – Manuel de Oliveira seria homenageado com um retrato na sede da AFC.

Sabia que... Mais de 450 minutos... foi o tempo que levou a decidir-se a eliminatória de acesso à 1ª Divisão da AFC, entre o Febres SC e o Olivais. Só ao quinto jogo o Febres se impôs, depois de uma vitória para cada lado e de dois empates em campo neutro.

Cronologia

1937
38

1937

Setembro

Uma vistoria da FPPA ao Campo da Arregaça, do União de Coimbra, revelou deficiências nas infraestruturas, carecendo de reparos.

Outubro

Disputa da Taça Cidade de Coimbra, com oito clubes. O União de Coimbra revalidou o título.

Início do Campeonato Distrital, nas diferentes categorias.

Dezembro

A Académica de Coimbra revalidou o título de Campeão Distrital, representando a AFC na I Liga. Naval 1º de Maio e SC Conimbricenses, respetivamente 2º e 3º classificado do Distrital, seguem para a II Liga.

1938

Fevereiro

Aprovação do novo regulamento do Torneio de Encerramento da AFC, que a partir daquela data passa a denominar-se Taça Universidade de Coimbra.

Março

Alteração ao regulamento da Taça Universidade de Coimbra para possibilitar a integração das equipas que já haviam terminado a participação nas provas nacionais.

A Académica de Coimbra terminou a I Liga em 6º lugar. Naval e Sport ficam nos últimos lugares dos seus grupos na II Liga.

Abril

A Académica, depois de uma brilhante prestação, foi eliminada do Campeonato de Portugal, nas meias-finais, pelo SL Benfica.

Maio

O Febres SC, vencedor do Campeonato de Promoção da AFC, sobe à 1ª Divisão Distrital depois de bater o até então primodivisionário Olivais, numa eliminatória muito equilibrada.

Julho

Inauguração da Exposição de Troféus dos Clubes Desportivos de Coimbra, por ocasião das Festas da Rainha Santa Isabel.

O Relatório e Contas da AFC revelou números interessantes sobre a sua atividade:

Correspondência: 692 ofícios e circulares recebidas; 868 ofícios expedidos.

Inscrições de jogadores: 355 da Divisão de Honra; 100 da 1ª Divisão; 50 da Promoção.

Saldos devedores (clubes com dívidas): Associação Académica de Coimbra: 775\$00; Olivais Foot-Ball Club: 250\$00; Sporting Club Figueirense: 206\$55; e Sporting Club de Coimbra: 180\$00.

Número total de jogos: 104.

Sanções disciplinares a jogadores: 44.

Competições

1937
38

PROVA	CAMPEÃO
Campeonato Distrital - Divisão de Honra (1. ^{as} categorias)	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital - Divisão de Honra (2. ^{as} categorias)	União de Coimbra
Campeonato Distrital - Divisão de Honra (Reservas)	União de Coimbra
Campeonato Distrital - 1.º divisão (1. ^{as} categorias)	CF Os Conimbricenses
Campeonato Distrital - 1.º divisão (2. ^{as} categorias)	CF Os Conimbricenses
Campeonato Distrital - 1.º divisão (Reservas)	CF Os Conimbricenses
Campeonato de Promoção - 1. ^{as} categorias	Febres Sport Clube
Taça Cidade de Coimbra - 1. ^{as} categorias	União de Coimbra
Taça Universidade de Coimbra - 1. ^{as} categorias	Associação Académica de Coimbra

Em 1938 comemoraram-se as bodas de ouro do futebol português.

<p>Se quiser ler o jornal, procure-o em qualquer estabelecimento de venda de jornais, ou escreva para o Sr. Arão, Rua da Restauração, 100, Lisboa.</p>	<h1>O SECULO</h1>	<p>12.ª edição do jornal de domingo de Portugal</p>	<p>31 Dezembro 1938</p>
--	-------------------	---	---------------------------------

<h2>As eleições de ontem</h2>	<h2>FESTIVAL NAS SALESIAS</h2>
-------------------------------	--------------------------------

<p>constituíram mais uma consagração da obra já realizada pelo Estado Novo pelo seu eminente chefe, dr. Oliveira Salazar</p> <p>O número de votantes foi superior ao das outras eleições anteriores, verificando-se que, em Lisboa, como em todo o País, foi nos bairros e centros operários que a afluência se notou se apreciaram com maior nível e maior entusiasmo.</p> <p>ALGUMAS REGIÕES VOTARAM 90% DOS ELEITORES</p>	<p>que encerrou as comemorações das "Bodas de Ouro do Futebol Português" de iniciativa do "Seculo"</p> <p>no qual assistiram o Chefe do Estado e o Sr. ministro da Educação Nacional</p> <p>FUI UM ADMIRAVEL ESPECTACULO</p>
--	--

	<p>CHEGA HOJE</p> <p>a Lisboa</p> <p>o sr. Thomas Watson</p> <p>nosso presidente da Classe de Comércio Estrangeiro</p>	
---	--	---

Época 1938
39

A Taça é de Coimbra

Pela primeira vez Coimbra ganha uma prova nacional. A Associação Académica venceu a edição inaugural da Taça de Portugal, numa série de grandes exibições, para gáudio da cidade e da região. A AFC congratulou-se com a vitória, homenageando a Briosa, que se consolidava definitivamente como a equipa mais representativa do distrito e do Centro de Portugal.

Em outubro de 1938 realizaram-se as comemorações previstas para o cinquentenário do futebol português, evocativas da memória de outubro de 1888 e da primeira exibição, entre portugueses, de uma novidade inglesa chamada *football*. Passadas cinco décadas, o *football* transformava-se definitivamente em futebol, quer em termos linguísticos quer também a nível organizativo e competitivo, com o futebol português a ganhar a sua própria identidade. Neste mesmo mês de outubro de 1938 deram-se os últimos retoques na preparação do novo formato competitivo, a iniciar nos meses seguintes, envolvendo os Campeonatos Nacionais da I e II Divisão, que substituíam (em termos de calendário, formato e estrutura) o Campeonato das Ligas. E chegava ao fim o Campeonato de Portugal, nascendo a Taça de Portugal.

Coimbra assistiu, mais uma vez, de forma ativa e interessada, a todo este processo. A imprensa regional foi sugerindo intervenções nos novos regulamentos das provas nacionais (algumas delas adotadas pela Federação) e a AFC manteve-se atenta e participativa em todo o processo levado a cabo pela Federação Portuguesa de Futebol (nesta época deixou em definitivo a designação inglesa de *football association*).

A exemplo dos anos anteriores, a Direção da AFC começou a preparar a época muito cedo, tomando as primeiras deliberações ainda durante o mês de setembro. A AG reuniu igualmente em setembro e outubro, sendo que a Assembleia de 4 de outubro viria a ganhar especial relevância por ser discutida uma alteração ao Regulamento Geral de Provas, apresentada

pela Direção. Foram aprovadas, por unanimidade, várias propostas, das quais destacamos:

1. Criação do Torneio Preparação, onde todos os clubes inscritos no Campeonato de Coimbra eram obrigados a participar. A final seria sempre disputada em Coimbra, mas em campo neutro. As receitas dos jogos passavam a ser distribuídas da seguinte forma: 40 por cento para a AFC; 40 por cento para os clubes proprietários dos campos; 18 por cento para os outros clubes e 2 por cento para o Fundo de Assistência.
2. Para aumentar a competitividade, através da “equiparação de valores” (desportivo), a Divisão de Honra passaria a ter apenas quatro clubes, tal como a 1ª Divisão. Na Honra ficariam Académica, União, SC Conimbricense e Naval; e na 1ª Divisão, Santa Clara, CF “Os Conimbricenses”, Febres SC e Olivais. As receitas distribuir-se-ia assim: 48 por cento para os clubes proprietários dos campos; 30 por cento para os clubes envolvidos; 20 por cento para a AFC e 2 por cento para o Fundo de Assistência.

No mesmo mês, na AG de 25 de outubro, por proposta do CF “Os Conimbricenses”, seria nomeado Sócio Honorário da AFC, por unanimidade e aclamação, Salviano Rui de Carvalho e Cunha, mais conhecido como Rui Cunha, antigo jogador da Académica e internacional português. Recolhia simpatias em quase todos os clubes de Coimbra, sendo que

três deles resolveram criar, nesta época, uma taça com o seu nome. Por sugestão do Delegado do União, e aprovada por unanimidade, seria ainda mandada executar uma fotografia de Rui Cunha para ser colocada na sede da AFC.

Conflitos e indisciplina

Apesar dos consensos existentes, seriam recorrentes os episódios de alguma instabilidade no seio da AFC e das suas provas. Em inícios de 1939, na AG de 4 de janeiro, e após um protesto do Santa Clara FC, voltou a ser discutida a constituição da Divisão de Honra. Analisada a questão, a AFC decidiu recuar na posição anteriormente tomada, passando a competição a ser disputada pelos quatro participantes já indicados (Académica, União, SC Conimbricense e Naval), a que se juntavam o Santa Clara FC e o vencedor de uma eliminatória entre CF “Os Conimbricenses” e Olivais FC. “Os Conimbricenses”, que haviam conquistado o título da 1ª Divisão, insurgiram-se contra a realização de uma eliminatória de acesso pois, na sua perspectiva, não fazia sentido que o campeão tivesse necessidade de o fazer. Seria aprovada por maioria a proposta de subida direta para o campeão da 1ª Divisão, ficando a eliminatória sem efeito.

Esta época seria ainda marcada por constantes agressões a árbitros, sobretudo praticadas por jogadores das categorias inferiores. E como consequência dos seus atos, vários atletas seriam suspensos por

um ano de todas as provas da AFC. Os castigos começaram, progressivamente, a ser mais pesados, de forma a dissuadir os jogadores deste género de comportamentos.

De forma a promover o futebol jovem e os valores do desportivismo, o Conselho Técnico da AFC tentou organizar um Campeonato de Juniores e um Campeonato Infantil. Porém, o Campeonato de Juniores não chegaria a concluir, por irregularidades na constituição da equipa da Académica, levando o União de Coimbra (única equipa com inscrição validada) a ser declarado campeão – representaria Coimbra no Campeonato Nacional da categoria, saindo derrotado pelo Académico do Porto nas meias-finais do Norte. Destino quase idêntico teria o Campeonato Infantil, onde participavam equipas constituídas pelos alunos das escolas e colégios de Coimbra – a prova chegou a principiar, mas terminaria devido ao desinteresse generalizado e às múltiplas faltas de comparência das equipas.

Alguns desinteresse estava também a gerar a Seleção distrital de Coimbra, com jogos sucessivamente adiados (como sucedeu aos encontros agendados com Aveiro) devido ao denso calendário da AFC e à boa campanha da Académica nas provas nacionais – era o principal fornecedor de atletas à Seleção. Mas não era um fenómeno exclusivo de Coimbra. Um pouco por todo o País perdiam interesse este género de partidas entre seleções distritais, transferindo-se essa importância para as provas nacionais, que cada vez mais tentavam uma representação nacional de clubes e respetivas regiões.

A Associação Académica de Coimbra venceu a primeira edição da Taça de Portugal, batendo o SL Benfica na final por 4-3, a 25 de junho de 1939, no Campo das Salésias, em Lisboa.

No mês seguinte, na AG Ordinária de 29 de julho de 1939, a AFC homenageou a equipa da Académica.

A Direção da instituição mandou fazer um quadro com a fotografia da equipa da Brios, para ter em exposição na sua sede, escrevendo:

"Homenagem da A.F.C. ao Grupo de Honra da Associação Académica, vencedor da 'Taça Portugal' – 25-VI-1939".

Para o retrato foi utilizada a fotografia da Académica que bateu nas meias-finais o Sporting Clube de Portugal, por 5-2, a 18 de junho de 1939. Pousaram nessa imagem: de pé – Faustino, Arnaldo Carneiro, Pimenta,

Alberto Gomes, José Maria Antunes, Octaviano, Portugal e António Marques (massagista);

em baixo – Manuel da Costa, "Nini", César Machado e Tibério.



Briosa vence Taça de Portugal

Depois de vários brilharetos no Campeonato de Portugal, onde atingiu meias-finais e uma final (1922-23), a Associação Académica de Coimbra viria em 1938-39 a conseguir a sua “maior conquista desportiva” de sempre, “a primeira Taça de Portugal, competição que, nesse mesmo ano, substituíra o Campeonato de Portugal” (Santana & Mesquita, 2007, p. 78). Há longos anos que Coimbra desejava um título nacional. Mas sabia-se que o Campeonato Nacional da 1ª Divisão seria (quase) impossível de conquistar, por ser uma prova longa, regular e com quatro fortíssimos candidatos ao título todos os anos, como eram os “quatro grandes” SL Benfica, Sporting CP, Belenenses e FC Porto, que representavam o eixo dominador (Lisboa-Porto) da prova. Contudo, o Campeonato de Portugal (1922-1938) e depois a Taça de Portugal (a partir desta época), por serem provas a eliminar, poderiam permitir surpresas, como sucedera no passado.

A Académica de Coimbra, que seria, uma vez mais, o representante da AFC nesta prova (ao integrar a I Divisão tinha lugar por inerência na Taça), jogaria a primeira eliminatória com o Sporting Clube de Covilhã, que levaria de vencido com alguma facilidade, tal como os resultados de 5-1, em Coimbra, e de 3-2, na Covilhã, demonstram. Nos quartos-de-final, a Briosa afastou o Académico do Porto, depois de ter triunfado por 5-3 em Coimbra (onde esteve a perder por 0-3) e por 2-1 no Porto – esta eliminatória fez sonhar os adeptos. Seguiram-se as meias-finais, contra o poderoso Sporting CP. Os coimbrões per-

deram por 2-0 em Lisboa na primeira mão, mas venceram brilhantemente por 5-2 na segunda, em Santa Cruz. Pela diferença de golos, a Académica atingia a grande final.

O novo regulamento da Taça de Portugal, adaptado do Campeonato de Portugal, previa que a final passasse a ser disputada sempre em Lisboa, permitindo assim (sempre que possível) a presença do Presidente da República (para entregar a Taça) e de outras individualidades da vida pública e política portuguesa – ao contrário do Campeonato de Portugal, que privilegiava campos neutros ou geograficamente adequados para os finalistas. Assim, em Lisboa, no Campo das Salésias, a 25 de junho de 1939, juntou-se uma numerosa assistência que, segundo a imprensa, superou as 30 mil pessoas. O adversário dos *estudantes* era o SL Benfica, um dos “grandes” do futebol português, que partia, naturalmente, como grande favorito – para atingir a final tinha afastado o Luso de Beja, Nacional da Madeira e FC Porto.

Apesar do favoritismo dos lisboetas, uma magistral Académica de Coimbra venceria gloriosamente por 4-3, conquistando, contra todos os prognósticos, a primeira edição da Taça de Portugal. Para a história ficaram os quatro golos academistas, marcados por Pimenta, Alberto Gomes e Arnaldo Carneiro (bisou). O ministro da Educação Nacional, Carneiro Pacheco, em representação do Presidente da República, entregaria a (primeira) Taça de Portugal aos *estudantes*, perante o olhar e a festa dos milhares de adeptos da Académica que se tinham deslocado a Lisboa, incluindo dirigentes da AFC. As comemora-

ções estenderam-se depois à Baixa lisboeta, como relataram os jornais. Em Coimbra, a notícia da vitória chegou através da rádio, para gaudío popular, como sublinhou *A Voz Desportiva* do dia seguinte:

“Coimbra viveu ontem horas de júbilo intenso, de apoteose. Não é fácil descrever a alegria que se apoderou da população inteira ao conhecer-se pela rádio a terminação do grande desafio com a vitória do grupo conimbricense. Imediatamente a cidade se pejou de uma população enlouquecida de alegria”.

O regresso da equipa seria na segunda-feira, dia em que o Reitor Maximino Correia (que havia sido primeiro presidente da AFC em 1922) decretou feriado na Universidade de Coimbra. Depois de terem sido aclamados na passagem por Leiria, Pombal e Condeixa, a receção em Coimbra seria apoteótica. Os jogadores foram “engolidos” por uma multidão em delírio no Largo Miguel Bombarda (ou Largo da Portagem), de onde seguiram em cortejo para o edifício da Câmara Municipal para serem recebidos pelo executivo e por outras entidades competentes. Desde a varanda do edifício, os atletas puderam contemplar uma enorme falange de apoiantes, que os aclamava e aplaudia incessantemente. Acompanhados pela Filarmónica Arganilense, que se deslocou a Coimbra propositadamente para esse fim, o cortejo seguiu depois para a sede da Associação Académica de Coimbra, onde os aguardava o Reitor da Universidade, que lhes teceria os maiores elogios.

A AFC, como não poderia deixar de ser, fez parte desta grande homenagem à Académica. No sábado seguinte à final reuniram-se, no salão nobre da Associação Comercial, várias personalidades e dirigentes conimbricenses, entre os quais o Prof. Dr. Manuel Lopes de Almeida, presidente da Direção da AFC, que teve a honra de iniciar a sessão com palavras bastante elogiosas para os *estudantes*. Mais tarde, pelo Governador Civil de Coimbra, seria ainda desterrada uma lápide comemorativa e afixados na sede da AFC um retrato do jogador Rui Cunha e uma fotografia da equipa da Académica que conquistou aquele notável título.

Arnado e Mata intervencionados

Face ao desenvolvimento do futebol português, a FPF decidiu intervir em campos estratégicos que apresentavam problemas estruturais, em especial naqueles que tinham tido uma importante componente de difusão da modalidade a nível regional. O Arnado era um desses recintos, palco de três finais do Campeonato de Portugal. Tinha sido, durante anos, apontado como o melhor campo de Coimbra, mas apresentava visíveis problemas de deterioração. A AFC era consciente do problema, mas as suas limitações financeiras não lhe permitiam intervir condignamente.

Assim, com o intuito de não deixar perder este emblemático campo, a FPF decidiu arrendar o Arnado e intervir diretamente. A escritura de arrendamento,

Sabia que... Goleada histórica... Num jogo da Divisão de Honra da AFC, entre Académica e Naval, foram marcados 16 golos, cifrando-se o resultado num impressionante 12-4 para a Briosa.

lavrada no livro de notas do notário António Alves de Assis Teixeira, no dia 29 de março de 1939, determinaria as condições em que se efetuava o referido contrato:

“(...) dá de arrendamento à Federação Portuguesa de Futebol (...) o seu prédio rústico formado por uma terra de sementeira com laranjeiras e outras árvores, sita ao Sr. do Arnado, freguesia de Santa Cruz que confina pelo Norte com a Companhia Industrial Portugal e Colónias”.

Desta forma, quase simbólica, a FPF chamava a si a responsabilidade de proceder a melhoramentos e garantir a manutenção do Campo do Arnado, contribuindo desta forma para o desenvolvimento do futebol distrital. A AFC congratulou-se com a medida, disponibilizando-se para apoiar a Federação nesse intuito. Outro recinto intervencionado recentemente, mas diretamente pelos clubes (em especial pelo arrendatário, a Naval), tinha sido o Campo da Mata (ou Campo da Misericórdia), na Figueira da Foz, alvo de obras nos balneários e na melhoria do piso.

A Académica recebeu imenso apoio popular na final da Taça de Portugal.



Cronologia

1938
39

1938

- Setembro** O Dr. João de Sousa foi nomeado representante da AFC no Congresso da FPF.
- Outubro** O histórico Atlético Clube de Coimbra dissolve-se e abandona a AFC.
- Novembro** Início da Taça Preparação, que substituiu a Taça Cidade de Coimbra.
Começam nas várias categorias os Campeonatos Distritais, também designados de Campeonatos de Coimbra.
- Dezembro** A Académica de Coimbra revalidou, uma vez mais, o título de Campeão Distrital (Honra), representando a AFC no Campeonato Nacional da 1ª Divisão; o União e a Naval, respetivamente 2º e 3º classificados do Campeonato Distrital, seguiram para a 2ª Divisão.

1939

Janeiro

Abertas as inscrições para o Campeonato de Juniores da AFC.

Início do Campeonato Nacional da 1ª e 2ª Divisão.

Mantinhm-se as provas populares. Disputou-se o II Torneio Popular de Futebol da Figueira da Foz, cujo vencedor recebia a Taça Maria Manuela. Envolveu clubes como a Fábrica da Fontela, os Columbófilos, os Galitos, o Beira-Mar, o Marítimo da Gala e os Onze Verdes.

Março

Na 2ª Divisão, o grupo da Província da Beira Litoral era liderado pelo União de Coimbra, com 10 pontos, seguido da AD Ovarense (8), UD Oliveirense (6), SC Beira-Mar de Aveiro (6), Sporting Clube de Pombal (4) e Naval (2). No fim da prova, o União caiu para o 3º lugar e a Naval manteve-se em último.

Abril

A Académica de Coimbra fez uma boa campanha na estreia do Campeonato Nacional da 1ª Divisão, ficando em 5º lugar, logo atrás dos “quatro grandes”.

Maiο

Começa a disputa da Taça de Portugal.

Junho

A Académica de Coimbra venceu o SL Benfica e conquistou a Taça de Portugal.

Realizou-se o 1º Campeonato Nacional de Juniores, com presença dos campeões de Lisboa, Porto, Coimbra e Setúbal. Na semifinal Norte, o Académico do Porto eliminou o União de Coimbra.

Competições

1938
39

PROVA	CAMPEÃO
Campeonato Distrital - Divisão de Honra (1. ^{as} categorias)	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital - Divisão de Honra (2. ^{as} categorias)	União de Coimbra
Campeonato Distrital - Divisão de Honra (Reservas)	União de Coimbra
Campeonato Distrital - 1. ^o divisão (1. ^{as} categorias)	CF Os Conimbricenses
Campeonato de Promoção - 1. ^{as} categorias	Não se disputou
Taça Preparação - 1. ^{as} categorias	União de Coimbra
Campeonato de Juniores	União de Coimbra

Festa da conquista da Taça de Portugal pela Académica de Coimbra.



Época 1939
40

Uma nova geografia distrital

Temporada muito positiva para a AFC, especialmente ao nível das competições internas, onde se multiplicaram os elogios pela organização e correto desenvolvimento das provas. Alargou-se a representatividade geográfica dos clubes no seio da AFC, deixando definitivamente a centralidade e (quase) exclusividade das cidades de Coimbra e Figueira da Foz. O futebol expandia-se a outras localidades.

Em setembro 1939, o mundo entra em conflito, com o início da Segunda Guerra Mundial. A Alemanha nazi de Hitler e a Itália fascista de Mussolini expandem o terror por toda a Europa. Portugal, sob o manto propagandístico do Estado Novo, mantém-se neutral, conciliando a sua índole fascista com as suas ancestrais alianças estratégicas com alguns países Aliados, como Inglaterra. E em Belém, o regime salazarista afirma o ideário nacional com a magnificente Exposição do Mundo Português, em 1940. A guerra teria, inevitavelmente, consequências nefastas para o futebol português, impedindo contatos internacionais regulares entre clubes e seleções. Mas a modalidade, embora estagnasse do ponto de vista das relações com o estrangeiro, manteve a sua atividade a nível interno, consolidando o quadro competitivo implementado em 1938-39, com o Campeonato Nacional (I e II Divisão) e a Taça de Portugal.

Em Coimbra, o futebol seguiu igualmente a sua estratégia de consolidação e expansão. Em agosto, a AFC contava já com uma nova sede, situada no 2º andar da Rua Ferreira Borges, bem no coração da cidade. As novas instalações, mais espaçosas, permitiram uma reorganização da instituição a nível do secretariado e dos espaços para acolher as reuniões dos diferentes órgãos. Passou a acolher, inclusivamente, as Assembleias Gerais, que em geral contavam com representantes de uma dezena de clubes – a AG eleitoral de 26 de agosto de 1939, por exemplo, reuniu um total de oito clubes, num total de 180 votos, distribuídos por 25 votos para a Académica, União,

Sport CC, Naval, Os Conimbricenses e Santa Clara; e 15 votos para Olivais FC e Febres SC. A Direção eleita nesse ato seria presidida pelo Prof. Doutor Manuel Lopes de Almeida e a Assembleia Geral liderada pelo Dr. Jorge Alcino de Morais.

Estado leva a remodelações

A composição da Direção eleita acabaria, ao longo da época, por ser consecutivamente remodelada, em virtude da saída extemporânea de alguns elementos, pelos mais diversos motivos, inclusivamente políticos. O presidente da Direção servia forçado a abandonar o cargo por ter sido chamado para desempenhar a função de Subsecretário de Estado da Educação Nacional. Chamado a assumir as suas funções, o vice-presidente, Dr. João Antunes de Sousa, faria um meritório trabalho, mas também ele, ainda antes do final do exercício de 1939-40, sairia do cargo por ter sido chamado para exercer as funções de vice-presidente da FPF. Depois destas duas mudanças “forçadas”, assumiria finalmente o cargo de presidente da Direção, até final do mandato, o Dr. João Rocha Santos. Invocando motivos pessoais sairia da Direção o secretário-geral Décio Antas, sendo substituído por José Maria dos Santos. Estas sucessivas mudanças de dirigentes, embora por motivos plenamente justificados (e nalguns casos motivo de orgulho para a AFC), prejudicaram o regular funcionamento da Direção ao longo da época.

Em termos internos da Associação destacou-se também a redação definitiva dos novos Estatutos e

Regulamentos da AFC, cuja tarefa foi incumbida a uma Comissão de Redação Definitiva, nomeada em 12 de setembro de 1939 pela Direção. A esta Comissão, composta por quatro elementos, competia organizar os processos e alterações regulamentares propostos pela Direção, antes de seguirem para apreciação do Conselho Técnico e, posteriormente, caso necessário, para serem decididos em Assembleia Geral. Esse era o procedimento adotado neste período.

Funções do Conselho Técnico

Um outro órgão importante da AFC, indispensável ao seu funcionamento, era o Conselho Técnico, que com maior ou menor preponderância fazia parte da Associação desde a sua fundação. Para o biênio 1939-41 era liderado pelo Dr. Carlos de Melo Freitas e dotado de mais dois elementos efetivos e dois suplentes. Competia a este órgão, para além de outras decisões, estudar a viabilidade de propostas apresentadas pela Direção para alterações ao modelo competitivo das provas, e ainda, nalguns casos, propor ele próprio essas reformulações. O Conselho Técnico, apesar de nunca ter o poder deliberativo, que era exclusivo da Direção e da soberana Assembleia Geral, enviava recorrentemente pareceres a ambos os órgãos com sugestões e/ou apreciações técnicas que, quase sempre, acabavam por ser aceites e validados oficialmente. E se a Direção tinha o poder de avaliar e validar os regulamentos de provas, o Conselho Técnico tinha a obrigação estatutária de os fazer cumprir no

terreno, zelando sempre, através da sua ação junto dos agentes envolvidos, pelo normal funcionamento dos jogos e das competições.

Ao Conselho Técnico competia ainda a realização de um relatório anual, onde para além de apresentar o resumo da época desportiva em causa, deveria ainda constar uma avaliação crítica sobre as competições realizadas e sobre aspetos a repetir, melhorar ou anular. No relatório de 1939-41, e a título de exemplo, o Conselho Técnico em funções faz uma breve síntese das competições organizadas pela AFC nesse período e deixa algumas sugestões técnicas para serem discutidas nos exercícios seguintes:

“Assim, o Campeonato Escolar entendemos no futuro só ser reservado a estudantes não qualificados pelos clubes, num maior equilíbrio dos *teams* e numa maior possibilidade de mais regular disputa.”

O Conselho Técnico deveria ainda indicar, sempre que considerasse justificado e com a respetiva fundamentação, propostas de sócios de mérito para serem discutidas nas Assembleias Gerais. Apesar de maioritariamente cordiais, as relações entre o Conselho Técnico e os restantes corpos dirigentes da AFC também eram marcadas por alguns litígios, sobretudo quando os seus membros se sentiam ultrapassados por terceiros nas decisões que a si lhe diziam respeito. Aconteceu precisamente isso em janeiro de 1940, numa altura em que a Direção decidiu, sem consultar o Conselho Técnico, entregar um castigo

Um dos futebolistas emblemático de Coimbra. Representou a Académica entre 1928-29 (ainda estudante de liceu) e 1939-40. Foi homenageado em 25 de outubro de 1938 pela AG da AFC, no âmbito da "nomeação de sócios honorários" da instituição. O delegado de 'Os Conimbricenses', José Lapa, propôs que fosse nomeado sócio honorário da AFC "o jogador internacional, Ex.mo Sr. Dr. Salviano Rui de Carvalho e Cunha". Justificou a proposta com o facto de Rui Cunha "como jogador de futebol de Coimbra, prestou à cidade e à A.F.C. os mais assinalados e relevantes serviços". O seu "valor desportivo" havia sido reconhecido recentemente por três dos principais clubes da cidade, ao instituírem uma taça com o seu "prestigiado nome". Referiu ainda que Rui Cunha estava prestes a terminar "brilhantemente e com distinção o seu curso", levando-o a abandonar brevemente Coimbra, "cidade por cujo brio desportivo ele sempre galhardamente se bateu, defendeu e honrou, como, por certo, continuará a honrar intelectualmente". Tratava-se de um jogador "que bem pode considerar-se o expoente máximo do futebolismo coimbrão".

O delegado do União de Coimbra, Albano dos Santos Gameiro, propôs ainda que fosse executada "uma fotografia de Rui Cunha e que esta seja colocada numa sala da A.F.C. e descerrada em homenagem pública". O delegado da Associação Académica de Coimbra, o Dr. Carlos de Freitas, agradeceu a homenagem ao seu jogador.

Foi o primeiro atleta de Coimbra (e da Associação Académica) a ser convocado para a Seleção Nacional, na preparação para o jogo contra a Espanha, a 30 de novembro de 1930, no Campo do Ameal (Porto), em que Portugal perdeu por 0-1. Integrou o selecionado português por quatro ocasiões nos anos 30 do século XX, mas sem conseguir estreiar-se no "onze" nacional.

Rui Cunha



aplicado a um árbitro para apreciação do Conselho Jurisdicional. Descontentes com esta decisão, os três membros do Conselho Técnico apresentaram a sua demissão.

Conscientes da mais-valia que estes elementos representavam para a Associação, ficaria decidido, na Assembleia Geral de 30 de janeiro, constituir uma comissão para os tentar demover desta intenção. Afortunadamente, neste caso e ao contrário daquilo que se passou em situações similares no passado, ainda foi possível encontrar uma plataforma de entendimento, sendo revertida a decisão de demissão.

novidade: a inscrição de diversos clubes pela primeira vez, garantindo uma maior pluralidade e dispersão territorial de emblemas filiados. A competição principal voltaria a ter seis clubes, os cinco tradicionais de Coimbra e um da Figueira da Foz, deixando de se denominar Divisão de Honra para adotar a nomenclatura de Campeonato da I Divisão Distrital.

A segunda competição em importância, anteriormente chamada de 1ª Divisão, passaria a ser conhecida como Campeonato da II Divisão Distrital, na qual participariam seis clubes, o que constituía um recorde. O destaque nesta prova ia para a presença de uma equipa do distrito de Aveiro, o Anadia Futebol Clube. Esta equipa, alegando “ter nesta Associação mais facilidade em poder disputar o Campeonato”, por se encontrar mais próxima geograficamente do que da maioria das localidades do seu distrito (onde era obrigado a jogar), decidiu formalizar uma proposta oficial de filiação. Na AG Extraordi-

Novos clubes e novas competições

A temporada de 1939-40 traria, uma vez mais, e a exemplo das anteriores, uma reestruturação no modelo competitivo das provas oficiais da AFC, com uma

Quadro 1. Clubes do Campeonato da I Divisão Distrital de Coimbra

Clube	Concelho
Associação Académica de Coimbra	Coimbra
União Futebol Coimbra Clube	Coimbra
Associação Naval 1ª de Maio	Figueira da Foz
Sport Clube Conimbricense	Coimbra
Santa Clara Futebol Clube	Coimbra
Clube de Futebol “Os Conimbricenses”	Coimbra

nária de 6 de outubro de 1939, depois de se obter um parecer positivo da FPF, esta questão iria a votação.

A Direção da AFC, a quem foi solicitada uma opinião sobre o assunto, não só não vislumbrava qualquer problema nesta filiação, como, por a equipa em questão ser reconhecida pela sua qualidade no meio futebolístico regional, via uma mais-valia desportiva nesta possível adesão. Foi aprovada por unanimidade a inscrição do supradito clube como sócio coletivo da AFC, que se juntava, assim, em igualdade de circunstâncias, aos restantes cinco concorrentes do Campeonato da II Divisão Distrital.

Ainda nas 1.^{as} categorias teríamos o novo Campeonato Promocional, que contaria com um impressionante número de 11 clubes. A maior parte destas equipas desenvolvia atividade há vários anos, disputando pequenas taças locais e jogos particulares. A nova configuração do Campeonato Promocional, dividida em quatro zonas, permitiria finalmente a ins-

crição dos clubes (pequenos) numa prova oficial da AFC, sem colocar em sério risco as suas finanças (por causa das deslocações). A dispersão das equipas pelo distrito permitiu à AFC alargar geograficamente as competições, até aí muito centralizadas em Coimbra e na Figueira da Foz, conquistando assim uma expansão territorial sem precedentes até então.

No final das competições seriam apurados os seguintes vencedores: Académica de Coimbra (I Divisão Distrital), Anadia FC (II Divisão Distrital) e SC Marialvas (Campeonato Promocional).

E no jogo de Promoção à I Divisão (disputado entre o campeão da II e o último classificado da I), o Anadia FC bateu “Os Conimbricenses”, garantindo, na sua época de estreia, o acesso à máxima competição distrital.

No contexto nacional, a época não seria tão frutuosa como a anterior, em que a Académica tinha ganho a Taça de Portugal. Na segunda edição do

Quadro 2. Clubes do Campeonato da II Divisão Distrital de Coimbra

Clube	Concelho
Anadia Futebol Clube	Anadia
Lusitânia Desportivo Clube	Coimbra
Olivais Futebol Clube	Coimbra
União Desportivo Lousanense	Lousã
Sport Clube de Coselhas	Coimbra
Febres Sport Clube	Cantanhede

Quadro 3. Clubes e estrutura do Campeonato Promocional

Clube	Concelho	Zona
Azes Unidos Futebol Clube	Coimbra	Zona de Coimbra
Clube Futebol e Indústria	Coimbra	Zona de Coimbra
Futebol Clube Condeixense	Condeixa	Zona de Coimbra
Sport Clube Marialvas	Cantanhede	Zona Ocidental
Futebol Clube Montemorense	Montemor-o-Velho	Zona Ocidental
Futebol Clube de Oliveira do Hospital	Oliveira do Hospital	Zona Oriental
Grupo Desportivo Argus	Arganil	Zona Oriental
Sport Clube Tabuense	Tábua	Zona Oriental
Galitos Atlético Clube	Figueira da Foz	Zona da Figueira
Grupo Desportivo da Fontela	Figueira da Foz	Zona da Figueira
Sport Clube Marítimo	Figueira da Foz	Zona da Figueira

Campeonato Nacional da I Divisão, a Briosa ficou em 6º lugar, entre dez equipas (a prova foi alargada para repescar o FC Porto, que não se tinha apurado via campeonato regional) – o alargamento de oito para dez clubes beneficiou Porto e Setúbal, que passaram a contar com mais um representante na I Divisão. Melhor esteve o União de Coimbra, que se

apurou na 2ª série da Província da Beira Litoral do Campeonato Nacional da II Divisão, embora não tenha chegado à fase decisiva da prova, que seria ganha pelo Sporting Farense. E na Taça de Portugal, o vencedor em título, a Académica, não passou da primeira eliminatória, afastada pelo Boavista, numa eliminatória renhida (5-1 e 0-5).

Sabia que... Fim de carreira para Rui Cunha, jogador da Académica. Esteve suspenso dois anos por ter dado um murro a um árbitro (alegou ter sido insultado) e em 1939-40 regressou para a despedida. No último jogo marcou três golos ao Barreirense. Foi aplaudido de pé na despedida.

Lance emotivo do Campeonato Nacional da I Divisão.



Cronologia

1939
40

1939

Agosto

A sede da AFC passa para a Rua Ferreira Borges, em Coimbra, instalando-se num edifício com toda a dignidade e acomodações.

Outubro

Os clubes inscritos na II Divisão Distrital foram dispensados da obrigatoriedade de inscrição na categoria de Reservas e de levarem 22 jogadores para cada jogo.

O Anadia FC, do distrito de Aveiro, foi aceite como filiado na AFC, passando a disputar as suas provas oficiais.

Todos os clubes da I Divisão Distrital foram obrigados a participar com equipas no Campeonato de Juniores, com exceção da Naval que por ser da Figueira da Foz.

1939

Dezembro

Terminou o Campeonato da I Divisão Distrital de Coimbra. A Académica ganhou o título, mas em igualdade pontual com o União (prevaleceu a diferença de golos), seguidos do Sport Clube Conimbricense. A Académica voltou a disputar a I Divisão e os outros dois clubes a II Divisão.

1940

Janeiro

Os membros do Conselho Técnico pediram a demissão devido a um “mal-entendido” com a Direção da AFC. A situação resolveu-se e os membros demissionários regressaram às funções.

Começou o Campeonato Nacional da I e II Divisão.

Maio

O FC Porto foi campeão da I Divisão (bisou) e a Académica fica 6ª classificada, numa prova que contou pela primeira vez com dez participantes.

Tem início a Taça de Portugal, competição em que a Académica partia como detentora do troféu. Os *estudantes* foram eliminados na primeira ronda pelo Boavista FC (5-1 e 0-5).

Junho

Na final do Campeonato Nacional de Juniores, no dia 7, no Estádio das Salésias, em Lisboa, o Unidos do Barreiro bateu a Associação Académica de Coimbra por 1-0.

Competições

1939
40

PROVA	CAMPEÃO
Campeonato Distrital - 1. ^a divisão	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital - 2. ^a divisão	Anadia Futebol Clube
Campeonato Promocional - 1. ^{as} categorias	Clube de Futebol "Os Marialvas
Campeonato da I Divisão - Reservas	Associação Académica de Coimbra
Campeonato de Juniores	Associação Académica de Coimbra

Alberto Gomes

Foi um dos futebolistas homenageados pela AFC na AG Extraordinária de 16 de dezembro de 1940, em que se aprovou uma proposta da Direção “no sentido de que sejam inauguradas, no seu gabinete, as fotografias dos jogadores José da Silva, Fernando Alves, Alberto Gomes e António Pereira da Conceição”, os quais “tão brilhantemente representaram o País em jogos internacionais” – proposta aprovada por aclamação.

Foi “o primeiro jogador da Briososa a tornar-se titular” da Seleção Nacional (a 28 de janeiro de 1940, em Paris, contra a França) e o primeiro “atleta da Académica” (e de Coimbra) a marcar “um golo ao serviço da Seleção Nacional”, sendo “autor de um dos três tentos sem resposta com que Portugal ‘presenteia’ a Suíça” no encontro particular realizado em Lisboa a 1 de janeiro de 1942 (Santana & Mesquita, 2007, p. 92).

Foi jogador da Associação Académica de Coimbra entre 1936-37 e 1943-44, tendo representado antes o Académico FC do Porto e depois o Vianense, regressando à Briososa para terminar a carreira (em 1948-49). Teve “papel decisivo” na conquista da primeira Taça de Portugal em 1939, tornando-se “um futebolista de topo” nos anos 40, com destaque para épocas como 1941-42 em que esteve “em alta” (Santana & Mesquita, 2007, p. 92), altura em que paralelamente ao futebol concluiu a licenciatura em Letras na Universidade de Coimbra. Foi também treinador da Académica em quatro ocasiões, nos anos 40, 50 e início dos 60.

Viria, nos anos 50, a integrar os corpos gerentes da AFC, presidindo, por exemplo, ao Conselho Técnico, no biénio 1952-54. O seu papel no futebol coimbrão foi tão determinante que a 31 de julho de 1954 a AG da AFC aprovou o seu nome (por aclamação) para Sócio Honorário da AFC, pelos “relevantes serviços” prestados ao futebol de Coimbra e à AFC, como referiu o então presidente da Direção, Dr. Guilherme de Oliveira.



Década marcada pelo alargamento geográfico do futebol distrital. Pelo aumento de clubes e regiões envolvidas, pelo aumento de jogadores e adeptos. E pelo aumento de competições distritais e pela melhoria gradual dos campos, que se convertiam gradualmente em estádios.

Dos pelados para a relva, numa transição entre o purismo do amadorismo e a nova realidade do profissionalismo.

Alar ga men to

1941 | 1950

As grandes multidões vão à bola.



Esta década foi claramente marcada pela Segunda Guerra Mundial, com efeitos a nível mundial, europeu e nacional, mas também à escala mais regional e local. Até 1945, o futebol internacional estagnou em definitivo e Portugal ficou limitado a fugazes encontros com os espanhóis, que estavam a sair de uma guerra civil que deixou Franco e os fascistas no poder. Num Portugal cada vez mais isolado (e repressivo), o futebol continuou a empolgar os portugueses, quer nos campos quer através da rádio e dos seus relatos emocionantes. A imprensa continuou a fazer a propaganda de um futebol que crescia em popularidade. Nasceram jornais de referência, como *A Bola* (1945) e *Record* (1949), ambos em Lisboa, e manteve-se uma “voz” futebolística de grande impacto na região Centro, *A Voz Desportiva*, de Coimbra. Mas o futebol, esse, continuou a ser dominado (ainda mais) por Lisboa, com o Porto a perder o fulgor de outras décadas. O resto da “província” continuou (cada vez mais) afastada dos títulos nacionais. Em dez épocas de I Divisão (1941-1950), dez campeões de Lisboa. E em oito edições da Taça de Portugal (duas não se realizaram), oito vencedores de Lisboa. E estamos a falar da famosa sigla BSB, ou seja, Benfica, Sporting e Bele-nenses. Abriu-se um fosso, cada vez maior, entre Lisboa e a “província”. Entre um futebol cada vez mais profissional e um ainda muito amador.

Em Coimbra, o papel da Associação de Futebol distrital consolidou-se em definitivo. Instalou-se numa sede que seria histórica, na Rua Ferreira Borges, alargando o seu leque de colaborações com outras

instituições locais, com associações congéneres (mantendo os jogos entre seleções distritais) e com organismos nacionais como a FPF ou a Direção Geral de Educação Física, Desporto e Saúde Escolar, criada nesta década. Alargou assim, notoriamente, as suas relações institucionais.

Outro alargamento assinalável foi ao nível do número de clubes e da sua dispersão geográfica. A centralidade de Coimbra e Figueira da Foz mantiveram-se, mas surgiram outras localidades que criaram novas dinâmicas futebolísticas, como Cantanhede, Lousã ou Soure. Novos clubes e novos campos foram paulatinamente surgindo, promovendo a modalidade entre os escalões principais (1.^{as} categorias) mas também entre as camadas mais jovens.

Numa década em que comemoraria o 20º e o 25º aniversário, a AFC Coimbra alargou igualmente a sua ação às competições. Era notório que o calendário desportivo herdado dos anos 30 não era agora, na nova década, suficiente. Os clubes exigiam, no plano nacional, mais clubes nas principais Divisões, para uma melhoria da competitividade e para uma maior representatividade de cidades e regiões. Coimbra continuou a estar (quase) sempre presente nas provas máximas do futebol português, excetuando uma única temporada em que não teve nenhum representante na I Divisão nacional. Mas depressa regressou. E no plano regional a necessidade era ainda mais premente, com os campeonatos distritais a terem um calendário reduzido e pensado em função das provas nacionais – o que deixaria de suceder nesta década, introduzindo-se as passagens entre Divisões, com

subidas e descidas automáticas. Para os clubes que não eram apurados para as competições nacionais, esse calendário era muito reduzido e penalizador, acabando as épocas muito cedo. A AFC organizou, por isso, ao longo da década, muitas e novas competições, desde taças a campeonatos escolares ou corporativos, e torneios alargados a todo o distrito.

A melhoria dos campos foi outra inquietação permanente. Nesta década transitou-se dos tradicionais campos de futebol, muitas vezes sem grandes condições infraestruturais, para a ideia de estádio (vários deles municipais). Em Coimbra, o tradicional Campo de Santa Cruz foi decaindo paulatinamente, bem como o Arnado. A Arregaça foi melhorado, assim como o Loreto, mas tudo mudou com a construção, no final da década, do Estádio Municipal de Coimbra, o primeiro verdadeiramente relvado e com boas condições para acolher milhares de adeptos. A Figueira da Foz, com o seu Campo da Mata, e Cantanhede, que veria um estádio municipal, seriam outros dos palcos para o futebol regional crescer e se popularizar.

A hegemonia futebolística da região manteve-se centralizada num clube, a Associação Académica de Coimbra. A sua presença regular da I Divisão permitia-lhe arrecadar verbas elevadas e apresentar dinâmicas competitivas muito distantes dos rivais. O único adversário da Briosa, a espaços, era o União de Coimbra, que realizou algumas épocas a bom nível, quer nas provas regionais quer mesmo a nível nacional. Uma rivalidade Académica-União que

seria (quase) sempre favorável aos “estudantes”, simbolizando ela mesmo uma espécie de luta de classes sociais entre a elite universitária e o povo trabalhador. Na Figueira da Foz, a tradicional luta (também ela de foro social) entre Naval e Ginásio foi-se esbatendo, na medida em que a Naval se foi tornando cada vez mais dominadora do futebol figueirense. A centralidade futebolística da Figueira da década anterior, em que chegou mesmo a rivalizar com Coimbra, esbateu-se ao longo desta década.

Mas alguns aspetos negativos das décadas anteriores perpassaram para esta. A indisciplina associada ao futebol manteve-se, chegando mesmo, ocasionalmente, a agravar-se. Era um problema crónico que percorria década para década, e que nem mesmo o Estado Novo (disciplinador e repressivo) conseguiu resolver. Embora menos grave que nos anos 20 ou 30, os casos de violência e indisciplina eram regulares e constantes em Coimbra e um pouco por todo o País. De tal forma que o próprio organismo criado pelo Estado Novo para regular o desporto, a Direção Geral de Educação Física, Desporto e Saúde Escolar, chamou a si mesma os colégios de árbitros distritais. Agravou as sanções, tentou castigar mais severamente e levou a cabo campanhas de sensibilização a favor da ordem e disciplina dentro e fora dos campos de futebol. Mas de pouco serviu. Passados alguns anos as próprias associações de futebol exigiram, para si mesmas, o retorno da arbitragem, tentando à escala local resolver um problema que era semanal e transversal a regiões, cidades e vilas.

Época 1940
41

Coimbra apita final da Taça

Pela primeira vez um árbitro de Coimbra apita uma final da Taça de Portugal. E também pela primeira vez Coimbra participa com quatro equipas nos campeonatos nacionais. Outra novidade foi a realização de um torneio aberto (misto) da AFC, envolvendo todos clubes das três divisões distritais.

Neste período intensificou-se a guerra na Europa, com a Alemanha nazi a invadir grande parte do continente. O futebol internacional, envolvendo clubes e seleções, estagnou em definitivo e Portugal ficou remetido a fugazes encontros com os espanhóis, que estavam a sair de uma guerra civil que deixou Franco e os fascistas no poder. Num Portugal cada vez mais isolado, o futebol continuou a empolgar os portugueses, quer nos campos quer através da rádio e dos seus relatos emocionantes. Era o tempo do Sporting CP dominador, que em 1940-41 alcançou feito inédito, o *tri* da época: Campeonato de Lisboa, Campeonato Nacional da I Divisão e Taça de Portugal. Proeza assente em figuras como o treinador, o húngaro Joseph Szabo, o possante avançado Fernando Peyroteo ou o ágil guarda-redes Azevedo (o “gato preto” ou o “sexto violino”). Por Coimbra passaram todas estas figuras ao longo da temporada, com a AFC a manter uma equipa na I Divisão, apesar da redução, novamente para oito clubes, de uma prova que no ano anterior tinha tido dez clubes.

No seio da AF Coimbra, e depois de nas épocas anteriores a preparação da temporada ter começado mais cedo, desta vez começou apenas a 1 de outubro, dia em que tiveram início os trabalhos da Direção. Na verdade, depois do sucesso na organização de provas e da definição de um calendário competitivo (mais ou menos) consensual, a época transata acabaria de servir de modelo para a atual, onde seriam apenas introduzidas algumas alterações pontuais e já planeadas. Falamos, por exemplo, da criação de

uma III Divisão Distrital, proposta pelo Conselho Técnico e que seria nesta primeira época constituída por quatro equipas (Azes Unidos Futebol Coimbra, Clube Recreativo Calhabé e os “regressados” Sporting Nacional e Atlético Clube de Coimbra).

A preocupação com os campos mantinha-se. E a novidade da época foi o primodivisionário Santa Clara FC, considerado um dos clubes históricos de Coimbra naquela altura. Passou a ter um campo licenciado, aumentado desta forma a oferta de recintos destinados à prática da modalidade na cidade, onde pontificavam o Arnado ou Santa Cruz.

Ferreira Borges, a sede

A AFC instalou a sua sede numa casa arrendada no 2º andar da Rua Ferreira Borges, em Coimbra, nos finais de 1939. Apesar disso, e por questões logísticas e financeiras, foi apenas na época desportiva seguinte, em 1940-41, que o espaço começaria a ser devidamente apetrechado de mobiliário e das condições necessárias para acolher os órgãos sociais da Associação e os restantes sócios, como referiu o Relatório e Contas de 1940-41:

“Encontra-se neste momento a sede da AFC instalada num edifício com ótimas condições higiénicas e bem localizado. Torna-se, todavia, onerosa, não só a sua manutenção, mas também o que falta ainda por fazer. No entanto, o que encontra feito é muito já e representa sobretudo muito esforço e boa vontade de todos nós.”

Numa altura em que a situação financeira da AFC não permitia grandes veleidades, a verdade é que foi realizado um esforço assinalável no sentido de dotar aquele espaço da dignidade necessária para a sua ocupação regular – ambição antiga da instituição. No gabinete da Direção, tal como definido na AG de 16 de dezembro de 1940, seriam colocados os retratos dos jogadores (a jogar em clubes de Coimbra) que foram convocados para a Seleção: Alberto Gomes, António Ribeiro da Conceição, José da Silva e Fernando Alves (que se juntariam ao de Rui Cunha, já produzido anteriormente), bem como uma ampliação de uma fotografia da primeira seleção da AFC que disputou, em 1922-23, o primeiro jogo com a congénere de Braga.

Igualmente mobiladas, dentro das possibilidades da AFC, foram as outras dependências da sede, como o gabinete do Conselho Técnico, a sala da Assembleia Geral e o espaço da Secretaria, onde era despachado o expediente e arquivados todos os documentos da Associação.

Seria a partir desta sede, onde havia a comodidade necessária para acolher os corpos dirigentes, que seriam tomadas todas as decisões da AFC nos anos seguintes, desde as quotidianas às que, pela sua natureza e impacto, resultariam em grandes mudanças estruturais e/ou organizacionais. A sede tornaria-se assim, mais do que nunca, no núcleo central da Associação, associando-se a mesma ao local onde estava situada (na “Ferreira Borges”, rua).

Mais clubes nos campeonatos nacionais

Depois do aumento exponencial de clubes envolvidos e do subjacente aumento do nível médio do futebol praticado, especialmente na divisão superior, o Campeonato Distrital da AFC ganhou maior notoriedade e reconhecimento. Assistiu-se nesta época ao Campeonato da I Divisão Distrital mais competitivo de que havia memória. Excluindo a Académica (de um nível incomparavelmente superior a todas as outras equipas) e o Santa Clara FC (a equipa mais modesta), as outras equipas poderiam ser consideradas como candidatas a ocupar os lugares de acesso à II Divisão Nacional, cujas vagas destinadas aos representantes da AFC, nesta temporada, haviam aumentado. Uma alteração ao Art.º 13º do Regulamento do Campeonato de Coimbra, aprovada por unanimidade na AG de 11 de setembro de 1940, definiu o seguinte:

“A representação de Coimbra ao Campeonato Nacional da II Divisão poderá ser aumentada desde que o Conselho Técnico da AFC o julgue conveniente e tenha obtido o acordo determinado no artigo oitavo do Regulamento do Campeonato Nacional”.

Esta alteração no Regulamento surgiu na sequência de um acordo “informal” entre as associações de futebol de Aveiro, Coimbra e Leiria, e que já vinha da temporada anterior. Pretendiam estas associações aumentar a sua representação no Campeonato Nacional da II Divisão Nacional, na série da Beira Litoral,

Treino de guarda-redes nos anos 40, com um banco a servir de obstáculo...



de seis para doze clubes, ficando cada uma delas com quatro clubes inscritos. Como na época 1939-40, por limitações de tempo, não foi possível materializar essa pretensão, a AFC introduziu logo no início da temporada seguinte essa alteração ao seu Regulamento, para salvaguardar a sua posição e garantir a exequibilidade da mesma. Depois de conseguir o parecer favorável do Conselho Técnico que, atendendo à grande qualidade de quatro das cinco equipas que lutavam pelo acesso à II Divisão não teve dúvidas a esse respeito, a AFC iniciou as diligências junto das outras associações.

Porém, ao auscultar as suas congéneres de Aveiro e Leiria, a AFC seria confrontada com uma realidade competitiva bastante diferente da observada na época transata (quando foi estabelecido o acordo). Em Leiria nenhuma equipa da Beira Litoral estava inscrita na I Divisão Distrital, pelo que os leirienses ficavam imediatamente excluídos do acordo, e em Aveiro apenas três equipas haviam sido inscritas no Campeonato Distrital da I Divisão, menos uma do que havia sido estabelecido.

Entre os meses de novembro e dezembro de 1940, e ao mesmo tempo que decorriam os respetivos campeonatos regionais, as Associações de Coimbra e Aveiro trocaram correspondência para tentarem encontrar uma solução que permitisse o acesso de quatro clubes (de cada uma delas) à II Divisão Nacional. Num desses ofícios, a AF Aveiro informaria a AF Coimbra de uma possível solução: a indicação do campeão da II Divisão Distrital, que seria o Oliveirense, para ocupar a quarta vaga do seu distrito.

Como o assunto não voltou a ser abordado, a Direção e o Conselho Técnico da AFC ficaram convencidos de que estava, assim, garantida a presença de quatro clubes de Coimbra no Campeonato Nacional da II Divisão, uma vez que a FPF apenas permitiria que as duas Associações indicassem o mesmo número de representantes. Entretanto, em finais de dezembro, o Campeonato da I Divisão Distrital da AFC terminou, com a décima vitória consecutiva da Académica. Nos quatro lugares seguintes ficaram (por esta ordem): o União de Coimbra, o Anadia FC, a Naval 1º de Maio e o Sport Clube Conimbricense. O Santa Clara FC ficaria em último lugar, sem qualquer hipótese de apuramento para as provas nacionais.

Numa altura em que a AFC já se preparava para indicar os seus quatro representantes à Federação, cuja data limite era o 4 de janeiro de 1941, apercebeu-se que a situação em Aveiro permanecia num impasse. E apesar de um ofício enviado pelo Conselho Técnico da AFC àquele organismo no dia 2, nunca obteria uma resposta conclusiva sobre se a AF de Aveiro indicaria três ou quatro clubes à Federação. Sem a resposta e sem tempo disponível para aguardar por ela, a AFC decidiu enviar o nome dos seus quatro clubes à FPF, na esperança de que os aveirenses, apesar de não lhes responderem, também o fizessem. Caso se consumasse essa indicação, e tal como ficara acordado entre as associações, seriam constituídas duas séries da Beira Litoral no Campeonato Nacional da II Divisão.

Para surpresa da AFC, poucos dias depois, a FPF enviaria o calendário definitivo da prova, onde cons-

tava para a Província da Beira Litoral uma série única com seis clubes, três de Coimbra e três de Aveiro – o Sport Clube Conimbricense, 5º classificado da I Divisão Distrital de Coimbra, ficava oficialmente excluído da prova nacional. A AFC ainda tentou compreender o motivo daquela exclusão junto da FPF, que segundo *A Voz Desportiva* de 13 de janeiro de 1941, assim responderia:

“A Secretaria da FPF informa que Aveiro não comunicara qualquer pretensão, e que conforme os regulamentos competia aquele organismo decidir, não o podendo fazer de outro modo pelo conhecimento oficial de só três clubes da Beira Litoral disputarem o Campeonato Distrital de Aveiro.”

Desta forma, a série da Beira Litoral da II Divisão Nacional seria constituída por seis equipas: três de Aveiro e três de Coimbra. No final, a classificação seria: 1º AD Ovarense (14 pontos e apurado para a fase seguinte); 2º SC Beira-Mar (14); 3º União de Coimbra (11); 4º AD Sanjoanense (9); 5º Anadia FC (6) e 6º Naval 1º de Maio (6). E quanto ao Campeonato Nacional da I Divisão, o representante de Coimbra, a Académica, a viver “um claro período de transição” (Santana & Mesquita, 2007, p. 88), ficou em 5º lugar entre oito equipas, logo atrás dos “quatro grandes” daquele período (Sporting, FC Porto, Belenenses e Benfica). E na Taça de Portugal seria precisamente um deste “grandes”, o Belenenses (que chegaria à final), a afastar a Briosa, nos quartos-de-final, após ter eliminado na primeira ronda o Leça.

A Taça ficaria ainda marcada por outro momento especial para Coimbra: um árbitro da AFC, Álvaro Santos, foi o eleito para apitar a final, nas Salésias (Lisboa), entre Sporting CP e Belenenses, com vitória leonina por 4-1, numa tarde em que brilhou o avançado João Cruz, com um *hat-trick*. Era o primeiro árbitro de Coimbra a apitar a final da Taça de Portugal, o que também não tinha sucedido nas finais do Campeonato de Portugal entre 1922 e 1938, nem mesmo nas três que se realizaram em Coimbra, apitadas por árbitros de Setúbal, Madrid e Santarém. Finalmente, em 1941, reconheceu-se o valor da arbitragem de Coimbra.

Novas competições

Na presente época, por indicação do Conselho Técnico, a AFC organizaria mais três competições internas, de forma a promover a competitividade e a própria modalidade: o Campeonato Escolar, o Campeonato Corporativo e o Torneio Misto.

No Campeonato Escolar, destinado aos jovens estudantes das escolas e colégios de Coimbra, participaram sete equipas: Escola Comercial e Industrial “Brotero” (que se sagraria campeã), Colégio Coimbra, Colégio Portugal, Liceu D. João III, Escola de Regentes Agrícolas, Colégio São Pedro, Colégio Progresso e Colégio Pedro Nunes. Esta primeira edição seria um sucesso pelo número de equipas inscritas, no entanto, bastante desequilibrado em termos competitivos. Na perspetiva do Conselho Técnico, e de

forma a acautelar a repetição desta situação nas épocas seguintes, deveriam ser impedidos de participar todos os jogadores que já tivessem inscritos por clubes filiados na AFC.

Sabia que... A arbitragem começava a ganhar o respeito dos clubes. O Colégio dos Árbitros solicitou à Direção um subsídio extraordinário de 500\$00 para participar em Lisboa num Festival de Confraternização com o seu homologado da capital. A Direção recusou, mas na AG os clubes acabaram por reverter a decisão, em demonstração de gratidão com aquele organismo.

Quanto ao Campeonato Corporativo, destinado a grupos representativos de estabelecimentos industriais, comerciais, particulares e do Estado, seria disputado neste primeiro ano por quatro equipas: Cerâmica Lusitânia, a Estatuária, Auto-Industrial e Pedros-Irmãos. Neste caso, o Conselho Técnico, no rescaldo da competição e visando uma maior qualidade na formação das equipas e o possível surgimento de mais

inscrições, sugeriu que nas temporadas seguintes o mesmo começasse apenas em maio, de forma a incorporar os jogadores que disputavam as competições oficiais da AFC.

Relativamente à novidade do Torneio Misto, o seu regulamento foi aprovado na AG de 12 de fevereiro de 1941 e seria criado para incorporar todas as equipas (das várias divisões) que se quisessem inscrever. O objetivo da prova, de inscrição livre, era o de possibilitar a competição a todas as equipas das três divisões da AFC, depois da conclusão dos respetivos campeonatos distritais. Como a prova decorreria durante a realização dos Campeonatos Nacionais, os clubes que estivessem presentes nas competições federativas poderiam atuar com as equipas de

reservas. Apesar da intenção da AFC, a prova resultou num fracasso e não despertou o interesse do *público* e nem da maior parte dos clubes. Participaram somente sete clubes, saindo vencedor a Associação Académica de Coimbra.

Apesar do seu pioneirismo, estas provas teriam uma duração efémera (ou intermitente) e na época seguinte nenhuma delas se realizou.

O campo da Ínsua dos Bentos foi perdendo importância nos anos 40.



Cronologia

1940
41

1940

Outubro

É homologado o campo do Santa Clara FC, ficando preparado para receber jogos oficiais.

Aprovada por maioria a constituição das II e III Divisões Distritais da AFC.

Novembro

Início dos Campeonatos Distritais da AFC nas várias categorias.

Dezembro

A AG aprova uma proposta da Direção da AFC que visava a afixação na sua sede de retratos dos jogadores de Coimbra que haviam representado a Seleção Nacional.

Terminam os Campeonatos Distritais. A Académica conquista o seu 10º título consecutivo na I Divisão, o Lusitânia vence o título da II Divisão e o Atlético de Coimbra o da III.

1941

Janeiro

Começam as competições nacionais. A Académica participa na I Divisão, enquanto União de Coimbra, Anadia e Naval disputam a II Divisão, integrados na Série da Beira Litoral.

Fevereiro

Foram aprovados os regulamentos do Campeonato Corporativo e do Torneio Misto, que pela primeira vez se realizavam.

Abril

O I e II Coimbra-Faro em seleções distritais, inicialmente acordados entre as Associações, não se realizaram por falta de entendimento sobre a partilha de despesas.

Terminou o Campeonato Nacional da I Divisão. O Sporting CP sagou-se campeão e a Académica foi 5ª classificada.

Na série da Beira Litoral do Campeonato Nacional da II Divisão, o União de Coimbra ficou em 3º, o Anadia em 5º e a Naval no 6º e último lugar.

Junho

Com a vitória nas Salésias do Sporting CP sobre o Belenenses (apitado por Álvaro Santos, de Coimbra), terminou a edição da Taça de Portugal. O representante de Coimbra, a Académica, fora afastado nos quartos-de-final pelo Belenenses (5-1 e 2-0).

Competições

1940
41

340

PROVA	CAMPEÃO
Campeonato Distrital - 1.º divisão	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital - 2.º divisão	Lusitânia Desportivo Clube
Campeonato Distrital - 3.º divisão	Atlético Clube de Coimbra
Campeonato Promocional	GD Fontela
Campeonato da I Divisão - Reservas	Associação Académica de Coimbra
Campeonato de Juniores	Não foi apurado
Torneio Misto	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Escolar	Escola Comercial e Industrial "Brotero"
Campeonato Corporativo	Cerâmica Lusitânia

Momento do golo.



Época 1941
42

Coimbra marca um golo nacional

Um jogador de Coimbra marcou um golo ao serviço da Seleção Nacional. Momento único e simbólico para toda a região. A Académica ficou em 5º lugar na I Divisão, pela segunda vez consecutiva, e afirmou Coimbra como o terceiro meio futebolístico nacional, atrás de Lisboa e Porto. A AFC congratulou-se, num ano em que finalmente criou o seu próprio símbolo.

A guerra continuava na Europa e Portugal mantinha uma política isolacionista, embora no futebol tivesse sido possível, a 1 de janeiro de 1942, assistir a um encontro particular da Seleção Nacional com a congénere Suíça, com vitória lusa por 3-0, numa espécie de vingança pela eliminação de Portugal do Mundial-38 às mãos dos suíços. Este jogo internacional teve o simbolismo de, pela primeira vez, um jogador da Académica de Coimbra ter marcado um golo pela Seleção Nacional – Alberto Gomes foi autor de um dos três tentos da vitória portuguesa. Este mesmo jogador, que nesta temporada seria reconhecido Sócio de Mérito da AFC, já tinha sido “o primeiro jogador da Briosa a tornar-se titular da Seleção” (Santana & Mesquita, 2007, p. 92), a 28 de janeiro de 1940, em Paris, num particular com a França. Seria também, em 1941-42, um jogador determinante para a excelente campanha da Académica, a nível distrital e nacional, conseguindo paralelamente concluir a licenciatura em Letras.

Em termos nacionais, o futebol português continuou na senda de procurar dar uma dimensão mais representativa e geográfica à sua principal prova, o Campeonato Nacional da I Divisão (e por inerência à II Divisão), abrindo a competição a mais clubes e regiões, como forma de gerar maior interesse e atrair mais público. Isto numa altura em que o Estado Novo interveio na legislação desportiva, de forma conservadora (à imagem do próprio regime), preconizando uma imagem de amadorismo para o desporto português, inclusivamente para o cada vez mais semipro-

fissional futebol. Mas esta tendência do futebol iria manter-se nos anos 40 e 50, apesar do travão estatal.

Assim, o Campeonato Nacional da I Divisão alargou-se de 8 para 12 clubes, distribuídos pelas associações distritais de Lisboa (5), Porto (3), Coimbra, Setúbal, Braga e Faro (1 cada). Foi ainda decidido o sistema de descida e subida de Divisão, com o último classificado da I Divisão e o primeiro da II Divisão a disputarem um lugar no primeiro escalão. E a Taça de Portugal começou a perder alguma importância, passando a disputar-se a uma só mão, fechando a época desportiva a tradicional final da Taça, sempre em Lisboa. Coimbra manteve na I Divisão e na Taça de Portugal um representante, o seu campeão distrital, que em 1941-42 foi mais uma vez a Académica, que assim se qualificou diretamente para a I Divisão e por inerência para a primeira ronda da Taça de Portugal, ainda só com 16 clubes em competição. A Briosa dominou a belo prazer o escalão principal do Campeonato Distrital, ganhando todos os jogos, de forma folgada, fazendo mais de 90 golos e sofrendo somente dez. Este bom estado de forma da equipa seria transposto para o Campeonato Nacional da I Divisão, com a Académica a ficar num honroso 5º lugar, logo atrás dos “quatro grandes” (SL Benfica, campeão, Sporting CP, Belenenses e FC Porto). A fortaleza dos “estudantes” foi a sua “casa”, o Campo de Santa Cruz, onde obtiveram dez vitórias em onze jogos realizados, com um total de 56 golos marcados e 17 sofridos. O problema foram as deslocações fora, sofrendo oito derrotas e obtendo somente três vitórias. Pior seria a Taça de Portugal, a uma única mão,

com a Académica a ser afastada pelo Unidos de Lisboa (3-3 e 4-2 no desempate). Apesar deste desfecho na Taça, Coimbra afirmou-se nesta temporada, graças à boa prestação da Académica, como um distrito central para o desenvolvimento do futebol português, mostrando potencial para colocar mais equipas nos principais escalões.

Sem comemorações do 19º aniversário

Com mandatos relativamente curtos (biénios), o que dificultava a aplicação de medidas de médio e longo prazo, foram eleitos para 1941-43 os novos corpos gerentes da AFC, na AG de 4 de agosto de 1941, altura em que também foi apreciado e votado favoravelmente o relatório da gerência do exercício anterior (1939-41). A 19 de agosto tomaram posse os aludidos eleitos, sendo liderados, nos diferentes corpos pelos seguintes sócios: José Campeão (presidente da Assembleia Geral); Dr. Pedro da Rocha Santos (presidente da Direção); Dr. Manuel Sérgio Pereira (presidente do Conselho Fiscal e Jurisdicional); Dr. Ernesto Guedes Pinto (presidente do Conselho Técnico e do Colégio de Árbitros).

Na primeira reunião de Direção, realizada a 20 de agosto de 1941, seria tomada uma importante deliberação: a partir da presente época apenas poderiam desempenhar a função de massagistas os indivíduos que tivessem, pelo menos, o diploma de enfermagem. Esta medida procurava impedir que agentes desportivos, sem qualquer formação para o efeito,

dessem assistência aos jogadores lesionados, prejudicando a integridade física dos mesmos. Tentava-se assim zelar pela saúde dos atletas e por uma melhor formação dos técnicos de saúde ligados aos clubes, a generalidade com estruturas muito amadoras.

Mais tarde seria também decidido que todos os treinadores ficavam obrigados a apresentar o cartão de “Diretores Técnicos”. E quem não o fizesse ficaria impedido de entrar nos campos de futebol – mais uma vez tentava-se organizar o futebol distrital e identificar devidamente cada um dos agentes presentes em campo.

Simbólica também seria a reunião de Direção de 21 de outubro, vésperas do aniversário da AFC, com o elenco diretivo a decidir que em 1941 não seria realizado (por contensão de custos) qualquer ato comemorativo do 19º aniversário da fundação da AFC. Todas as comemorações deveriam ficar adiadas para o próximo ano por ocasião do 20º aniversário.

Efeitos da Guerra

As finanças da AFC, a exemplo do que sucedeu com a maior parte das associações e clubes portugueses, sofreram um grave revés após a eclosão da Segunda Guerra Mundial e a inerente carestia de vida, que se agravou de ano para ano. E se às medidas restritivas e de contenção adotadas e à crise generalizada que a Europa e o Mundo viveram nesta altura, juntarmos o crescente desinteresse do público para com as provas regionais, rapidamente chegamos

O terreno da Ínsua dos Bentos viria a ser, anos mais tarde, o Estádio Universitário.



à conclusão de que estes foram tempos muito conturbados para os organismos que tutelavam o futebol distrital. A AFC não seria exceção.

A época de 1941-42 seria, tal como as duas anteriores e as duas subsequentes, marcada por uma rigorosa ação administrativa e financeira por parte da Direção da AFC, que procurou, a todo o custo, diminuir as despesas para compensar a perda de receitas. Por todas estas razões, o saldo da AFC no final da época seria apenas de 979\$45 escudos, que apesar de diminuto, não era deficitário. O valor total da receita obtida cifrou-se nos 12.218\$70 escudos, segundo as “Contas” apresentadas pela Direção a 30 de junho de 1942.

As receitas decorrentes dos campeonatos nacionais e distritais seriam, sem surpresa, e como habitualmente, as mais relevantes. No entanto, ficavam aquém do expectável, caso o mundo não estivesse em guerra e Portugal em crise. A receita global da AFC, apesar de escassa, seria ainda assim superior em relação à despesa, graças a uma gestão rigorosa da Direção da AFC, presidida pelo Dr. Pedro da Rocha Santos.

No tocante às despesas destaca-se claramente a renda da sede, que representa mais de um terço das mesmas. Numa altura de crise, era o preço a pagar por um edifício amplo e que proporcionava, no contexto das limitações daquela época, algum conforto

Quadro 1. Receitas da AFC em 1941-42

Fontes de receita	Valor (em escudos)
Filiação de Clubes	1.170\$00
Inscrição de Categorias	785\$00
Inscrições de Jogadores	848\$00
Cartões / Licenças	767\$50
Guias / Boletins	169\$20
Diversos	211\$70
Campeonato Distrital	3.488\$70
Campeonato Nacional	4.616\$00
Taça de Portugal	162\$60
Total	12.218\$70

Quadro 2. Despesas da AFC em 1941-42

Despesas	Valor (em escudos)
Renda da Sede	4.200\$00
Filiação da FPF	300\$00
Chefe de Secretaria	2.400\$00
Anuidades e Telefonemas	457\$10
Indeminização a Francisco Correia	700\$00
Relatório de 1939-41	536\$30
Selos, Registos, Correios e Telegramas	282\$20
Servente, Limpezas e Reparações	608\$40
Seguros dos Móveis	22\$80
Zincogravuras e Carimbos	85\$00
Água e Iluminação	517\$90
Bilhetes de Jogos, Impressos, Expediente, etc.	910\$55
Marcação de campos	165\$00
Total	11.239\$25

e dignidade à Associação. Mesmo assim, e apesar das dificuldades económicas, seria meritória e digna de registo, a solidariedade da AFC para com outros organismos que, igualmente, passavam por um período de grande recessão. Na Assembleia Geral de 4 de agosto de 1941, seria apresentada, a esse respeito, a seguinte proposta à Direção:

“Considerando que na AFC se encontra inscrita a maioria dos clubes da nossa região; considerando que possuímos umas instalações que muito nos honram e que felizmente dispõem de uma razoável vastidão; considerando que a Associação de Natação de Coimbra e a Confederação dos Desportos de Coimbra são organismos de alta utilidade a todos os clubes; considerando que as

necessidades daqueles organismos não permitem a aquisição de uma sede própria (...), a Assembleia Geral propõe à Direção o aprazimento que tem em ver os serviços daqueles organismos instalados imediatamente na sua sede.”

Desde modo, logo que a Direção encontrou viabilidade para essa incorporação, não deixou de atender ao pedido e, a partir de dezembro de 1941, aqueles organismos passaram a ocupar provisoriamente uma das salas da sede da AFC.

Quatro clubes de Coimbra na II Divisão Nacional

Depois da (polémica) não inscrição de um quarto clube da AFC na II Divisão Nacional na época transata, e ultrapassado o conflito com a FPF, o Campeonato Nacional da II Divisão de 1941-42 contaria, finalmente, com a presença de quatro clubes de Coimbra. O apuramento do quarto clube não seria, todavia, obtido através da conquista de mais um lugar de acesso no Campeonato Distrital, mas sim da inscrição para esta prova da equipa de Reservas da Associação Académica de Coimbra, à luz do estatuto que gozavam os primodivisionários do futebol português.

No Campeonato da I Divisão Distrital, disputado entre outubro e dezembro de 1941, a equipa principal da Académica venceu o seu 11º título consecutivo e reservou para si, uma vez mais, a vaga da AFC

na I Divisão Nacional. Os restantes três lugares do Campeonato Distrital que davam acesso às competições nacionais, neste caso à II Divisão, seriam ocupados pelo União de Coimbra, o Anadia FC e o surpreendente Lusitânia Desportivo Clube, que logo na sua época de estreia no escalão conseguiu o apuramento. Ficaram de fora os 5º e 6º classificados da I Divisão da AFC, que foram a Naval e o Sport Clube Conimbricense, respetivamente – este último manteve-se a muito custo na I Divisão Distrital, depois de disputar e vencer uma eliminatória de promoção muito equilibrada com o campeão da II Divisão Distrital, o Santa Clara.

Os três clubes apurados no Campeonato Distrital e a equipa de Reservas da Académica de Coimbra viriam a integrar, conjuntamente com os quatro representantes de Aveiro (Ovarense, Espinho, Lamas e Sanjoanense) o Grupo B da Série 3 do Nacional do Campeonato Nacional da II Divisão. Numa série onde o equilíbrio foi a nota dominante, os clubes da AFC acabariam por ocupar os últimos quatro lugares da classificação final.

Claramente, como denota a classificação (Quadro 3), as equipas de Aveiro dominaram este grupo, demonstrando uma melhor qualidade futebolística que os clubes de Coimbra, que tiveram no estreante Lusitânia o seu melhor representante. A competição acabaria por ser ganha pelo Estoril, que bateu na final o Leixões por 3-1. Na época seguinte, com mais uma reconfiguração no modelo competitivo da prova, passariam a ser sete os representantes da AFC na II Divisão Nacional.

Quadro 3. Campeonato Nacional II Divisão, Grupo B – Série 3

Classificação	Clubes	Pontos
1	AD Ovarense	19
2	SC Espinho	18
3	União de Lamas FC	16
4	AD Sanjoanense	14
5	Lusitânia DC (Coimbra)	13
6	Académica (Reservas)	11
7	União de Coimbra	11
8	Anadia FC (Coimbra)	10

Sabia que... Finalmente a AFC tem um símbolo... Apenas nesta época foi concebido o primeiro “distintivo” da AFC, da autoria de António Gomes. Até então utilizava o brasão da cidade de Coimbra.

Cronologia

1941
42

1941

Agosto

A AG da AFC reconhece os primeiros 36 Sócios de Mérito, todos jogadores. Os primeiros cinco nomes eram figuras bem conhecidas: 1. José da Silva; 2. Fernando Alves; 3. Alberto Luís Gomes; 4. António Ribeiro da Conceição; 5. Júlio Ribeiro da Cruz.

Novembro

Os clubes passaram a receber uma maior percentagem das receitas de bilheteria nas competições oficiais da AFC.

Início dos Campeonatos Distritais da AFC nas várias categorias.

Dezembro

Antes do Portugal-Suíça realizou-se um jogo de confraternização entre jornalistas desportivos: *Stadium* e *Os Sports* (Lisboa), *Sporting* (Porto) e *A Voz Desportiva* (Coimbra).

1942

Janeiro

Início das provas nacionais. Os representantes da AFC seriam a Académica (I Divisão) e o União de Coimbra, Lusitânia DC, Anadia FC e as reservas da Académica (II Divisão).

Fevereiro

O conceituado árbitro da AFC, Álvaro Santos, foi internado de urgência no hospital e alvo de uma intervenção cirúrgica.

Foi realizada uma subscrição pública em benefício do internacional coimbrão Alberto Gomes.

Março

O seleccionador nacional Cândido de Oliveira foi detido pela polícia do Estado, acusado de espionagem, e enviado em junho para a prisão do Tarrafal, em Cabo Verde, onde permaneceria 18 meses. Era uma figura muito acarinhada em Coimbra.

Abril

Terminou a participação dos clubes da AFC na II Divisão Nacional. Integrados no Grupo B, Série 3, os quatro representantes de Coimbra ficaram nos últimos lugares, atrás dos quatro clubes de Aveiro.

Junho

Terminou o Campeonato Nacional da I Divisão. A Académica fica 5ª classificada, logo atrás dos "quatro grandes". O representante de Coimbra apresenta-se cada vez mais como a quinta potência do futebol português.

Disputa-se a Taça de Portugal, a Académica é eliminada pelos Unidos de Lisboa na primeira ronda.

Competições

1941
42

352

PROVA	CAMPEÃO
Campeonato Distrital - 1. ^a divisão	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital - 2. ^a divisão	Santa Clara Futebol Clube
Campeonato Distrital - 3. ^a divisão	Futebol Clube do Calhabé
Campeonato da I Divisão - Reservas	Associação Académica de Coimbra
Campeonato de Juniores	Associação Académica de Coimbra

Momento do golo
da Académica,
que em casa empatava (2-2)
frente ao SL Benfica,
no fim da primeira volta
do Campeonato Nacional,
em dezembro de 1941.



Época 1942
43

Vinte anos de história

Ano especial para a Associação. Comemoravam-se 20 anos desde o seu surgimento, em outubro de 1922. Foram organizadas várias iniciativas, desde palestras, jogos particulares entre seleções distritais, uma grande exposição de troféus, um banquete de honra até uma sessão solene evocativa da data. Coimbra afirmava-se, mais uma vez, no contexto do futebol português, desta vez a nível institucional.

Mais uma temporada sem grandes contatos internacionais devido à guerra. A posição isolacionista do Governo salazarista permitia a manutenção de uma certa “paz social”, alicerçada em políticas de repressão (pela polícia política) e de restrição às liberdades de associação ou de imprensa, entre muitas outras. Com a criação da Direção-Geral dos Desportos (assim conhecida de forma abreviada no meio desportivo ou pelas siglas DGD), as direções dos clubes e das associações distritais de futebol passaram a ser avaliadas por esse órgão, sobretudo quanto ao seu perfil de idoneidade política – qualquer possibilidade de associação, a movimentos oposicionistas, levava imediatamente ao afastamento e exclusão dos indivíduos dos órgãos de gestão de organismos desportivos e dos próprios clubes, e até mesmo da arbitragem ou da medicina desportiva. Todos os setores eram monitorizados pelo regime, que tinham uma comissão (Censura, através do SNI-Secretariado Nacional de Informação) para controlar o que se escrevia na imprensa e o que se dizia na rádio (através do famoso lápis azul, cor do lápis utilizado pelos censores). Deste modo, a estrutura dos órgãos colegiais da FPF e das associações distritais, onde se incluía Coimbra, carecia de validação e aprovação por parte da DGD. Coimbra, apesar de formada em geral por figuras consensuais (política e desportivamente), teve alguns casos em que foi obrigada a substituir elementos dos seus órgãos diretivos, por alegadamente terem relações com os movimentos oposicionistas.

Comemorações dos 20 anos

A agenda da Direção da AFC vinha sendo ocupada, já há duas temporadas, com a preparação do XX aniversário da Associação, em outubro de 1942 – foi em outubro de 1922 que se fundou. Estas comemorações iriam marcar, de forma indubitável, a época de 1942-43, em especial o seu início. Para este efeito, foi constituída atempadamente uma Comissão, que organizou uma série de atividades comemorativas, tais como:

1. Conferências sobre temas desportivos e do futebol, com um dos preletores a ser o Dr. Mário Machado, um dos artífices da fundação da Associação em 1922;
2. Jogos particulares entre seleções distritais, com destaque para o VI Coimbra-Porto;
3. Uma exposição de troféus dos clubes de Coimbra.
3. Um banquete de confraternização entre os sócios fundadores e os clubes filiados;
4. Uma sessão solene de encerramento das Comemorações, que contaria com a presença de muitas personalidades e entidades locais, regionais e nacionais.

As atividades desenrolaram-se entre os dias 19 e 25 de outubro, numa semana dedicada à AFC, que receberia diversas ofertas, principalmente de clubes e associações congéneres. Mereceu especial atenção uma placa de prata oferecida pela Associação Aca-

A VITÓRIA DA ACADEMICA

veio dar mais interesse ao
Campeonato Nacional de Futebol



...o jogo terminou com a vitória da Académica por 2-1. O gol de abertura foi marcado pelo jogador nº 10 da Académica, o jogador nº 7 da Académica marcou o segundo gol e o jogador nº 11 da Académica marcou o terceiro gol. O jogador nº 11 da Académica marcou o primeiro gol do jogo. O jogador nº 11 da Académica marcou o primeiro gol do jogo. O jogador nº 11 da Académica marcou o primeiro gol do jogo.

Emocionantes rondas do Campeonato Nacional de I Divisão, onde a Académica estava envolvida.



démica de Coimbra, evocativa precisamente dos 20 anos da AFC.

Para o público teria grande impacto a Exposição do XX Aniversário, demonstrativa do valor dos clubes de Coimbra. Tratou-se de uma exposição de troféus, realizada na Câmara Municipal de Coimbra, cedidos gentilmente por nove clubes filiados na AFC. Ao todo foram mais de 700 objetos expostos, entre taças, bronzes, placas, estatuetas, galhardetes e muitas outras raridades, do futebol distrital e de outras modalidades, conquistadas pelos clubes que se associaram a esta nobre iniciativa. Foi publicado, inclusivamente, um catálogo da exposição de 28 páginas (foram feitos 500 exemplares, impressos na Tipografia União, que costumava colaborar com a AFC), destacando-se os seguintes objetos expostos (pelo seu valor histórico):

Anadia Futebol Clube – 24 taças e 3 galhardetes, sem taças de futebol (atletismo, ciclismo, *ping-pong*).

Associação Académica de Coimbra – 82 taças, 6 bronzes, 33 galhardetes, 1 *pass partout*, 3 salvas, 1 cinzeiro, 1 braço, 1 estatueta, 8 placas, 1 escudo, 1 corta papéis, 1 baixo-relevo e 1 *cache-pot*. Taças de várias modalidades: futebol, remo, natação, bilhar, *ping-pong*, patinagem, basquet, voley. Futebol: Taça Juvenal Barreto; Taça União Futebol Coimbra Club (1919-1925), designada por Taça Comércio de Leiria; Taça Associação Futebol de Coimbra, 1923-24, 1935-38 e 1937-38; Taça Gene-

ral Carmona; Taça Portugal 1939; Bronze Sport Lisboa e Benfica (1934); Galhardete Huíla (1937); Galhardete Clube Desportivo Ferroviário – Lourenço Marques (1938); Placa Taça de Portugal (1939).

Associação Naval 1.º de Maio – 67 taças, 1 ânfora naval, 11 bronzes, 1 salva, 1 livro de ouro, condecorações, placa, estojo, 2 retratos (Eduardo Mourinha; grupo de futebol de 1921), 2 quadros. Taças de futebol, *ping-pong*, tiro, remo, atletismo. Futebol: diversas taças sem indicação, e.g. Taça Simpatia, Taça Tomar-Figueira, Taça 1.º de Maio, Taça Alemanha, Taça Inglaterra, Taça Figueira da Foz (1934), Bronze Nazaré-Figueira, Taça da Vitória).

Atlético Clube de Coimbra – 12 taças e condecorações, mas sem indicação de taças de futebol.

Clube de F. «Os Conimbricenses» – 17 taças, 1 placa, 3 bronzes, 2 galhardetes. Atletismo, natação, ciclismo, basquetebol, luta-tração, bilhar, *ping-pong*, remo. Futebol: Taça «Os Conimbricenses», Bronze Mário Rodrigues, Bronze Inauguração do Campo do União Futebol Coimbra Clube (ainda sem data prevista).

Santa Clara Futebol Clube – 26 taças, 5 bronzes. Atletismo, sueca, malha, natação. Futebol: Taça Associação de Futebol de Coimbra (Reserva e Segunda Categoria). Várias taças sem indicações, e.g. Taça Figueira da Foz, Taça Mondego, Bronze Gazeta de Coimbra.

Sport Clube Conimbricense – 114 taças, 14 bronzes, 4 plaquetes, 1 bloco de notas, 1 colar, 14 galhardetes, 1 comenda. Atletismo, basquetebol, ciclismo (e.g. Taça Câmara Municipal do Porto-I Volta a Portugal; Taça I Circuito do Minho; Taça Olimpique-I Prémio Porto-Lisboa; Taça O Século; Taça Negativa), natação, tiro, luta greco-romana, sueca, remo, box. Futebol: Taça Associação dos Artistas de Coimbra (ferro); Taça Câmara Municipal de Coimbra; Taça Buitoni; Taça Associação de Futebol de Coimbra (1925, 1935); Taça Bombeiros Voluntários; Taça Festas da Cidade; Taça S.C.C.; Bronze Muliadas; Bronze Futebol (vários); Bronze Francisco Ferreira Júnior.

Sporting Nacional – 24 taças, 3 bronzes. Sem indicações de modalidades (e.g. Taça da Felicidade; Taça Rui; Taça 15 de Agosto). Futebol: Bronze Futebol I e Bronze Futebol II.

União Futebol Coimbra Clube – 77 taças, 7 bronzes, 2 placas, 6 galhardetes. Atletismo (e.g. Taça Francisco Lázaro, 1929), *basquet*, ciclismo (Taça Olimpique – Lisboa-Coimbra). Várias taças sem indicações (e.g. Taça Gazeta de Coimbra – 1º Porto-Coimbra, 1929; Taça Loja das Meias; Taça A Voz Desportiva; Taça Triunfo, 25 agosto 1929). Futebol: Taça Associação de Futebol de Coimbra (1935-36 a 1937-38; 1ª categoria; 2ª categoria; 19 julho 1942; Reserva 1935 a 1938).

A exposição mereceu o elogio generalizado, de clubes e público, pela sua representatividade e majes-

tosidade, dando um panorama geral dos desportos praticados no distrito e dos troféus conquistados pelos principais clubes filiados na AFC, incluindo alguns da Figueira da Foz.

Uma série só de Coimbra na II Divisão

O Campeonato Distrital (I Divisão) foi ganho, como habitualmente, pela Académica, que obteve o primeiro lugar de forma irrepreensível, sem derrotas e apenas um empate (1-1) com o segundo classificado (uma das surpresas da prova), o Anadia (cf. Santana & Mesquita, 2007, p. 97-98).

Os “estudantes” fariam igualmente uma boa campanha no Campeonato Nacional da I Divisão, alcançando o 6º lugar, ficando mesmo à frente do FC Porto (7º classificado), entre dez equipas em disputa do principal troféu nacional. Pior seria a participação na Taça de Portugal, onde a Briosa foi afastada, logo na primeira ronda, em casa do forte Belenenses por 5-0 – a equipa de Belém era fortíssima em casa, onde fez o pleno de vitórias (nove) nos jogos da I Divisão, marcando 48 golos e sofrendo somente 4. A Académica, a jogar fora, tinha mais dificuldades, perdendo cinco dos nove encontros da I Divisão (fez também duas vitórias e dois empates), com um *goal-average* negativo de 19-30.

Mas a grande novidade da temporada foi a criação, por parte da Federação, de uma série somente para os clubes de Coimbra. Pela primeira vez sete clubes de Coimbra participavam no Campeonato

Nacional da II Divisão. Para isso foi criado o Grupo B, 4ª Série, que seria ganho pelo União de Coimbra.

Com a vitória do grupo, o União de Coimbra ficou apurado para os oitavos-de-final da prova, onde o sorteio determinou que ficaria isento, passando assim à ronda seguinte. Nos quartos-de-final cruzou-se com o representante de Viseu, o Académico local, verificando-se um empate (0-0) no jogo entre

ambos, o que obrigou a jogo de desempate, que os unionistas venceram por 1-0. Nas meias-finais, novo empate (1-1) com a Sanjoanense, clube que viria a impor-se ao União no encontro de desempate, vencendo por 2-1 e afastando a equipa de Coimbra da final – na qual a Sanjoanense seria goleada pelo Barreirense por 6-1 (clube que assim subiu à I Divisão).

O União faria ainda o apuramento para a fase final da Taça de Portugal, enfrentando o representante do Porto, o Leça FC. Novamente um empate (0-0) no primeiro jogo, sofrendo uma goleada em Matosinhos por 7-1, no desempate – o Leça seria depois eliminado nos oitavos-de-final da Taça pelo Barreirense (4-2).

Sabia que... Apelo à disciplina no futebol... no dia 20 de outubro de 1942 foram mandados distribuir pelos campos de futebol de Coimbra e do resto do País mais de 6 mil panfletos dedicados ao tema “Disciplina e Desporto”.

Quadro 1. Campeonato Nacional II Divisão, Grupo B – 4ª Série

Classificação	Clubes	Pontos
1	União de Coimbra	21
2	Associação Naval 1º de Maio	18
3	Associação Académica de Coimbra (Reservas)	16
4	Lusitânia DC	13
5	Santa Clara FC	7
6	FC do Calhabé	7
7	SC Conimbricense	2



Stadium

N.º 2419 de Maio de 1983

Benfica venceu uma das suas maiores
e mais belas vitórias no jogo de
Coimbra. Primeiro tempo. Coimbre
Ficou ali a aguardar os portões
abrir-se e os golos que se seguiriam.
Foto: Vasco G. Almeida

Coimbra recebeu
o SL Benfica que se
sagrou campeão nacional
nesta temporada.

Cronologia

1942
43

1942

Setembro

O Governo publicou o Decreto-Lei nº 32341 que criava a Direção-Geral de Educação Física, Desporto e Saúde Escolar, para intervir diretamente no desporto, defendendo o paradigma do amadorismo.

A Mocidade Portuguesa passou a ter uma ação direta na atividade desportiva dos jovens portugueses, sobretudo assente no princípio da disciplina social.

O futebol é afetado pelas mudanças governamentais para o desporto, com implicações no futebol júnior.

Outubro

A seleção do Porto bateu Coimbra por 4-3, no âmbito das comemorações do 20º aniversário da AFC.

Semana (dias 19 a 25) das "Festas do XX Aniversário" da AFC. Destacou-se a Exposição de Troféus na Câmara Municipal de Coimbra.

1942

Dezembro

O Delegado do FC Calhabé mereceu um voto de louvor, por parte da Direção da AFC, por proibir os seus jogadores de discutirem qualquer decisão do árbitro dentro do terreno de jogo.

1943

Janeiro

Formação da Comissão Distrital de Árbitros de Coimbra.

Os clubes da Figueira da Foz continuam a filiar-se na AFC, alguns deles a meio da época, como o Sporting Clube Figueirense, o que dificultava a sua inclusão nas provas.

Fevereiro

A imprensa de Coimbra deu enorme destaque aos famosos 12-2 do SL Benfica ao FC Porto, no Campo Grande, a contar para a I Divisão. Os benfiquistas seriam campeões nacionais, enquanto os portistas acabaram num modesto 7º lugar, logo atrás da Académica (6º lugar).

363

Abril

Realização de mais um Viseu-Coimbra entre seleções distritais, com vitória fora de Coimbra por 5-2.

Maiο

O único representante de Coimbra na Taça de Portugal, a Académica, saiu na primeira ronda, eliminada em casa do Belenenses por claros 5-0.

Junho

A AFC e a congénere de Vigo pretendiam organizar o I Coimbra-Vigo entre seleções, mas não foi possível devido ao adiantado do calendário futebolístico.

Final da Taça de Portugal entre SL Benfica e Vitória de Setúbal, com vitória encarnada por 5-1, em mais uma final disputada em Lisboa. Desde a final do Campeonato de Portugal de 1936-37, disputada em Coimbra, que Lisboa era sempre o palco das finais da prova nacional que fechava a época.

Competições

1942
43

364

PROVA	CAMPEÃO
Campeonato Distrital - 1. ^a divisão	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital - 2. ^a divisão	Santa Clara Futebol Clube
Campeonato da I Divisão - Reservas	Associação Académica de Coimbra

Nota: sem registo de outras competições distritais oficiais.

Foi um dos melhores marcadores do campeonato distrital de Coimbra de 1942-43, organizado pela AFC, com a camisola da Associação Académica de Coimbra, onde jogou entre outubro de 1936 e dezembro de 1945. O ponto alto da carreira deste avançado (jogava a interior-esquerdo) foi a conquista da primeira edição da Taça de Portugal, em 1939. A sua grande época valeu-lhe a convocatória para a Seleção Nacional em janeiro de 1940, mas não chegou a estreiar-se no jogo particular em Paris contra a França (cf. Santana & Mesquita, 2007, p. 99).

Apesar disso, "Nini" seria homenageado pela AFC na AG Extraordinária de 16 de dezembro de 1940, em que se aprovou uma proposta da Direção "no sentido de que sejam inauguradas, no seu gabinete, as fotografias dos jogadores José da Silva, Fernando Alves, Alberto Gomes e António Pereira da Conceição", os quais "tão brilhantemente representaram o País em jogos internacionais" – a proposta foi aprovada por aclamação.

Licenciado em Farmácia pela Universidade de Coimbra e com uma longa carreira como jogador da Académica (marcador de mais de uma centena de golos e reconhecido pelo seu desportivismo), foi um dos nomes propostos (e aprovados) para Sócio de Mérito da AFC, na AG Ordinária de 31 de julho de 1954.

António Pereira da Conceição, "Nini"



Época 1943
44

Taça, em dose dupla

Académica e União brilharam na Taça, na primeira vez juntas nesta competição. Unidas também estiveram a AFC e a Confederação dos Desportos de Coimbra, em prol do desenvolvimento do desporto distrital. E tudo isto sob o olhar do Regime, que cada vez mais se imiscuía no futebol.

Ambição antiga do futebol português. Nos congressos dos clubes desportivos e do futebol em 1933 e 1938 (pelo cinquentenário do futebol luso) foi transversal o mesmo sonho: a criação de um Estádio Nacional, à escala dos grandes estádios construídos por Mussolini para o Mundial de 1934 ou do Estádio Olímpico de Berlim-1936 – ambos casos como espaços arquitetónicos de consagração de um regime (fascista) e de propaganda de uma raça (ariana) e dos seus líderes (Mussolini e Hitler, respetivamente).

Salazar havia prometido o estádio nos anos 30 (no congresso dos clubes, em 1933), o qual seria inaugurado na época 1943-44, mais precisamente no Dia de Portugal, a 10 de junho de 1944, no Vale do Jamor, em Lisboa – numa altura em que a Europa vivia os primeiros momentos do Dia D, com o desembarque das tropas aliadas na Normandia a 6 de junho. A Europa em guerra e Portugal em festa na inauguração do Estádio Nacional, com a presença de Salazar e dos mais altos dignatários do Estado autoritário português.

Coimbra, tal como todas as regiões e distritos do País, também se fez representar por clubes e atletas, numa cerimónia de apologia ao regime fascista português que durou mais de três horas, com diversos desfiles e provas desportivas, levadas a cabo por representações regionais e a Mocidade Portuguesa, seguidos de discursos e aclamações aos líderes da Nação. Juntou mais de 80 mil pessoas, num evento desportivo único até então e em que se enfrentaram (em jogo de exibição) o campeão nacional Sporting

CP e o vencedor da Taça de Portugal, o SL Benfica. Para assinalar o momento, a FPF mandou fazer a Taça Império e o Governo a Taça Estádio, ambas atribuídas ao vencedor, que seria o Sporting CP por 3-2 – o primeiro golo da inauguração foi apontado pelo sportinguista Fernando Peyroteo, um dos “cinco violinos” do magnífico Sporting dos anos 40, dominador nesta temporada do Campeonato Nacional da I Divisão.

Taça de Portugal, em boa dose dupla para Coimbra

Passados cinco anos do início da Taça de Portugal, em que a Académica de Coimbra se impôs ao SL Benfica na final inaugural de 1938-39, nenhum clube de Coimbra tinha conseguido chegar novamente a fases avançadas da prova. Aliás, unicamente a Académica tinha participado na competição até esta época, dada a sua condição de equipa da I Divisão – com lugar reservado, por inerência, na primeira ronda da Taça de Portugal, como determinavam os regulamentos, numa prática herdada do Campeonato de Portugal.

Em 1943-44, além da Académica, a primeira eliminatória (oitavos-de-final) da Taça de Portugal iria contar também com o União de Coimbra, mercê da sua boa prestação no Campeonato Nacional da II Divisão, onde atingiu as meias-finais, o que lhe deu acesso a disputar a Taça. Coimbra contava, assim, pela primeira vez na história da prova, com duas equipas. A competição retomou o seu formato origi-

nal, que determinava eliminatórias a duas mãos, uma em casa de cada clube. Porém, esse não seria o caso da Académica, que devido a uma tentativa de invasão de campo (como reação à expulsão um jogador academista, Faustino), durante um jogo da I Divisão contra o SL Benfica, foi sancionada com um ano de interdição do Campo de Santa Cruz, em Coimbra – para a Taça de Portugal desta época, a Académica viria a jogar no Estádio do Fontelo, em Viseu.

Na primeira ronda da Taça de Portugal, a Académica goleou (6-2 e 7-1) o Salgueiros (que tinha acabado a I Divisão em último lugar, logo a seguir à Briosa, penúltima), enquanto o União teve mais dificuldades com o Olhanense (5º classificado da I Divisão), superando os algarvios por somente um golo de diferença: 4-0 em casa e derrota por 3-0 no Algarve. Assim, ambos clubes de Coimbra apuravam-se para os quartos-de-final, para gáudio dos adeptos e da imprensa regional. A AFC congratulou-se com o feito (único até então) dos seus dois filiados – viria mesmo a atribuir um “voto de louvor” a ambos clubes pela excelente prestação que teriam na prova.

Seguiram-se os quartos-de-final. A Académica começou bem com um 3-1 em casa (Viseu) frente ao Vitória FC, de Setúbal, finalista derrotado da edição anterior e 7º classificado da I Divisão desta temporada. Mas em Setúbal, os sadinos responderam com o mesmo resultado (3-1), obrigando a encontro de desempate. Lisboa seria o palco do jogo decisivo, com os “estudantes” a vencerem por 3-0, numa partida que teve cinco jogadores setubalenses expulsos, não chegando ao fim dos 90 minutos. O União enfrentou

os minhotos do Vitória SC de Guimarães, que tinha ficado no 8º lugar na I Divisão. Mais fortes, os vitorianos impuseram-se em casa com uma goleada por 7-1 (em Coimbra, o União não foi além de um empate 1-1). O União ficava assim pelo caminho, mas elogiado unanimemente pela boa prestação na sua primeira participação na Taça de Portugal.

O sorteio determinou que a Académica, que voltava às meias-finais da Taça, enfrentasse o poderoso SL Benfica, vice-campeão nacional da I Divisão. E em Lisboa os benfiquistas demonstraram o seu favoritismo, vencendo por 6-1. Em casa empestada, no Fontelo (Viseu), a Briosa não foi além do 1-1, ficando assim arredada da final (que seria ganha pelo SL Benfica por 8-0 frente ao Estoril).

União nas meias-finais da II Divisão

Quanto às prestações dos clubes de Coimbra nas outras provas nacionais, a Académica teve uma época complicada, com várias interdições do seu campo (Santa Cruz), derivado de sanções federativas por alegados atos de indisciplina. Terminou o Campeonato Nacional da I Divisão em penúltimo lugar (9º), somente à frente do Salgueiros. Os “estudantes” conseguiram, somente, três vitórias em 18 encontros, sofrendo 15 derrotas (sete em casa e oito fora). Salvou-se, em toda a época, a vitória caseira sobre os salgueiristas por 9-4.

Relativamente ao Campeonato Nacional da II Divisão, mais uma vez teria um grupo com as equi-



O único representante de Coimbra na I Divisão teve uma temporada complicada, ficando em penúltimo lugar na prova. Os jogos da Académica contra o SL Benfica saldaram-se com vitórias lisboetas (2-1 e 4-1).

pas de Coimbra, mais precisamente o Grupo B, 4ª Série, que seria dominado pelo União de Coimbra, que se impôs ao Lusitânia (2º), Naval (3º), Anadia FC (4º) e SC Conimbricense (5º). O primeiro lugar permitiu ao União passar à ronda seguinte, feita em eliminatórias de jogo único. Cruzaram-se o vencedor de Coimbra com o de Aveiro, impondo-se o União ao Espinho por 4-1. Seguiu-se o vencedor de Viseu, o Académico local, que viria a sucumbir ao União por 2-0. Já nos quartos-de-final, os unionistas impuseram-se à Sanjoanense por 2-0, atingindo as meias-finais da II Divisão. Mas o SC Vila Real mostrou-se mais forte na semifinal, batendo o União por 5-3 – na final, os transmontanos viriam a sucumbir perante o Estoril por 3-2 (estorilistas que chegariam à final da Taça).

Em termos de competições internas da AFC, na prova rainha, o Campeonato Distrital da I Divisão, a Académica voltaria a impor-se de forma clara, novamente só com vitórias e com muitas goleadas. Era evidente o desnível competitivo entre a Briosa e os restantes clubes do distrito, chegando a goleadas humilhantes de 12-1. Este desnível, claramente, preocupava a Direção da AFC, apostada em melhorar os níveis competitivos dos clubes, no seu todo. Nesta altura, a Figueira da Foz, com exceção da Naval 1º de Maio (a militar na II Divisão), tinha perdido algum do fulgor das décadas anteriores, embora mantivesse clubes com boas dinâmicas nas provas da AFC, como o Sporting Clube Figueirense e o Ginásio Clube Figueirense, com prestações aceitáveis no Campeonato Distrital da II Divisão.

A mão invisível do Estado

Nesta temporada, a Académica seria alvo de várias interdições do seu campo (Santa Cruz) por alegados casos de indisciplina, quer de jogadores quer do público. Uma das suspensões foi exemplar, chegando a um ano. A Federação estava com “mão dura” nestes casos, baseando as suas decisões nos relatórios dos árbitros. A ação federativa era, nesta altura, fiscalizada por um órgão superior, a recém-criada Direção-Geral de Educação Física, Desporto e Saúde Escolar (DGEFDSE), que passou a subentender todas as federações desportivas e por consequência as associações distritais e clubes.

A própria AFC passou a ser obrigada a enviar para esta Direção-Geral (que passou a ter delegação em Coimbra) os seus comunicados oficiais, assim como a correspondência relevante com os clubes, as filiações e desfiliações dos mesmos. Criou inclusivamente secções internas de análise de documentação da AFC, merecendo menção a secção “Castigos-Coimbra”, envolvendo questões disciplinares em jogos de clubes integrantes da AFC. Essa documentação integrava boletins de jogos e documentação relativa a castigos, com documentos da AFC, FPF e da DGEFDSE – documentação arquivada na “Caixa 04/34-Pasta 34 – 1943/1944”. Cada associação distrital de futebol tinha a sua respetiva “caixa”, com os respetivos pareceres internos.

Em 1943 viria a merecer especial interesse pela DGEFDSE um registo feito a 16 de maio, relativo a documentação (“processo”) sobre o jogo Académica-

-Benfica, com relato de alguns incidentes durante o encontro, que era considerado “decisivo”. Através destes relatos a Direção-Geral fazia as suas análises internas e questionava, muitas vezes, a FPF pelos procedimentos tomados – era, evidentemente, uma forma de pressionar este órgão federativo a tomar medidas de controlo da indisciplina nos campos de futebol, situações que davam uma imagem de desordem num País (regime) que pretendia ser exemplo de ordem e disciplina em todos os quadrantes sociais.

Confederação dos Desportos na casa da AFC

Desde o início dos anos 40 que se sentia em Coimbra a necessidade de formar um organismo distrital que agregasse as várias modalidades desportivas, na altura denominadas de “desportos pobres”, numa espécie de comparação com o desporto “rico”, o futebol. E desde logo a AFC apoiou a ideia, disponibilizando a sua sede para acolher o novo organismo. Seria criada uma comissão de delegados dos princi-

pais clubes da cidade, em articulação com o jornal desportivo *A Voz Desportiva*, de forma a avançar com um organismo do desporto distrital, tendo as reuniões para a sua constituição sido realizadas na sede da AFC.

Foi precisamente na sede da AFC, em abril de 1941, que viria a surgir a Confederação dos Desportos de Coimbra, juntando 16 clubes. A sua sede provisória e serviços administrativos seriam localizados na sede da AFC, que disponibilizou um espaço para o efeito, num ato muito elogiado pelo movimento desportivo distrital.

Em agosto de 1943, com a criação de legislação no âmbito da DGEFDSE, nomeadamente ao nível das “organizações desportivas” (e da sua hierarquia em Portugal), a Confederação seria obrigada a reformular os seus estatutos, passando a designar-se Associação dos Desportos de Coimbra, mantendo na mesma a sua dinâmica de promoção do desporto distrital, principalmente na articulação entre o eixo geográfico de Coimbra e Figueira da Foz. Novamente este processo seria apoiado pela Direção da AFC, que reconhecia o mérito desta instituição no

desenvolvimento do desporto distrital, especialmente ao nível do andebol, atletismo, basquetebol, nataçãõ, patinagem, ténis de mesa e voleibol (numa açãõ que se iria prolongar ao longo da segunda metade do século XX).

Sabia que... O futebol era considerado “o único desporto rico” em Portugal (e os outros “desportos pobres”), devido à sua popularidade e elevadas receitas.

Cronologia

1943
44

1943

Agosto

Publicação do Regulamento da Direção-Geral de Educação Física, Desporto e Saúde Escolar, que passa a supervisionar todas as federações desportivas, incluindo o futebol e a própria AFC.

Outubro

A Comissão Distrital de Árbitros da AFC continua a aplicar castigos aos árbitros que não cumprem os regulamentos. O árbitro Sérgio Nogueira foi suspenso dois meses por “não ter entregue no prazo marcado o seu cartão de identidade.” E um mês de suspensão a António Sêco por faltar a um jogo como “juiz de linha”.

Novembro

O FC Porto e a Académica de Coimbra vencem os respetivos campeonatos distritais (I Divisão) de forma clara, contando por vitórias (e algumas goleadas) todos os jogos realizados.

1943

Dezembro

A Figueira da Foz continuava a ser o segundo meio futebolístico do distrito, com clubes nas provas nacionais (Naval) e distritais (Sporting Figueirense e Ginásio Figueirense).

1944

Janeiro

A Comissão Distrital de Árbitros de Coimbra louva o árbitro local Evaristo de Menezes, pela "maneira como agiu no jogo da I Divisão do Campeonato Nacional". Esta Comissão tinha um papel bastante ativo na organização da arbitragem no seio da AFC.

Maio

O Campeonato Nacional de Juniores envolveu oito campeões distritais, incluindo Coimbra. Venceu o representante de Lisboa, o SL Benfica, por 3-1, na final contra o FC Porto.

O União de Coimbra atinge os quartos-de-final da Taça de Portugal, na sua primeira participação na prova.

Junho

Inauguração dia 10 do Estádio Nacional, onde estiveram representados todos os distritos, através de clubes e atletas, incluindo Coimbra.

A Académica chega novamente às meias-finais da Taça de Portugal, afastada pelo SL Benfica, que viria a vencer a Taça.

Julho

A FPF promove o primeiro curso de treinadores de futebol, que gerou muita expectativa entre a classe, clubes e entre as associações distritais (ávidas de cursos de especialização que melhorassem o futebol português).

Competições

1943
44

PROVA	CAMPEÃO
Campeonato Distrital - 1.ª divisão	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital - 2.ª divisão (1.ªs categorias)	Clube Futebol Calhabé
Campeonato Distrital - 3.ª divisão (Reservas)	Sporting Nacional
Campeonato Distrital - Reservas	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital - Juniores	Associação Académica de Coimbra

alma Nacional

NÚMERO EXTRAORDINÁRIO

ESTÁDIO



NACIONAL

Inauguração
do Estádio Nacional,
a 10 de junho de 1944.

A imprensa de Coimbra
acompanhou o momento,
com o novo recinto
a ser o exemplo a seguir
a nível regional.

Época 1944
45

Ressurgimento da Figueira

Fim da guerra na Europa, num tempo em que o futebol está em expansão em Portugal. Coimbra começa a lidar com a ingerência do Governo fascista no futebol regional, receoso da sua popularização e do profissionalismo. A arbitragem continua com “mão de ferro” e a Figueira ressurgiu com uma boa época das suas principais equipas.

Esta temporada viu finalizar a Segunda Guerra Mundial, que assolou o mundo e a Europa entre 1939 e 1945. O fim do conflito abriu novamente espaço aos encontros internacionais entre seleções e clubes, principalmente com países neutrais (que tinham conseguido manter o seu futebol em atividade). Mas a manutenção de um regime fascista em Portugal, tal como o congénere espanhol, não impulsionaria os contatos internacionais com uma Europa (democrática) que tinha acabado de se livrar dos regimes fascistas italiano e alemão. E o regime português, através do seu órgão de supervisão do desporto, a Direção-Geral dos Desportos (DGEFDSE), teimava em impedir o processo de profissionalismo do futebol, vivendo num amadorismo encapotado, denunciado constantemente por figuras como Cândido de Oliveira, que tinha estado preso no Tarrafal acusado de espionagem para os ingleses.

A Direção-Geral dos Desportos, na linha das épocas anteriores, iria manter uma supervisão apertada sobre o futebol, principalmente na salvaguarda dos princípios do amadorismo (temia-se o profissionalismo pelo que o mesmo significava para a criação de uma associação de classe entre os futebolistas e treinadores) e do poder dos clubes, em detrimento dos jogadores. As associações distritais de futebol continuaram a ser monitorizadas por este organismo, bem como a própria Federação. Quer a nível nacional, quer regional, o futebol continuava a expandir-se e a popularizar-se, fenómenos nem sempre compreendidos pelas elites polí-

ticas portuguesas – daí a necessidade de controlar o fenómeno.

No caso da AFC, os comunicados oficiais distribuídos aos clubes eram igualmente enviados à DGEFDSE, que acompanhava assim (através da sua delegação distrital) a relação e a informação trocada entre clubes e Associação. Nesta temporada iriam sobressair dois processos. O primeiro deles seria aberto no defeso de 1944, na altura do verão, quando a Associação Académica, com o apoio da Reitoria da Universidade de Coimbra, fizeram um pedido especial à DGEFDSE para autorizar a contratação de um treinador inglês, pedido esse deferido – porém, nunca foi efetivado, mantendo o clube um treinador português. E em outubro, por nomeação governamental da DGEFDSE, foi constituída a Comissão Distrital de Árbitros de Futebol de Coimbra, o que gerou algum incómodo interno, devido à ingerência deste organismo oficial na vida da AFC.

Arbitragem com “mão de ferro”

A Comissão Distrital de Árbitros de Coimbra tinha ganho nova dimensão em janeiro de 1943, quando o delegado da Comissão Central de Árbitros da Federação Portuguesa de Futebol deu posse aos novos elementos da mesma (num misto entre os corpos gerentes da AFC e do Colégio de Árbitros de Coimbra). A sua função era regular todas as atividades dos árbitros e “juizes de linha” dos jogos oficiais da AFC, em todas as competições e categorias, desde

nomeações a castigos. Neste período foram regulares os castigos aos árbitros, sobretudo por ausência nos jogos ou por incumprimentos dos regulamentos. E com “mão pesada”, aplicando por vezes sanções de vários meses sem arbitrar. Também era apertado o crivo de escolha dos árbitros, eliminando candidatos por falta de capacidade interpretativa das regras do futebol ou por faltarem a sessões de formação. Mas os castigos mais pesados iam para as faltas a convocatórias de jogos, que podiam ir de 15 dias de suspensão a vários meses, assim como a ofícios que os árbitros muitas vezes mandavam à Comissão, discordando das decisões da mesma – o que desagradava profundamente a Comissão Distrital, chegando a dar dois meses de suspensão, em alguns casos.

A grande preocupação deste organismo, que regulava a arbitragem em Coimbra, era disciplinar os árbitros, de forma a ganhar a credibilidade do meio futebolístico, sempre muito avesso aos mesmos. A melhoria dos “prémios” (remuneração) da arbitragem era outra preocupação constante, com o claro objetivo de encontrar melhores candidatos a árbitros e incentivar a responsabilidade dos existentes. E em alguns casos a Comissão chegava a fazer votos de louvor aos árbitros, sobretudo os que apitavam nos Campeonatos Nacionais da I e II Divisão, mais expostos a críticas de foro nacional, com o que disso advinha para a imagem da AFC no contexto nacional. Assim, neste período e nos anos seguintes, a sua ação seria supervisionada pela DGEFDSE, que estaria sempre presente nos atos de posse das Comissões Distritais de Árbitros.

Provas internas AFC

A grande novidade desta temporada foi a criação da Taça AFC, em dezembro de 1944, com a Direção do organismo a decidir que a mesma seria disputada pelas equipas de Reservas da 1ª Divisão Distrital e as categorias de Honra da II Divisão E o vencedor teria direito a uma Taça com o nome da Associação.

Na altura em que a AFC decidiu a organização desta nova competição já a época ia a meio. Tinha arrancado em meados de setembro, com a abertura do Campeonato Distrital da I Divisão da AFC, em que participavam a Académica (detentora do título), o União, o Lusitânia, a Naval, o Anadia e o Sport Conimbricense. E o Campeonato Distrital da II Divisão integrava o Calhabé, o Nacional, o Ginásio e o Sporting Clube Figueirense.

O escalão principal (I Divisão) seria disputado como há anos não se via, entre o crónico vencedor (Académica) e o eterno rival (União) – recordemos que o seu vencedor tinha entrada direta no Campeonato Nacional da I Divisão, como representante de Coimbra. Os “estudantes” não perderam nenhum jogo, mas concederam um empate com o União no Campo da Arregaça, o que permitiu sonhar aos unionistas. Ambas equipas encontraram-se na antepenúltima jornada, em Santa Cruz, e uma vitória do União abria caminho ao sonho de estar na I Divisão. Porém, a Briosa não tremeu e venceu por um escasso (mas suficiente) 1-0, sagrando-se novamente campeão de Coimbra.

Lance magnífico de futebol em 1945. Cada vez mais entusiasmava multidões, um pouco por todo o País.



Também difícil foi a participação da Académica na I Divisão nacional, terminando a competição de 1944-45 em penúltimo lugar, somente à frente do “lanterna vermelha” Salgueiros – ambos repetiam os últimos lugares da época anterior. E a prestação dos “estudantes” foi preocupante, com 13 derrotas nos 18 encontros realizados, marcando 33 golos e sofrendo 65. Para a história da Académica ficou somente a vitória fora (a única) sobre o FC Porto (4º classificado), por 4-2, num triunfo sem contestação, como referiu o jornal lisboeta *Os Sports*. E a participação na Taça de Portugal não seria igualmente famosa, afastada na primeira ronda pelo Boavista (2-2 e 3-1), numa prova dominada pelo Sporting CP, que venceu na final o Olhanense por 1-0. Lisboa dominava assim as duas principais provas nacionais, já que o rival SL Benfica tinha ganho o Nacional da I Divisão.

Quanto à II Divisão, os clubes de Coimbra ficaram distribuídos por três séries do Grupo B, com prestações bastante diversas. O União de Coimbra, enquadrado na Série 5, ficou em 2º lugar, atrás da UD Oliveirense. Na Série 6, o Anadia FC ficou em 4º lugar. E na Série 7, a Naval venceu o grupo, superando o SC Conimbricense, segundo classificado. Mas a prova seria dominada por clubes da Capital, com o Atlético a bater na final o Unidos de Lisboa por 2-0.

Uma renovada Figueira da Foz

Após um período de menor apogeu no futebol distrital, a Figueira da Foz recuperou alguma da sua

preponderância. Em novembro de 1944, a Associação Naval 1º de Maio sagrou-se campeã do Campeonato de Reservas da AFC, batendo o Sport Conimbricense por 3-0. Era a primeira vez que este título de campeão distrital deixava de estar na posse de clubes de Coimbra, passando para a Figueira da Foz. Pelo seu valor e feito histórico, este foi o onze habitual da Naval: Henrique Pinto; Fausto e Campos; Lé, Carriço e Marreta; Biscaia, Covão, Laranja, Ferreira Simões e Domingues II.

Apesar deste resultado, a Figueira da Foz apresentava ainda fortes lacunas em termos de condições dos campos de futebol. O principal recinto, o Campo da Mata, continuava sem balneários condignos, obrigando os jogadores a atravessar as ruas da cidade, muitas vezes todos molhados e enlameados, a caminho dos balneários dos respetivos clubes. Os terrenos de jogo mantinham-se pelados e sem balneários, num claro exemplo do atraso estrutural do futebol português nos anos 40. Mas estas condições não demoviam a visita de clubes à cidade, atraídos pelo mar e o casino. Em dezembro, no período do Natal, a convite de clubes locais, o Vitória FC de Setúbal (equipa da I Divisão) realizou um jogo amigável na Figueira da Foz com a Associação Naval 1º de Maio, com as receitas a reverterem para a instituição de beneficência “Socorro de Inverno” (apoio à luta contra a pobreza).

Poucos meses depois, novamente um clube da Figueira em destaque. Em fevereiro de 1945, o Sporting Clube Figueirense venceu o Campeonato Distrital da II Divisão da AFC, superiorizando-se na final

ao Calhabé. A prova teve duas séries, uma em Coimbra (ganha pelo Calhabé) e outra na Figueira da Foz (conquistada pelo Sporting CF), seguindo-se uma final a duas mãos. Em Coimbra, o Calhabé perdeu em casa por 0-2, com os figueirenses a voltarem a vencer, na Figueira da Foz, por 4-1, numa clara demonstração de superioridade.

O Sporting Figueirense ficou, assim, apurado para a eliminatória de passagem de Divisão, realizada entre o último classificado da Divisão de Honra e o vencedor da II Divisão, respetivamente o Anadia FC e o Sporting Figueirense. No primeiro encontro, na Figueira da Foz, o Sporting venceu por 5-4, mas no jogo de volta o Anadia goleou por 5-1.

Em termos de campeonatos distritais das séries da Figueira, o dominador nesta temporada, nas 1.^{as} categorias e Reservas, seria a Associação Naval 1º de Maio, em ambas categorias. Em ambos casos, a Naval superiorizou-se ao Ginásio Clube Figueirense (2º classificado) e ao Sporting Clube Figueirense (3º). A Naval também iria conseguir chegar à final do Campeonato Distrital de Juniores, em abril de 1945, perdendo a mesma para o SC Conimbricense por 5-0, em partida realizada no Campo de Santa Cruz, em Coimbra. Mas claramente notou-se, nesta temporada, um ressurgir da Figueira no contexto do futebol distrital.

Sabia que... No verão de 1944, a Académica e a Reitoria da Universidade de Coimbra fizeram um pedido especial à Direção-Geral dos Desportos, para autorizar a contratação de um treinador inglês. O pedido foi deferido, mas o clube acabaria por optar por um português.

Cronologia

1944
45

1944

- Setembro** Início da nova época, com a abertura do Campeonato Distrital da I Divisão da AFC.
- Outubro** É nomeada a nova Comissão Distrital de Árbitros de Coimbra pela Direção-Geral dos Desportos (DGEFDSE), em articulação com a AFC.
- Novembro** A Associação Naval 1º de Maio sagrou-se campeã do Campeonato de Reservas da AFC, batendo o Sport Conimbricense por 3-0.
- Dezembro** É criada uma nova Taça AFC, para as equipas de Reservas da 1ª Divisão Distrital e as categorias de Honra da II Divisão. O vencedor teria direito a um troféu com o nome da AFC.

1945

Fevereiro

O Sporting Clube Figueirense vence o Campeonato Distrital da II Divisão, superiorizando-se na final ao Calhabé.

Março

Terminavam os campeonatos distritais das séries da Figueira da Foz.

Abril

Disputa-se a Taça AFC com séries locais, para evitar custos acrescidos às equipas.

Disputa do Campeonato Distrital de Juniores, com a final a enfrentar, no Campo de Santa Cruz, em Coimbra, a Naval e o Sport Conimbricense, vencendo os coimbrenses por 5-0.

Junho

Os castigos da AFC aos jogadores e dirigentes passam a ser feitos em jogos oficiais de suspensão e não em dias, como sucedia até então.

Competições

1944
45

PROVA	CAMPEÃO
Campeonato Distrital - 1.º divisão	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital - 2.º divisão (1.ªs categorias)	Sporting Clube Figueirense
Campeonato Distrital - 2.º divisão (Reservas)	Sporting Clube Figueirense
Campeonato Distrital - Reservas	Associação Naval 1º de Maio
Campeonato Distrital - Juniores	Sport Clube Conimbricense
Taça AFC - Reservas	Associação Académica de Coimbra

Cartaz de divulgação da Taça AFC na Figueira da Foz.

FUTEBOL

Campo da Mata • Figueira da Foz

— TAÇA -ASSOCIAÇÃO FUTEBOL COIMBRA—

ÀS 14 HORAS

GINÁSIO - FONTELA

(HONRA)

ÀS 16 HORAS

NAVAL-SPORTING

(HONRA)

DOMINGO
22
de Abril de
1945

Preço único: 1\$50

Árbitros da A. F. C.

Época 1945
46

O União (quase) fez história

Grande campanha do União de Coimbra na principal prova distrital, em que ameaçou a hegemonia da Académica, e no Nacional da II Divisão, onde esteve na *poule* final pelo título. Em Coimbra, a indisciplina nos campos de futebol teimava em não desaparecer, apesar dos duros castigos, numa época em que a AFC voltou a mudar de sede, mas no mesmo edifício.

Esta temporada foi diferente, quer em termos nacionais quer mesmo a nível distrital de Coimbra. A época entrou para os anais de história do futebol português pela vitória do Belenenses no Campeonato Nacional da I Divisão. Uma exceção em todo o século XX à hegemonia dos “três grandes”, SL Benfica, FC Porto e Sporting CP. O “quarto grande” desta altura surpreendeu e sagrou-se campeão nacional, demonstrando que clubes intermédios (embora neste período a equipa de Belém apresentasse um forte potencial e títulos, como os três Campeonatos de Portugal e uma Taça de Portugal) podiam ganhar aos “grandes”. O próprio Atlético Clube de Portugal quase surpreendeu na Taça de Portugal, somente superado na final pelo Sporting CP, que venceu por 4-2. A época foi, assim, propícia a surpresas, quer no panorama nacional quer mesmo no que viria a ser a escala regional de Coimbra.

Coimbra na luta pela II Divisão

Como habitualmente, o apuramento para as competições nacionais realizou-se através do Campeonato de Distrital da I Divisão da AFC, em 1.^{as} categorias. Esta competição era, nesta altura, marcada por grandes desequilíbrios qualitativos entre determinados emparelhamentos de equipas:

1. A Académica (o “eterno” campeão) e o União de Coimbra (o “eterno segundo”, mas cada vez

mais forte) partiam com clara vantagem sobre os outros;

2. Num segundo patamar, Naval e Anadia, mais fracas que os primeiros, mas mais fortes do que os outros;
3. E, por último, Lusitânia e Sport Clube Conimbricense, claramente as equipas mais modestas que praticamente só aspiravam a tentar vencer o “minicampeonato” do penúltimo lugar, evitando a desonra de ficar em último e ter de lutar com a equipa da Divisão inferior para a manutenção.

A classificação final da época de 1945-46 confirmaria este cenário, numa altura em que a vitória valia três pontos, o empate dois e a derrota um.

A Académica, contrariamente ao que sucedera noutras épocas, não terminou o Campeonato só com vitórias, tendo perdido um jogo contra o União (e logo por 5-1, em Santa Cruz), que por sua vez perdeu um jogo contra a Naval (que lhe custou o título e uma enorme polémica). Todos os outros resultados tiveram o desfecho esperado. Realmente inesperado, quando já os “estudantes” estavam receosos de não alcançar o título e ficar de fora do Nacional da I Divisão (por primeira vez), foi a derrota do União na deslocação à Figueira da Foz, a 11 de novembro de 1945. Era a penúltima jornada e os unionistas estavam confiantes, uma vez que na primeira volta haviam goleado a Naval por 10-2 na Arregaça. A euforia era muita entre os adeptos do União, que viam uma forte possibilidade de participar na principal prova nacional

Quadro 1. Classificação do Campeonato Distrital da I Divisão (1.^{as} categorias) da AFC

CL		V	E	D	Pontos	GM-GS
1	Académica de Coimbra	9	0	1	28	69-11
2	União de Coimbra	8	0	2	26	84-11
3	Naval 1º de Maio	6	0	4	22	20-35
4	Anadia FC	3	1	6	17	22-47
5	Lusitânia DC	2	0	8	14	15-59
6	Sport C. Conimbricense	1	1	8	13	7-54

e deixar de fora os eternos rivais da Académica. Porém, a Naval deu a surpresa e venceu por 2-1, para gáudio dos “estudantes”, com as suas três claques (“Os Fabianos”, “Os Goelas” e “Os Pindéricos da Borracha”) a fazerem a festa assim que a notícia se soube em Coimbra.

Mas a polémica continuou, com o União a protestar o jogo junto da AFC, alegando o Campo da Mata (na Figueira) não possuir as medidas regulamentares. Numa primeira instância a AFC deu razão ao União, mas o caso seguiu para a Federação, que indeferiu o pedido, justificando que qualquer reclamação deveria ter sido feita ao árbitro no início do encontro (cf. Santana & Mesquita, 2007, p. 111). A Académica seguiu, assim, como campeão de Coimbra, para a disputa do Campeonato Nacional da I Divisão, enquanto o União, na condição de vice-campeão, disputaria a II Divisão.

Porém, o que ressaltou desta brilhante disputa do Campeonato Distrital e da campanha do União foi o enorme diferencial no número de golos, com os unionistas a terminarem a prova com um incrível registo de 8,4 golos marcados por jogo. Na verdade, a maior parte dos mesmos seriam marcados nas primeiras seis jornadas do Campeonato, onde a equipa unionista venceu e goleou em todos os jogos: 12-2 Lusitânia (casa); 5-1 Académica (fora); 10-2 Naval (casa); 8-0 Sport (casa); 9-0 Anadia (fora); 19-0 Lusitânia (fora). Este impressionante registo só não significou o título ao União pelas derrotas sofridas na segunda volta, com Académica (3-0) e Naval (2-1).

Finalizado o Distrital, como referimos, os representantes de Coimbra passaram para os nacionais. No Grupo B, Série 5, do Campeonato Nacional da II Divisão, o União cilindrou a oposição, conquistando oito vitórias em igual número de jogos contra Sanjoa-

nense, Académico de Viseu, Beira-Mar e SL Viseu, mantendo igualmente a “veia goleadora”, com 36 golos marcados (média superior a quatro golos por jogo). No Grupo B, Série 6, ficariam as restantes quatro equipas representantes da AFC. Num grupo vencido pelo Marinhense, a Naval ficaria em 2º, a Lusitânia em 3º e o Sport Clube Conimbricense em 5º e último lugar.

A brilhante campanha do União de Coimbra continuaria com mais dois triunfos em campo neutro nas eliminatórias seguintes: 4-1 ao AC Marinhense (oitavos-de-final, em Pombal) e 2-0 ao SCU Torreense (quartos-de-final, em Santarém). O apuramento para a *poule* final (uma novidade introduzida nesta época para apurar o campeão) estava assim conquistado.

Na *poule* final, os unionistas acabariam finalmente por sucumbir, quedando-se pelo 3º lugar, com duas vitórias e quatro derrotas. O GD Estoril foi o campeão, seguido do Famalicão (2º), acabando o Portimonense em último. O sonho da conquista de um título nacional em provas de *poule*, por parte de um representante da AFC, ficaria assim adiado.

Quanto ao campeão de Coimbra, a Académica, acabaria o Nacional da I Divisão em 10º lugar, entre 12 equipas, evitando a queda à II Divisão, na primeira temporada em que vigorou o sistema de subida e descida entre Divisões, de forma automática.

Na Taça de Portugal, Académica e União, apesar da boa réplica que deram aos seus adversários, acabariam por ser eliminados no prolongamento, em casa do Sporting CP (6-3) e do Boavista (3-2), respetivamente. Os “leões” viriam mesmo a fazer um trajeto

imaculado, goleando nas rondas seguintes, inclusivamente na final, em que venceram por 4-2 o Atlético.

Indisciplina e castigos

A questão da indisciplina era (e é) uma das mais prementes e sensíveis do futebol. A própria constituição da AFC, em 1922, ficou a dever-se em grande medida à necessidade de regular o futebol de Coimbra e de tentar diminuir os elevados (e inimputáveis) atos de violência que ocorriam consecutivamente dentro dos campos de futebol. Mais de 20 anos volvidos, na temporada de 1945-46, apesar de mais controlados e se serem devidamente penalizados, este tipo de comportamento continuava a fazer parte do quotidiano futebolístico e a ser uma das grandes preocupações da AFC. Durante o período competitivo, todas as semanas chegavam às mãos dos membros que compunham a Comissão Administrativa que geria os destinos da AFC nessa temporada, vários castigos de jogadores para serem confirmados.

Os castigos a jogadores surgiam em consequência de comportamentos abusivos, inadequados e/ou à margem das leis que regulavam o futebol, podendo ser aplicados diretamente pela AFC ou “subir” para a FPF nos casos mais complexos. Depois de mais de duas décadas em que os castigos eram exclusivamente aplicados em dias de inibição à prática desportiva (por exemplo “90 dias”, “60 dias”, etc.), nesta altura, os mesmos passaram a ser, na sua larga maioria, cumpridos em jogos de suspensão.

Os processos, em geral, chegavam à Mesa da Direção da AFC, neste caso da Comissão Administrativa, acompanhados do relatório do árbitro e dos dados indicativos do infrator (nome, número de licença, clube, histórico de infrações, etc.) e da respetiva “sugestão de castigo” por parte da entidade que regulava a arbitragem, do Conselho Técnico e/ou de outros agentes desportivos. Depois de analisados os factos e de se observar se existia, ou não, reincidência por parte dos castigados, era confirmado, ou não, o castigo.

Um dos castigos mais comuns era motivado “por conduta de jogo violento para com o adversário”, que poderia ir desde um jogo de suspensão (nas situações menos gravosas) a vários jogos de suspensão, em caso de ser seguido de agressão verbal e/ou física a jogadores e árbitros. A título de exemplo, verificou-se uma suspensão de 16 jogos aplicada a um jogador do Anadia FC, que depois de ser expulso pelo árbitro, por uma entrada violenta ao adversário, acabaria por agredir o mesmo atleta. Esse jogo, realizado em Anadia, em 21 de outubro de 1945, levaria a outra pena bastante grave, que infelizmente não era tão rara, a interdição de um campo de futebol. Neste caso, e até que fossem averiguados os acontecimentos em análise, o campo dos clubes infratores (onde tivessem ocorrido, por parte dos adeptos, dirigentes ou jogadores, quaisquer altercações graves) seria interdito temporariamente até ao apuramento dos factos, onde seria confirmada, ou não, a manutenção da suspensão.

No caso apresentado, do jogo de Anadia, o castigo acabou por ser imediatamente levantado porque

o clube se comprometeu a aumentar o policiamento para o jogo seguinte, pois as razões que levaram à interdição temporária estavam relacionadas com o diminuto número de polícias que, no jogo em questão, não conseguiram garantir a devida segurança dos intervenientes.

As agressões a adversários, também comuns, levariam a uma pena habitualmente compreendida entre os dois e os seis jogos de suspensão. Em caso de reincidência ou reincidência agravada, a mesma poderia ir até um ano de suspensão. Seria exatamente esta a pena aplicada a um jogador do Sporting Clube Figueirense, aprovada na ata da Comissão Administrativa da AFC de 2 de janeiro de 1946:

“Sancionar a suspensão por um ano ao jogador do Sporting Clube Figueirense (...), licença nº 30173 – aplicada pela Direção do referido clube a partir de 26 de dezembro de 1945 por motivo de reincidência na prática de atos antidesportivos.”

A menos gravosa das penas era o castigo de repreensão registada, ocorrida quase sempre nos primeiros atos de indisciplina (desde que não fossem de gravidade), praticada por jogadores, dirigentes ou clubes – nestes últimos casos, quase sempre por pequenas irregularidades ou por comportamentos (do público) pouco recomendados. Seria precisamente isso que aconteceria ao FC Calhabé depois de um jogo no dia 10 de fevereiro de 1946. Mas apesar de todas estas punições, a questão da indisciplina, embora cada vez mais reduzida, iria manter-se ao longo das décadas seguintes.

Mudança de sede

Mesmo no final da época, a Direção da AFC seria informada pelo senhorio da casa onde estava instalada a sua sede de que ele necessitava daquele espaço, o qual carecia de algumas obras de reparação. O senhorio, consciente do acordo que fizera com a AFC e das excelentes relações que sempre tivera com aquele organismo, prontificou-se de imediato a disponibilizar um espaço idêntico no andar superior (no mesmo edifício), para servir de nova sede.

A Direção da AFC, não querendo tomar tão importante decisão de uma forma precipitada, pediu o parecer do Conselho Jurisdicional, que seria favorável, desde que o contrato de arrendamento do novo

espaço fosse redigido em conformidade com os trâmites legais.

A Direção convocaria posteriormente os clubes filiados para uma reunião onde, depois de serem apresentadas as razões desta mudança e a intenção da AFC em formalizar um novo contrato de arrendamento, seria decidido que o mesmo deveria fazer-se mediante as seguintes condições:

1. Manutenção da Renda de 3.500\$00 escudos mensais, mais uma indemnização de 5.000\$00 pela desvalorização da situação do prédio.
2. Aumento da renda para 400\$00 mensais (e não 500\$00 como pretendia o senhorio) e indemnização de 10.000\$00 pela mesma razão.
3. A mudança ficaria a cargo do senhorio que se encarregaria e responsabilizaria por todo o processo e eventuais prejuízos.

As condições seriam aceites pelo senhorio e o contrato celebrado a 31 de julho de 1946, começando as mudanças de imediato para a nova sede (no piso superior do mesmo edifício), que ficaria estabelecida a partir daí na Rua Ferreira Borges, nº 155, 1º andar, em Coimbra. Uma morada que se tornaria histórica para a instituição.

Sabia que... Acesa rivalidade Académica-União. Para os unionistas, a Académica representava a elite universitária. Para os “estudantes”, o União simbolizava os “futricas”, nome atribuído pelos académicos a quem não era estudante (de origem francesa, *foutriquet* significava um indivíduo pretensioso e incapaz). O duelo simbolizava uma luta de classes.

A temporada de 1945-46 foi de estreia para “um dos mais fabulosos jogadores académicos de todos os tempos” (Santana & Mesquita, 2007, p. 108), o famoso Bentes, apelidado de “rato atómico”. Nesta primeira época na Briosa marcou 20 golos no campeonato distrital de Coimbra, seguidos de 14 no Campeonato Nacional da I Divisão e dois na Taça de Portugal. A sua estreia em jogos oficiais foi a 23 de setembro de 1945, num jogo do campeonato distrital, na Figueira da Foz, contra a Naval 1º de Maio.

Foi um dos influentes jogadores de Coimbra entre 1945 e 1960, envergando sempre a camisola da Briosa, tornando-se o seu melhor marcador da história. Foi internacional por três vezes, estreando-se na Seleção Nacional com somente 18 anos, a 16 de junho de 1946, no Estádio Nacional, contra a República da Irlanda, entrando no intervalo com os irlandeses para substituir uma das “estrelas” do SL Benfica, o avançado Rogério de Carvalho (o famoso “Pipi”).

Dotado de enorme velocidade, baixa estatura (1,67 metros de altura) e peso, e muita técnica, Bentes faria toda a sua carreira na Académica, recusando várias ofertas dos “grandes”. Após terminar a carreira de futebolista, seria treinador dos escalões de formação, levando mesmo os juvenis da Académica à conquista do Campeonato Nacional de 1966-67. Manteve-se o resto da vida por Coimbra como professor do ensino primário, sendo sempre reconhecido como uma das figuras proeminentes da história do futebol de Coimbra no século XX.

A AFC condecorou-o com a Medalha de Ouro de Mérito Desportivo no verão de 1960, no que foi considerado um “gesto nobre” da instituição, que no ano seguinte (2 de outubro de 1961) aprovaria o nome de Bentes para Sócio de Mérito.

Bentes (António de Deus Costa de Matos Bentes de Oliveira)



Cronologia

1945
46

1945

Setembro

Começam os Campeonatos Distritais da AFC.

Um dos mais famosos futebolistas de Coimbra do século XX, o célebre Bentes ("rato atómico") estreou-se ao serviço da Académica, num jogo contra a Naval, na Figueira da Foz.

Outubro

Os clubes figueirenses pretendem um novo campo de jogos.

Dezembro

As seleções de Coimbra e Santarém empatam 2-2.

Inauguração do Estádio Municipal de Cantanhede, com a presença da AFC.

Termina o Campeonato da I Divisão da AFC. A Académica volta a ser campeã.

1945

Dezembro

Começam as provas nacionais da FPF.

O Campo de Santa Cruz, da Académica, foi chumbado pela Federação para acolher jogos da I Divisão nacional, numa decisão que nunca mais seria revogada. Loreto (ou Campo Casal Ferrão), do Lusitânia, seria a nova "casa" da Briosa.

1946

Janeiro

Em AG Extraordinária foram nomeados 32 novos sócios de mérito da AFC, todos jogadores.

Fevereiro

O Ginásio Clube Figueirense e a Associação Naval 1º de Maio disputam até à última jornada o título de campeão de juniores da Figueira da Foz.

Março

O Sporting Figueirense conquistou o Campeonato Distrital da II Divisão, depois de vencer o Calhabé, no Estádio Municipal de Cantanhede.

Abril

Na eliminatória de passagem entre Divisões, o Sport Clube Conimbricense venceu o Sporting Figueirense e manteve-se na I Divisão Distrital.

Maio

Disputa da Taça AFC.

O Académica-Sporting seria o último jogo da carreira do árbitro conimbricense Álvaro Santos (que chegou a internacional), convidado especialmente para apitar este encontro. Saiu durante a segunda parte, sob grande ovação, substituído por um dos fiscais de linha.

Competições

1945
46

PROVA	CAMPEÃO
Campeonato Distrital - 1.º divisão	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital - 2.º divisão	Sporting Clube Figueirense
Campeonato Distrital - 1.º divisão (Reservas)	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital - 2.º divisão (Reservas)	Grupo Desportivo da Fontela
Campeonato Distrital - Juniores	Associação Académica de Coimbra
Taça AFC - Série de Coimbra	Associação Académica de Coimbra (Reservas)
Taça AFC - Série da Figueira da Foz	Sporting Clube Figueirense

Stadium

N.º 175 — 30 de Abril de 1946 — Esc. 2500

O GRUPO DE HONRA da A. Académica de Coimbra



Na primeira linha, de esquerda para a direita — Dr. Eduardo Gomes, António Garcia, Abel e Barros.
Na segunda linha — Vítor, Manoel, Faria, António, José, Fausto e António Almeida.

Campeão de Coimbra
homenageado pela
principal revista
ilustrada portuguesa.

Época 1946
47

Novo campeão e novo Estádio

Começou a ser construído o novo Estádio Municipal, numa época em que o União de Coimbra recuperou o título de campeão distrital e em que o CF Os Marialvas (Cantanhede) inscreveu o seu nome na galeria de vencedores regionais. O futebol distrital expandia-se e diversificava-se.

Temporada sem Taça de Portugal, devido ao acerto de calendário das provas nacionais, em especial do Campeonato Nacional da I Divisão, agora mais alargado (com 14 equipas) e representativo. Deixou as habituais 12 equipas e terminou o sistema de apuramento com base nas competições distritais (que ainda se mantiveram nesta temporada, mas sem apurar para a I Divisão nacional). A principal prova nacional passou a assentar no modelo de subidas e descidas entre Divisões (I e II). Foi também a época de retoma dos contatos internacionais, quer da Seleção Nacional (que foi da glória da primeira vitória frente a Espanha à vergonha da pior derrota da sua história, os famosos 10-0 frente a Inglaterra), quer dos clubes, em especial com equipas espanholas mas também argentinas e brasileiras (uma novidade na época).

O Sporting CP dos “cinco violinos” (Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Travassos e Albano) venceu categoricamente o Campeonato Nacional da I Divisão, batendo o recorde de pontos entre primeiro e segundo classificado, ficando seis pontos à frente do SL Benfica, e marcando o impressionante número de 123 golos em 26 partidas, um recorde que perdurou todo o século XX. E que dizer de Peyroteo e os seus 43 golos.

A Académica de Coimbra, única representante do distrito na I Divisão, sofreu duas derrotas contra os “violinos”, em casa por 3-1 e em Lisboa por 9-1. Os “estudantes” acabaram a prova no 11º lugar entre 14 equipas, apresentando sobretudo bons resultados em casa, no Loreto (Santa Cruz continuou interdito a jogos da I Divisão), em que venceu 8 dos 13 jogos

caseiros. Pesadelo eram as deslocações fora de Coimbra, sofrendo 11 derrotas (e 2 empates). O goal-average foi, por isso, muito penalizador, com 49 golos marcados e 96 sofridos, numa “má época” da Briosa (Santana & Mesquita, 2007, p. 112). Mas em Coimbra as expetativas dos adeptos estavam colocadas numa outra questão: dotar a cidade de um estádio condigno, à escala dos melhores a nível nacional.

Estádio Municipal, o início

Esta época começou precisamente com uma nova esperança para uma das mais antigas aspirações desportivas de Coimbra: a construção de um verdadeiro estádio de futebol. As novas exigências da FPF, que prometeu impedir todos os clubes de participar na I Divisão Nacional caso não dispusessem de um campo com as dimensões, acomodações e demais condições necessárias para a prática do futebol e conforto dos espetadores, fez lançar os alertas na AFC e nos seus filiados, em especial a Académica, crónico representante distrital na prova. E que já tinha visto o Campo de Santa Cruz ser interdito, sendo obrigada a jogar no Loreto (que também apresentava muitas lacunas).

Esta questão, da máxima importância, ocuparia a reunião de Direção da AFC de 8 de outubro de 1946. Nessa ocasião foi feito um excelente resumo das várias fases que o processo conheceu até àquele momento. A Direção recordou que, em abril de 1946, fora enviado um ofício à Camara Municipal para

saber em que ponto se encontrava a questão da construção de um novo Estádio em Coimbra. Em resposta a este ofício, o presidente da Câmara Municipal enviou outro ofício dirigido à AFC, em 20 de abril, onde esclareceu:

1. A Câmara cederá gratuitamente e a título provisório um terreno para a construção de um campo de futebol em Calhabé.
2. A AF Coimbra executará a obra e tomará o encargo de exploração do campo.
3. Para debaterem o tema seguiu-se uma reunião de diretores do União, da Académica, do Sport e da Lusitânia. Todos concordaram com a proposta.
4. A Direção da AFC em funções, embora concordando, acabou por não dar seguimento imediato ao procedimento por alegar que estava em final de mandato.
5. A Académica ofereceu-se para pagar a vedação do futuro estádio.
6. Para um campo de 180x110 com bancadas cobertas para 1.400 lugares, estimava-se que as obras importassem em 97.000\$00.
7. A Câmara não tendo verbas para o efeito, estaria disposta, “como solução de emergência”, a ceder o terreno necessário para um campo provisório, onde se pudessem disputar os jogos dos campeonatos nacionais das equipas da AFC.

Face a este cenário, a Direção da AFC decidiu, em junho de 1946, enviar um ofício ao Diretor Geral

de Educação Física, Desporto e Saúde Escolar, a explicar a situação e os contornos em que assentava a promessa da autarquia, acrescentando novos dados:

1. A Câmara cede o terreno e compromete-se a fazer o arrelvamento do retângulo de jogo. Fará ainda, posteriormente, a manutenção do relvado.
2. À AFC competirá a construção de vedações, balneários e bancada de madeira coberta a lusalite para uma lotação compreendida entre os 1000 e os 1500 lugares.
3. As obras estão orçadas em 110.000\$00, pretendendo a AFC que o valor lhe fosse emprestado pela FPF, nas condições e prazo a combinar oportunamente.
4. Pretende-se que o Sr. Diretor Geral interceda junto da FPF nesse sentido.

Em outubro de 1946, altura em que a AF Coimbra completava o seu 24º aniversário, a Direção oficializou o empréstimo de 110.000\$00, concedido pela FPF. Os trabalhos iniciaram-se pouco depois, mas com a lentidão das grandes construções deste género. Em 10 de março de 1947, *A Voz Desportiva* demonstraria alguma preocupação com o atraso da obra:

“Olha-se para o Estádio Municipal como uma tábua de salvação, mas os trabalhos decorrem enervantemente morosos ante a impaciência de todos, ansiosos por ver finalmente este problema resolvido.”

As primeiras intervenções foram as de terraplanagem, que, sob a orientação do Joaquim dos Santos, encarregado geral da obra, tiveram de ser interrompidas algumas vezes devido ao rigoroso inverno de 1947. Para que os trabalhos não parassem totalmente, resolveu-se proceder ao levantamento do muro que circundaria todo o estádio, numa extensão de 620 metros. Apesar de vagarosamente, a obra foi prosseguindo, embora sem mais avanços significativos na presente época. De qualquer forma, o mais importante conseguiu-se: o Estádio Municipal de Coimbra estava finalmente a ser construído.

Finalmente outro campeão distrital

No 24º Campeonato Distrital da AFC, o União de Coimbra seria responsável por terminar com uma inacreditável série de 15 títulos consecutivos da Associação Académica de Coimbra. Depois da grande disputa da época passada, onde os dois conjuntos ombream lado a lado até à derradeira ronda do Campeonato, a história repetiu-se em 1946-47. Mas desta vez com desfecho diferente para o clube da Arregaça. Em igualdade pontual na última jornada da I Divisão Distrital (1.^{as} categorias), o União bateu a Académica por 2-1 – os unionistas ganharam os dois embates com os “estudantes”, na Arregaça e em Santa Cruz, o que lhes garantiu o novo título distrital. E a simbólica Taça Clínica de Santa Cruz (Dr. José Bacalhau), colocada também em dis-

puta (como motivação extra) neste último jogo (decisivo) da prova.

A euforia do União pela reconquista de um título que lhe fugia há 15 longas épocas só não teve maiores demonstrações de euforia uma vez que, embora fosse campeão distrital, essa condição já não lhe garantia um lugar na competição máxima do futebol português (I Divisão Nacional). Esta situação verificou-se pelo alargamento que a I Divisão Nacional sofreu nesta época, passando de 12 para 14 clubes, facto que possibilitou, mesmo sem esperar pelo desfecho dos campeonatos distritais, que muitos clubes, como a Académica (no caso da AFC) já tivessem lugar garantido *a priori*, por ter integrado o leque de primodivisionários da época anterior.

O facto dos campeões distritais puderem, como no caso do União, ficar de fora da disputa da principal competição nacional, gerou indignação nos próprios, naqueles que com eles se solidarizaram e nalguns jornais, ainda desabituaados deste tipo de modelo competitivo. Vejamos o que se disse, sobre esta matéria, *A Voz Desportiva*, em 25 de novembro de 1946:

“O resultado final do campeonato regional veio colocar em maior evidência o inconveniente e injustificação sistema por que se regulam esta época os campeonatos de futebol. A verdade é esta: há um campeão regional que não representa a Associação na sua prova nacional, porque antecipadamente estava classificado outro clube, classificado em segundo lugar.”

Sabia que... Na terraplanagem e na construção da vedação circular do novo Estádio Municipal de Coimbra estiveram envolvidos mais de 214 operários, entre os quais 52 reclusos da Penitenciária.





Imagens da construção
do Estádio Municipal de Coimbra, na zona do Calhabé.



No mesmo jornal foi aventada uma possibilidade para a resolução desta injustiça: “estaria ressalvada se a Coimbra fossem dados dois lugares no projetado alargamento da I Divisão”. Porém, infelizmente, não passaria de uma intenção frustrada e apenas a Académica teria lugar na competição.

Marialvas: da II Distrital para a II Nacional

Na II Divisão Distrital, o campeão seria o CF Marialvas, de Cantanhede, que após uma brilhante e imaculada prova, conquistou o título com oito vitórias em oito jogos, marcando um total de 44 golos e sofrido apenas três. Ficaria assim inscrito mais um nome na ainda restrita lista de campeões distritais da AFC. E sobretudo o nome de um clube fora do eixo dominante de Coimbra e Figueira da Foz. Na eliminatória de passagem de Divisão, disputada entre o campeão da II Divisão e o último classificado da I Divisão, neste caso Marialvas e Lusitânia, os cantanhedenses, depois de uma vitória e de uma derrota nas duas mãos da eliminatória, seriam derrotados no jogo de desempate por 2-1, facto que impossibilitou a sua subida ao escalão principal da AFC.

Tal como o exemplo do União, também o Marialvas, apesar de campeão, ficaria de fora do Campeonato da I Divisão Distrital na época seguinte. Esta situação, que já levantara algumas celeumas nas temporadas anteriores (conquistas sucessivas dos clubes da Figueira, sem ascensão), fazia subir agora o tom

da contestação dos clubes mais pequenos, sobretudo os situados nas vilas ou nos concelhos menos populosos, que se sentiam marginalizados em relação aos clubes de Coimbra e da Figueira. A tese defendida era a de que o campeão da II Divisão Distrital deveria ter direito à subida de divisão e conseqüente disputa da I Divisão Distrital na época seguinte, só assim, na sua perspectiva e de muitos outros, seria possível tornar ainda mais forte, e justo, o futebol distrital de Coimbra.

Apesar de falhar o apuramento para a I Divisão Distrital, o CF Marialvas demonstrou à AFC e à FPF a intenção de participar no Campeonato Nacional da II Divisão da presente época. A equipa de Cantanhede procurava, assim, na qualidade de campeão da II Divisão Distrital, e a exemplo do que já acontecera com os campeões das divisões secundárias de Lisboa e Porto, convencer aqueles organismos a aceitar, pela qualidade do seu plantel, o Marialvas na II Divisão Nacional. Para grande regozijo local, a pretensão seria aceite e o CF Marialvas tornar-se-ia num dos cinco representantes de Coimbra na competição nessa época, mesmo sem nunca ter participado no Distrital da I Divisão da AFC. A equipa ficou integrada no Grupo B, Série 6, terminando a competição no último lugar, mas honroso (conquistou uma vitória e um empate), num grupo vencido pela Oliveirense e em que o União de Coimbra foi 2º, a Naval 3ª e o CF Anadia 5º classificado. O outro representante da AFC (Sport Clube Conimbricense) ficaria no penúltimo lugar da Série 5.

Stadium

A "defesa" dos estudantes, na equipa do Sporting-Desportivos, desafiou-se em frente aos seus rivais, os "Violinos", da Académica, na final da Taça de Portugal, de 1954-55. Os estudantes venceram por 9-1, numa temporada em que foram campeões nacionais. Os "estudantes" acabaram na 11ª posição.



A defesa da Académica enfrenta o Sporting dos "Violinos".

Os lisboetas golearam por 9-1, numa temporada em que foram campeões nacionais.

Os "estudantes" acabaram na 11ª posição.

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

Cronologia

1946
47

1946

Setembro

A I Divisão nacional aumentou para 14 clubes e terminou o sistema de apuramento com base nas competições regionais, assumindo o modelo de subidas e descidas. Este sistema iria perdurar 26 edições, até 1972.

Outubro

O GD Mealhada, fundado em 1945 e pertencente ao distrito de Aveiro, pediu à AFC e à FPF para, a exemplo do Anadia, ser inscrito na AFC. A filiação foi aprovada.

A Câmara Municipal de Coimbra prometeu ceder um terreno no Calhabé para construção do futuro Estádio Cidade de Coimbra.

Novembro

O União de Coimbra reconquistou o título de Campeão Distrital da AFC e interrompeu uma série de 15 vitórias consecutivas da Académica.

1946

Dezembro

O CF Marialvas venceu a II Divisão Distrital, tornando-se a primeira equipa de Cantanhede a vencer uma prova regional.

O Olivais FC conquistou o título de campeão da III Divisão Distrital.

O Lousanense recebeu e venceu (4-3) os espanhóis do Ciudad Rodrigo, na Lousã.

O CF União de Coimbra recebeu a Comenda da Ordem de Beneficência, por toda a filantropia e benfeitorias realizadas para com os mais desfavorecidos ao longo da sua história.

1947

Janeiro

Pela primeira vez na história (desde 1921), a Seleção Nacional vence a Espanha, por 4-1, em pleno Estádio Nacional. Coimbra rejubilou com esse feito.

Maio

O futebol infantil disseminava-se pelo distrito. Na Figueira da Foz inscreveram-se seis equipas no Campeonato Infantil, que se disputava no Campo da Mata.

Portugal perdeu com a Inglaterra por 10-0, no Jamor, naquela que seria a pior derrota da sua história no século XX. Uma autêntica desilusão nacional.

Julho

Coimbra recebeu as meias-finais e as finais do Campeonato Nacional Corporativo, organizado pela FNAT. Os jogos disputaram-se nos campos de Santa Cruz (Académica) e do Loreto (Lusitânia). O representante de Coimbra, *A Ideal*, foi vice-campeã nacional em 1.^{as} e 2.^{as} categorias.

Os clubes da Figueira da Foz ficaram em situação difícil com a resolução da Santa Casa da Misericórdia, que decidiu aumentar para o dobro (de \$50 para 1\$00) a percentagem a cobrar em cada bilhete vendido nos jogos realizados no seu recinto, o Campo da Mata.

Competições

1946
47

PROVA	CAMPEÃO
Campeonato Distrital - 1.º divisão	União de Coimbra
Campeonato Distrital - 2.º divisão	Clube Futebol Os Marialvas
Campeonato Distrital - 3.º divisão	Olivais Futebol Clube
Campeonato Distrital - Reservas	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital - Juniores	Associação Académica de Coimbra
Taça AFC	Associação Académica de Coimbra (Reservas)

Os encontros da Seleção Nacional eram acompanhados de perto em Coimbra, através da rádio. A cidade rejubilou a 26 de janeiro de 1947, quando Portugal bateu pela primeira vez a Espanha, por 4-1.

O talentoso Bentes (Académica), mais um internacional por Coimbra, tinha-se estreado na Seleção dois jogos antes, frente à República da Irlanda, a 16 de junho de 1946.



Época

1947
48

Bodas de prata

Temporada especial. A AFC comemorou as bodas de prata, completando 25 anos de vida associativa. E Coimbra viu a sua crónica representante na I Divisão nacional, a Académica, descer de escalão. Pela primeira vez na história, o distrito deixava de ter uma equipa na prova máxima do futebol português. Foi, por isso, ano de festa, mas também de desilusão.

O futebol português ficava cada vez mais desnivelado geograficamente, com um claro dominador, Lisboa. Num tempo dominado pelo bom futebol dos “cinco violinos” do Sporting CP, foi natural a dobradinha dos “leões” nesta temporada, com somente o SL Benfica a fazer frente ao clube verde-e-branco. Um golo nos embates diretos entre as duas equipas determinou a vitória do Sporting CP no Campeonato Nacional da I Divisão, que acabou em igualdade pontual entre “leões” e “águias”. E nos seis primeiros lugares desta prova ficaram cinco equipas lisboetas (que incluiu Belenenses, Estoril e Atlético). No meio, um inconstante FC Porto, que acabou no 5º lugar, sendo o melhor representante da “província”. Cavava-se um fosso cada vez maior entre Lisboa e o resto do País, com efeitos diretos em Coimbra.

Da extinção do Distrital à descida da Académica

Esta época resultou numa profunda alteração estrutural nas competições internas da AFC que deixaram, pela primeira vez na história, de ter um Campeonato Distrital em 1.^{as} categorias. Esta resolução foi tomada em consequência das mudanças introduzidas pela FPF nas competições nacionais, que passaram a desenrolar-se ao longo de toda a época desportiva, com um calendário mais alargado. Sem espaço para os campeonatos distritais, as associações de futebol tentaram encontrar novas soluções para manterem os seus clubes ativos.

A AFC criou a Taça de Preparação (ou Torneio Relâmpago), com contornos muito semelhantes à antiga Taça Cidade de Coimbra, disputada por todas as equipas que se inscrevessem-se. E para poupar custos nas deslocações foram criadas duas séries, uma em Coimbra, outra na Figueira da Foz. Os vencedores das séries viriam a ser o CF Marialvas e o Lusitânia que se encontrariam na final do Torneio, no dia 9 de novembro, num jogo integrado nas comemorações do 25º aniversário da AFC e que seria ganho pela equipa de Cantanhede.

Entretanto, a I e a II Divisão Nacional já haviam principiado, com a Académica de Coimbra e o União de Coimbra, a serem, por esta ordem, os representantes da AFC. A Académica, um histórico da I Divisão e que tinha participado na máxima competição nacional desde as Ligas de 1934-35, acabaria por ter uma prestação paupérrima nesta prova que haveria de valer-lhe uma inesperada descida de Divisão. Em 26 jornadas, numa prova com 14 equipas (uma parte delas bem mais inexperiente), a Briosa não foi além de quatro vitórias e dois empates (todos em casa, no Loreto), sofrendo 20 derrotas (13 fora e 7 em casa). E os números relativos aos golos foram elucidativos: 35 marcados e 113 sofridos. Redundou em somente dez pontos conquistados, menos seis que o penúltimo classificado, o SC Braga. Como a descida de Divisão só afetava o último classificado, foi inevitável o rebaixamento da Académica, por troca com outro clube da região Centro, o Sporting Clube da Covilhã.

Perante a despromoção e respaldada pela AFC, a Académica ainda tentou pedir mais um alargamento

do número de clubes na I Divisão, a exemplo do que tinha sucedido anteriormente quando o FC Porto não se qualificou via prova distrital, mas o pedido seria indeferido pela Federação. O peso histórico, geográfico, económico e social da presença da Académica na I Divisão, quer para a cidade quer para o distrito e região Centro – e tudo o que isso significava para a afirmação da região no contexto do futebol nacional – não foram argumentos suficientes para convencer o elenco federativo. A Académica desceu mesmo de Divisão.

Na II Divisão Nacional, e contrariamente àquilo que ocorrera no passado recente, apenas participaram dois representantes de Coimbra: o União, último campeão distrital (na época anterior) e o representante mais forte da AFC nesta época; e a Associação Naval 1º de Maio, que se assumia como uma das equipas mais vigorosas da Figueira da Foz. Neste novo modelo competitivo da II Divisão participavam apenas 32 equipas, divididas numa primeira fase em quatro zonas de oito equipas. O União de Coimbra e a Naval 1º de Maio ficaram integrados na Zona B, conjuntamente com mais seis representantes das associações de futebol de Leiria, Viseu e Castelo Branco. Na classificação final, numa série dominada pelo SC Covilhã, o União de Coimbra ficaria no 2º lugar e a Naval 1º de Maio em 6º, o que lhe valeu de imediato a eliminação da prova.

Seguiu-se a segunda fase do Campeonato Nacional da II Divisão. Contaria com a presença de oito clubes (os dois primeiros de cada uma das zonas da primeira fase), divididos em dois grupos: Norte e

Sul, ficando o União de Coimbra, naturalmente, no primeiro. Mas o único representante da AFC ainda em prova não seria feliz nesta fase, terminando no quarto e último lugar da tabela, com apenas uma vitória e cinco derrotas, num grupo do qual faziam parte o Sporting Clube da Covilhã (que venceu o grupo e arrecadaria o título de campeão nessa época, subindo de Divisão), o Famalicão e o Leixões. Terminava assim, sem grande brilho, a participação de Coimbra nesta edição remodelada da II Divisão.

Por último, a novidade do Campeonato Nacional da III Divisão. Uma prova que seria, em termos competitivos, muito semelhante à antiga II Divisão. Numa primeira fase, cuja responsabilidade organizativa era das associações de futebol, fazia-se o apuramento distrital. No caso da AFC participaram oito equipas, divididas em duas séries: Ginásio Figueirense, Sport Clube Conimbricense, Nacional e Anadia (Série 1) e Sporting Figueirense, Marialvas, Lusitânia e Calhabé (Série 2). Passariam à *poule* final de apuramento as duas primeiras de cada grupo, que seriam, neste caso, Anadia e Sport Clube Conimbricense (Série 1) e Marialvas e Lusitânia (Série 2), que jogariam todos contra todos a duas voltas. E de onde sairia um campeão e representante da AFC na fase seguinte do Campeonato Nacional da III Divisão. O CF Marialvas, de Cantanhede, conseguiu o triunfo na *poule* e a conseqüente passagem à segunda fase da prova, já sob a responsabilidade da FPF. Nessa etapa nacional seria eliminado nos oitavos-de-final pelo Académico de Viseu (0-0 e 5-1), que seria finalista vencido da III Divisão desse ano.

Stadium

R. 695
22 de Maio de 1961
Preço: 1000

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Sporting de Braga

O Sporting Clube de Braga, campeão da Taça Nacional de 1959, venceu o Sporting de Lisboa na competição de acesso ao Campeonato Nacional de 1960-61. O clube, fundado em 1906, é o primeiro desportivo da região.



Académica de Coimbra

A antiga Associação Académica de Coimbra, o primeiro clube de futebol da cidade, venceu o Sporting de Lisboa na competição de acesso ao Campeonato Nacional de 1960-61. O clube, fundado em 1906, é o primeiro desportivo da região.



A imprensa lamenta a descida de Divisão da Académica.

Voltou a Taça de Portugal

Após o interregno competitivo de 1946-47, em que não se realizou, a Taça de Portugal estava de volta, para gáudio de adeptos e imprensa. Mas agora num novo modelo, afastando-se do formato importando do Campeonato de Portugal de 1935 e que perdurou até 1945-46. Agora contava com um Torneio de Classificação que antecedia e qualificava para a fase final da Taça. A Associação Naval 1º de Maio e o Marialvas participaram nesse Torneio de Classificação, feito por eliminatórias, com os figueirenses a superarem o SL Viseu (4-2 e 1-2), enquanto o Marialvas sucumbiu perante o Benfica e Castelo Branco.

Na eliminatória seguinte, a Naval disputou um lugar nas meias-finais do Torneio de Classificação com o Ginásio de Alcobça, tendo vencido a primeira mão por 2-1 e perdido a segunda por igual resultado. No encontro de desempate, a Naval triunfou e selou a passagem às meias-finais, onde viria a ser eliminada pelos Leões de Santarém.

Apesar da boa prestação da equipa da Naval neste torneio de apuramento, apenas a Académica e o União de Coimbra participaram na primeira eliminatória (dezasseis-avos) da Taça de Portugal, num cruzamento que juntou duas equipas de Coimbra com duas do Porto. O União de Coimbra seria eliminado pelo FC Porto por uma goleada de 9-0, enquanto a Briosa superou o Boavista, por 4-1. Mas na ronda seguinte, a Oliveirense afastou a Académica (2-1). O domínio na prova seria de Lisboa, que teve três clubes nas meias-finais, juntamente com um clube da

“outra margem”, o Barreirense. E a partida decisiva seria inteiramente lisboeta, com o Sporting CP a bater o Belenenses por 3-1, na segunda final disputada no Estádio Nacional. Terminava assim, a 4 de julho (dia da final da Taça), a longa caminhada dos clubes pelo novo formato das provas nacionais. Coimbra teve uma modesta prestação, tendo em conta os seus pergaminhos históricos no futebol português.

Bodas de Prata

Mais alegres e profícuas seriam as comemorações dos 25 anos da fundação da AF Coimbra, cumprindo o aniversário a 22 de outubro de 1947. Para comemorar as bodas de prata da Associação foi preparado um exaustivo e criterioso programa, para o qual contribuiu de forma indelével um dos mais notáveis homens do desporto conimbricense, o ilustre Dr. Amadeu Rodrigues. E as celebrações iriam decorrer entre a data de aniversário e o dia 9 de novembro.

Esta última data, um domingo, concentrou diversas iniciativas e festejos, que encerravam o ciclo evocativo do 25º aniversário da AFC. No Campo de Santa Cruz realizou-se uma parada desportiva que contou com a presença de representantes de praticamente todos os clubes filiados na AFC e na FNAT, que desfilaram perante a multidão e saudaram o Inspetor Geral dos Desportos, Dr. Salazar Carreira, figura ilustre do desporto lisboeta, destacado para representar o Estado no evento.

Coimbra acompanha os grandes momentos do futebol português, como a final da Taça de Portugal, que seria ganha pelo Sporting CP perante o Belenenses.

Os clubes de Coimbra ficaram afastados nas duas primeiras rondas da prova.



Seguiu-se, no terreno de jogo de Santa Cruz, a final do Torneio Relâmpago, organizado para a disputa da Taça Bodas de Prata da AFC, cujas eliminatórias se haviam realizado nas semanas anteriores e para o qual se inscreveram as 1.^{as} categorias dos clubes filiados na Associação. A final enfrentou o Marialvas e o Lusitânia, tendo vencido os primeiros por 3-0, conquistando assim o troféu.

Após o animado encontro, mais uma partida de futebol, agora internacional, fazia parte do programa. Enfrentava a Académica de Coimbra e o Unión Deportiva Salamanca, de Espanha, que afortunadamente aceitou o convite formulado pela Direção da AFC para abrilhantar, ainda mais, estas comemorações. Venceram os academistas por 3-2, razão pela qual levantaram a Taça dos 25 anos da AFC, especialmente concebida para o efeito.

Na noite do dia 9 de novembro, no Salão Nobre da Câmara Municipal, teria lugar uma sessão solene, bastante concorrida, onde, para além de muitas outras formalidades e discursos de estilo, foram descerçadas fotografias do jogador internacional Bentes (que recebeu ainda uma medalha comemorativa) e dos árbitros internacionais Dr. Armando Sampaio e Manuel de Oliveira, todos sócios da AFC. E em jeito de homenagem, a Direção da AFC entregou ainda medalhas comemorativas ao árbitro António Velindro e ao atleta Fernando Alves, por completarem, também nesta época desportiva, 25 anos de atividade. A cerimónia terminaria com um copo de água, que encerraria, oficialmente, as comemorações das Bodas de Prata da AFC. Umas comemorações dignas, que ficariam para a história da instituição.

Sabia que... Arbitrar com calças de golfe!

O árbitro Armando Silva pediu autorização em dezembro de 1947 para “usar calças género golf” quando arbitra, em lugar de calções, devido a uma doença de pele “nos membros inferiores”. Foi autorizado.

As obras do novo Estádio Municipal de Coimbra continuaram nesta temporada.



Cronologia

1947
48

1947

Agosto

Período de transferência de jogadores, exigindo-se aprovação por parte de clubes, associações de futebol, Federação e da própria Direção Geral dos Desportos.

Em Coimbra e na Figueira da Foz assistiu-se à mudança de clubes por parte de vários jogadores, embora numa escala reduzida e nunca referindo questões financeiras.

Outubro

A Comissão Distrital de Árbitros de Coimbra fixou as quintas-feiras para as reuniões. Colaborou ativamente nos “festivais” comemorativos dos 25 anos da AFC.

Morreu Miguel Siska, um dos símbolos do futebol português dos anos 30. Em Coimbra ainda eram recordadas as suas grandes exibições como guarda-redes.

Novembro

Comemorações das Bodas de Prata da AFC no domingo, dia 9.

1947

Novembro

Diversos árbitros de Coimbra integram a lista da Federação para as provas nacionais.

Dezembro

O Marialvas venceu a série da Figueira (1ª fase) do Campeonato Nacional da III Divisão. Na série de Coimbra venceu o Lusitânia.

A Comissão Distrital de Árbitros de Coimbra organizou aulas de ginástica para árbitros.

Os jornalistas Ribeiro dos Reis, Cândido de Oliveira e Ricardo Ornelas eram os únicos três que estavam devidamente identificados para receber cartões de Boas Festas de Natal da Comissão Distrital de Árbitros de Coimbra.

1948

Janeiro

Uma seleção do Norte bate a do Sul por 5-2. Entravam em desuso os jogos entre seleções distritais e regionais.

A Académica melhora os balneários dos árbitros no Campo de Santa Cruz, a pedido dos mesmos, de forma a poderem-se equipar condignamente.

Fevereiro

A Comissão Distrital de Árbitros de Coimbra fez circular uma mensagem em que apelava aos árbitros para respeitarem os colegas durante os jogos, quando estavam a assistir nas bancadas, revelando certos insultos "ausência do espírito de camaradagem".

1948

Março

O Marialvas venceu a *poule* final do Campeonato de Coimbra da III Divisão Nacional, ficando apurado para a fase seguinte.

A Académica venceu o Campeonato Distrital de Juniores.

O Ministério das Obras Públicas, através do Fundo do Desemprego, concedeu a várias câmaras municipais uma comparticipação para a construção de um campo de jogos municipal.

Foi concedido um valor de 192.600\$00 à Câmara Municipal da Figueira da Foz para a construção do Estádio Municipal, grande aspiração local.

Maio

O Campo da Mata, na Figueira da Foz, acolheu o jogo de passagem de Divisão entre o Académico de Viseu e o Torreense.

Os juniores da Académica chegam à final do Campeonato Nacional, onde foram derrotados pelo Sporting CP, na Tapadinha, por 2-0.

O jogador Manuel Duarte, do Sporting Clube Nacional, de Coimbra, foi "irradiado" por agredir o árbitro César Correia.

Junho

O Campo do Loreto, em Coimbra, recebeu o jogo de passagem de Divisão entre o SC Braga e o Barreirense.

Julho

O presidente da Comissão Distrital de Árbitros de Coimbra, Tenente Aníbal Roque dos Reis, deixou o cargo por ter sido nomeado para uma comissão militar "na colónia de Angola".

Vista aérea do Estádio Municipal de Coimbra e da área envolvente.



Competições

1947
48

PROVA	CAMPEÃO
Torneio de Preparação - 1. ^{as} categorias	Clube Futebol Os Marialvas
Campeonato Distrital - Reservas	União de Coimbra
Campeonato Distrital - Juniores	Associação Académica de Coimbra
Taça AFC	Clube Futebol Os Marialvas

O futebol regional expandia-se, chegando a localidades como a Pampilhosa.
O clube local (Futebol Clube da Pampilhosa) confraterniza com o Desportivo Calhabé,
em mais um intercâmbio entre equipas do distrito em 1948.



Época 1948
49

Novo estádio, renovada Académica

Época de importantes conquistas. O Estádio Municipal de Coimbra foi finalmente inaugurado e a Académica de Coimbra conseguiu o regresso à I Divisão Nacional, um ano depois de ter descido. Pela primeira vez na história, Coimbra não teve um representante entre os “grandes”.

O panorama das provas nacionais continuou a ser dominado pelos clubes de Lisboa, mantendo uma hegemonia latente nesta década. Sporting CP e SL Benfica dividiram, mais uma vez, os títulos principais, com os “leões” a conquistarem o seu primeiro tricampeonato e os “encarnados” a Taça de Portugal. Mas a temporada ficaria marcada pelo primeiro grande escândalo de corrupção, envolvendo a *poule* final de apuramento da II Divisão e os clubes do Famalicão e Oriental, o que acabou por beneficiar a Académica no caminho de acesso à I Divisão – como iremos ver mais à frente. Um regresso ambicionado à I Divisão, onde Coimbra tinha sempre tido representantes desde a criação da I Liga em 1934-35. Esta época foi a primeira em que isso não sucedeu – o único clube da Região Centro entre os “grandes” foi o Sporting Clube da Covilhã, do distrito de Castelo Branco.

AFC, um panorama geral

Nesta temporada inscreveram-se nas competições oficiais da AFC um total de 13 clubes que participariam nas provas organizadas pela FPF (I, II e III Divisões Nacionais e Taça de Portugal) e nas competições internas (Distrital de apuramento para a III Divisão Nacional, Campeonatos Distritais de Reservas, 2.^{as} categorias e Juniores).

Como podemos verificar no Quadro 1, e apesar de existir uma tendência de mudança, os clubes de Coimbra e da Figueira da Foz continuaram a domi-

nar claramente em número de filiados: Coimbra com seis clubes inscritos e a Figueira da Foz com três. Para além destes dois concelhos (os mais representativos do distrito), surgiam ainda mais quatro: Cantanhede, Anadia (que pertence ao distrito de Aveiro), Soure e Lousã.

O número de jogadores inscritos variava consoante a quantidade de categorias e de competições em que cada clube participava, encontrando-se à cabeça os “históricos” Académica, Sporting Nacional, União de Coimbra e Naval 1º de Maio e as duas equipas que mais tinham crescido nos últimos anos: Lusitânia e Marialvas. No polo oposto estavam Lousanense e Soure, cujos clubes pela primeira vez participariam nas provas oficiais e o Sport Clube Conimbricense, “um histórico”, que nos últimos anos havia perdido influência.

A principal competição disputada a nível regional na presente época seria a fase Distrital da III Divisão Nacional, disputada por dez clubes, distribuídos inicialmente em duas séries de cinco, que apuravam duas equipas cada para a *poule* final (e onde ainda se mantinha a pontuação de três pontos por vitória, dois por empate e um por derrota).

Na Série A, onde o equilíbrio imperou entre os três primeiros classificados, o destaque foi para as excelentes participações dos estreates Sourense e Lousanense, especialmente deste último, que ficaria muito próximo do apuramento para a fase decisiva. Na Série B, pelo contrário, apuraram-se com relativa facilidade os dois grandes candidatos: Marialvas e Anadia.

Quadro 1. Clubes filiados na AFC (localização, jogadores e principal competição)

Clube	Concelho	Jogadores inscritos	Principal competição
Associação Académica de Coimbra	Coimbra	99	II Divisão Nacional (Final)
Associação Naval 1º de Maio	Figueira da Foz	66	II Divisão Nacional (1ª Fase)
Clube Desportivo Lousanense	Lousã	25	III Divisão Nacional (Fase Distrital)
Clube de Futebol de Anadia	Anadia	51	III Divisão Nacional (Fase Distrital)
Clube de Futebol Calhabé	Coimbra	46	III Divisão Nacional (Fase Distrital)
Clube de Futebol Os Marialvas	Cantanhede	64	III Divisão Nacional (Fase Distrital)
Clube de Futebol União de Coimbra	Coimbra	65	II Divisão Nacional (1º Fase)
Ginásio Clube Figueirense	Figueira da Foz	47	III Divisão Nacional (Fase Distrital)
Grupo Desportivo Sourense	Soure	29	III Divisão Nacional (Fase Distrital)
Lusitânia Desportivo Clube	Coimbra	74	III Divisão Nacional (Fase Distrital)
Sport Clube Conimbricense	Coimbra	37	III Divisão Nacional (2ª Fase)
Sporting Clube Figueirense	Figueira da Foz	47	III Divisão Nacional (Fase Distrital)
Sporting Clube Nacional	Coimbra	66	III Divisão Nacional (Fase Distrital)
Total	-	716	-

Quadro 2. III Divisão Nacional, Fase Distrital, Série A (classificação)

Cl.	Clubes	V	E	D	P
1	Sport Clube Conimbricense	6	0	2	20
2	Sporting Clube Figueirense	5	1	2	19
3	Lousanense	4	1	3	17
4	Sourense	3	0	5	14
5	Sporting Nacional	0	0	8	8

Quadro 3. III Divisão Nacional, Fase Distrital, Série B (classificação)

Cl.	Clubes	V	E	D	P
1	CF Os Marialvas	7	0	1	22
2	Anadia Futebol Clube	6	1	1	21
3	Lusitânia Desportivo Clube	3	0	5	14
4	Ginásio Clube Figueirense	2	1	5	13
5	Clube Futebol Calhabé	1	0	7	10

Quadro 4. III Divisão Nacional, Fase Distrital, Poule final (classificação)

Cl.	Clubes	V	E	D	P
1	Sport Clube Conimbricense	4	2	0	16
2	Clube Futebol "Os Marialvas"	3	2	1	14
3	Sporting Clube Figueirense	1	0	4	7
4	Anadia Futebol Clube	0	2	3	7

Quadro 5. Campeonato Nacional da II Divisão, Zona B

Cl.	Clubes	V	E	D	GM-GS	P
1	Académica de Coimbra	10	0	4	46-14	20
2	Académico de Viseu	9	1	4	37-27	19
3	Leões de Santarém	6	3	5	29-27	15
4	A.D. Castelo Branco	7	0	7	28-30	14
5	União de Coimbra	7	0	7	27-21	14
6	Ginásio de Alcobaça	6	1	7	28-44	13
7	Ferrovários	4	1	9	26-34	9
8	Naval 1º de Maio	3	2	9	16-40	8

Quadro 6. Campeonato Nacional da II Divisão, Grupo Norte

Cl.	Clubes	V	E	D	GM-GS	P
1	Académica de Coimbra	5	0	1	19-7	10
2	FC Famalicão	3	0	3	19-12	6
3	UD Oliveirense	3	0	3	12-12	6
4	Académico de Viseu	1	0	5	10-29	2

A *poule* final seria disputada até ao fim entre o CF Os Marialvas e o Sport Clube Conimbricense. Ambas as equipas chegariam invictas à derradeira jornada, cada uma com três vitórias e dois empates, e jogavam entre si a passagem à 2ª fase da III Divisão Nacional. O jogo seria realizado em Cantanhede, contando com ligeiro favoritismo, por aquilo que tinha feito nas últimas épocas, da equipa da casa. No entanto, seria o Sport Clube Conimbricense a triunfar por 1-0 e a assumir o papel de representante da AFC na 2ª fase da prova nacional. Porém, o Sport Clube Conimbricense teria uma passagem fugaz pelas eliminatórias do Campeonato Nacional da III Divisão, sendo eliminado, nos oitavos-de-final, pelo Sport Viseu e Benfica, depois de perder por 4-1 em Viseu e ter ganho somente por 2-0 em Coimbra.

O Campeonato de Reservas da AFC, onde participariam 11 equipas, distribuídas inicialmente em duas séries, seria conquistado pela Associação Académica de Coimbra, que obteve, igualmente, o título de campeão distrital de 2.^{as} categorias, numa competição com apenas quatro clubes filiados. A Académica, confirmando a sua hegemonia regional, vence-

ria ainda o título de Campeão Distrital de Juniores. E na qualidade de representante da AFC no Campeonato Nacional da categoria, chegaria, pela segunda vez consecutiva, à final da competição, onde perderia com o SL Benfica, em jogo disputado no Estádio Nacional.

Coimbra conquista II Divisão

Era a primeira temporada, desde a criação da I Liga em 1934-35, que Coimbra não contava com a presença de um representante na máxima competição nacional. A inesperada descida da Académica na época anterior provocaria um vazio difícil de preencher, numa cidade muito habituada a receber as melhores equipas nacionais. Apesar disso, o interesse pela disputa do Campeonato Nacional da II Divisão foi enorme, sobretudo porque, finalmente, os dois grandes arquirrivais de Coimbra teriam oportunidade de disputar a mesma prova nacional. E com o aliciente de contarem com a companhia da Naval, que se havia assumido nos últimos anos como o grande representante da Figueira da Foz.

As três equipas da AFC ficaram integradas na Zona B, num grupo onde a Académica de Coimbra, apesar de terminar com apenas mais um ponto (a pontuação nos nacionais era de dois pontos por vitória, um por empate e zero por derrota) do que o Académico de Viseu e de ter perdido quatro desafios, acabou por ganhar justamente.

Na segunda fase da prova, Académica de Coimbra e Académico de Viseu integraram o Grupo Norte, conjuntamente com as equipas que passaram na Zona A: FC Famalicão e UD Oliveirense. A Académica dominaria totalmente o grupo, garantindo des-tacadamente, e a duas jornadas do fim, o acesso à *poule* final da II Divisão Nacional.

A *poule* final para apuramento do campeão nacional da II Divisão deveria disputar-se entre os dois primeiros classificados da zona norte (Académica e Famalicão) e da zona sul (Portimonense e Oriental de Lisboa). No entanto, a prova seria anulada por decisão da FPF em virtude de existirem suspeitas de suborno dos dirigentes do Oriental, no embate com o Famalicão. A investigação da Polícia Judiciária comprovou que um avançado do Famalicão tinha sido subornado, aceitando dinheiro para não marcar golos ao Oriental. A situação levou mesmo à intervenção do Ministro da Educação, Pires de Lima (com a pasta do desporto), que irradiou o jogador em causa, suspendeu o presidente do Famalicão por um ano e o Oriental por três meses.

Decidiu-se também suspender a *poule* e realizar um encontro final (em campo neutro) entre os restantes dois clubes: a Académica de Coimbra e o SC

Portimonense (2º classificado da zona sul). A decisão do título e subida automática à I Divisão seria feita a 5 de junho de 1949, no Estádio do Lumiar, em Lisboa (casa do Sporting CP), com a Briosa a vencer por 2-1, conquistando o título de Campeão Nacional da II Divisão e garantindo, desde logo, a tão ambicionada e desejada subida de Divisão. Coimbra voltava a ser de Primeira, conforme exaltava *A Voz Desportiva* de 6 de junho:

“Coimbra e toda a região desportiva do centro do país está em festa. A Académica voltou ao Campeonato Nacional da I Divisão o que dá a certeza de vermos, no futuro, no nosso já esplendido Estádio Municipal cartazes do melhor futebol português.”

No dia seguinte, na chegada a Coimbra, os jogadores foram recebidos por uma multidão, em festa no Largo da Portagem, atravessando depois as ruas da cidade em cortejo. Mas a sensacional época dos “estudantes” terminaria de forma inglória na Taça de Portugal, com uma estrondosa derrota nos oitavos-de-final contra o Vitória Futebol Clube, de Setúbal, por 8-1. No entanto, o mais importante estava feito, com a subida de Divisão da Académica e com a AFC a voltar a ter um representante, na época seguinte, na máxima competição nacional.

Todos ao Calhabé

Desde os anos 20 que Coimbra ansiava pela construção de um Estádio Municipal, para acolher grandes jogos. Depois de vários projetos falhados, o ano de 1949 representaria, finalmente, a concretização de tão antiga ambição: a inauguração (oficiosa) do Estádio Municipal de Coimbra. A obra tinha-se iniciado em outubro de 1946, sofrendo sucessivos atrasos. E enquanto não foi possível utilizá-lo, os campos da Arregaça e do Loreto foram servindo os clubes de Coimbra nas competições nacionais – o “velhinho” Campo de Santa Cruz só era utilizado nas competições internas, impedido pela Federação de acolher provas nacionais.

Em 20 de janeiro de 1949, uma quinta-feira, o Estádio Municipal receberia pela primeira vez alguns milhares de adeptos que ali acorreram para presenciar um jogo-treino entre a Académica e a Seleção Nacional, que se encontrava em estágio. A multidão terá, segundo a imprensa, ficado absolutamente “deslumbrada” com a qualidade do relvado, bancadas e instalações, isto apesar do estádio estar inacabado, como referiu o jornalista de *A Voz Desportiva*, no rescaldo do jogo, a 24 de janeiro:

“No dia em que os desportistas de Coimbra puderam assistir pela primeira vez, a um desafio de futebol, disputado sobre a relva do futuro Estádio da cidade, seria ingratitude esquecer aqueles que tornaram possível tal obra. Obra que se encontra ainda longe do seu termo, é certo, mas deixa já adivinhar que o Estádio Municipal deixou de ser uma quimera, para se tornar numa realidade magnífica.”

Nesta espécie inauguração, que contou com os corpos gerentes da AFC e clubes filiados, não existiria, ainda assim (pelo facto do estádio estar em obras), uma cerimónia oficial. De qualquer forma, para todos os que tiveram presentes, foi um momento inolvidável. Nesta época, o estádio viu finalizada a piscina e recebeu jogos da Académica, na sua caminhada rumo à I Divisão, e da seleção de Coimbra, contra a congénere do Porto.

Sabia que... Em 1949 aconteceu o “Célebre Minuto”. No jogo decisivo Académica-União, no Campeonato de Juniores, em Santa Cruz, os “estudantes” venciam por 2-1 e fizeram mais um golo, anulado. Grande confusão e invasão de campo, faltava um minuto para o fim. A AFC mandou fazer esse minuto. E que minuto! O União marcou um golo e atirou uma bola à trave. No desempate, à porta fechada no Loreto, a Académica ganhou por 4-0.

Imagem panorâmica do novo Estádio Municipal de Coimbra.



Cronologia

1948
49

1948

Setembro

Pela primeira vez em Portugal começa-se a adotar uma novidade inglesa dos anos 20: camisolas numeradas de 1 a 11, representativas das posições em campo.

Outubro

Voto de louvor da Direção da AFC ao GD Sourense por este ter jogado o seu primeiro jogo oficial com o máximo respeito por todos os intervenientes.

Dezembro

O Sport Clube Conimbricense venceu a *poule* final e tornou-se campeão distrital da III Divisão, seguindo para a fase seguinte da prova como representante da AFC.

1949

Janeiro

A Académica e a Seleção Nacional disputam (dia 20) um jogo-treino (que acabou 3-3) no novo Estádio Municipal de Coimbra, ainda por acabar. Era o primeiro campo relvado em Coimbra.

Fevereiro

Realizou-se um jogo internacional entre a Académica e o Viena de Áustria, com vitória austríaca por 8-2.

Abril

A Académica venceu o Campeonato Distrital de Juniores.

Maio

Os juniores da Académica voltaram a chegar à final nacional, desta vez contra o SL Benfica. Os "estudantes" perderam por 7-0, num jogo que antecedeu o Portugal-País de Gales entre seleções.

Junho

A Académica conquistou o Campeonato Nacional da II Divisão, depois de bater por 2-1 o Portimonense no encontro decisivo.

Realizou-se o VIII Coimbra-Porto. O jogo teve lugar no novo Estádio Municipal de Coimbra, onde os portuenses ganharam por 5-2.

Julho

Entre 1921 e 1949, os clubes de Lisboa deram à Seleção Nacional 109 jogadores, enquanto o Porto somente 23. E o resto do País unicamente 8 (um dos mais recentes, Bentes, de Coimbra).

Competições

1948
49

PROVA	CAMPEÃO
Campeonato I Divisão Regional (preliminar III Divisão Nacional) - 1. ^{as} categorias	Sport Clube Conimbricense
Campeonato Distrital - 2. ^{as} categorias	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital - Reservas	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital - Juniores	Associação Académica de Coimbra

Estádio Municipal de Coimbra em 1949.



Época 1949
50

Obrigado Sr. Presidente

Coimbra voltava aos grandes palcos do futebol português. A Académica estava novamente na I Divisão, com um novo estádio para acolher os ídolos do futebol. Mas o meio desportivo não foi ingrato e nesta época agradeceu ao impulsionador do estádio, dedicando uma taça ao presidente da Câmara Municipal de Coimbra, Dr. Alberto Sá de Oliveira.

Estávamos a meio do século XX, a caminhar para os 30 anos da AF Coimbra. O futebol português continuava num período de crescimento, com a inauguração de novos estádios (os Municipais de Braga e Coimbra foram bons exemplos) e a construção de um certo prestígio internacional dos clubes lusos. O SL Benfica, campeão nacional nesta época, alcançou o seu primeiro título internacional, o primeiro também do futebol português, sagrando-se campeão da Taça Latina, organizada em Portugal (Estádio Nacional) e envolvendo os campeões de Itália (Lazio), França (Giron-dinos) e Espanha (Atlético de Madrid). Pena a Seleção Nacional, que voltou a ficar de fora do Mundial, organizado no Brasil, eliminado no jogo de qualificação pela arquirrival Espanha.

O amadorismo ainda determinava a vida dos clubes e dos respetivos futebolistas, com os “grandes” a contarem nas suas fileiras com serralheiros, empregados de escritório, comerciantes, funcionários públicos, maquinistas, operários fabris, estudantes, corticeiros, torneiros-mecânicos, comerciantes de automóveis, entre outras ocupações. Mas trava-se já de um semiprofissionalismo, com os clubes a intermediarem junto das entidades patronais alguma “folga” laboral aos jogadores, num futebol com cada vez mais laivos de profissionalismo, melhores estádios e campos, mais público e mais receitas.

Coimbra nos Nacionais

Na época de 1949-50 seriam seis os representantes da AF de Coimbra que participaram nas provas nacionais, organizadas pela Federação: Académica, na I Divisão; União de Coimbra, Naval 1º de Maio, SC Conimbricense e Marialvas, na II Divisão; e Lusitânia na III Divisão.

A Académica teve “um regresso feliz” à I Divisão Nacional (Santana & Mesquita, 2007, p. 128), contando agora com um novo recinto relvado: o Estádio Municipal de Coimbra. Começou bem a época, mas viu o ciclo vitorioso ser interrompido em casa, após distúrbios com o seu público no encontro com o Sporting Clube de Covilhã, a 15 de janeiro de 1950. Na origem dos incidentes esteve uma má exibição do árbitro lisboeta Melo Paiva, que terá prejudicado a Briosa. Em consequência disso, o Municipal de Coimbra foi interdito por um mês, obrigando a Académica a jogar em Santarém nos jogos caseiros, o que prejudicou a equipa, que apesar disso ficou em 7º lugar no campeonato, a meio da tabela, com 24 pontos, longe do lugar de despromoção ocupado pelo Lusitano VRSA com 16 pontos. O SL Benfica, como 45 pontos, foi o campeão nacional destacado (mais seis pontos que o vice-campeão Sporting CP).

Os representantes de Coimbra na II Divisão ficaram, por sua vez, integrados no Grupo Norte, Zona 4, e teriam como adversários, numa série composta por dez equipas, clubes como o Torreense, “Leões” de Santarém, Ferroviários, Ginásio de Alcobça, o Alcanenense ou o UD Rossiense. O União de Coim-

bra, com 16 vitórias, um empate e uma derrota, venceu o grupo destacadíssimo e passou à fase seguinte da prova. O Marialvas, na sua época de estreia nesta competição, ficou em 6º, a Naval em 7º e o SC Conimbricense em 10º e último lugar. Na fase seguinte, novamente no Grupo Norte, o União ficaria aquém das expectativas e terminou em 4º lugar, num grupo muito equilibrado, ganho pelo Académico de Viseu.

Na III Divisão Nacional, depois de vencer o campeonato distrital de acesso, estaria o Lusitânia CD, de Coimbra. Mas seria logo eliminado na primeira eliminatória da segunda fase da prova, pelo Torres Novas, campeão de Santarém, que se impôs por 5-1 e 3-2. A AFC ficava assim, muito cedo, sem representantes na prova. E a Taça de Portugal, pela segunda vez, não se disputou, alegando-se a necessidade de dar tempo de preparação à Seleção Nacional para preparar a eliminatória de apuramento com Espanha para o Mundial-50, no Brasil. Infelizmente, nem apuramento nem Taça, Portugal não se qualificou para o Mundial.

Taça de homenagem ao presidente

As equipas queixavam-se do calendário de provas ser demasiado curto, faltando mais torneios, quer oficiais quer particulares. O jornal *O Figueirense* estimou, a 4 de fevereiro de 1950, que cerca de 52 clubes de Coimbra eram “atirados para a inatividade”, faltando ainda quase seis meses para o fim da temporada. Pedia-se, por isso, que a AFC e Federação encon-

trassem uma “solução” para o problema, com a organização de torneios ou campeonatos.

A AFC, sensível aos argumentos, decidiu iniciar a disputa de uma nova competição: a Taça Dr. Alberto Sá de Oliveira, em homenagem (e agradecimento) ao presidente da Câmara Municipal de Coimbra que, para além de ser o grande promotor e impulsionador da construção do Estádio Municipal, concedeu ainda, em nome do Município que presidia, enormes auxílios e benefícios à AFC.

Esta taça, tal como noutras épocas em que se realizaram competições similares, tinha o principal objetivo de proporcionar mais jogos e competição aos clubes filiados na AFC, os quais já não participassem nas competições nacionais ou que tivessem sido eliminados prematuramente delas. Inscreveram-se sete equipas, sendo que uma delas era a de Reservas da Académica de Coimbra, cuja equipa principal disputava ainda o Campeonato Nacional da I Divisão.

A competição desenrolou-se entre março e junho de 1950, no sistema de todos contra todos, a duas voltas. O União de Coimbra dominaria totalmente a prova, sendo declarada virtualmente vencedora a duas jornadas do fim.

Na última jornada da competição, por já estar tudo decidido, as equipas visitantes informaram a AFC que não compareceriam nos campos adversários (de forma a poupar nas deslocações), razão que levou aquele organismo a aplicar uma derrota aos mesmos por falta de comparência e a puni-los disciplinar e financeiramente. Impunha-se uma certa ordem e disciplina.

Momento simbólico que assinalava a inauguração do Campo de Lavos, na Figueira da Foz, em março de 1950.

Surgiam gradualmente novos campos no distrito.



Quadro 1. Classificação da Taça Dr. Alberto Sá de Oliveira

Cl.	Clubes	Pontos
1	União de Coimbra	32
2	CF Os Marialvas	26
3	Associação Naval 1º de Maio	26
4	Académica (Reservas)	24
5	Lusitânia DC	20
6	Anadia FC	18
7	Lousanense	15

Mais e melhores campos

Apesar de terem sido realizados, nesta época, os primeiros jogos no novo Estádio Municipal de Coimbra, a verdade é que o mesmo permaneceria em obras por muito tempo até à sua conclusão definitiva. A falta de verbas para acelerar-concluir os trabalhos, muito condicionados pelo parco orçamento, faziam com que o atraso fosse ainda significativo, sobretudo nos morosos e onerosos “acabamentos”. Referiu-se na altura que o Governo tinha permitido um desvio de verba, inicialmente prevista para o matadouro de Coimbra, para dar novo impulso ao projeto do Estádio, idealizado pelo arquiteto Manuel Maria Valdez. Mas não foi suficiente para terminar as obras, que se arrastaram mais uma década. Numa entrevista em *A Voz Desportiva* de 21 de novembro de 1949, o pre-

sidente da Câmara, Dr. Alberto Sá de Oliveira, procurou descansar os conimbricenses:

“As obras do estádio prosseguirão até seu completo acabamento. Estejam os desportistas de Coimbra tranquilos a esse respeito.”

A partir de janeiro de 1950, e apesar das obras não estarem ainda concluídas, passou a ser possível realizar, com todas as garantias de segurança de agentes desportivos e público, jogos de futebol no novo estádio. E à medida que a lotação do estádio ia aumentando, as assistências na I Divisão (que bateram recordes de bilheteira) foram igualmente sofrendo um incremento significativo – só num jogo contra o Sporting CP, a Académica terá vendido mais de 17 mil bilhetes.

Paralelamente à utilização mais regular do Estádio Municipal de Coimbra, iriam verificar-se melhoramentos nos restantes campos da cidade. O Campo do Loreto já tinha sofrido remodelações nas épocas anteriores, sobretudo ao nível do aumento das dimensões do terreno de jogo (para as medidas recomendadas pela FPF), da bancada do peão e dos balneários.

Durante o período de estio e da pausa competitiva, o União de Coimbra, com a ajuda da Câmara Municipal e da AFC, realizou importantes obras de melhoramento no Campo da Arregaça. De entre as várias intervenções destacaram-se, pela sua qualidade, o novo terreno de jogo, as remodelações na bancada e a melhoria das condições gerais do peão.

Esta remodelação geral mereceu uma grande inauguração da Arregaça, no final de setembro de 1949. Nela participaram algumas das mais notáveis personalidades da sociedade conimbricense da

altura, como o presidente da Câmara Municipal ou o presidente da União Nacional de Coimbra, assim como representantes do Governo Civil, da Região Militar e da Federação Portuguesa de Futebol. Todas estas figuras públicas entrariam em campo sob uma saudação de honra, constituída pelos jogadores do União e da Académica (que se defrontaram no jogo inaugural) e algumas crianças, que formaram duas filas, passando os convidados no meio. A fita oficial de inauguração seria cortada pelo representante do Governo Civil de Coimbra que, ao som da Portuguesa e com a bandeira nacional a ser içada, procedeu à formalidade. Em nome da AFC, o Prof. Dr. Manuel Lopes de Almeida proferiu um brilhante discurso onde, para além de elogiar o União, teceu especiais considerações às figuras de António Mizarela e Francisco Barata, os dois grandes impulsionadores do projeto.

Sabia que... Em novembro de 1949, a Comissão Distrital de Árbitros castigou o árbitro Augusto Miranda com 30 dias de suspensão, por repetidamente insultar os colegas durante os jogos que assistia na bancada, “revelando assim falta de camaradagem incompatível com a sua qualidade de árbitro”.

Longe de apresentar boas condições estava o histórico Campo de Santa Cruz. Nesta época, além das competições internas, serviu de casa ao Sport Clube Conimbricense na disputa da II Divisão Nacional – o clube ficaria sem um bom campo após o desaparecimento do Arnado. Mas o Santa Cruz continuava com sérios problemas nas bancadas, terreno de jogo e balneários.

Por seu turno, na Figueira da Foz, o mítico Campo da Mata, propriedade da Santa Casa da Misericórdia e casa da Naval 1º de Maio, tinha sofrido remodelações há poucos anos, mantendo por isso um nível bastante aceitável. E em excelentes condições estava também o campo municipal de Cantanhede, capaz de receber jogos das provas nacionais.

Estávamos numa época de transição entre campos de futebol, muitas vezes sem as mínimas condições, para os novos e modernos estádios, com bons relvados, bancadas seguras para o público e balneários dignos para as equipas. E alguns já com bancada de imprensa.



A três jornadas do fim do Campeonato Nacional da I Divisão, o Sporting CP goleou a Académica por 6-0. O "leão" ensinou os "estudantes" a contar até seis, sob o olhar atento da "águia" já com a taça (SL Benfica sagrou-se campeão nacional nessa jornada).

Foi assim que a revista *Stadium* viu esse momento, na edição de 26 de abril de 1950.

Stadium

N.º 221 22-MARÇO-1950 2250



Benfica sagra-se
campeão nacional.
Coimbra volta a ter um
representante
na I Divisão,
com a Académica a ficar
a meio da tabela
(7º lugar em 14 equipas).

BENFICA BATE
ESTORIL POR 3-1 E
CONSOLIDA A SUA
POSIÇÃO DE NOVO
CAMPEÃO NACIONAL
— Jello, sem medo, brisar
à bola, mas Sebastião
travou a defesa por
um, habilmente.
Dela Jorginho!

Cronologia

1949
50

1949

Setembro

Abertura da época de futebol na Figueira da Foz, com um jogo amigável entre o Ginásio Clube Figueirense e a Associação Académica de Coimbra, no Campo da Mata, perante numeroso público. Os academistas venceram por 5-2, em jogo emotivo.

Outubro

Começam os campeonatos da I e II Divisão nacionais, com representantes de Coimbra em ambos escalões.

Dezembro

No jogo Académica-Sporting CP, no novo Estádio Municipal de Coimbra e perante mais de 17 mil adeptos, foi batido o recorde de bilheteira, chegando aos 220 contos.

1950

Janeiro

Faleceu o Dr. António Leitão, sócio honorário da AFC, num trágico acidente de automóvel em Lisboa. Foi homenageado pela Direção da Associação.

Fevereiro

Os campeonatos regionais iam avançando e chegando ao fim, concluindo a atividade para numerosos clubes. As equipas queixavam-se do calendário ser demasiado curto, faltando mais torneios oficiais e particulares. O jornal *O Figueirense* estimou que cerca de 52 clubes de Coimbra eram “atirados para a inatividade”.

Março

Capela, Pacheco Nobre e Curado, jogadores da Académica, integraram o estágio de preparação da Seleção Nacional para o jogo com Espanha.

Abril

As associações de futebol, incluindo Coimbra, entregaram à Federação uma petição em que pediam o regresso à sua alçada das comissões distritais de árbitros, que nos últimos seis anos tinham estado sob a supervisão da Direção-Geral de Educação Física, Desporto e Saúde Escolar. Alegavam que os problemas da arbitragem se tinham agravado.

A Académica participou num torneio internacional de Páscoa, na Bélgica.

Maiο

Tem início o II Curso de Treinadores de Futebol, organizado pela FPF. Só a partir dos anos 60 este género de formações começaram a ser regulares.

A Académica venceu pela primeira vez, após três tentativas falhadas, o Campeonato Nacional de Juniores, batendo o SL Benfica por 2-1.

Junho

A Académica recebeu no Estádio Municipal de Coimbra os brasileiros do Santos, tendo perdido por 2-1.

O União de Coimbra venceu a primeira edição da Taça Dr. Alberto Sá de Oliveira.

Competições

1949
50

PROVA	CAMPEÃO
Campeonato I Divisão Regional (preliminar III Divisão Nacional) - 1. ^{as} categorias	Lusitânia Desportivo Clube
Campeonato Distrital - Reservas	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital - Juniores	Associação Académica de Coimbra
Taça Dr. Alberto Sá de Oliveira - 1. ^{as} categorias	União de Coimbra

A dureza do inverno e os campos ainda em terra batida (a maioria) dificultaram o desenvolvimento técnico dos jogadores portugueses nos anos 40.



ILUSTRADO

UNICÃO DO PEDRO CORREIA DA SILVA

Volante N.º 22 de março de 1894

ESTRELA DE MARCO, com o nome de Coimbra, e a publicação de notícias e artigos de opinião.

ASSOCIATÓRIAS DAS PRINCIPAIS

1. Associação de Jornalistas
2. Associação de Advogados
3. Associação de Médicos
4. Associação de Farmacêuticos
5. Associação de Engenheiros
6. Associação de Arquitetos
7. Associação de Escultores
8. Associação de Pintores
9. Associação de Escultores em Pedra
10. Associação de Escultores em Madeira
11. Associação de Escultores em Metal
12. Associação de Escultores em Cerâmica
13. Associação de Escultores em Vidro
14. Associação de Escultores em Plástico
15. Associação de Escultores em Papel
16. Associação de Escultores em Têxtil
17. Associação de Escultores em Couro
18. Associação de Escultores em Madeira
19. Associação de Escultores em Metal
20. Associação de Escultores em Cerâmica
21. Associação de Escultores em Vidro
22. Associação de Escultores em Plástico
23. Associação de Escultores em Papel
24. Associação de Escultores em Têxtil
25. Associação de Escultores em Couro

Numero 7:540

Para Crises

As crises são momentos de grande importância para a vida de uma empresa. É preciso estar preparado para enfrentar estas situações com calma e serenidade.

Os Anos

Os anos são momentos de grande importância para a vida de uma empresa. É preciso estar preparado para enfrentar estas situações com calma e serenidade.

Associação dos Escultores

A associação dos escultores é uma entidade que representa os interesses dos escultores em Portugal. Tem como objetivo promover a arte e a cultura dos escultores.

SPORT

Futebol

Estadão, contra o Sporting

O jogo de futebol entre o Sporting e o Estadão foi muito interessante. O Sporting venceu por 2-1.

O jogo de futebol entre o Sporting e o Estadão foi muito interessante. O Sporting venceu por 2-1.

O jogo de futebol entre o Sporting e o Estadão foi muito interessante. O Sporting venceu por 2-1.

O jogo de futebol entre o Sporting e o Estadão foi muito interessante. O Sporting venceu por 2-1.

O jogo de futebol entre o Sporting e o Estadão foi muito interessante. O Sporting venceu por 2-1.

O jogo de futebol entre o Sporting e o Estadão foi muito interessante. O Sporting venceu por 2-1.

O jogo de futebol entre o Sporting e o Estadão foi muito interessante. O Sporting venceu por 2-1.

O jogo de futebol entre o Sporting e o Estadão foi muito interessante. O Sporting venceu por 2-1.

O jogo de futebol entre o Sporting e o Estadão foi muito interessante. O Sporting venceu por 2-1.

O jogo de futebol entre o Sporting e o Estadão foi muito interessante. O Sporting venceu por 2-1.

O jogo de futebol entre o Sporting e o Estadão foi muito interessante. O Sporting venceu por 2-1.

O jogo de futebol entre o Sporting e o Estadão foi muito interessante. O Sporting venceu por 2-1.

O jogo de futebol entre o Sporting e o Estadão foi muito interessante. O Sporting venceu por 2-1.

O jogo de futebol entre o Sporting e o Estadão foi muito interessante. O Sporting venceu por 2-1.

O jogo de futebol entre o Sporting e o Estadão foi muito interessante. O Sporting venceu por 2-1.



A fechar esta obra, uma das primeiras notícias de futebol em Coimbra, em 22 de março de 1894. Desde estes primórdios, no século XIX, até 1950 (ano de fecho deste volume), a modalidade popularizou-se verdadeiramente em todo o distrito e à escala nacional e internacional. Transformou-se num fenómeno único de dimensão global.

Aqui fica o nosso contributo para a compreensão deste fenómeno.

EPÍLOGO

Avisamos o leitor que não se trata do fim desta viagem. Apenas uma pagarem a meio, em 1950. Pareceu-nos desde o início demasiado ambicioso contar 100 anos de história de uma instituição num único volume. Por isso, dividimos esta viagem histórica pela vida da AF Coimbra em dois tomos. Um primeiro de perfil mais histórico e centrado nas origens do futebol português, no aparecimento da AF Coimbra (1922) e nas suas primeiras décadas de existência, até meados do século XX, terminando precisamente em 1950. E um segundo volume a partir da década de 1950 até 2022, ano do centenário. Assim, aqui termina este primeiro volume.

Ao longo deste primeiro tomo abordámos um vasto conjunto de questões, de forma aberta e transversal, tentando contribuir para uma história do futebol português a partir de uma visão mais regional e institucional. Percebemos a centralidade de Coimbra no eixo geográfico nacional, muitas vezes um pêndulo entre dois poderes, um centralizador (Lisboa) e outro regionalista (Porto). Mas dois poderes dominadores, cuja luta ofuscou historicamente as outras regiões.

Coimbra, à sua escala, foi criando as suas assimetrias e equilíbrios. Geograficamente navegou neste período entre a centralidade de Coimbra (cidade) e a dinâmica da Figueira da Foz, alargando-se a novas localidades, como Cantanhede, Lousã ou Soure. Do ponto de vista social assentou em contextos de rivalidade de classes, entre a elite e o povo, representados coletivamente pela Associação Académica de

Coimbra (clube mais representativo do distrito) e Ginásio Clube Figueirense (caracterizados pela relação com as elites de Coimbra e Figueira da Foz) e o União de Coimbra e a Associação Naval 1º de Maio (representativos do povo de ambas cidades).

Assistimos também à transformação gradual dos campos de futebol em estádios. Ao crescimento do número de clubes e competições. À transformação do amadorismo puro num semiprofissionalismo, ainda escondido, com medo das represálias das elites e do Estado Novo, apologista do modelo amador. A relação entre futebol e política também esteve presente, observando-se a mão invisível do Estado (principalmente no período fascista) no processo evolutivo da modalidade, assim como na tentativa de controlar fenómenos como a indisciplina e a violência.

Compreendemos igualmente o crescimento da AF Coimbra, desde 1922 até 1950. Um crescimento enquanto instituição, na sua relação com os clubes, associações congéneres, Federação e organismos públicos e estatais. Em geral, uma relação construtiva, em prol da defesa e promoção de um futebol mais popular, mais representativo geográfica e socialmente, e mais inclusivo. Olhámos para as suas competições, para os vencedores mas também para os vencidos, construindo uma história do futebol a partir de uma visão regional e institucional.

Este foi o nosso primeiro olhar de como o futebol pode explicar Coimbra, desde finais do século XIX até 1950, com uma paragem especial em 1922, por ocasião do surgimento do nosso objeto de estudo, a AF Coimbra. Segue-se nova viagem, a partir de 1951.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Manuel Gomes (coord.) (1942), *Bodas de Prata da AFF, 1916-1941*. Funchal: AFF.
- ABREU, Maria Manuela (1983), *Futebol*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- ALMEIDA, Joaquim Faria (coord.) (1994), *Futebol Clube do Porto: uma História com 100 anos*. Porto: Conselho Cultural do Futebol Clube do Porto.
- ANDRESEN, Teresa; COSTA, Vasco Martins; DIAS, Rodrigo; HASSE, Manuela; PEREIRA, Jorge Paulino; PINTO, António Costa; TOSTÕES, Ana (2007), *O Estádio Nacional: um paradigma de arquitectura do Desporto e do Lazer*. Oeiras: CM Oeiras.
- ARAÚJO, Júlio de (1938), *Meio século de futebol. Subsídios para a história do futebol em Portugal*. Lisboa: AFL (não publicada).
- AZEVEDO, Eduardo de (1967-1970), *História e Vida do Sporting Clube de Portugal*, Vol. I, II e III. Lisboa: CERC.
- BARROS, Amândio (2000), *Boavista Futebol Clube. A primeira história*. Porto: Lello.
- BISPO, Raminhos (2003), *Sporting Clube Olhanense: 90 anos de História*. Tavira: Tipografia Tavirense.
- CAMILO, Viriato (1995), *Casa Pia Atlético Clube. Ateneu casapiano, 1920-1970*. Lisboa: Biblioteca-Museu Luz Soriano.
- CARDOSO, Débora; SERRADO, Ricardo (2012), *O Estado Novo e o Futebol: [Os Factos Históricos sobre as relações da Ditadura com o Desporto-Rei]*. Lisboa: PrimeBooks.
- CASTRO, Manuel Faria de (2005), *Associação de Futebol da Horta: 75 anos ao serviço do Futebol: 1930-2005*. Horta: Associação de Futebol da Horta.
- CEITIL, José (2009), *Belenenses: 90 anos de história*. Lisboa: Âncora.
- COELHO, J. N. & PINHEIRO, F. (2002), *A Paixão do Povo, História do Futebol em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento.
- COELHO, J. N. & PINHEIRO, F. (2004), *A Nossa Seleção em 50 Jogos, 1921/2004*. Porto: Edições Afrontamento.
- COELHO, J. N. (2001), *Portugal, a equipa de todos nós*. Porto: Edições Afrontamento.
- COELHO, J. N.; PINHEIRO, F. (2012), *República, Desporto e Imprensa: o desporto na I República em 100 primeiras páginas, 1910-1926*. Porto: Edições Afrontamento.
- COELHO, J. N.; PINHEIRO, F. (coord.) (2013), *Memórias de Peyroteo: A Autobiografia do maior goleador do futebol português*. Porto: Edições Afrontamento.
- CORREIA, Fernando (2010), *100 anos de futebol*. Lisboa: Associação de Futebol de Lisboa.
- CORREIA, Romeu (1981), *Jorge Vieira e o Futebol do seu Tempo*. Lisboa: Congráfica.
- CORREIA, Romeu (1981), *Jorge Vieira e o futebol do seu tempo*. Lisboa: Ed. Autor.
- DELGADO, José Manuel (2002), *100 melhores do futebol português*. Lisboa: Record.
- DEODATO, Rodrigues (2000), *História do Club Sport Marítimo, 1910-2000*. Funchal: Diário de Notícias da Madeira.
- DIAS, Manuel (2001), *O futebol no Porto. Das origens com port wine ao estatuto de força social*. Lisboa: Campo das Letras.
- DIAS, Manuel; MAGALHÃES, Álvaro (1993), *F.C. Porto: 100 anos de História 1893-1993*. Porto: Asa.
- DIAS, Marina Tavares (2000), *História do Futebol em Lisboa: de 1888 aos grandes estádios*. Lisboa: Quimera.
- DIAS, Marina Tavares (2004), *Cascais: Aqui nasceu o futebol em Portugal 1888/1928*. Cascais: Quimera.
- DIAS, Marina Tavares (2005), *Sporting Clube de Portugal: uma história diferente*. Porto: Fubu Editores.
- DOMINGOS, Nuno; NEVES, José (coord.) (2011), *Uma História do Desporto em Portugal: Nação, Império e Globalização*, Vol. 2. Vila do Conde: Quidnovi.
- FERREIRA, Diogo; MONTEIRO, Isilda; ROCHA, Ricardo; SOUSA, Fernando de (2017), *A Associação de Futebol do Porto. Uma instituição centenária*. Santo Tirso: Norprint.
- FIGUEIREDO, José Rosa (1981), *70 anos de vida do Futebol Clube Barreirense*. Barreiro. Edição de autor.
- FORTUNA, António Matos (2002), *Um Distrito sob o signo do Futebol: 75º aniversário da AF Setúbal*. Setúbal: AF Setúbal.
- GALEGO, Belmiro Esteves (2001), *Leixões Sport Clube – Marcos importantes da sua história*. Matosinhos: Editorial Maresia.
- GOULÃO, José (2010), *Sporting CP – A História Completa 1906-2009. O leão insaciável*. Matosinhos: Quidnovi.
- GUEDES, Rui (1987), *Futebol Clube do Porto – Fotobiografia*. Lisboa: Dom Quixote.
- GUEDES, Rui (1987), *Sport Lisboa e Benfica – Fotobiografia*. Lisboa: Dom Quixote.

- GUEDES, Rui (1988), *Sporting Clube de Portugal – Fotobiografia*. Lisboa: Dom Quixote.
- GUIMARÃES, Maria Alice (2000). *O Ginásio Club Figueirense – Da Fundação a 1914*. Coimbra: Policopiada (tese de Mestrado em História Económica e Social Contemporânea, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra), não publicada.
- LOPES, João Carlos (2009), *Cem anos de futebol em Torres Novas – das origens à década de 50 do século XX*. Torres Novas: Gráfica Almodina.
- LOPES, Luís; MIGUÉIS, Alberto (2004), *Sport Lisboa e Benfica: 100 gloriosos anos*, Vol. 2. Lisboa: Quidnovi.
- LOPES, Manuel de Oliveira (2012), *Clube Atlético Riachense. 80 anos de história (1932-2012)*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas.
- LOUREIRO, João (1983), *Sport Lisboa e Benfica – 80 anos de História*. Lisboa: Expresso.
- MACHADO, Paula (2012), *90º aniversário da Associação do Futebol de Braga*. Braga: Associação de Futebol.
- MÁRCIO, Aurélio; MIRANDA, Carlos; RITA, Joaquim; SERPA, Homero; SERPA, Vítor; SIMÕES, António (dir.) (1995), *História de 50 anos do Desporto Português*. Lisboa: A Bola.
- MARTINS, António Bento (2006), *Histórias do futebol*. Estoril: Autor.
- MARTINS, Jacinto; PADRÃO, Carlos; VINAGRE, Fernando (1999), *AF Aveiro: 1924-1999, 75 anos*. Aveiro: Associação de Futebol.
- MATOS-CRUZ, José de (2004), *Cascais: Berço do cinema e do futebol*. Cascais: Câmara Municipal.
- MEGA, Francisco Madeira et al. (1964). *50 anos da Federação Portuguesa de Futebol*. Lisboa: FPF.
- MELO, Afonso de (2004), *Cinco escudos azuis: a história da Selecção Nacional de Futebol de 1921 até aos nossos dias*. Lisboa: Temas de hoje.
- MELO, Afonso de (2007), *100 anos 1907-2007, Benfica-Sporting x Sporting-Benfica... pior do que inimigos, eram irmãos*. Lisboa: PrimeBooks.
- MELO, João Pacheco de (2006), *Associação de Futebol Ponta Delgada*. Açores: Associação de Futebol Ponta Delgada.
- MELO, Victor Andrade de; PINHEIRO, Francisco (coord.) (2013), *A Bola ao ritmo de Fado e Samba: 100 anos de relações luso-brasileiras no futebol, 1913-2013*. Porto: Edições Afrontamento.
- MESQUITA, Diamantino; RAMOS, Júlio; SANTOS, Aurélio (2003), *Coimbra Profunda*. Coimbra: CF União de Coimbra.
- MONTE, Gil do (1986), *Subsídios para a História do Futebol em Évora*. Évora: Gráfica Eborense.
- MONTEIRO, Vladimir Nobre (2003), *Hoje há derby!: Relatos e Estatísticas do Futebol Português*. São João do Estoril: Sopa de Letras.
- NEVES, J. & DOMINGOS, N. (Eds.) (2004). *A Época do Futebol, O Jogo Visto pelas Ciências Sociais*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- NUNES, Ana Bela (1996), *Contribuição para a História do Futebol em Portugal*. Lisboa: ISEG-GHES.
- OLIVEIRA, Mário Fernandes; SILVA, Carlos Rebelo da (1954), *História do Sport Lisboa e Benfica, 1904-1954*. Lisboa: Sport Lisboa e Benfica.
- ORNELAS, Ricardo (1950), *Números e Nomes do Futebol Português*. Lisboa: Diário Popular.
- ORNELAS, Ricardo; REIS, António Ribeiro dos (1928), *Anuário do Football Português*. Lisboa: Jornal Os Sports.
- ORNELAS, Ricardo; REIS, Ribeiro dos; SILVA, Domingos Alberto Tavares (1940-1953), *História dos Desportos em Portugal*, Vol. 1. Lisboa: Editorial Inquérito.
- ORNELAS, Ricardo; SILVA, Rebelo da (1942), *Vinte Anos de Futebol em Torneios da Federação (1922-1941)*. Lisboa: Os Ridículos.
- PACHECO, Hélder (2011), *Académico Futebol Clube. Um século na vida portuense, ao serviço do desporto*. Porto: Edições Afrontamento.
- PARENTE, Adérito (1940), *Subsídios para a história do Académico Futebol Clube*. Porto: Tipografia Costa Carregal.
- PARREIRÃO, Henrique (1989), *“As origens do futebol e de outros desportos em Portugal”*. In REIS, António (1989), *Portugal Contemporâneo*, Vol. 3. Lisboa: Alfa.
- PARREIRÃO, Henrique (1989), *Os anos de diamante, 1914-1989*. Lisboa: Federação Portuguesa de Futebol.
- PERDIGÃO, Carlos (2004), *Sport Lisboa e Benfica, 100 gloriosos anos*. Matosinhos: Quidnovi.
- PINHEIRO, F. (2011). *História da Imprensa Desportiva em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento.
- RODRIGUES, José (2002), *Belenenses – O Primeiro Campeonato de Portugal (1926-27)*. Lisboa: EstarEditora.

- ROSA, Acácio (1960), Factos, Nomes e Números da História do Clube de Futebol «Os Belenenses». Lisboa: [s.n.].
- S.A. (1973), Cinquenta anos ao serviço do Futebol Português. Braga: Associação de Futebol.
- S.A. (1988), Bodas de Diamante: 1912-1987. Porto: AF Porto.
- SANTANA, João; MESQUITA, João (2007), Académica: História do Futebol. Lisboa: Almedina.
- SÉRGIO, Manuel (2003), Algumas teses sobre desporto. Lisboa: Compendium.
- SERPA, Homero; SERPA, Vítor (2004), História do Futebol em Portugal. Lisboa: Clube do Colecionador dos Correios.
- SERRA, Pedro; SERRADO, Ricardo (2014), História do Futebol Português. Das origens ao 25 de abril. Uma análise social e cultural. 2ª ed. Lisboa: PrimeBooks.
- SERRADO, Ricardo (2009), O jogo de Salazar – a política e o futebol no Estado Novo. Lisboa: Casa das Letras.
- SIMÕES, António (2012), Desporto com Política nos 100 anos da República. Lisboa: Imprensa Casa da Moeda.
- SIMÕES, António; FRANCISCO, José do Carmo; SERPA, Homero (coord.) (1995), Glória e Vida de Três Gigantes. Lisboa: A Bola.
- SOUSA, Manuel de (1997), História do Futebol: origens, nomes, números e factos. Mem Martins: SporPress.
- TEIXEIRA, José (2004), Uma cidade de futebol. Lisboa: Assírio & Alvim.
- TELES, Rodrigues (1933), História do Football Club do Porto: 1906-1933. Porto: Empresa Diário do Porto.
- TELES, Rodrigues (1954-1955), História do Futebol Clube do Porto, Vol. 1-2. Porto: Tipografia Marca.
- TOVAR, Rui Miguel (2012), Almanaque do Benfica: A História do Clube desde a sua fundação. Lisboa: Lua de Papel.
- TOVAR, Rui Miguel (2016), Almanaque do Leão. Sporting Clube de Portugal 1906-2016. Lisboa: Top Books.
- TOVAR, Rui Miguel (2016), Restelo – 60 anos/60 jogos. Lisboa: PrimeBooks.
- TOVAR, Rui Miguel (2018), Almanaque da Seleção. Lisboa: Federação Portuguesa de Futebol.
- VIEIRA, Joaquim (coord.) (2008), Crónica de Ouro do Futebol Português, vol. 1-5. Lisboa: Círculo de Leitores.

PERIÓDICOS

Generalistas

- A Voz da Justiça*
Diário de Lisboa
Diário de Notícias
Gazeta da Figueira
Gazeta de Coimbra
Jornal de Notícias
O Figueirense
O Notícias Ilustrado
O Primeiro de Janeiro
O Século
O Século Ilustrado
Revista ABC

Desportivos

- A Bola*
A Horta Desportiva
A Voz Desportiva
Aveiro Sportivo
Boletim do Sporting Clube de Portugal
Eco dos Sports
Futebol
O Az
O Mundo Desportivo
O Norte Desportivo
O Sport de Lisboa
Os Sports
Record
Sporting
Stadium

BIBLIOTECAS E ARQUIVOS HISTÓRICOS

Arquivo Histórico da Educação – Direção Geral de Ensino Superior
(Arquivo da Direção-Geral de Educação Física, Desporto e
Saúde Escolar)

Associação de Futebol de Coimbra

Associação de Futebol de Lisboa

Associação de Futebol do Porto

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

Biblioteca Nacional (Lisboa)

Biblioteca Pública Municipal do Porto

Casa Municipal da Cultura de Coimbra

Federação Portuguesa de Futebol

Ginásio Clube Figueirense

Hemeroteca Municipal de Lisboa

Museu Académico da Universidade de Coimbra

ARQUIVOS FOTOGRÁFICOS

Associação de Futebol de Coimbra

Casa Municipal da Cultura de Coimbra

Ginásio Clube Figueirense

Hemeroteca Municipal de Lisboa

“O caminho de sucesso da AF Coimbra é, assim, simultaneamente, o reflexo do percurso vitorioso dos seus clubes associados, dos seus atletas, treinadores, árbitros e dirigentes mas também de todos aqueles que, de uma forma ou outra, anonimamente ou com maior protagonismo, contribuíram para a construção de uma instituição que a todos nos honra”.

Dr. Fernando Gomes

Presidente da Federação Portuguesa de Futebol

Uma entidade (AF Coimbra) que pulsa desde 1922 até aos nossos dias, só o consegue fazer através de uma constante capacidade de reinvenção e de aproximação às necessidades das comunidades que servem.

Professor Doutor Amílcar Falcão

Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra

A Associação de Futebol de Coimbra tem características muito próprias e únicas.

Dr. Pedro Proença

Presidente da Liga Portugal

Volume I

1922-1950

Esta obra aborda as origens, o desenvolvimento e a popularização do futebol português, entre finais do século XIX e meados do século XX, centrando-se na história (e nas *estórias*) de uma das mais relevantes instituições distritais de futebol: a Associação de Futebol de Coimbra.

Ídolos do futebol, equipas populares, seleções regionais, rivalidades locais, indisciplina, arbitragem, internacionalização, luta de classes, competições, geografias regionais, direitos dos jogadores, amadorismo e profissionalismo... temáticas marcantes da história da AF Coimbra na primeira metade do século XX, desde a sua fundação (1922) até à sua consolidação enquanto referência institucional no contexto do futebol português.